UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Fabiana Hilário de Almeida

**A vivência dos pais frente às trajetórias de carreira dos filhos:
quatro anos após o Grupo de Orientação de Pais**

RIBEIRÃO PRETO

2014

FABIANA HILÁRIO DE ALMEIDA

**A vivência dos pais frente às trajetórias de carreira dos filhos:
quatro anos após o Grupo de Orientação de Pais**

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia

Orientador: Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva

RIBEIRÃO PRETO

2014

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Ficha Catalográfica

Almeida, Fabiana Hilário.

A vivência dos pais frente às trajetórias de carreira dos filhos: quatro anos após o Grupo de Orientação de Pais. Ribeirão Preto, 2014.

302p.: il.; 30 cm

Tese de Doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia.

Orientador: Melo-Silva, Lucy Leal.

1. Trajetória de carreira 2. Construção da carreira. 3. Orientação Profissional
4. Influência parental 5. Parentalidade 6. Desenvolvimento emocional

Nome: Almeida, F. H.

Título: A vivência dos pais frente às trajetórias de carreira dos filhos: quatro anos após o Grupo de Orientação de Pais.

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Ciências, na área da Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Aos pais participantes

*Agradeço a confiança com que
generosamente
compartilharam as histórias
com seus filhos.*

*Nossas recompensas chegam até nós na riqueza que pode
gradativamente aparecer no potencial pessoal deste rapaz
ou daquela moça.*

*E, se tivermos sucesso, precisamos estar preparados para
sentir ciúmes de nossos filhos, que estão obtendo melhores
oportunidades de desenvolvimento pessoal do que nós
próprios tivemos.*

*Sentir-nos-emos recompensados se, algum dia, nossa filha
nos pedir para tomarmos conta de seu filho,
demonstrando com isso sua confiança em que podemos
fazê-lo satisfatoriamente,
ou se nosso filho, de algum modo, quiser ser como nós, ou
enamorar-se de uma moça de quem poderíamos
enamorar-nos se fôssemos mais jovens. As recompensas
chegarão indiretamente.*

E, naturalmente, sabemos que não nos agradecerão.

(D. W. Winnicott)

*Ao meu querido ANDREY:
Como é especial construir uma história com você.*

*Aos meus PAIS e IRMÃO: alicerces da minha vida.
Não importa a distância,
vocês sempre estarão muito bem guardados dentro de mim.*

AGRADECIMENTOS

Com especial carinho à Profa. Lucy, que acompanha minha trajetória desde a graduação. Sua incansável disposição para o trabalho e abertura às situações desafiadoras encorajaram-me a percorrer esse caminho.

À Maria Luiza, por seu cuidado e sensibilidade que mais uma vez se fizeram presentes em momentos significativos desta empreitada.

Ao Prof. Manoel, cujas considerações ajudaram a fertilizar o percurso deste estudo desde o Grupo de Orientação de Pais.

À Profa. Inês, que com seu olhar primoroso participou com valiosas contribuições a este trabalho.

À Adriana, que me ajuda a lembrar que fazer “o melhor” é fazer “o possível”.

Aos meus queridos amigos Ana Paula, Livia, Melodi, Mariana, Fabrício, Flávia, companheiros para uma vida toda.

Aos colegas do grupo de pesquisa e da pós-graduação, especialmente à amiga Izildinha.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo.

RESUMO

Almeida, F. H. (2014). A vivência dos pais frente às trajetórias de carreira dos filhos: quatro anos após o Grupo de Orientação de Pais. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

A família e o trabalho sempre foram considerados eixos estruturantes para a construção da vida, embora seja consenso que estes domínios venham sofrendo transformações em seus paradigmas, o que tem repercutido nas trajetórias de carreira dos indivíduos. Por se considerar que os pais mantêm significativa importância nos processos de construção da carreira de seus filhos, duas investigações foram desenvolvidas. No Estudo 1, realizou-se uma intervenção com pais de adolescentes em fase de escolha profissional - o Grupo de Orientação de Pais - quando se investigou como os pais se posicionavam frente aos processos das primeiras escolhas de carreira de seus filhos. Os resultados do Estudo 1 culminaram com a proposta de realizar uma investigação de acompanhamento desses pais. Assim, o Estudo 2, apresentado nesta tese de doutorado, objetivou analisar como uma amostra desses participantes vivenciavam a construção das trajetórias de carreira dos filhos, após quatro anos do Grupo de Orientação de Pais. Para isto, realizou-se uma entrevista semiestruturada com os participantes que aceitaram colaborar novamente. Na fase do tratamento dos dados, temas narrativos foram delineados por meio da síntese de categorias temáticas construídas a partir das narrativas dos pais participantes, segundo a proposta de análise qualitativa de Minayo. Para a análise dos dados, dialogou-se com concepções de Winnicott e, da área da Orientação Profissional e de Carreira, com contribuições de Bohoslavsky e Savickas, a fim de se compreender como os pais atuavam junto a seus filhos na construção de suas trajetórias de carreira, favorecendo o desenvolvimento emocional. Após quatro anos do grupo de pais, os resultados apontaram que as experiências emocionais dos pais em suas trajetórias (inclusive com a família de origem) influenciavam suas atuações junto aos seus filhos. Considerando que as relações de influência ocorrem reciprocamente, as experiências dos filhos, na medida em que se desenvolviam emocionalmente e ampliavam seus contextos sociais, também repercutiam sobre as trajetórias dos pais, produzindo novos significados nesta relação. Entretanto, evidenciaram-se diferenças na construção das trajetórias de carreira entre os filhos dos participantes, assim como nas possibilidades de apoio material e emocional dos pais, sobretudo, em função de suas realidades psicossociais, econômicas e trajetórias educacionais-profissionais. Observaram-se ainda diferenças no modo como vivenciavam a progressiva independência emocional dos filhos que conduz à vida adulta. Em termos longitudinais, passados quatro anos, a experiência do Grupo de Orientação de Pais mostrou-se presente para os participantes, identificando-se sinais de que repercutiu positivamente em suas vidas no período circunscrito, segundo as peculiaridades de suas vivências. Isso se evidenciou ao fazerem referências a questionamentos ou mudanças que promoveram em suas próprias trajetórias de carreira e/ou às revisões em suas atuações junto aos filhos, no que se refere à construção das trajetórias destes e ao favorecimento do desenvolvimento. Considera-se que os achados contribuem com subsídios para o aprimoramento de programas de intervenção com pais, como também para a estruturação de novas pesquisas e intervenções que considerem a importância da construção da carreira ao longo da vida.

Palavras-chave: trajetória de carreira; construção da carreira; orientação profissional; influência parental; parentalidade; desenvolvimento emocional.

ABSTRACT

Almeida, F. H. (2014). Parents' experience when faced with their children's career trajectories: four years after the Parent Counseling Group. PhD Thesis, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

Although family and work have been considered essential to build one's life, it is agreed that these contexts have changed as in respect to their paradigms, which, as a result, has impacted the individuals' career trajectory. As parents are believed to be significantly important in the career construction processes their children eventually go through, two investigations were carried out. In Study 1, an intervention was conducted with parents of adolescents who were choosing their careers – Parent Counseling Group – where it was possible to study how parents would behave while facing the processes that refer to their children's first choices regarding their careers. The findings from Study 1 culminated in a proposal to offer follow-up counseling investigation to these parents. Therefore, Study 2, presented on this PhD thesis, had the objective of analyzing how a sample of the participants experienced the construction of their children's career trajectories, four years after they had taken part in the Parent Counseling Group. In order to achieve that, a semi-structured interview was carried out with the participants who accepted to take part in this second study. When treating data, narrative themes were designed by means of synthesizing theme categories which were built from the parents' narratives, according to Minayo's proposal of qualitative analysis. In order to analyze data, Winnicott's conceptions were kept in mind and, when concerning Professional and Career Counseling, Bohoslavsky's and Savickas's contributions were taken into account, aimed at understanding parents' role in the construction of their children's career trajectories, favoring emotional development. Four years after the Parent Counseling Group, the results showed that the parents' emotional experiences (including experiences they had had in the families they were born to) influenced the way they performed in relation to their children. Considering that the influential relationships were reciprocal, the adolescents' experiences as they developed emotionally and broadened their social contexts would also impact their parents' trajectories, bringing new meanings into this relationship. Nevertheless, some differences could be evidenced in regard to the construction of career trajectories amongst the participants' children and also in regard to the possibilities of material and emotional support provided by parents, being the latter especially related to different psychosocial and economic realities and professional-educational trajectories. Other differences could be observed when it came to the way parents experienced their children's progressive emotional independence, which leads adolescents into adulthood. In longitudinal terms, four years later, the experience with the Parent Counseling Group proved to be present for the participants, showing clear signs that it had positively impacted their lives during the mentioned period of time according to the peculiarities of each individual's existence. Such observation could be evidenced when they referred to questionings or changes they had made to their own career trajectories and/or when they looked back on their performances as parents concerning their children's trajectory construction and the favoring of their development. These findings bring subsidies that shall improve intervention programs for parents and structure new research and interventions that consider the importance of career construction throughout one's life.

Keywords: career trajectory; career construction; professional counseling; parental influence; parenthood; emotional development.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Esquema proposto por Bohoslavsky (1977/2007).....	71
Quadro 2. Caracterização dos participantes do Grupo de Orientação de Pais - Estudo 1	101
Quadro 3. Estrutura do Grupo de Orientação de Pais - Estudo 1	102
Quadro 4. Caracterização dos pais participantes do Estudo 2	113
Quadro 5. Os temas narrativos dos pais participantes do Estudo 2	117

SUMÁRIO

Apresentação	21
Capítulo I - Introdução	27
1 A importância da família para o desenvolvimento emocional	30
1.1 A função dos pais e a vivência da parentalidade	31
1.1.1 Os pais e o desenvolvimento emocional dos filhos	33
1.2 Compreendendo a família atual	41
1.2.1 A parentalidade na vida contemporânea	45
1.2.2 Os pais e os processos de transição dos filhos para a vida adulta	48
2 A importância do trabalho para a vida humana	57
2.1 A influência dos sistemas produtivos sobre as formas de trabalho	59
2.2 A relação entre trabalho e construção da subjetividade	63
2.3 A área da Orientação Profissional e a construção das trajetórias de carreira na contemporaneidade	70
3 A influência da Família nas trajetórias de carreira	76
4 Articulação dos referenciais teóricos	93
Capítulo II - Desenvolvimento	97
1 As Origens do Estudo e suas Justificativas	99
2 O Delineamento dos Objetivos	105
2.1 Objetivo Geral	107
2.2 Objetivos Específicos	107
3 A Metodologia Qualitativa	107
3.1 Instrumento de coleta de dados: a técnica da entrevista	109
3.2 Participantes	111
3.3 Procedimento de Coleta de Dados	114
3.4 Procedimento de Análise dos Dados	115
3.5 Considerações Éticas	118
Capítulo III - Apresentação e Interpretação dos Resultados	121
1 A Contextualização dos Pais	123
1.1 O Casal: a mãe HELENA e o pai MAURO	123

1.2 A mãe DORA.....	124
1.3 A mãe RAQUEL.....	126
1.4 A mãe BEATRIZ	127
1.5 A mãe CÁSSIA.....	128
1.6 A mãe ALICE	129
1.7 A mãe ROSA	130
2 Os temas narrativos dos pais	132
2.1 O acompanhamento das trajetórias de carreira dos filhos	132
2.1.1 As primeiras escolhas de carreira dos filhos	132
2.1.2 A trajetória de carreira que vem sendo construída pelos filhos e seus projetos de futuro	150
2.2 O sentido atribuído pelos pais às suas vivências.....	178
2.2.1 As repercussões das trajetórias dos filhos na vida dos pais	178
2.2.2 A atuação dos pais junto aos filhos.....	192
2.2.3 O processo da separação emocional pais-filhos.....	204
2.3 O sentido atribuído ao Grupo de Orientação de Pais: quatro anos depois.....	217
Capítulo IV - Discussão integrativa dos dados.....	229
1 Do Grupo de Orientação de Pais ao encontro da entrevista: quatro anos depois.....	232
1.1 As particularidades das vivências de Dora, Raquel, Beatriz, Helena e Mauro.....	236
1.2 As particularidades das vivências de Cássia, Alice e Rosa	245
Capítulo V - Considerações Finais	257
Referências.....	263
Apêndices	291
Apêndice A - “Carta aos Pais”	293
Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	295
Apêndice C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Banco de Dados	297
Apêndice D - Roteiro de Entrevista Semiestruturada	298
Anexo.....	299
Anexo - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa.....	301

Apresentação

O estudo apresentado nesta tese de Doutorado insere-se na linha de pesquisa intitulada “*Orientação profissional, educação e desenvolvimento de carreira: diagnóstico e intervenção*”, que desde 2001 realiza investigações na área da Orientação Profissional na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Inserido nesta linha de pesquisa, um vértice investigativo vem sendo desenvolvido focalizando a influência parental sobre as trajetórias de carreira dos indivíduos.

Na referida universidade, o Serviço de Orientação Profissional (SOP), do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA), desde o ano de 1994, realiza grupos de Orientação Profissional destinados a jovens e adolescentes das séries finais do Ensino Médio, ou já concluintes. Neste serviço, a partir de 2003, foram introduzidas reuniões semestrais com pais, ocasião em que se apresentam as propostas do programa de Orientação Profissional, bem como os temas abordados durante os atendimentos com seus filhos. Reuniões estas que, com o tempo, tornaram-se um espaço de acolhimento para os pais que, a cada ano, mostram-se ansiosos com a questão da escolha da carreira, nesse momento particular da vida de seus filhos, e com as dificuldades de inserção no mercado de trabalho. Tais preocupações são pertinentes frente às intensas transformações ocorridas no mundo laboral, sobretudo nas últimas décadas, e que exigem a adaptação do trabalhador a cenários cada vez mais flexíveis, competitivos e instáveis. Considerando que a família sente as repercussões desse contexto de mudanças, é notório nestas reuniões que, não apenas os filhos precisam de apoio e orientação no período da escolha da carreira mas que seus pais também necessitam de um espaço terapêutico que lhes favoreça a expressão e a reflexão de suas experiências junto aos filhos.

A partir de resultados de pesquisas realizadas nessas reuniões, somados à avaliação de programas desenvolvidos no SOP (Almeida, 2003; Fraga, 2003; Loosli, 2003¹), foram sedimentadas as bases para a realização de um programa estruturado de intervenção com pais de adolescentes, em fase das primeiras escolhas de carreira. Para isto, o contexto das reuniões foi propício para a coleta de informações e temas para discussão que atendessem a demanda dos principais envolvidos, ou seja, pais e mães com idade entre 40 e 60 anos. Estes temas tornaram-se os pilares para a realização do programa Grupo de Orientação de Pais (Estudo 1).

Este percurso deu origem ao Estudo 1, de nível de Mestrado, cuja dissertação intitula-se “*Orientação de Pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em Grupo Operativo*” (Almeida, 2009), no qual se desenvolveu um programa de intervenção psicológica com pais de adolescentes, em fase de escolhas iniciais de carreira. A avaliação

¹ Após este período, novas pesquisas sobre a avaliação do serviço continuam sendo desenvolvidas (Alonso, 2010; Arruda, 2009; Yokoyama, 2009).

deste programa permitiu a investigação de como os pais vivenciavam com seus filhos adolescentes aquele momento de suas trajetórias.

Os resultados e conclusões do Estudo 1 desdobraram-se em reflexões que balizaram a proposta de se acompanhar longitudinalmente o percurso dessa mesma amostra de pais participantes. Dando sequência ao estudo anterior, portanto, delineou-se o Estudo 2, apresentado nesta tese de Doutorado, que objetivou investigar como aqueles pais vivenciavam as trajetórias de carreira que seus filhos vinham construindo, após terem participado do Grupo de Orientação de Pais. Concomitantemente, visou-se analisar possíveis efeitos do Grupo de Orientação de Pais na vida desses pais participantes. O Estudo 2, portanto, comportou um *design* de *follow-up*. Juntos, Estudo 1 e Estudo 2, compõem uma investigação de natureza longitudinal, uma vez que pais de uma mesma amostra são avaliados em dois momentos diferentes: (a) no ano de 2007, quando participaram do Grupo de Orientação de Pais, época em que seus filhos estavam no Ensino Médio ou no cursinho, em início do processo das primeiras escolhas da carreira; e (b) no ano de 2011, quatro anos depois, quando participaram de uma entrevista. Considerou-se que transcorrido este período de tempo, possivelmente os filhos já teriam tomado suas primeiras decisões de carreira, encontrando-se em transição para a universidade ou para a formação técnica e/ou para o mercado de trabalho, segundo as particularidades vivenciadas pela trajetória de cada grupo familiar.

Esta tese apresenta o Estudo 2, intitulado: “*A vivência dos pais frente às trajetórias de carreira de seus filhos: quatro anos após o Grupo de Orientação de Pais*”. Encontra-se organizada em capítulos e seções, descritos a seguir.

No Capítulo I, na *Introdução*, empreende-se uma contextualização dos envolvidos no tema em estudo, no que concerne ao domínio da “Família” e do “Mundo do Trabalho”. Inicialmente é abordada a importância da “Família” para a construção da vida humana. Nesse âmbito destacam-se a função dos pais na promoção de um contexto favorecedor do desenvolvimento emocional dos filhos rumo à vida adulta, bem como as relações de interdependência entre indivíduo e meio familiar. Para isto, sustenta-se no referencial de D. W. Winnicott para refletir sobre o papel da família na construção dos alicerces subjetivos que auxiliam o indivíduo a viver criativamente, atuando sobre o mundo por meio de seu trabalho.

Sendo imprescindível caracterizar a família contemporânea, discute-se sobre as intensas transformações que vêm ocorrendo em seus paradigmas e que refletem mudanças a respeito do modo como o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com o mundo. Focalizam-se as relações entre pais e filhos, sobretudo no que se refere aos processos de transição da adolescência para a vida adulta. Estudiosos têm abordado esse período da vida, na tentativa de refletir e rever

marcadores psicossociais que anteriormente circunscreviam essa transição e que, na contemporaneidade, vêm sofrendo ressignificações.

Em seguida, reflete-se sobre o domínio do “Trabalho”. Para isto, discorre-se sobre o significado desta atividade humana e os sentidos que lhe foram atribuídos, tendo em conta as influências das transformações dos sistemas produtivos sobre as formas da organização do trabalho. Discute-se a respeito das relações entre o trabalho e a construção da subjetividade, bem como o papel que esta atividade humana ainda ocupa nas trajetórias de carreira dos indivíduos. Partindo de contribuições de Savickas (2005), neste estudo o termo “carreira” se refere aos papéis desempenhados pelos sujeitos (e os sentidos a eles atribuídos) e que, necessariamente, articulam-se em função dos diversos cenários ocupados ao longo da vida. Assim, destaca-se como o campo da Orientação Profissional e de Carreira tem se dedicado a abordar a construção das trajetórias de carreira na era contemporânea.

Mediante a contextualização dos referidos domínios, apresenta-se como a área da Orientação Profissional e de Carreira contribui para a análise da “Influência da Família nas Trajetórias de Carreira”, sobretudo em relação à participação dos pais junto aos filhos, desde as fases de exploração e escolhas iniciais até o prolongamento dos estudos após o Ensino Médio e/ou quando o jovem ingressa no mercado de trabalho. Destaca-se este período, justamente porque no Estudo 1 os pais vivenciavam com seus filhos os processos das primeiras escolhas de carreira ao final do Ensino Médio ou cursinho e, no Estudo 2, os pais vivenciavam o período imediatamente posterior às primeiras decisões de carreira, quando os filhos se encontram no Ensino Superior ou Técnico e/ou já no mercado de trabalho.

Finalizando o primeiro capítulo, apresenta-se a articulação dos referenciais teóricos que sustentam a investigação, entre eles a teoria de D. W. Winnicott sobre o desenvolvimento emocional e, do campo específico da Orientação Profissional e de Carreira, contribuições de Rodolfo Bohoslavsky (que integra conceitos psicodinâmicos e desenvolvimentistas) e a teoria da construção da carreira de Mark L. Savickas. Nesse momento, se reconhece a necessidade de diálogo com os atuais paradigmas da área, sobretudo o do *Life Design* (Construção da vida), a fim de se ampliar o campo de discussão frente às novas demandas do mundo laboral.

No Capítulo II, apresenta-se o *Desenvolvimento* do estudo. Para isto, reporta-se ao percurso investigativo que deu origem ao estudo apresentado. Inicialmente discorre-se sobre o Estudo 1 e seus resultados, os quais justificam a proposta de se realizar o Estudo 2. Em seguida, descreve-se os principais pontos que balizaram e circunscreveram os objetivos do Estudo 2.

Na seção que caracteriza a metodologia de pesquisa utilizada, discorre-se sobre as características da metodologia qualitativa que orientaram o planejamento e a execução da estratégia adotada. Em seguida, apresenta-se o instrumento utilizado na coleta dos dados - a técnica da entrevista - com base em roteiro semiestruturado com eixos temáticos que objetivaram evocar as narrativas dos participantes. Ao se reportar à população do estudo, comenta-se sobre os critérios estabelecidos de inclusão e exclusão que possibilitaram a delimitação da amostra de participantes do Estudo 2. Na sequência, descrevem-se o procedimento de coleta que culminou com a realização das entrevistas, assim como o processo de tratamento dos dados, com base nas fases previstas pelo procedimento de análise qualitativa proposto por Minayo (2008). Destacam-se, por fim, os cuidados éticos considerados no desenvolvimento da investigação.

No Capítulo III, em *Apresentação e Interpretação dos Resultados*, faz-se um panorama sobre a situação de vida de cada participante do estudo. Em seguida, são apresentados e analisados os temas narrativos, delineados na fase de tratamento dos dados, em diálogo com as vertentes teóricas adotadas e achados de estudos científicos e publicações da área.

No Capítulo IV, em *Discussão integrativa dos dados*, a partir do que se objetivava investigar, empreende-se um diálogo que articula os dados obtidos no Estudo 2 com os resultados do Estudo 1, pautando-se nas fundamentações teóricas que alicerçaram o estudo.

No Capítulo V, em *Considerações Finais*, é conduzida uma reflexão acerca do alcance da pesquisa realizada, considerando questionamentos e limites que permearam o percurso investigativo, sugerindo-se propostas para estudos posteriores da área da Orientação Profissional e de Carreira.

Capítulo I - Introdução

As áreas das Ciências Humanas nunca foram tão convocadas a se posicionar crítica e eticamente frente às velozes transmutações das demandas do homem como vem ocorrendo no século XXI. Embora mudanças significativas sejam inerentes à história da civilização, o caráter de quase volatilidade do cenário contemporâneo confere complexidade à tarefa de caracterizar e abordar as metamorfoses ocorridas em esferas que sempre alicerçaram a construção da vida, como a família e o trabalho. Se outrora, seguramente, eram os grandes pilares estruturantes das trajetórias pessoais, as intensas transformações em seus paradigmas, aceleradas desde meados do século passado, têm colocado em dúvida tal premissa.

Diante da fragilização de convenções e instituições coletivas que regulavam a vida humana e do esgarçamento dos laços sociais na contemporaneidade, será condizente afirmar que a família permanece como base primordial para o desenvolvimento psíquico de seus filhos rumo à vida adulta? E no mundo adulto, atuará ainda o trabalho como veículo para a inserção social, oferecendo ao indivíduo possibilidades de expressão do potencial criativo, auxiliando-o nos processos de construção de sua trajetória e identidade?

Na década de 1930, Freud (1930/1996), em *O mal-estar na civilização*, assegurou que atividade alguma prendia tanto o indivíduo à realidade quanto o trabalho, auxiliando-o em suas tentativas de resolução dos conflitos associados aos seus impulsos. Se por um lado o trabalho atrelava o indivíduo ao serviço da coletividade, por outro, permitia-lhe enfrentar sentimentos relacionados ao desamparo e à solidão: “[...] fornece-lhe um lugar seguro numa parte da realidade, na comunidade humana” (Freud, 1930/1996, p. 99). Naquela época, porém, a necessidade do homem gravitava em torno da construção de um mundo seguro, estável, coerente e que, assim, aplacasse suas angústias e ansiedades. Décadas depois, o sociólogo Bauman (1998), em *O mal-estar na pós-modernidade*, chama a atenção para um homem desapegado que preza acima de tudo por sua liberdade individual, ainda que para isto tenha renunciado à segurança, ao controle e à solidez das instituições de outrora. Na nova era, designada “*modernidade líquida*” por Bauman (2001), onde impera o imprevisível, o transitório, as experiências que não se sustentam no tempo e no espaço, estão subjacentes os novos mal-estares humanos, entre eles: as sensações de caos, as crises de ansiedade, as vivências de tédio, vazio e solidão. Igualmente, surgiram as novas tentativas de descartá-los e não enfrentá-los, através de diferentes formas de alienação como a compulsão ao consumo, a intolerância, o ataque ao pensamento e o distanciamento da realidade.

Em consonância com os novos paradigmas sociais e culturais, e contribuindo dialeticamente para tantas metamorfoses, o mundo do trabalho atravessa profundas mutações em seus processos de estruturação-reestruturação da produção e da organização. Tantas mudanças, sempre aceleradas pelos avanços tecnológicos e pelos processos de mundialização e flexibilização

das economias, incidem profundamente sobre as trajetórias de carreira dos indivíduos e suas relações com o trabalho.

No esforço de considerar as rupturas e instabilidades do cenário atual e privilegiar diálogos com referenciais teóricos e investigações que abordam os domínios da família e do trabalho que, em diferentes culturas, sempre foram reconhecidos como estruturantes da vida humana, o presente estudo focalizará como um grupo de pais da contemporaneidade tem vivenciado a construção das trajetórias de carreira de seus filhos a caminho para a vida adulta.

1 A importância da família para o desenvolvimento emocional

Acompanhando e, ao mesmo tempo, representando em seu microcontexto as transformações da vida social e cultural ao longo dos séculos, a família revela uma história de diversidades, envolvendo mitos, crenças, valores, significados. No entanto, sua importância sobre o desenvolvimento psíquico dos indivíduos configura-se como o eixo comum que perpassa os diferentes modelos de família (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Chaves, 2006/2010; Féres-Carneiro, Ponciano, & Magalhães, 2007; Hintz, 2007; Passos, 2005). Assim, embora a família atual contemple uma diversificação em sua estrutura, sendo atravessada por múltiplas relações sociais e culturais, os pais permanecem como referências significativas no que se refere aos processos das transmissões geracionais (Cervený & Berthoud, 2009; Féres-Carneiro, Ponciano, & Magalhães, 2007; Nascimento, 2007; Romanelli, 2003, 2004; Zornig, 2009).

Destacando o enredamento entre o homem e seu contexto familiar desde os estágios iniciais da vida, Donald W. Winnicott construiu uma teoria do desenvolvimento emocional assentado na premissa de que o ser humano tem em potencial uma tendência ao amadurecimento, embora seja imprescindível um ambiente facilitador que tornará possível o progresso da maturação e da constituição do “vir a ser” de cada pessoa (Winnicott, 1983/2008a). Nesse sentido, o autor asseverou a importância do meio familiar enquanto espaço potencial onde se inaugura a construção da subjetividade humana. Especificamente no início da vida, os cuidados proporcionados pelas práticas maternas ao bebê, que nasce desamparado física e psiquicamente, evoluem conforme o grau de adaptação da criança à realidade para cuidados propiciados por ambos os pais, ampliando-se, com o passar do tempo, para o interesse de toda família e daí para círculos sociais cada vez mais complexos (Winnicott, 1993/2005a). Os filhos, portanto, que em princípio mantêm relação de dependência absoluta com a mãe, progridem gradativamente para uma dependência relativa sendo que, na

realidade, nunca haverá uma independência absoluta em relação ao meio, ainda que na idade adulta se sintam livres e autônomos. Nas palavras do autor: “O indivíduo normal não se torna isolado, mas se torna relacionado ao ambiente de um modo que se pode dizer serem o indivíduo e o ambiente interdependentes” (Winnicott, 1983/2008a, p. 80).

Na idade adulta, o homem pode ter conquistado a maturidade emocional para se expressar criativamente, assumindo a responsabilidade de transformar o mundo que compartilha (Winnicott, 1983/2008a), por exemplo, através de seu trabalho. Entretanto, o desenvolvimento psíquico da infância à idade adulta não é um caminho linear, ao contrário, envolve uma rede complexa de conflitos com os quais todo ser em evolução inevitavelmente irá se deparar durante toda sua existência, inclusive na vida adulta, na vivência do trabalho e da parentalidade (Ungar, 2004).

1.1 A função dos pais e a vivência da parentalidade

As funções parentais passaram a ser agrupadas sob o termo “parentalidade” principalmente a partir de meados da década de 80. Todavia, segundo Houzel (2004), a gênese do termo remonta à década de 50 com os estudos de Thomas Benedeck, que buscavam compreender os aspectos psicológicos envolvidos na experiência do “tornar-se mãe”. Anos depois, Paul-Claude Racamier, na década de 60, propôs a tradução do termo “*motherhood*” para maternalidade, a fim de imprimir maior dinamismo ao vocábulo. A partir daí, surgiram as expressões paternalidade e parentalidade (Houzel, 2004). Em suma, os novos termos procuram sintetizar que se trata de um processo dinâmico e que, portanto, a transição em direção à parentalidade ou ao processo da parentificação transcende o “ser genitor”, já que prevê um trabalho complexo do funcionamento mental de homens e mulheres, atuando em níveis conscientes e inconscientes.

Em seus estudos sobre parentalidade, Houzel (2004) descreveu três eixos que orientam a discussão sobre os processos dinâmicos envolvidos na experiência do “tornar-se mãe” e “tornar-se pai”. Esse modo de entender a parentalidade considera não apenas a influência da realidade psíquica de cada genitor, mas os compartilhamentos ocorridos no campo intersubjetivo dos grupos familiares, inseridos em diferentes contextos sócio-históricos. O primeiro eixo proposto pelo autor está associado ao “exercício da parentalidade” e se relaciona com o ponto de vista jurídico. Assim, com base em aspectos históricos e sociais, organiza e regula funções e deveres previstos pelos laços de parentesco e de filiação. O segundo eixo, relaciona-se com a “experiência da parentalidade”, ou seja, a vivência de ordem

subjetiva e que está atrelada aos processos psicodinâmicos, conscientes e inconscientes, que ocorrem nos pais tanto individualmente quanto nos espaços intersubjetivos da vida conjugal. Por fim, o autor menciona como terceiro eixo, a “prática da parentalidade”, que circunscreve, a partir das experiências culturais, os cuidados e tarefas parentais desempenhadas junto aos filhos e que acompanham o desenvolvimento destes. Abordando as práticas da parentalidade, Houzel (2004) destaca autores que guardam importância no desenvolvimento dos estudos sobre o tema, como D. W. Winnicott e John Bowlby que, ao longo de suas investigações e práticas, analisaram minuciosamente as relações vivenciadas pelas mães e seus filhos na infância, experiências que repercutem durante toda a vida.

No que se refere à experiência da parentalidade, ou seja, à vivência subjetiva, o processo para se tornar mãe ou pai não se inicia durante a gestação ou após o parto, muito embora a dimensão simbólica do nascimento dos filhos possibilite transformações importantes no psiquismo dos pais (Vidigal & Tafuri, 2010; Zornig, 2010). Assim, as experiências psíquicas de cada um dos pais, desde a mais tenra infância no cotidiano com a família de origem, irão influenciar o modo como cada um vivenciará o que é ser pai ou mãe, na vida adulta. Por conseguinte, a pré-história dos filhos tem seus primórdios já na história individual de cada um de seus pais. Os sentimentos despertados no adulto frente à experiência da parentalidade reatualizam vivências emocionais e os tipos de cuidados parentais recebidos no passado, no cotidiano de suas vidas domésticas (Houzel, 2004; Zornig, 2010).

O processo do tornar-se pai e mãe implica no reconhecimento de que o homem herda de seus pais algo que transcende a genética e que está intimamente associado a uma transmissão intergeracional. Em estudos sobre transmissões psíquicas, Zornig (2009) esclarece a distinção entre transmissão transgeracional, que ocorre apenas por meio de discursos e narrativas, pois as diferentes gerações não necessariamente estão em contato direto; e transmissão intergeracional, que se dá entre as gerações que convivem no dia a dia, como a de pais e filhos. No que se refere às transmissões psíquicas intergeracionais, recorre-se ao trabalho de Magalhães e Féres-Carneiro (2004) que se propuseram a discutir a construção da subjetividade humana. As autoras sugerem que a realidade intersubjetiva, que envolve relações simbólicas/imaginárias e reais, inaugura-se nos espaços potenciais de troca no seio familiar, regulando tanto as complementariedades quanto as diferenças entre os membros da família. Nesse campo de compartilhamento, os processos de transmissão intersubjetivos possibilitam o desenvolvimento dos vínculos, dos investimentos narcísicos, do intercâmbio e, neste sentido, contribuem paradoxalmente tanto para promoverem os processos

de vinculação e identificação² quanto para a individuação e autonomização dos membros do grupo familiar. Portanto, nesse espaço intersubjetivo de troca, o modo como cada pai ou mãe vivencia a parentalidade também é influenciado continuamente pelas experiências com seus filhos.

A transmissão ascendente, isto é, dos filhos para os pais, também é destacada por Zornig (2010) como sendo de extrema importância para os processos da parentalidade, assim os cuidados oferecidos pelas práticas parentais e o sentimento de confiança construído nas relações familiares favorecem não só o desenvolvimento psíquico dos filhos, mas também um sentimento de confiança nos pais por estarem se tornando pais suficientemente bons, na linguagem winnicottiana. Não obstante, também são despertados nos pais, frente à experiência da parentalidade, sentimentos muito ambivalentes já que o nascimento do filho remete ao surgimento de um terceiro, promovendo rupturas no equilíbrio da conjugalidade estabelecida (Zornig, 2009), exigindo do casal um processo de readaptação. Os pais também são obrigados a lidar com o luto da perda do filho imaginário, sonhado individualmente e pelo casal, para poder investir emocionalmente no filho real.

[...] só o reconhecimento do filho em sua diferença permite aos pais construir uma relação com a marca do novo e da criatividade, indo além de uma repetição do passado e permitindo que o bebê se aproprie das marcas e inscrições de sua história relacional inicial (Zornig, 2010, p. 462).

A partir do ponto de vista winnicottiano, a seguir, discute-se como os pais em suas práticas parentais favorecem o desenvolvimento dos filhos rumo à progressiva independência emocional em relação ao meio familiar, ao mesmo tempo em que também se transformam nessa relação a partir das experiências da parentalidade.

1.1.1 Os pais e o desenvolvimento emocional dos filhos

Considerando que o desenvolvimento humano tem como alicerce as experiências e trocas ocorridas nos espaços potenciais da família nos primórdios da vida, o presente estudo privilegiará como interlocutor D. W. Winnicott e suas contribuições teóricas, a fim de conduzir uma reflexão sobre como os pais podem favorecer o desenvolvimento dos filhos em

² Em *Psicologia de Grupo e A Análise do Ego*, Freud (1921/1996, p. 115) afirmou que a identificação é “[...] a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. A partir disso, Roudinesco e Plon (1998, p. 363), definiram o termo como sendo um “processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam”. É nesta definição que o presente estudo se apoia toda vez que se referir a este termo.

direção a uma maior independência emocional na vida adulta. Pela perspectiva winnicottiana só é possível aos filhos alcançar a separação emocional em relação aos pais e a maturidade para assumir as responsabilidades do mundo adulto, na medida em que o contexto familiar propiciar um percurso suficientemente bom de transição entre os cuidados parentais e a vida compartilhada em sociedade (Winnicott, 1993/2005a).

Enraizado na Psicanálise e trazendo proposições inovadoras à área³, D. W. Winnicott ao estudar a natureza humana a partir de um novo vértice, defendeu a importância das relações do homem com o ambiente familiar para a construção do sentido de realidade do “si-mesmo” e do universo ao redor. Embora não tenha realizado uma apresentação sistemática de sua teoria, concorda-se com a posição de Dias (2003) que aponta a centralidade da teoria do desenvolvimento emocional, em termos da jornada da dependência absoluta do meio familiar rumo à progressiva independência, nas obras e artigos do autor (Winnicott, 1983/2008a, 1983/2008b). Ao afirmar a relação de interdependência com o contexto, sobressai de seu corpo teórico a concepção de um indivíduo essencialmente temporal, influenciado pela cultura. O autor, portanto, recusa o fundamento da psicanálise freudiana de que o desenvolvimento humano assenta-se apenas sobre um determinismo causal da intensidade das forças pulsionais (Dias, 2003).

As bases primordiais para um desenvolvimento emocional em sua jornada até o universo adulto começam a ser sedimentadas já no início da vida, no contato com pais que também foram desenvolvendo (e continuam, frente ao crescimento dos filhos) condições psíquicas para se tornarem pais suficientemente bons. Na perspectiva winnicottiana, destaca-se o conceito da *mãe suficientemente boa*, ou seja, aquela com capacidade para se adaptar quase completamente às necessidades do recém-nascido e que, com o tempo necessário, promove o gradativo afastamento, à medida que cresce a condição do filho para lidar com as “faltas” normais dessa mãe (Winnicott, 1975a, 2000a). Portanto, o uso do vocábulo “suficientemente” comporta a ideia de que a provisão de cuidados oferecida pelos pais deve acompanhar o desenvolvimento individual dos filhos, sem negligência ou demasiada proteção, respeitando os recursos biológicos, psíquicos e sociais já adquiridos.

Rompendo com concepções do que seria uma prática ideal de parentalidade e deixando de lado critérios normativos ou mesmo pedagógicos, o autor defende que a provisão ambiental suficientemente boa, possibilitada pelas condições psíquicas de uma mãe para se

³ Pesquisas desenvolvidas e organizadas por Dias (2003) assinalam que D. W. Winnicott introduziu um novo paradigma ao estudo da natureza humana ao afastar-se da Psicanálise tradicional, construindo uma teoria que rompia com preceitos fundamentais da teoria freudiana dos instintos ou com as “posições” kleinianas.

identificar (ser empática) com seu bebê, não confere às mesmas nenhum grau de excepcionalidade (Vilhena, Bittencourt, Novaes, & Zamora, 2013). São características próprias de uma mãe preocupada com o desenvolvimento do filho, tratando-se, portanto, de uma mulher adulta, saudável e comum (Winnicott, 2000a). Um ambiente suficientemente bom oferece condições para o filho “[...] ter experiências, constituir um ego pessoal, dominar os instintos e defrontar-se com todas as dificuldades inerentes à vida. Tudo isto é sentido como real pelo bebê que se torna capaz de ter um eu [...]” (Winnicott, 2000a, p. 404).

Winnicott (1983/2008a, 1983/2008b) analisou o que pode ser entendido como as três etapas do amadurecimento emocional rumo à vida adulta, sendo que cada uma envolve tarefas específicas e diferentes graus de dificuldades e conquistas, mas sem delimitações precisas de idade. Observa-se que o autor, ao se referir a essas etapas, aborda não só o desenvolvimento emocional da criança, mas o modo como os pais (sobretudo a mãe ou cuidador substituto) participam desse processo. A primeira etapa é a da primazia da “Dependência Absoluta” dos filhos em relação à mãe, que pode ser considerada uma “mãe-ambiente”, afinal é quem irá mediar todas as relações da criança com o mundo. Nas primeiras semanas de vida do bebê, a mãe vivencia um estado denominado *preocupação materna primária* que, segundo o autor, é um estado psicológico particular que envolve a maternidade e que faz com que a mãe deseje se retrair do contato com o mundo externo a fim de se manter integralmente disponível ao filho, adaptando-se sensivelmente às suas necessidades. Nesta etapa, também denominada *estágio da ilusão*, a mãe proporciona ao bebê a ilusão de que o que existe é a unidade mãe-bebê. Winnicott (2000a), entretanto, enfatiza a necessidade de a mãe “curar-se” do estado de *preocupação materna primária* à medida que o filho se desenvolve.

Para abordar as práticas maternas, o autor propõe outro importante conceito de sua teoria, o *holding*⁴, isto é, a partir da capacidade da *mãe suficientemente boa* para se identificar com seu bebê, o *holding* prevê práticas e atitudes de proteção contra agressão fisiológica e toda uma rotina permanente de cuidados físicos e psíquicos adequados à idade da criança. Essa provisão ambiental vai sendo internalizada pelo filho ao longo de seu desenvolvimento e, pouco a pouco, contribui para a construção de um sentimento de segurança e confiança em seu contexto familiar (Winnicott, 1983/2008b). Referindo-se à função de *holding* segundo condições propícias, Winnicott (2000b) aponta que a mãe deve lidar com suas ambivalências despertadas pela criança, uma vez que a mesma vivencia a situação de oferecer algo ao filho sem que ainda possa esperar deste a devida reciprocidade ou reconhecimento. Falhas,

⁴ O conceito pode ser compreendido de modo ampliado, o *holding familiar*, considerando o papel suportivo de todo o grupo familiar em relação aos filhos (Winnicott, 1993/2005a).

seguidamente repetidas no *holding* materno, pode promover um padrão de fragmentação do ser, contribuindo para sentimentos de irrealidade e ansiedades muito primitivas na criança, envolvendo sensações de desintegração, características comuns aos indivíduos com funcionamento mental psicótico. Portanto, o que se apreende de suas colocações é que uma prática de parentalidade suficientemente boa sempre proporciona um contexto favorável ao desenvolvimento rumo à progressiva separação e independência emocional dos pais. Se a mãe falha demasiadamente em seu papel, pela falta ou pelo excesso, no atendimento das demandas do bebê, isto será sentido como interrupções ao “continuar a ser” da criança. É um suficiente grau de “continuar a ser” não interrompido o que se constitui como base para o estabelecimento de um ego integrado (Winnicott, 2000a).

À medida em que a criança adquire condições para lidar com as frustrações proporcionadas pelas “faltas” normais da mãe no dia a dia, concomitantemente esta deve retornar a sua própria vida. A *mãe suficientemente boa* precisa favorecer o afastamento progressivo, sendo que a continuidade do crescimento do filho é diretamente correspondente à retomada da independência da mãe (Winnicott, 1983/2008a). Evidenciam-se assim nas concepções winnicottianas as relações de reciprocidade, onde o filho à medida que cresce e se desenvolve revela condições para estabelecer um novo tipo de relação com a mãe que, por sua vez, deve corresponder às novas necessidades da criança. São tarefas e aquisições pertinentes a esta etapa da vida do bebê: o início dos processos da integração do ego no tempo e no espaço e a personalização, isto é, o gradativo “alojamento” da psique no corpo e, por fim, um contato maior com a realidade externa. Conforme estas aquisições vão sendo conquistadas com a ajuda da *mãe suficientemente boa*, o sentido do “si mesmo” vai sendo construído, o que se constituirá como o alicerce para a construção de identidade.

Na etapa da “Dependência Relativa”, a partir da evolução dos processos mentais e da aquisição progressiva da compreensão intelectual, a criança aos poucos torna-se consciente de que é dependente de algo externo, justamente porque seu ego alcançou algum grau de integração (Winnicott, 1983/2008a). Assim, é capaz de identificar a mãe como sendo outro ser, separado dela, mas do qual ainda necessita profundamente (Winnicott, 1983/2008a). Recorre-se aqui a outro conceito introduzido pelo autor, denominado *fenômeno transicional* (Winnicott, 1975a), que representa a transição da criança do estado de ilusão proporcionado pela mãe para um estado em que o filho passa a se relacionar com uma mãe externa. Este se configura como o estágio da *transicionalidade*, fase intermediária quando a criança transita entre mundo subjetivo e mundo objetivo. Nesta época, muitas vezes, elege um objeto com o qual irá se relacionar e que simboliza sua primeira possessão, já que não é a mãe e, ao mesmo

tempo, não é parte de seu corpo. Essa experiência relacional está localizada no que o autor designa como sendo os *espaços transicionais*, ou seja, uma terceira área, não apenas constituída de realidade interna ou externa, mas que se configura como uma área intermediária em que a criança transita, realizando testes e experimentações. É neste espaço potencial construído entre a criança e seu meio, onde ocorrem as primeiras experiências da criatividade e que, futuramente, poderá se expressar através da arte, da cultura, da religião, do trabalho, por meio de diferentes papéis (Winnicott, 1975a, 1975b). Para o autor, as experimentações ocorridas no espaço transicional sedimentam as condições para um viver criativo no espaço potencial entre indivíduo e sociedade. Surge assim a condição na criança para o estágio do *eu sou*. Por outro lado, se há desconfiança no meio familiar, o qual não oportuniza experimentações seguras no espaço transicional, isso pode acarretar em um padrão de funcionamento mental caracterizado pela mera submissão ao contexto, ou seja, um viver não criativo e pouco autêntico (Winnicott, 1975b, 1975c, 1975d).

Conforme os filhos tornam-se habilitados, pela atuação suficientemente favorável da mãe ou substituta, para lidar com perdas pertinentes às etapas do desenvolvimento, outras pessoas do entorno ganham mais importância, sobretudo aquele que exerce o papel do pai. Este, além de oferecer à mãe suporte e segurança também transmitidos à criança, torna-se o outro cuidador, sendo sentido como separado da figura materna. Esta situação, aliás, tem ocorrido cada vez mais precocemente na contemporaneidade, já que a figura paterna tem se aproximado mais dos cuidados iniciais com seus filhos, nos cotidianos da vida doméstica (Chaves, 2006/2010; Romanelli, 2003, 2004; Santos, Caldana, & Biasoli-Alves, 2001). Assim, a partir da integração dos instintos e das condições mentais que foram se estabelecendo na criança para reconhecer seus pais, preocupar-se com eles e reparar os efeitos de sua impulsividade espontânea, pode-se dizer que a mesma apresenta saúde psíquica para experimentar e começar a elaborar as dificuldades inerentes à vida instintual, no palco das relações triangulares e, conseqüentemente, dos vínculos interpessoais (Dias, 2003).

Na fase em que Winnicott (1983/2008a) considera como a terceira etapa, “Rumo à Independência”, se o desenvolvimento transcorreu segundo as situações mencionadas, isto é, se não houve um excesso de falhas ambientais ao “continuar a ser” do filho, que possam ter sido demasiadamente intrusivas ao seu desenvolvimento, isso o remete ao sentimento de segurança em seu meio. Assim, com o estabelecimento das relações triádicas e a partir da introjeção dos cuidados repetidamente oferecidos pelos pais estão possibilitados os alicerces para a confiança⁵

⁵ Erikson (1950/1998) também destaca a importância do primeiro estágio do desenvolvimento humano (a confiança *versus* desconfiança) e que irá influenciar profundamente o modo como o indivíduo irá se relacionar com a realidade. Para o autor, é a partir do sentimento de confiança (possibilitado por um meio que ofereceu condições ao desenvolvimento infantil) que o homem desenvolve a esperança de que vale a pena investir na construção de sua vida.

nos recursos adquiridos, bem como as condições para o processo da separação emocional, isto é, para a *capacidade de estar só*. Para o autor “a capacidade de ficar só depende da existência de um objeto bom na realidade psíquica do indivíduo” (Winnicott, 1983/2008c, p. 34). Progressivamente, os filhos tornam-se capazes de se depararem com a complexidade do mundo compartilhado, bem como de se identificarem com a sociedade em que vivem. Assim, podem sentir que fazem parte da mesma, contribuindo para sua construção por meio de seu potencial criativo (Winnicott, 1993/2005b).

Nesse estágio mais avançado do desenvolvimento, os filhos já devem ser capazes de admitirem e de se satisfazerem com suas dependências em relação ao contexto para, em seguida, ingressarem no período da puberdade e da adolescência. Nessa fase, na busca pela conquista de uma identidade própria, oscilam drasticamente entre a independência rebelde e a dependência regressiva (Winnicott, 1993/2005a). Se os processos de integração do ego, incluindo os impulsos relacionados à sexualidade⁶, têm ocorrido conforme condições suficientemente boas, o adolescente estará habilitado a tolerar as ansiedades e os sentimentos frente às estranhezas subjacentes às mudanças corporais, psíquicas e sociais com as quais irá se deparar. Isto porque os conflitos peculiares a esta fase o remetem às angústias de desintegração do ego e de despersonalização, tão próprias aos estágios primitivos do desenvolvimento emocional descritos. É por isso que, na linguagem winnicottiana, fala-se que o adolescente padece do sentimento de irrealidade (Winnicott, 1993/2005b).

Para o autor, o adolescente é essencialmente imaturo e não se deve esperar o contrário. A imaturidade é essencial para sua saúde psíquica na batalha contra o sentimento de irrealidade, a fim de construir uma identidade pessoal autêntica. Nesse momento, portanto, há uma intensa necessidade do adolescente de “encenar uma forma diferente de estar e de se-ver-no-mundo”, é como um “reinstalar-se no mundo”, esclarecem Ribeiro e Lehman⁷ (2006, p. 81). Obstinado a fazer suas próprias descobertas e ser fiel a suas verdades, Dias (2003) menciona a existência de uma moralidade rígida no adolescente, e não só em relação ao que lhe foi definido como “certo” ou “errado” pelos pais (e contra o que ele busca romper) mas porque na briga contra o sentimento de irrealidade, o adolescente despreza soluções falsas.

Neste novo momento da trajetória não só dos filhos, mas da família, Winnicott (1993/2005a) salienta a importância de um *holding familiar*, que deve se manter seguro e

⁶ Oliveira e Fulgêncio (2010) destacam que o D. W. Winnicott não reduz a adolescência à mera administração da instintualidade, uma vez que o autor analisa que mais importante do que isto é o fato de que os adolescentes lutam para serem alguém e construir um lugar.

⁷ Esta referência é pertinente ao capítulo 2 de Ribeiro e Lehman (2006). Entretanto, convém apontar que a presente citação refere-se à seção “Orientação Profissional clínico-social ativa: de Bohoslavsky a Winnicott”, cuja autora é Yvette P. Lehman.

confiável para que o adolescente empreenda os necessários testes de realidade nos espaços potenciais construídos. O autor não deixa de considerar a dificuldade implicada para os pais, na experiência de seus papéis, para lidar com as ambivalências desta fase.

[...] como fazer para estar disponível quando o adolescente torna-se criança e dependente, e ao mesmo tempo ser capaz de absorver adequadamente a necessidade adolescente de rebelar-se para estabelecer a própria identidade? É provável que a família do jovem seja a estrutura mais apta a suportar essa dupla exigência: a exigência de tolerar face à rebeldia, e a exigência dos cuidados, do tempo e do dinheiro dos pais” (Winnicott, 1993/2005a, p. 131).

Os processos que conduzem à independência do adolescente e à separação emocional em relação a seus pais são marcados por recorrências à dependência (Winnicott, 1993/2005b). Na adolescência, tais processos implicam em tempo de espera e, enquanto esta realidade encontra-se em progresso, a responsabilidade sobre suas vidas continua sendo assumida pelos pais. Caso contrário, uma falsa maturidade poderá dar lugar ao que seria terreno fértil para os testes de realidade e os ensaios de suas atuações criativas (Winnicott, 1975e). É de significativa importância que este processo do adolecer, absolutamente natural, não seja interrompido por intrusões resultantes de falhas na provisão dos pais ou substitutos (Oliveira & Fulgêncio, 2010). Entretanto, autores como Ungar (2004) e Mondrzak (2007) alertam para a existência de uma pseudomaturidade em adolescentes, cujas famílias não permitem o tempo e o espaço para a existência do elemento desorganizador, próprio à adolescência. O que se observa é um sufocamento de suas turbulências, inclusive as criativas, contribuindo para o surgimento de projetos de vida pouco autênticos e sem profundidade.

Considerando esse tempo necessário para o amadurecimento do adolescente e para o desenvolvimento da identidade pessoal, interessante contribuição foi proposta por Erikson (1950/1998) ao falar sobre a *moratória psicossocial* concedida pela sociedade, a fim de que o adolescente possa ensaiar e experimentar situações e papéis, com a confiança de que dele não serão cobrados posicionamentos pertinentes ao adulto. Segundo Erikson⁸ (1950/1998), o adolescente, estaria vivenciando as crises pertinentes ao estágio da identidade *versus* confusão, sendo que, nesta época, uma das tarefas típicas que o auxilia na passagem para a idade adulta, é justamente a escolha de uma profissão (Bohoslavsky 1977/2007; Erikson, 1950/1998). No entanto, há de se considerar que muitas mudanças vêm ocorrendo no que se

⁸ Para Erikson (1950/1998) existem oito estágios do desenvolvimento humano, nos quais está sempre prevista a atuação de forças sintônicas e distônicas. É a “resolução” dos conflitos e crises ocasionados por este jogo de forças, em cada estágio do desenvolvimento, o que possibilita um caminho rumo à integridade do ego. Os estágios são: confiança *versus* desconfiança; autonomia *versus* vergonha/dúvida; iniciativa *versus* culpa; diligência *versus* inferioridade; identidade *versus* confusão; intimidade *versus* isolamento; generatividade *versus* estagnação; integridade *versus* desespero.

refere à questão da moratória psicossocial concedida ao adolescente, o que tem levantado questionamentos acerca de um prolongamento nesse tempo e mudanças nos processos de transição para o mundo adulto (Birman, 2008; Borges & Magalhães, 2009; Calligaris, 2001; Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães 2006; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2010, 2012). Assim, considerando que a jornada rumo aos compromissos da vida adulta (incluindo investimento na parentalidade e no trabalho) tem se tornado cada vez mais fragmentada e descontínua, concorda-se com a reflexão de Ribeiro e Lehman (2006) ao salientarem que, embora Winnicott tenha uma visão de desenvolvimento enquanto “um processo de continuidade”, o autor incorpora a noção de descontinuidades que, necessariamente, são intrínsecas à constituição do “vir a ser”. Isso pode ser identificado quando o autor propõe a noção de “self” que

[...] não é o centro nem se esconde inacessível nas profundidades do ser. *Encontra-se*⁹ no intermédio do fora e do dentro, do Eu e do Não Eu, da criança e de sua mãe, do corpo e da palavra. Espaço transicional que, na acepção winnicottiana, dá estatuto de espaço psíquico ao *Entre*, que se constitui não sendo nem interno, nem externo; nem Eu, nem Não Eu. É *espaço de jogo*, o *espaço potencial* de fronteiras móveis, no qual se *faz* nossa realidade (Ribeiro & Lehman, 2006, p. 83).

São os espaços potenciais seguros e confiáveis que foram sendo construídos, desde as precoces interações com o grupo familiar, os pilares para o desenvolvimento do sentimento de confiança e, conseqüentemente, para o processo da independência e da separação emocional em relação aos pais. Tais processos, no entanto, sempre estarão articulados às realidades sociais e culturais dos grupos familiares.

Assim, este estudo considera que, do ponto de vista winnicottiano, as bases da saúde psíquica conquistadas nas etapas iniciais do desenvolvimento emocional do indivíduo possibilitarão que este prossiga rumo ao universo adulto, desenhando uma trajetória pessoal que possa incluir o planejamento e a efetivação de projetos de vida. Ao reconhecer, entretanto, a importância do *holding* familiar satisfatório para o desenvolvimento emocional, convém refletir sobre as influências dos referenciais contemporâneos nas relações que os pais têm estabelecido com seus filhos. Nesse sentido, acompanhando as transformações ocorridas nas famílias, os caminhos percorridos pelos adolescentes e jovens até a idade adulta também vêm sofrendo grandes mudanças (Almeida, 2009; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Oliveira, 2005; Oliveira & Dias, 2001).

⁹ Grifos da autora.

1.2 Compreendendo a família atual

No momento histórico e no contexto sociocultural em que D. W. Winnicott desenvolveu os pressupostos de sua teoria, o autor amparava-se na concepção de que na “maioria dos casos, o lar e a família existem, permanecem intactos e proporcionam ao indivíduo a oportunidade de se desenvolver [...]” (Winnicott, 1993/2005a, p. 132). Todavia, sabe-se o quanto a família, cenário dos estudos do autor, vem sofrendo transformações profundas em seus paradigmas (Caldana, 1998; Féres-Carneiro, Ponciano, & Magalhaes, 2007; Goldani, 2002; Hintz, 2007; Milmaniene, 2003; Pratta & Santos, 2007; Romanelli, 1991, 1995, 2003, 2004; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998; Vaitsman, 1994; Watarai, 2010).

Toda uma conjuntura econômica, política, social e cultural contribuiu para uma ampla revisão no modelo da família nuclear moderna, alicerçada no ideal romântico. Esta estrutura remetia ao modelo da família burguesa, dominante na sociedade capitalista europeia desde meados do século XVIII (Ariès, 1981) e que no Brasil, a partir do fim do século XIX (Figueira, 1987; Reis, 1985), demarcou a separação entre espaço privado e espaço público. Nesse período, as relações familiares sustentavam-se pela rígida divisão sexual dos papéis, na qual o homem, marido e pai, era a encarnação do poder e da autoridade, sendo o provedor financeiro do núcleo familiar (Ariès, 1981; Reis, 1985; Romanelli, 1995; Vaitsman, 1994). A mulher, excluída do domínio público, recolhida ao espaço doméstico, mantinha-se dedicada aos cuidados da família e da casa. Se por um lado, o homem era visto como livre, racional e autônomo, em contrapartida, a figura feminina era vista como “angelical” e emotiva (Ariès, 1981; Poster, 1979; Reis, 1985).

A despeito de a ideologia moderna apregoar a igualdade entre os indivíduos enquanto essência universal com base nos fundamentos iluministas, a mulher não estava incluída nessas concepções uma vez que, segundo crítica de Vaitsman (1994), além de não ter o controle sobre suas possibilidades de atuação em uma vida profissional, mantendo-se reclusa ao trabalho doméstico, a mulher não detinha os direitos sobre seu corpo. Para a autora a “família conjugal moderna e individualista estruturou-se através de uma hierarquia, de uma divisão sexual do trabalho que impedia o exercício da liberdade e igualdade de forma equivalente pelos dois sexos” (Vaitsman, 1994, p. 33). No Brasil, eram sentidos os reflexos dos ideais burgueses já no início do período da República, quando se valorizava que a mulher, educada para ser mãe e esposa ideal, deveria ser a “mulher-suporte” talhada como modelo para ajudar na sustentação do “novo” Brasil (Neder, 2002). Naquela época, o objetivo principal do casamento era a proteção e educação dos filhos (Ariès, 1981; Reis, 1985; Vaitsman, 1994),

pois dariam continuidade ao que a burguesia estabelecia como ideal, ou seja, o filho tornar-se-ia homem livre, autodisciplinado, moral e capaz de progredir no trabalho “produtivo”. Na opinião de Reis (1985), esse modelo de família ajudou a criar filhos reprimidos, submissos, passivos, sem poder de crítica e reprodutores das normas estabelecidas. No contexto familiar, o isolamento da família burguesa contribuía para a dependência dos filhos em relação aos pais, tanto para a satisfação das necessidades emocionais quanto em relação aos processos de identificação. Paradoxalmente, por influência do ideário romântico e do higienismo, as demandas sexuais dos filhos eram duramente reprimidas em “troca” da manutenção da afeição parental. Foi nesse contexto que os estudos pioneiros de Sigmund Freud ganharam força, ao denunciar a situação conflitiva, permeada de sentimento de culpa e ambivalência, a que estavam submetidos os filhos da época (Ariès, 1981; Reis, 1985).

Múltiplos foram os fatores que, ao se conjugarem lentamente, suscitaram rupturas e transformações no modelo da família nuclear burguesa. Dentre eles, destacou-se no pós guerra, principalmente a partir da década de 60, a transposição da mulher para além do espaço doméstico, inserindo-se na esfera pública pela via dos estudos e do trabalho. No Brasil, nessa época, durante o regime militar, houve aumento da desigualdade na distribuição de renda e queda do poder aquisitivo das famílias, o que acelerou a necessidade de participação da mulher no mercado de trabalho, como forma de complementar a renda familiar (Romanelli, 1991, 1995, 2003). Esse cenário engendrou redefinições importantes na condição feminina e fomentou o surgimento de relações mais igualitárias entre homens e mulheres, daí os termos que se referiam à família brasileira da época, “família igualitária” (Figueira, 1987) e “casal igualitário” (Salem, 1989). No bojo das redefinições, destacaram-se o impulso ocasionado pela difusão dos movimentos feministas a partir da década de 70, fortalecidos pelos grandes avanços científicos na área médica, incluindo os novos métodos de concepção e contracepção, e pela popularização de estudos da Psicanálise e da Psicologia do Desenvolvimento. Outros movimentos que também ganhavam voz, como o movimento dos hippies, dos estudantes, dos negros, dos homossexuais, simbolizavam as transformações vivenciadas pela sociedade em seus espaços públicos e privados (Galano, 2005).

O modelo da família e o casamento alicerçados na concepção moderna foram entrando em colapso justamente porque seus fundamentos foram abalados, como a divisão sexual do trabalho, a dicotomia público-privado e, mais amplamente, as concepções universalistas e totalizantes (Vaitsman, 1994). Na esfera doméstica, nas diversas camadas da sociedade, o casamento e a família “fundamentada no individualismo patriarcal, passou a conviver com uma concepção pós-moderna, na qual a heterogeneidade, a efemeridade, a contextualidade de

padrões e comportamentos tornaram-se traços dominantes e legítimos” (Vaitsman, 1994, p. 51).

As parcerias conjugais que foram se estabelecendo entre homens e mulheres desenvolveram condições para que o casamento passasse a ser sustentado mais pela satisfação conjugal do que propriamente por obrigações sociais ou fatores econômicos (Grzybowski & Wagner, 2010; Watarai, 2010; Zornig, 2010). Nesse contexto, as leis do divórcio, o aumento das separações conjugais influenciado pela nova condição feminina, as novas configurações familiares, incluindo as recomposições a partir dos recasamentos (Watarai, 2010), as famílias monoparentais e, mais recentemente, a homoparentalidade (Passos, 2005) foram os novos ingredientes que aceleraram uma ampla revisão dos padrões de conduta que regiam os sistemas familiares. A partir de então, as trajetórias femininas cada vez mais têm se atrelado à esfera pública e ao universo do trabalho, muitas vezes postergando o exercício da maternidade ou abrindo mão desta. Por conseguinte, observam-se em diminuição o número de filhos e um aumento do número de mulheres que não desejam ser mães (Dessen, 2010; Tain, 2005). Outra repercussão importante se refere ao fato de as uniões conjugais ocorrerem mais tardiamente, em função das opções e escolhas profissionais atuais (Cervený & Berthoud, 2009).

A respeito das novas formas de conjugalidade na contemporaneidade, a literatura tem focalizado as profundas influências do ideário pós-moderno na atual relação conjugal, marcada pela autonomia e satisfação pessoal em detrimento dos laços de dependência entre os cônjuges (Scorsolini-Comin & Santos, 2011). Há autores, no entanto, que identificam o desenvolvimento de uma identidade conjugal, o que necessariamente pressupõe um cenário comum de interação no qual surgiram novas formas de transmissão e compartilhamento de valores, os quais continuam significativos para os processos do desenvolvimento psíquico dos filhos (Féres-Carneiro & Ziviani, 2009; Scorsolini-Comin & Santos, 2011).

Há de se considerar ainda que, devido à valorização da satisfação nas relações maritais, os casamentos têm se sustentado na medida em que há qualidade nas relações, o que é corroborado por pesquisas que salientam os prejuízos que uma relação conjugal insatisfatória acarreta não só ao casal, mas ao desenvolvimento emocional dos filhos (Scorsolini-Comin & Santos, 2011). Féres-Carneiro (1998) destaca que se o preço a se pagar pela manutenção da aliança é o esfacelamento dos laços entre os envolvidos, a separação marital passou a ser encarada por homens e mulheres como construtiva ao grupo familiar, visto que mais importante ao desenvolvimento emocional dos filhos é a qualidade da relação entre os pais (unidos ou separados) e do vínculo pais-filhos. Convém, inclusive, reconhecer que, opostamente ao que era garantido pela família moderna, a partir dos novos referenciais, a

conjugalidade deixou necessariamente de assegurar o exercício da parentalidade (Zornig, 2010).

Ainda no que tange às transformações nas formas de conjugalidade, Monteiro (2001) propõe a emergência do “casal de dupla carreira”, que difere não só do casal característico da família nuclear tradicional, como também do casal da família de “dupla renda”, onde a mulher trabalha para complementar a renda familiar, permanecendo a figura que mais se dedica à vida doméstica. Por seu turno, a família chefiada pelo “casal de dupla carreira” tem, como polo estruturante das relações familiares, o trabalho. Nesta dinâmica de funcionamento, os cônjuges estão comprometidos a investir tanto em suas carreiras quanto na vida afetiva familiar. Desse modo, as tarefas e funções, sobretudo cuidados dispensados aos filhos (quando existem) não estão distribuídos com base nas diferenças entre os sexos, sendo divididos mais equitativamente entre os pais (Monteiro, 2001). Observa-se, assim, que não só a mulher tem vivenciado transformações em termos de papéis e funções mas que, também, o homem tem experienciado um processo de ressignificação da condição masculina, repercutindo diretamente no exercício da parentalidade (Chaves, 2006/2010; Romanelli, 2004).

Podemos encontrar homens mais tradicionais e provedores, outros que estão vivenciando essa transição, ou seja, o homem híbrido que foi formado e se comporta de maneira tradicional, mas está aprendendo novas formas de se comportar e ainda homens participativos, mais expressivos e cuidadores que desempenham um novo modelo, que emerge em um tempo que necessita dessas habilidades (Chaves, 2006/2010, p. 56).

Desse modo, o que se observa na realidade brasileira é uma coexistência de modelos, onde se identificam tanto famílias em que há a tradicional divisão sexual de papéis, como também lares em que homens e mulheres realizam tarefas domésticas e se preocupam com cuidados e educação/orientação dos filhos (Fleck & Wagner, 2003; Monteiro, 2001; Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Há ainda grupos cujas mulheres¹⁰ são as principais provedoras financeiras, mesmo que continuem agregando trabalho doméstico e educação dos filhos. Entre estas famílias, mesmo que as figuras femininas trabalhem mais e tenham melhor remuneração que seus maridos, é comum o entendimento de que as tarefas domésticas realizadas pelo homem são como ajuda para a esposa (Fleck & Wagner, 2003).

¹⁰ Segundo Dados da Pesquisa Nacional por Amostragem (PNAD) de 2006, aumentou consideravelmente (variação de 79%), entre os anos de 1996 e 2006, o número de mulheres indicadas como referência da família, em oposição ao aumento (25%) do número de homens chefes de família (Cervený & Berthoud, 2009).

Grzybowski e Wagner (2007), em estudo com pais e mães separados/divorciados, confirmaram o maior envolvimento materno nas práticas educativas parentais após o fim do casamento, embora tenha sido identificado um esforço dos pais atualmente no envolvimento com seus filhos, sobretudo no espaço público. De modo geral, Goldani (2002) enfatiza que grandes transformações vêm ocorrendo, todavia, as mudanças em relação ao papel feminino e masculino ocorrem em ritmos muito diversos, expressando diferenças que refletem questões históricas, de ordem política e social. Na realidade brasileira, o que fica evidente é que os processos de criação e educação dos filhos, assim como a divisão das tarefas domésticas, não acompanharam proporcionalmente a inserção da mulher no mercado de trabalho e na provisão econômica do lar (Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Proliferam, assim, críticas contundentes e debates na área das Ciências Humanas buscando abordar as repercussões de tantas transformações nas relações familiares.

1.2.1 A parentalidade na vida contemporânea

Há de se considerar que a diminuição de filhos por casal desde a década de 80 não foi só reflexo da entrada da mulher no mercado de trabalho, mas fruto de uma grave crise econômica no país, a partir da década de 80, somado à disseminação dos novos referenciais sociais e culturais que passaram a influenciar as vivências familiares e as práticas da parentalidade (Dessen, 2010). É consenso, todavia, analisar que as redefinições quanto ao papel feminino também acarretaram mudanças significativas no papel masculino, e nas funções do pai, alterando profundamente as dinâmicas familiares (Dessen, 2010).

As mães que, em suas infâncias e adolescências, na década de 50 e 60, tiveram uma educação coercitiva, dentro do modelo da família tradicional brasileira, onde o respeito era muitas vezes imposto pelo medo, passaram a questionar o excesso de rigidez, o autoritarismo e o nível de exigência das práticas parentais da geração anterior. Na tentativa de agirem diferentemente de seus pais, passaram a valorizar uma relação de maior diálogo com os filhos (Biasoli-Alves, 2000; Dessen, 2010; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998). No Brasil, estudos desde o final da década de 80 revelavam que não havia mais um modelo de atuação parental no país que agregasse práticas uniformes e, até mesmo, coerentes dentro dos grupos familiares, observando-se muitas vezes atuações contraditórias nas práticas parentais (Caldana, 1998; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998). Observavam-se as influências de um ideário antiautoritário, onde havia espaço para as discussões e questionamentos mas, por outro lado, também se identificavam pais e mães com receio de estabelecerem regras por se

sentirem culpados ao associarem a colocação de limites a comportamentos autoritários e agressivos. Sobre tais contradições e incoerências, Caldana (1998) sugeriu a existência de conflitos, conscientes e inconscientes, ainda não elaborados pelos pais e que os remetiam ao que Salem (1980), Nicolaci-da-Costa (1985) e Figueira (1987) apontaram anteriormente acerca das dificuldades dos pais em conciliar valores e ideais assimilados no espaço intergeracional e aqueles que foram adquiridos nos domínios públicos ao longo da juventude e vida adulta frente às transformações sociais.

Reportando-se à insegurança dos pais quanto às suas práticas em relação à parentalidade, Salles (2005) salienta que a falta de referenciais consistentes repercutiu seriamente em uma confusão de papel, gerando muita ansiedade nas relações dentro dos grupos familiares. Para a autora, só está claro aos genitores que métodos diretivos e coercitivos são duramente repreendidos por especialistas, que cada vez mais supervisionam a vida privada familiar, desautorizando-os e tornando-os hesitantes e dependentes. Esta questão remete à “terceirização das práticas da parentalidade” para especialistas - médicos, psicólogos, fonoaudiólogos, professores particulares, entre outros. Diante da banalização e da disseminação indiscriminada dos discursos dos “especialistas”, autores destacam que os pais têm se deparado com angústias muitas vezes provocadas pela sensação de não estarem desempenhando “corretamente” a parentalidade (Kamers, 2006; Magalhães, 2009; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998; Vilhena, Bittencourt, Novaes, & Zamora, 2013). Nesse contexto, o excesso de “psicologização” e de “medicalização” das diferentes fases do desenvolvimento tem contribuído para alimentar a ideia de que os filhos devem ser submetidos, desde a mais tenra infância, a inúmeras estimulações, treinamentos e prescrições, havendo, na crítica de Vilhena, Bittencourt, Novaes e Zamora (2013), uma supervalorização do “fazer” em detrimento do “ser” e do “estar junto”. Intrínsecos aos investimentos parentais dessa ordem, é comum identificar altas expectativas, em relação ao futuro dos filhos, relacionadas ao máximo rendimento e à performance ideal.

Ainda refletindo sobre a “terceirização das práticas da parentalidade” e sua repercussão sobre o desenvolvimento emocional dos filhos, Birman (2008) analisa que, com o ingresso da mulher no mercado de trabalho e o não preenchimento pelos pais da lacuna deixada nos cuidados parentais, as crianças cada vez mais precocemente são deixadas com babás ou em creches e escolas maternas, o que tem influenciado os processos de construção da subjetividade. Se por um lado pode haver um enriquecimento nos laços sociais da criança e do adolescente em virtude de seu maior contato com outros contextos, em contrapartida, o menor investimento emocional dos pais em relação às práticas da parentalidade na primeira

infância, tem contribuído para serem despertados sentimentos de insegurança nos filhos e dificuldades em relação à autoestima (Birman, 2008). O autor destaca que a família atual espera cada vez mais que o sistema escolar assuma e se responsabilize pelos processos de socialização primária e secundária de crianças e adolescentes.

Zornig (2010) propõe, então, a seguinte discussão: se na vida pós-moderna a parentalidade deixou de ser o principal objetivo da família, o que sustenta nos dias atuais o desejo de muitos homens e mulheres de serem pais? Uma resposta possível para esta questão deve considerar que, diante da derrocada de referenciais simbólicos outrora tão estáveis, tornar-se pai e tornar-se mãe, assim como marido e mulher, dependem hoje muito mais da história de vida de cada um dos envolvidos e da lógica de seus desejos do que propriamente de um modelo de família a ser seguido, afinal o que caracteriza a família pós-moderna é justamente a ausência de um modelo dominante (Zornig, 2010).

No contexto português, Nascimento (2007) analisa que o investimento na parentalidade mantém relação não só com a preservação da cultura e da ordem social familiar mas, sobretudo, com o significado que este projeto ainda mantém para a história biográfica de cada pessoa. A autora aponta que diante da extrema instabilidade do atual mundo do trabalho, é na experiência da parentalidade que o homem contemporâneo ainda parece encontrar algum conforto, segurança e mesmo sensações de controle, que tanto tem faltado em suas relações com o trabalho. Assim, embora existam cada vez mais situações que interferem na experiência da parentalidade, a autora considera que “ser pai/mãe é um projeto para toda a vida e é, para além do mais, um projeto de continuidade de si próprio” (Nascimento, 2007, p. 685).

Diante da decisão de se investir na parentalidade, embora os pais não possam mais contar com um modelo único que oriente suas práticas na promoção do desenvolvimento de seus filhos (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010), observa-se que muitos são os autores da atualidade que defendem a importância que o núcleo familiar mantém sobre o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e como principal grupo de referência nos processos da transmissão geracional e da socialização (Cervený & Berthoud, 2009; Chaves, 2006/2010; Hintz, 2007; Magalhães & Féres-Carneiro, 2004; Romanelli, 2003, 2004; Zornig, 2009, 2010). Assim, embora esteja ocorrendo uma transformação em termos de valores e condutas, Cervený e Berthoud (2009) analisam que, de modo geral, as principais metas parentais continuam sendo as mesmas, ainda que através de diferentes meios: cuidar e educar seus filhos para que tenham uma vida profissional e familiar estáveis.

Considerando que este estudo focaliza a vivência dos pais em relação às trajetórias dos filhos após a conclusão do Ensino Médio, é conveniente aprofundar a reflexão sobre as dinâmicas atuais envolvidas na transição dos filhos para a vida adulta e como os pais têm participado das mudanças que permeiam tais processos.

1.2.2 Os pais e os processos de transição dos filhos para a vida adulta

Não se pode deixar de considerar, pelo prisma da realidade contemporânea, que o adolecer tem revelado contornos cada vez mais imprecisos, pois a solidez das instituições familiares e educativas de outrora atuavam como dispositivos reguladores, modelando os processos de construção da identidade e organizando a transição para o universo adulto (Birman, 2008; Nosek, 2005; Ungar, 2007). Neste âmbito, os rituais de passagens criados e compartilhados na malha social cumpriam o papel de oferecerem significado às trajetórias de vida, na medida em que ordenavam as experiências pessoais e o viver comum, por meio da elaboração do passado, da significação do presente e da projeção para o futuro (Nosek, 2005). Na era das fronteiras diluídas no tempo e no espaço (Bauman, 2001), entretanto, não são evidentes os momentos de transição e, nesse sentido, observa-se tanto o encurtamento da infância quanto um prolongamento da adolescência e da dependência familiar, adiando-se o ingresso na vida adulta (Birman, 2008).

Do ponto de vista de Kehl (1998), o estilo dinâmico e versátil do adolescente atende e representa a cultura de mercado do mundo contemporâneo, quando o que se valoriza é a flexibilidade e a realização imediata do prazer em detrimento do que é histórico, antigo, maduro. Assim, a autora chama a atenção para a “teenagização da cultura”, uma vez que todos anseiam por ser jovens, bonitos, saudáveis e, acima de tudo, felizes. De fato, por que crianças e adolescentes desejariam assumir papéis adultos? Afinal, em consonância com o atual cenário, é comum identificar pais “teens”, seduzidos pelo ideário individualista e pela cultura midiática que preza a juventude, a aparência, a potência. Estes se posicionam não como figuras de referência mas propõem relações horizontais, atuando como iguais, amigos e confidentes de seus filhos, muitas vezes invadindo-os com suas próprias experiências emocionais e dividindo com os mesmos suas inquietudes existenciais (Almeida, 2009; Birman, 2008, Oliveira & Dias, 2001). Calligaris (2001) provoca ao dizer que os adolescentes de hoje têm permanecido nesse longo “limbo” que antecede a vida adulta porque inconscientemente encenam o sonho do adulto contemporâneo: permanecer jovem.

Autores como Barreto e Aiello-Vaisberg (2010), Birman (2008), Leitão (1996), Lemgruber (2011) e Oliveira (2007) defendem que os pais estão entre os responsáveis pelo adiamento do ingresso dos filhos na vida adulta, pois atuam através de mecanismos conscientes e inconscientes para postergar a separação emocional de seus filhos. Na década de 90, estudo realizado por Leitão (1996) caracterizou aspectos da dinâmica do funcionamento familiar que se relacionavam com o fenômeno do “prolongamento da adolescência” no Brasil. Segundo a autora, os pais adiavam o estabelecimento de um papel mais adulto por parte de seus filhos, por meio de mecanismos de exaltação dos aspectos mais prazerosos associados à adolescência e por meio da negação dos conflitos pertinentes às decisões que permeiam esta fase da vida. As autoras observaram que os pais manifestavam dificuldades para lidar com a sexualidade dos filhos, mantendo com estes uma relação de cumplicidade excessiva e de falta de privacidade. Outros aspectos importantes citados se relacionavam aos meios utilizados, ainda que inconscientes, para manter os filhos dependentes e que se associavam à supremacia dos “direitos” na casa em detrimento dos “deveres” a serem cumpridos. Também estava subjacente uma espécie de “jogo financeiro” que não preparava o jovem para a administração e o investimento do dinheiro. A elaboração de projetos de carreira de difícil implementação era outro fator que contribuía para adiar o processo da independência em relação aos pais (Leitão, 1996).

Considerando as mudanças nas relações familiares devido à revisão de paradigmas e referenciais simbólicos, Birman (2008) destaca a necessidade de se reconhecer que mudanças de ordem social e econômicas, aceleradas a partir do fim da década de 80, também vêm contribuindo substancialmente para transformar os processos de transição rumo à vida adulta. Na opinião do autor “[...] o processo de globalização da economia em bases neoliberais provocou o desemprego em escala catastrófica, sempre em nome da produção de riqueza e da rentabilidade do capital, afetando diretamente a juventude (Birman, 2008, p. 10). Assim, diante da impossibilidade de serem absorvidos pelo mercado de trabalho, aqueles que seriam considerados os “jovens adultos” permanecem em uma espécie de adolescência quase infinita, na opinião de Birman (2008).

Bock, Furtado e Teixeira (1994) também apontaram que a questão da “formação permanente” refletida no aumento do tempo de dedicação aos estudos em resposta às exigências extremadas do mercado de trabalho e aos altos níveis de competitividade, favorecem a crença de que nunca se “está pronto” o suficiente, dificultando o estabelecimento de metas realísticas e o consequente processo de independência em relação à família. Desse modo, diante da maior liberdade de expressão no espaço familiar, do declínio das autoridades

e do controle parental, da exaltação da juventude nos diversos setores da sociedade mas, também, da imprevisibilidade dos cenários social e econômico e das dificuldades para se estabelecer planos a longo prazo, muitos jovens têm se perguntado se vale a pena assumir responsabilidades adultas e, mesmo, se é conveniente ou seguro sair da casa de seus pais.

No contexto português, Nascimento e Coimbra (2001/2002) também destacando as mudanças no mundo do trabalho e as implicações relacionadas à dificuldade quanto ao primeiro emprego e ao aumento do período da escolarização, apontaram que essa situação tem refletido no adiamento da saída da casa dos pais pelos filhos, postergando suas entradas no universo adulto e a assunção de tarefas psicossociais. Este cenário de coabitação prolongada, que obriga a uma renegociação de novos espaços de autonomia, tem contribuído para prolongar a dependência do jovem, instrumental e emocional, em relação à família de origem (Nascimento & Coimbra, 2001/2002). Pappámikail (2004) defende que na realidade tem havido uma substituição do modelo de transição juvenil para a idade adulta, que anteriormente implicava na resolução de etapas sequenciadas e ritualizadas, para um novo “modelo” que se mostra polimórfico, descontínuo e fragmentado.

Na mesma direção, no Brasil, Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2004) analisam que o modelo tradicional de transição para a vida adulta - encerrar os estudos, trabalhar, sair da casa dos pais, casar, ter filhos - está sendo alterado, devido a uma multiplicidade de situações que podem ou não conduzir à vida adulta, havendo um caráter mais heterogêneo nessa transição na atualidade. Como exemplo, os autores destacam que hoje a independência econômica pode estar dissociada do “sair da casa dos pais”. No outro extremo, existem aqueles que saíram da casa dos pais, mas não são casados, não têm filhos e podem ou não ser independentes economicamente da família de origem.

De fato, no Brasil, observa-se um aumento no período da convivência familiar (Borges & Magalhães, 2009; Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães 2006; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2010, 2012). Tal geração de filhos, que foi denominada pela mídia de Geração Canguru (em analogia ao mamífero que abriga os filhotes na bolsa ventral) caracteriza jovens que, ao se depararem com a dura e imprevisível realidade contemporânea, têm optado por permanecer na casa de seus pais, onde muitas vezes continuam subsidiados pelo suporte material e emocional. Em muitos casos, contam com a permissão de manterem uma vida sexual sem grandes restrições de liberdade, podendo levar para casa parceiros amorosos. Também se observa que muitos já concluíram o Ensino Superior, sendo financeiramente independentes, entretanto, continuam residindo com os pais por dificuldades de inserção no mercado de trabalho ou por prezarem a manutenção do

conforto e do padrão de vida a que estão acostumados. Outros continuam porque contam com a oportunidade de investirem em suas vidas educacionais e profissionais, o que pode retardar o casamento e a parentalidade (Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004).

Sobre esta situação, dados do IBGE de 2013, a respeito da análise das condições de vida da população brasileira segundo aspectos sociais, revelam que entre os jovens brasileiros de 25 e 34 anos, a proporção daqueles que continuam morando com seus pais aumentou de 20% para 24% entre os anos de 2002 e 2012, sendo que dentre estes, 60% são homens. Nessa faixa etária, 14% dos jovens da Geração Canguru continuam estudando, contra 9% daqueles que já saíram de casa. Em média, os “jovens cangurus” estudam em torno de 10,8 anos e apresentam taxas de inserção no mercado de trabalho de 91,4%. Mantendo concessões importantes aos filhos e vantagens de investimento de tempo e dinheiro para continuarem “se formando” com vistas à progressão de carreira, os pais facilitam a convivência familiar, diminuindo os conflitos geracionais tão comuns de outrora, adiando, portanto, a elaboração de sentimentos que seriam despertados frente aos processos da separação entre pais e filhos (Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães 2006; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Galano, 2006/2010). No entanto, tais acordos ou “pactos de convivência” podem camuflar e velar conflitos relativos às discontinuidades entre as gerações. Afinal há de se considerar que a maior parte dos pais destes jovens é de uma geração que lutou contra hierarquias normatizadoras, rígidas, cujas fronteiras eram bem delimitadas e que caracterizavam os modelos de família e de Estado, conforme analisam Henriques, Féres-Carneiro e Magalhães (2006). Por outro lado, segundo os autores, é possível observar que nos discursos parentais atuais existem discordâncias, que podem ser identificadas quando mencionam que seus filhos são demasiadamente acomodados diante das dificuldades, sobretudo em relação ao mercado de trabalho. Essa divergência de opiniões entre as gerações não é por acaso, visto que essa geração de pais lutou por uma profissão que lhe oferecesse tanto realização pessoal como também independência, segurança e estabilidade financeira. Já seus filhos, diante do atual contexto de imprevisibilidade, têm perspectivas de futuro a curto prazo, sendo comum dizerem que seus pais “estão parados no tempo”. Tais “desencontros”, muitas vezes, permanecem silenciados a fim de se garantir uma convivência prolongada e confortável (Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães, 2006). Interessante observar que esses pais afirmam que não querem reproduzir “erros” da geração anterior e, assim, se preocupam em não privar seus filhos do que foram privados (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010). A incoerência da situação se faz presente quando esses pais esperam que seus filhos “não se acomodem” quando, na realidade, contribuem para isto.

Os conflitos entre pais e filhos da geração anterior (década de 70, 80 e até 90) refletiam de modo geral a necessidade de que adolescentes e jovens fossem diferentes de seus pais e, assim, “sair de casa” era fundamental para o estabelecimento de uma identidade própria, da autonomia e da independência plena. Nesse contexto, a literatura da área descreveu esse período como sendo o *Ninho Vazio* ou *Lançando os filhos ao mundo* (Aylmer, 1995/2008; Carbone & Coelho, 1997/2009; Carter & McGoldrick, 1995/2008), quando por diferentes meios, circunstâncias e níveis de êxito, os filhos deixavam seus lares de origem. Hoje, motivos para a “saída da casa dos pais” ainda existem, podendo ser muitos para os jovens da atual geração. Entre eles, identifica-se o investimento em uma formação continuada em outra localidade, viagens por períodos prolongados (como intercâmbios, estágios, pós-graduação, trabalhos temporários), a decisão de morar só ou com amigos ou parceiros amorosos, a opção de se casar, entre tantos fatores que exigem dos membros da família novas maneiras de se relacionar (Wedling & Wagner, 2005). Assim, apesar do aumento da porcentagem da Geração Canguru entre a população brasileira, segundo dados do IBGE (2013), a proporção de pessoas de todas as idades que moram sozinhas também aumentou de 9,3% em 2002 para 13,2% em 2012.

De fato a questão da “saída da casa dos pais” sempre comportou uma grande ambivalência de sentimentos para todo o grupo familiar e a necessidade de elaboração de conflitos não só pelos filhos, mas também pelos pais. Esta constatação pode estar entre os fatores que também contribuem com o fenômeno do prolongamento da convivência familiar. Importa reconhecer, entretanto, que quando um filho resolve ter sua própria residência isso pode revelar que o mesmo vem adquirindo recursos para se tornar mais independente emocionalmente de seus pais, o que pressupõe um nível de amadurecimento para poder se separar e arcar com as tarefas e compromissos de uma vida adulta, ainda que se mantenha economicamente dependente do núcleo familiar. Carbone & Coelho (1997/2009) analisam que, como em todo intervalo de transição onde coexistem ganhos e perdas para ambos os lados, se a família não estiver preparada para elaborar os sentimentos e os conflitos pertinentes a tal situação, o lar de origem pode ser sentido como um “ninho abandonado”. Nesse contexto, não é incomum que jovens abandonem projetos de carreira e cursos universitários e regressem para a casa de seus pais (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010). Em contrapartida, quando as figuras parentais são sentidas como *suficientemente boas* junto às novas necessidades dos filhos, são possibilitadas situações ricas de compartilhamento de experiências entre as gerações.

Diante da situação de “saída dos filhos de casa”, a tarefa do núcleo familiar, nomeadamente dos pais, consiste em abandonar a supervisão diária e contínua da vida dos jovens, abrindo mão do controle e do poder e, assim, possibilitar o estabelecimento de arranjos de vida mais independentes por parte dos filhos. Dependendo da história de vida de cada pai e mãe, e do modo como vivenciaram seus próprios processos de separação e independência, isso pode implicar em consequências na maneira como lidam com a progressiva autonomia dos filhos, favorecendo ou obstaculizando esse processo (Aylmer, 1995/2008). É importante salientar que a situação da “saída dos filhos de casa”, ainda está presente em muitas famílias brasileiras, sobretudo interioranas, quando os filhos saem das casas de origem para realizar o Ensino Superior em outras localidades, situação comum sobretudo por se tratar de um país de dimensão continental e com possibilidades cada vez maiores de acessos às mais diversas regiões. Muitos desses jovens não regressam para os lares de origem, percebendo-se com condições socioeconômicas e emocionais para constituírem residência própria, investindo ou não na conjugalidade e na parentalidade.

No que se refere a esses jovens que atualmente saem da casa dos pais para realizarem o Ensino Superior, estudos revelam que aqueles que conseguem se separar emocionalmente da família e que mantêm percepções positivas em relação a esta separação apresentam maiores possibilidades de adaptação ao contexto universitário (Beyers & Goossens, 2003; Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). Dias e Fontaine (1996), no contexto português, já haviam destacado a importância da resolução dos conflitos pertinentes à separação psicológica em relação aos pais e à condição para estabelecer novas relações afetivas, para se garantir o bem estar psíquico dos jovens universitários e, conseqüentemente, a melhor adaptação ao novo contexto. Os resultados deste estudo apontaram que, para as mulheres, a independência em relação à mãe não mostrava influência direta sobre a capacidade para se projetar no futuro, ao contrário dos homens, que pareciam depender da resolução deste conflito tanto para se projetarem no futuro, como também para estabelecerem relações fora do ambiente familiar. As autoras ressaltaram a importância dos serviços psicológicos e de aconselhamento universitários, no auxílio destes jovens a fim de lidarem com sentimentos e conflitos em relação às figuras parentais e que, constantemente, remetem-nos à culpa e ao ressentimento. Frente a esses processos e períodos vivenciados por pais e filhos, a literatura confirma que grupos familiares, cujos pais proporcionaram ao longo do desenvolvimento um vínculo seguro e confiável, favorecem que seus filhos sejam mais confiantes e menos críticos, participando com maior envolvimento das experiências que a universidade proporciona, sendo menores as chances de se depararem com sentimentos relacionados à solidão ou à depressão,

sobretudo, nos primeiros anos do curso universitário (Wei, Russell, & Zakalik, 2005). Autores salientam que a família não perde importância quando o jovem sai da casa dos pais para estudar fora, ao contrário, a qualidade da relação mantida com os pais é fator de grande influência no processo de transição escola-universidade e na adaptação à vida universitária (Bardagi & Hutz, 2008; Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). Diferentemente de uma perda da importância do núcleo familiar, reflete-se que o que ocorre é a ressignificação da relação entre pais e filhos. Do ponto de vista winnicottiano, os pais continuam proporcionando uma situação de *holding* familiar na provisão das novas necessidades dos jovens. Em contrapartida, identificam-se pais dificultando os processos de separação emocional dos filhos, como sugerem Barreto e Aiello-Vaisberg (2010) ao apontarem que enquanto alguns adolescentes conseguem sair de casa para estudar, prosseguindo no desenvolvimento continuado de seu “vir a ser”, há aqueles que desistem do curso, voltando para junto de seus pais. Outros, nem chegam a sair, limitando seu leque de opções aos cursos existentes na cidade de origem, devido à impossibilidade de se manterem longe dos cuidados familiares (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010).

Também há de se considerar que, na realidade brasileira, tem havido um progressivo processo de interiorização do Ensino Superior devido à expansão das universidades e um aumento do número de faculdades privadas, assim como o surgimento e o avanço de novos métodos de educação à distância, que somam motivos para que muitos jovens optem por permanecer morando na casa de seus pais (Cervinski & Enricone, 2012). Sobre aqueles que escolhem realizar os estudos na cidade de origem a fim de permanecer residindo com a família, e mesmo aqueles que, ao término dos estudos de nível superior, regressam, configurando-se a situação do prolongamento da convivência familiar, Wedling e Wagner (2005) analisam que como a demanda atual, atravessada pela cultura de mercado, vincula a felicidade e a realização pessoal à aquisição de bens materiais de custos cada vez mais altos, enquanto isso não pode ser alcançado por esta geração que preza por tais aquisições, sair da casa parental e se tornar autônoma tem ficado cada vez mais distante, até porque as exigências do consumo não param de crescer.

Discutir sobre os processos de transição para a vida adulta no Brasil e o aumento do tempo da coabitação com os pais implica também na importância de se refletir sobre estudos que vêm sendo desenvolvidos por Jeffrey J. Arnett e que vêm influenciando pesquisas de diferentes países da Europa, incluindo Portugal (Andrade, 2010; Couto, 2011; Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009; Monteiro, Tavares, & Pereira, 2009) e países da América Latina, como a Argentina, segundo pesquisa de Brandão, Saraiva e Matos (2012). Diante do

adiamento de tarefas e aquisições sociais que, tradicionalmente, ajudavam a demarcar o ingresso na idade adulta, como a inserção no mercado de trabalho, o fim da coabitação com os pais, o investimento na conjugalidade e na parentalidade, Arnett (1999, 2007) argumenta que seja considerada uma nova fase no ciclo do desenvolvimento humano, a *Adultez Emergente*, situada entre os 18 e 25 anos, na qual os filhos já não são adolescentes, porém, também não revelam características que seriam normativas para o ingresso na vida adulta (Arnett, 2007). Embora tenha se sustentado nas fases desenvolvimentistas de Erikson (1950/1998), Arnett (2007) se distancia da noção da idade adulta jovem pois, do seu ponto de vista, o *adulto emergente* se encontra em transição e ainda experimenta caminhos, sem que dele sejam cobradas obrigações e assunção de papéis cabíveis ao adulto. Para o autor, as teorias do desenvolvimento não acompanharam as transformações ocorridas nas sociedades industrializadas como, por exemplo, o aumento do período de escolarização, as muitas vias de acesso ao ensino, o aumento da idade média dos que investem na vida conjugal e parental, as grandes instabilidades e mudanças do mundo do trabalho.

Entre as características¹¹ que Arnett (2007) destaca como sendo próprias a esta fase do desenvolvimento, encontram-se as inúmeras possibilidades de exploração da identidade, envolvendo vida afetiva e vida profissional, favorecendo que esses jovens experimentem e pensem sobre quem são, do que gostam e o que desejam para o futuro. Tal possibilidade de reflexão, segundo o autor, revela uma condição diferente do adolescente que necessita viver o imediatismo das situações. Diante da chance de investirem nas opções que se apresentam, estudos do autor sugerem que esses jovens apresentam esperanças e expectativas de uma vida “melhor” se comparados a seus pais, sobretudo porque ainda não assumiram compromissos, como casamento e parentalidade. Em contrapartida, Arnett (2007) se refere às grandes instabilidades a que estão submetidos já que, diante de tantas experimentações, vivenciam muitas mudanças e sentimentos associados a dúvidas e incertezas. Como exemplo, o autor se refere à situação de saírem da casa dos pais para estudar em outras localidades, mas por outro lado à necessidade de retornarem ao término dos estudos, devido às dificuldades de inserção no atual mercado de trabalho, ainda que sejam “diplomados”. Assim, embora possam gozar de relativa autonomia sobre suas vidas por não assumirem compromissos e obrigações

¹¹ Muitos questionamentos vêm sendo realizados em relação à delimitação de uma nova fase no desenvolvimento pois, se há acordo que uma revolução econômica, política, social e cultural colocou em xeque instituições, referenciais simbólicos, paradigmas, marcadores sociais e demográficos, poder-se-á considerar que na contemporaneidade existem contornos nítidos de uma nova fase do desenvolvimento, com características e tarefas específicas ou mesmo marcadores da aquisição do estatuto de adulto? Há autores que sugerem que as fases de transição da adolescência para a idade adulta perderam seus contornos justamente porque, na atualidade, não há como se definir com clareza o que é ser adulto (Birman, 2008; Calligaris, 2001).

sociais, por outro lado, diante de tanta instabilidade, experimentam um sentimento de indefinição (“*in-between*”) ao afirmarem que se sentem adultos em certos aspectos mas, em outros, se percebem como adolescentes (Arnett, 2007).

Mediante as considerações de Arnett (2007) a respeito da transição para a vida adulta, identificam-se semelhanças entre o que vem sendo observado no Brasil em relação à Geração Canguru e a *Adultez Emergente* já que durante este período, nas famílias em que se observa essa situação, os jovens muitas vezes experimentam possibilidades de exploração de diferentes papéis em diversos contextos, em virtude da não assunção de compromissos da vida adulta. Entretanto, as investigações brasileiras que tratam sobre a transição da adolescência para a idade adulta não correlacionam diretamente a situação vivenciada pelos jovens brasileiros aos marcadores propostos pela teoria de Jeffrey J. Arnett, os quais são resultados de pesquisas realizadas nos Estados Unidos e que vêm sendo investigadas em países desenvolvidos. Se existe similaridade entre Geração Canguru e *Adultez Emergente* há de se considerar que as investigações realizadas no Brasil a respeito da questão do prolongamento da adolescência e da convivência familiar se referem a uma parcela da população e, portanto, não representa uma realidade que contempla a diversidade brasileira e as complexas formas de transição para a idade adulta no país (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012). Concorde-se com ponto de vista de Brandão, Saraiva e Matos (2012) de que não se deve incorrer no equívoco de, ao se adotar os marcadores da *Adultez Emergente* como um período do desenvolvimento, classificar-se as trajetórias individuais de muitos jovens, de diferentes realidades socioeconômicas, como sendo não normativas ou marginais.

No cenário brasileiro, as investigações que vêm acompanhando o aumento da população “canguru” se referem preponderantemente à população das classes médias e altas urbanas da sociedade. Assim, é conveniente reconhecer que, segundo dados do IBGE (2013), a Geração Canguru (25 e 34 anos) tem sido observada em 11,5% das famílias brasileiras, sendo que quando os arranjos familiares apresentam renda familiar de até meio salário mínimo, esta proporção é de 6,6% e para as famílias com dois a cinco salários mínimos, a proporção é de 15,3%. Não é por acaso que as maiores incidências sejam na região sudeste, que está entre as regiões mais desenvolvidas do país.

Outra realidade que chama a atenção no país, e que difere muito das características mencionadas pela teoria da *Adultez Emergente*, é a porcentagem alarmante de jovens que não trabalham e não estudam, e que têm sido apelidados de “jovens nem-nem”. Segundo dados do IBGE (2013) era de 19,6% em 2012, para as idades de 15 a 29 anos. No subgrupo de idade entre 15 e 17 anos, a proporção era de 9,4%, sendo que destes 56,6% não tinha nem Ensino

Fundamental completo. Para o subgrupo entre 18 e 24 anos, a proporção de “jovens nem-nem” é de 23,4%. Diante desses dados, emergem questões acerca dos motivos que justifiquem o fato de muitos jovens não estarem trabalhando. Que mudanças no mundo laboral têm afetado direta e indiretamente as trajetórias familiares e o valor que as pessoas atribuem ao trabalho? Que lugar a atividade do trabalho ainda ocupa na vida dos indivíduos?

2 A importância do trabalho para a vida humana

Considerando os significados do trabalho para o homem, o sociólogo Ricardo Antunes analisa que desde a Filosofia antiga, esta atividade humana engendrou uma dimensão dúplice (Antunes, 2005). Segundo cada momento da história, ora o trabalho é valorizado e compreendido em seus aspectos positivos, ora é veementemente questionado: “como expressão de vida e degradação, criação e infelicidade, atividade vital e escravidão, felicidade social e servidão. *Érgon* e *pónos*, trabalho e fadiga. Momento de catarse e vivência de martírio” (Antunes, 2005, p.11). Nas últimas décadas, muitos são os debates que versam sobre a importância ou perda de significado do trabalho sobre a construção da vida humana, sobretudo considerando o contexto de imprevisibilidade, transitoriedade e descontinuidade, tão característico da era atual e que afeta substancialmente o modo como o homem tem se relacionado com o trabalho e os sentidos que atribui a esta atividade.

Hannah Arendt em sua obra *A condição Humana* (1958/2007) faz interessante distinção ao abordar o trabalho em seus aspectos mais elementares. Remontando à Grécia antiga e à etimologia do termo, a autora se refere às três categorias fundamentais que sustentam a *vida activa* humana: o labor (*labour*), o trabalho ou obra (*work*) e a ação (*action*). Para Arendt (1958/2007), a função do labor é atender às necessidades básicas e primárias da existência humana, relacionando-se com os processos da natureza. Isso implica em um ciclo repetitivo e interminável, onde tudo o que se produz pelo *homo laborans* é imediatamente consumido pela espécie. A segunda categoria é o trabalho, cujo fim é a modificação da natureza na produção de um mundo artificial, por meio da fabricação de objetos. O produto do trabalho do *homo faber* tem caráter estável e durável, não sendo imediatamente consumido, permanecendo disponível quando o processo de transformação se encerra. O *homo faber* em seu ato de transformação, portanto, é capaz de converter o mundo natural em um mundo habitável de objetos compartilhados entre seres humanos. A ação, como terceira categoria, é aquela exercida entre os homens sem a necessidade da mediação da matéria, e que se associa à demanda de viver em grupo, permitindo ao indivíduo relacionar-se com o outro (Arendt,

1958/2007). Por meio da ação, o homem inscreve sua trajetória pessoal na sociedade, ao mesmo tempo em que ajuda em sua construção (Ribeiro, 2010). A ação, assim, integra as relações de oposição singularidade-pluralidade, indivíduo-sociedade. A distinção proposta por Hannah Arendt aponta que os dois termos, labor e trabalho, de etimologias tão diversas, têm sido usados para descrever a mesma atividade (Siqueira, 2009), embora mudanças nos processos de produção ao longo da história sugerissem que esta diferença deveria ser considerada.

Na Grécia antiga, por exemplo, o labor era associado apenas ao trabalho dos escravos, já que se tratava da atividade humana mais elementar, aproximando homem e animal (Arendt, 1958/2007). O escravo, portanto, estava excluído dos processos de projeto e ação cabíveis ao *homo faber*. Foi a partir do fim da Idade Média, com o advento do Período Renascentista e dos ideais iluministas, que o trabalho do *homo faber* atingiu a condição de fonte de autorrealização, quando passou a ser compreendido como um meio de acessar o desenvolvimento, a autonomia e a liberdade. Nessa época, as produções artísticas e artesanais representavam o quanto se mostrava possível ao homem identificar-se com seu trabalho e se sentir realizado pela produção de sua obra. O artista, o artesão, o tecelão, o agricultor, ou seja, o *homo faber*, tinha conhecimento de cada fase do processo da produção, interferindo desde o projeto até a execução da obra. Nesse sentido, o trabalhador mantinha-se identificado com seu produto e, assim, era o responsável pela qualidade de durabilidade dos objetos por ele fabricados (Arendt, 1958/2007). Por meio dos processos de identificação, seu trabalho permitia-lhe construir e consolidar uma identidade própria de trabalho.

No período manufatureiro, a produção de bens duráveis ainda estava relativamente garantida, segundo a visão da autora (Arendt, 1958/2007) mas, no início da Idade Moderna, com a Revolução Industrial promovendo o desenvolvimento da maquinaria e do sistema fabril, houve o apogeu do racionalismo, quando o indivíduo perdeu a identificação com seu trabalho ao se ver controlado e programado para operar máquinas. Grandes mudanças foram ocorrendo nos sistemas produtivos que, na realidade, segundo a autora, passaram a gerar “bens de consumo” e não “bens duráveis”. Portanto, mostravam-se mais associados ao processo do labor do que propriamente ao trabalho realizado pelo *homo faber*. Com o advento da indústria, o objeto de uso produzido perdeu a qualidade de permanência e durabilidade, sendo imediatamente consumido ou logo descartado (Arendt, 1958/2007). Por outra perspectiva de análise, Marx (1961/1985) denunciou que, com a produção em larga escala, o trabalhador perdeu completamente a autonomia e o conhecimento da totalidade do sistema produtivo, o que lhe conferiu uma posição de sujeição à máquina e de alienação dos processos de trabalho. Assim,

a força de trabalho passou a ser consumida em seus níveis mais extremos, contribuindo para a degradação da natureza humana (Marx, 1961/1985). Na opinião de Dejours (1992), discutir se na relação homem-trabalho estavam envolvidos processos de identificação ou de alienação implica em pensar sobre saúde mental ou sofrimento psíquico, no entanto, naquela época, a luta pela saúde se resumia apenas à luta pela sobrevivência (Dejours, 1992).

2.1 A influência dos sistemas produtivos sobre as formas de trabalho

Dialeticamente, as trajetórias do homem foram sendo influenciadas pelas transformações no mundo do trabalho. O retrato disso se evidencia ao se observar o quanto as mudanças nos sistemas de produção e de trabalho alteram significativamente as relações que o indivíduo estabelece dentro e fora do trabalho. No século XX, com o Fordismo, Henry Ford influenciado pelas ideias da Organização Científica do Trabalho de Taylor, apresentou um novo sistema de produção, diversificado em inovações tecnológicas e organizacionais, que serviu de modelo para a sociedade, influenciando instituições como Igreja e Família. O modelo previa a racionalização das operações do trabalho, criando-se rígidas linhas de produção e padronização de peças, a fim de tornar o trabalho humano parcelado em tarefas simples e rápidas, o que aumentou a alienação do homem em relação ao processo produtivo. O intuito era reduzir a complexidade do trabalho, controlando o tempo de produção e minimizando o desperdício e assim, reduzir os custos e o preço do produto. Com o aumento da procura no mercado, haveria uma maximização dos lucros da empresa (Gounet, 1999). Portanto, ao homem que no passado criava e transformava a sua realidade restava, nesse momento, a mera submissão. A situação em que se viu, roubado em sua humanidade e fazendo parte das engrenagens do sistema de produção capitalista, foi retratada com brilhantismo em 1936 no filme “*Tempos Modernos*”, de Charles Chaplin.

No Brasil, a partir do governo desenvolvimentista de J. Kubitscheck [1956-60], iniciou-se uma grande abertura ao capital estrangeiro e à internacionalização da economia (Rocha & Nunes, 1994). Na análise de Antunes (2006), o padrão de acumulação industrial brasileiro mantinha-se sempre estruturado no tradicional processo de superexploração da força de trabalho, articulando salários baixos, prolongadas jornadas e intensificação do trabalho. Porém, no fim da década de 50, as contradições do sistema capitalista anunciavam que o Fordismo entrava em crise. Assim, aquele padrão acumulativo de produção tornava-se incompatível com a retração do consumo, algo que só acentuava a taxa decrescente de lucro (Antunes, 1999/2005). Ademais, somaram-se nesse cenário um aumento dos movimentos

sociais em 1968, nos países industrializados e que rapidamente alastraram-se pelo mundo, questionando referenciais como o valor da liberdade, o uso do corpo, o sentido do trabalho. Neste período, a confiança nas instituições do Estado e da Igreja, cada vez mais abalada, fomentava a discussão acerca do aspecto sagrado do trabalho, tão cultivado pelo pensamento cristão e que sempre sustentou o modo de produção capitalista.

Os movimentos operários na Itália, na década de 70, ganharam destaque internacional, e como resposta surgiram novas políticas sociais introduzindo mudanças na Legislação do Trabalho, no que se refere à saúde e à segurança do trabalhador. Já nos Estados Unidos, a crise do Fordismo era agravada por questões envolvendo a Guerra do Vietnã e o aumento da pobreza, como também pela recuperação gradativa dos países da Europa Ocidental e do Japão que, com seu mercado interno saturado, buscavam saídas na exportação (Harvey, 2001). Concomitantemente, iniciava-se um processo de transferência de indústrias para os países do Terceiro Mundo, incluindo o Brasil. Tais países, devido à crise do petróleo e à recessão mundial, buscavam o desenvolvimento econômico a qualquer custo, estimulando a vinda de indústrias que gerassem divisas. No Brasil, o período de 1964 a 1974, iniciado com o golpe militar, foi considerado a fase do “milagre econômico”, quando se observava que, paralelamente ao crescimento da economia, ocorria um forte arrocho salarial dos trabalhadores e um massacrante controle do movimento sindical. Nesse cenário, as condições de saúde dos trabalhadores eram tão graves que, no início da década de 70, o país foi considerado o recordista em acidentes de trabalho. A partir de 1974, no país, se iniciou uma grande crise interna que, associada à crise internacional (do petróleo), trouxe consequências como a queda nas exportações e o aumento das grandes greves (Rocha & Nunes, 1994). Foi nesse palco de crise mundial que o sistema Fordista, a partir da década de 1950, progressivamente foi substituído por uma reorganização da produção e do trabalho, muito favorável à ideologia neoliberalista - o Toyotismo - que, como salienta Antunes (1999/2005), era apenas uma solução superficial para combater a crise, já que propunha uma mutação no padrão de acumulação do capital e não uma transformação no modo de produção. O modo de produção capitalista deu início a um

[...] processo de reorganização das suas formas de dominação societal, não só procurando reorganizar em termos capitalistas o processo produtivo, mas procurando gestar um projeto de recuperação da hegemonia nas mais diversas esferas da sociabilidade. Fez isso, por exemplo, no plano ideológico, por meio do culto de um subjetivismo e de um ideário fragmentador que faz apologia ao individualismo exacerbado contra as formas de solidariedade e de atuação coletiva e social (Antunes, 1999/2005, p. 48).

O Toyotismo substituiu os clássicos padrões de acumulação, criando métodos mais flexíveis, compatíveis com a realidade japonesa que necessitava de um modelo que atendesse tanto necessidades e limitações do país, como também a demanda do mercado internacional. Em resposta à retração do consumo, a produção não era realizada em massa, ao contrário, era variada e heterogênea, sendo principalmente determinada pela demanda. Outra característica do modelo se relacionava com o fato de o trabalho não ser individualizado e, portanto, uma equipe operava um sistema ainda mais automatizado. O trabalhador, não mais desqualificado deveria ser polivalente, pois operava várias máquinas e diferentes sistemas do processo. Os salários, entretanto, não se mostravam compatíveis à qualificação do profissional (Antunes, 1999/2005; Gounet, 1999).

O Toyotismo, segundo a análise de Gounet (1999), só permitiu uma exploração ainda maior dos trabalhadores através da intensificação do trabalho, fruto da sobrecarga máxima de cada operário, já que este se dividia entre várias máquinas diversificadas ao mesmo tempo. Do trabalhador cobrava-se imensa agilidade e a redução dos “tempos mortos” (*just-in-time*), além das tarefas de controle de qualidade da produção e de manutenção das máquinas (sistema *kanban*). Somando a essa configuração de máxima exploração dos trabalhadores, os salários tornavam-se mais reduzidos e a proteção social nas fábricas mais degradada devido à introdução da terceirização. Sobre as condições sociais nas pequenas fábricas terceirizadas, Gounet (1999) critica serem ainda piores, pois dividem os trabalhadores, dificultando-lhes a organização de luta por melhores condições de trabalho.

Foram às custas da reestruturação do controle da produção e do trabalhador e da intensificação da jornada de trabalho, a partir da segunda metade da década de 1980, com a recuperação parcial da economia, que houve a ampliação das inovações tecnológicas, com a automação e a microeletrônica, algo que traria novas repercussões às condições de vida do trabalhador. Conforme os sistemas tecnológicos foram avançando e influenciando as formas de organização dos trabalhos, maior se tornou a alienação do trabalhador, na análise de Antunes (2006). Assim, a partir de 1990, o receituário toyotista estava consolidado: subcontratações, terceirização da força de trabalho, descentralização das indústrias, rebaixamento dos níveis salariais, caracterizando-se um processo que passou a ser denominado como *liofilização organizacional* por Juan José Castilho (Antunes, 2006). Diante de transformações tão avassaladoras nos modos de viver e trabalhar, o homem se viu preso a uma cultura da sobrevivência (Harvey, 1993; Lasch, 1983).

Contribuindo, portanto, para caracterizar a era atual como inconsistente, fluida, de extrema instabilidade, nomeada pós-modernidade, ou *modernidade líquida* como sugere Bauman

(2001), o mundo do trabalho no século XXI é um cenário em constante mutação dos processos de produção e organização, sempre acompanhando as reestruturações do sistema de mercado. Ganham importância as tecnologias de automação e informação e os processos da mundialização e flexibilização das economias.

Entre recentes e antigas questões que alarmam os debates e estudos da área, destacam-se cada vez mais a fragilização e a precarização das relações de trabalho (Antunes, 1999/2005, 2005; Antunes & Alves, 2004; Pochmann, 2004), sempre aliada à inexpressividade das forças sindicais. No outro extremo, identificam-se a necessidade da hiperqualificação e flexibilização do profissional, cada vez mais impulsionada pelas exigências do mercado competitivo e pelo enxugamento das vagas de emprego (Pochmann, 2004, 2006). Observou-se também um deslocamento do perfil de doenças e morbidades causadas pelo trabalho, sendo as doenças profissionais clássicas substituídas pelas “doenças relacionadas com o trabalho”. Entre elas, Dejours (2007) destaca as patologias de sobrecarga (*burn out*, *karôshi*, disfunções musculoesqueléticas), as patologias pós-traumáticas, as patologias de assédio, as depressões e tentativas de suicídio.

As análises psicossociais constantemente se remetem às elevadas taxas de desemprego e ao crescimento desenfreado da informalidade, do subemprego e da terceirização (Antunes, 2005; Pochmann, 2004, 2006) o que gerou grande impacto nos trabalhos e nas carreiras que se tornam cada vez mais heterogêneas, fragmentadas e menos coletivas (Ribeiro, 2011). Entre os grupos sociais mencionados como aqueles que mais têm sofrido os impactos da precariedade e da vulnerabilidade psicossocial envolvidas nas relações com o trabalho, destacam-se os jovens que, com base nas políticas públicas brasileiras, têm sido divididos em três faixas etárias: adolescentes de 15 a 17 anos, jovens de 18 a 24 anos e jovens adultos de 25 a 29 anos (OIT, 2009). Por “vulnerabilidade” entende-se a situação de “exposição potencial maior a riscos de diversas naturezas – sociais, econômicas, políticas, culturais, entre outras – que implicam o enfrentamento de diversos desafios” (Camarano, Mello, Pasinato, & Kanso, 2004).

Carreiro (2009), estudando a população jovem, ao final do Ensino Médio, de famílias com escassez de recursos financeiros, identificou a situação desses jovens como de desamparo, uma vez que se sentem cobrados por seus pais a enfrentarem o desafio de conciliarem trabalho e estudo e, por outro lado, ainda são pouco incentivados pela escola pública, que não lhes oferece mecanismos eficientes para ajudá-los no enfrentamento da transição escola-trabalho. É conveniente ressaltar que, ações governamentais, em termos de planejamento e de implantação de políticas públicas, visando ao atendimento da população juvenil (entre 15 e 24 anos de idade) apenas passaram a ganhar relevância no cenário brasileiro a partir do fim da

década de 90, quando se evidenciou que este segmento se encontrava em situação de extrema vulnerabilidade diante das transformações na ordem capitalista mundial (Velasco, 2006).

Em pesquisa com jovens à procura do primeiro emprego, Wickert (2006) observou que estes têm se “agarrado” a qualquer atividade como forma de inserção no sistema de trabalho frente à ausência de chances de escolha, renunciando a qualquer sonho de realização profissional. Segundo Wickert (2006), estes jovens muitas vezes se culpabilizam por se sentirem desqualificados ou por terem formação insuficiente ou inadequada. Por outro lado, Pochmann (2004), salienta que, à medida que o nível de escolaridade da população de baixa renda aumenta, observam-se indicadores cada vez mais expressivos de desemprego. Ademais, diante da escassez de vagas de trabalho e do excedente de mão-de-obra, o que acaba se evidenciando é, em primeiro lugar, a discriminação da população de baixa renda.

Diante desse contexto, Ribeiro (2011) está entre os autores que alertam que o quadro atual, por ter instaurado uma situação de vulnerabilidade psicossocial para uma parcela considerável da população economicamente ativa, fez com que o valor de centralidade do trabalho perdesse muito de sua potência estruturante. Entretanto, é difícil pensar que o trabalho deixará de ser central no modo de produção capitalista, onde esta atividade gera sobrevivência e quando se instiga tanto que o tempo livre do trabalhador seja ocupado pelas mais diversas formas de consumo (Antunes & Alves, 2004). Reconhece-se, no entanto, a importância do trabalho para as trajetórias pessoais, sobretudo porque, instalado na área intermediária entre indivíduo e sociedade, o trabalho pode ainda oferecer experiências sociais de troca que proporcionam significado de existência ao “si mesmo”, sustentando a saúde mental, um viver criativo e, mais amplamente, a construção da sociedade (Dejours, 2004; Veronese, 2006).

2.2 A relação entre trabalho e construção da subjetividade

Não obstante as transmutações do mundo do trabalho, fomentadas pelas novas particularidades de objetivação do capitalismo, defende-se que na sociedade atual o trabalho mantém papel de centralidade na vida adulta, considerando seu caráter de proporcionar diferentes formas de sociabilidade (Antunes, 2005, 2006; Ribeiro, 2010). Em sua forma mais elementar de ação, permite não só transformar a natureza e se autotransformar mas, como produto e produtor, modificar as relações dentro da sociedade (Dejours, 2004, 2007; Ribeiro, 2010). Diferentes áreas, como a Sociologia (Antunes, 2005; Dubar, 2005), a Psicologia do Trabalho (Dejours, 1994, 2004, 2007), a Psicologia da Orientação Profissional (Bohoslavsky, 1977/2007; Coutinho, Krawulski, & Soares, 2007; Guichard, 2005; Ribeiro & Uvaldo, 2011; Savickas, 2005) concordam que o

trabalho participa da construção da subjetividade humana, incluindo os processos de formação da identidade. Frente às teses que apregoam sua finitude para a vida humana, analisa Antunes (2005, p. 13):

[...] o trabalho permanece como referência central, não só em sua dimensão econômica, mas também quando se concebe o trabalho em seu universo psicológico, cultural e simbólico, fato perceptível quando se analisam as reações daqueles que vivenciam cotidianamente o flagelo do desemprego, do não-trabalho, do não-labor.

Ribeiro e Lehman (2006) destacam o papel que a atividade do trabalho mantém sobre os processos da construção da subjetividade, entendendo-a como um processo “artesanal” que se inicia nos espaços potenciais possibilitados pela família, mas que não se encerra jamais, contribuindo para alimentar no homem a sensação de incompletude e a busca por soluções. O ser humano não nasce “sendo”, mas “torna-se” à medida que vai se constituindo em sua subjetividade, através de experiências e relações, ao longo do tempo e do espaço, na vida privada e pública, no ócio, no lazer e no trabalho. Os processos que envolvem a construção da subjetividade humana, portanto, são profundamente influenciados pelas articulações dinâmicas, dialéticas e intermináveis que ocorrem entre a biografia de cada pessoa e seus contextos sociais e culturais, e que se alteram ao longo da história. Desse modo, considerando os processos de interdependência entre homem e meio, necessariamente a subjetividade também vai sendo modificada e construída na vivência do trabalho (Dejours, 1994, 2004, 2007).

O ato do trabalho engendra processos relacionais entre indivíduo e sociedade onde se criam experiências, objetivas e subjetivas, e novas necessidades, embora sempre assumam peculiaridades em cada contexto social. Tais processos sustentam a vida em sociedade, ao mesmo tempo em que abrigam sujeitos individuais que agem sobre o mundo de forma a apreendê-lo e a transformá-lo. Para Veronese (2006) é exatamente por isso que o trabalho e suas relações revelam tanto sobre os “jeitos de ser” de cada indivíduo em sociedade.

Winnicott (1975a), como mencionado, ao assinalar o entrelaçamento homem-contexto, descreveu o conceito de *espaço transicional* como sendo uma zona intermediária, entre mundo objetiva e subjetivamente percebido, onde a criança realiza a experimentação de um viver criativo. Este conceito permite compreender que na vida adulta essa área, representada psiquicamente, está localizada no espaço potencial que une e separa indivíduo e sociedade. Essa zona intermediária, onde ocorrem as experiências culturais, configura-se como o lugar em que o indivíduo pode “ser” e “atuar” de modo singular na construção de sua identidade e na criação de um mundo compartilhado (Winnicott, 1975b). A condição do indivíduo de ser criador e

criatura é também expressa por meio de seu trabalho (Dejours, 2004, 2007; Ribeiro, 2009; Schmidt, 2004). Partindo desse referencial, Schmidt (2004) destaca a importância do trabalho enquanto meio de possibilitar a sustentação de identidades, “jeitos de ser e de existir” em sociedade. É vital não só para a sobrevivência, mas como forma de contribuir para a construção do mundo e garantir um “lugar” de existência neste. Não é à toa que diante da falência da confiança no trabalho enquanto espaço potencial de experimentação, surgem padrões de funcionamento mental de mera adaptação e submissão, sem possibilidades de atuação criativa, sendo comum sentimentos relacionados à solidão, desamparo, desespero e sensação de desenraizamento. Sentimentos também identificados em situação de desemprego (Dejours, 2007; Schmidt, 2004) e, muitas vezes, na experiência da aposentadoria (Costa & Soares, 2009).

Por um viés winnicottiano, assim, o trabalho pode ser compreendido em seu aspecto psicossocial como equivalente ao jogo da criança ocorrido no *espaço transicional* (Winnicott, 1975a, 1975c), onde as expressões simbólicas e criativas auxiliam na construção de sua identidade pessoal e do mundo ao redor. Esta analogia entre criança-jogo e homem-trabalho, pode ser apreendida da Teoria Psicodinâmica do Trabalho, proposta por Christopher Dejours (Veronese, 2006). Na concepção do autor, o trabalho reúne a oportunidade de experiência do contato do “si mesmo” com a realidade, situação que implica tanto no engajamento corporal, como também na mobilização do pensar e do sentir. O ato de trabalhar exige a capacidade do homem de interpretar e reagir às situações e, também, de criar estratégias de enfrentamento frente ao impacto causado diante de suas limitações, sempre emergidas no contato com a realidade (Dejours, 2004, 2007). Para o autor, o indivíduo busca a autorrealização no trabalho, mas também o prazer por se sentir contribuindo para a construção do mundo, embora seja inevitável o hiato existente entre o que está prescrito e aquilo que, no contato com a realidade, se efetiva no trabalho (Dejours, 2004).

Esse reconhecimento, pelo sujeito, da distância existente entre a prescrição e a realidade, revela-se sob a forma de um fracasso do conhecimento, da técnica, do saber-fazer, gerando sofrimento psíquico. Embora esse sofrimento produza uma ruptura na ação, isso não necessariamente se traduz no “fim do processo” que integra a subjetividade do homem ao seu trabalho, pois pode se tornar o novo “ponto de partida”, a origem da condição do pensar na busca de novos meios para transformar o mundo (Dejours, 2004).

Trabalhar supõe antes de tudo poder tolerar esse sofrimento até que a via para superar o obstáculo tenha sido encontrada. É preciso experimentar, tentar, de novo fracassar, meter-se em becos sem saída. Porque afinal é da capacidade de suportar o sofrimento e da obstinação que vem a solução. É da capacidade do sujeito tolerar esse

sofrimento que depende o talento para encontrar soluções e novos caminhos para superar os obstáculos que o real opõe à realização da tarefa (Dejours, 2007, p. 18).

O trabalho assim põe à prova a subjetividade humana e neste sentido a mesma sempre se transforma. Trabalhar, portanto, não se reduz a produzir mas implica involuntariamente na constante transformação do eu, participando da construção das identidades. Nesse processo dinâmico, o reconhecimento do meio social mantém extrema importância (Dejours, 2004, 2007).

No que se refere à importância do trabalho sobre os processos da construção da identidade, Bohoslavsky (1977/2007) destacou o que denominava como a *identidade ocupacional*. Para construir este conceito, amparou-se tanto na concepção de Erikson (1950/1998) de que a identidade pessoal se constitui ao longo do desenvolvimento psicossocial do indivíduo; como nas fases do desenvolvimento vocacional de Super (1957). Para Bohoslavsky (1977/2007) a identidade pessoal e a *identidade ocupacional* têm suas origens no esquema corporal, ou seja, na autopercepção do indivíduo a partir das relações dialéticas estabelecidas com o meio. Sempre influenciada pelas expectativas (internas, da família e da sociedade) de desempenho de papéis relacionados ao trabalho, a formação da *identidade ocupacional* configura-se com um processo dinâmico, que se relaciona diretamente com a possibilidade de o indivíduo ter integrado suas diferentes identificações, reconhecendo em si o que é “capaz de fazer”, “de que modo” e “em que contexto”. O processo de aquisição da *identidade ocupacional* ocorre, na visão do autor, ao longo de toda a vida, envolvendo diferentes momentos do desenvolvimento do indivíduo e a sua relação com a vida ocupacional, incluindo desde o brincar na infância, seguido da fase dos investimentos nos estudos e, na vida adulta, o investimento no trabalho.

Por esta perspectiva, Bohoslavsky (1977/2007) apoiou-se no modelo de Donald Super¹² que previa o desenvolvimento vocacional ocorrido segundo estágios. Na primeira fase do desenvolvimento até os 14 anos (Crescimento) ocorreria a *Escolha Fantasta*. Assim, inicialmente há o predomínio das fantasias em função das necessidades básicas da criança (por meio do brincar) depois, com o tempo, ela adquire a capacidade de se referir aos seus “gostos”, demonstrando interesses por determinadas atividades e pessoas. Em função da escolarização, os adolescentes passam a reconhecer em si determinadas habilidades. Nessa

¹² Em um primeiro momento, a ênfase dos estudos de Super (1957) recaía sobre o desenvolvimento da carreira profissional (“Teoria do Desenvolvimento de Carreira”), porém a partir de reformulações que culminaram com a “Teoria ao Longo da Vida e dos Espaços de Vida” – “*Life-Span, Life-Space Theory*” (Super, 1990), o autor passou a considerar uma articulação mais complexa entre a construção da carreira e os diferentes papéis sociais exercidos no curso da vida (Oliveira, Melo-Silva, & Coleta, 2012).

etapa do desenvolvimento, a construção do autoconceito assenta-se basicamente sobre os processos de identificação. A segunda etapa, que se estende dos 15 aos 24 anos (Exploração), caracteriza-se pela *Tentativa de escolha*, quando o autoconceito não é só sustentado pelas identificações, mas pelo desempenho de papéis. Inicialmente ocorre a fase das tentativas, quando escolhem papéis ainda com base em suas fantasias. Em seguida, há um período de transição, quando são capazes de ponderar sobre seus interesses, mais pautados em dados realísticos. A partir daí, ocorrem ensaios em relação às áreas de interesse. Bohoslavsky (1977/2007) aponta que, a partir deste período da vida, surgem as “crises vocacionais”, sobretudo nos momentos de transição como, por exemplo, da universidade para o mercado de trabalho. A *Escolha Realista* ocorreria no que corresponde às etapas seguintes do desenvolvimento (Estabelecimento, Manutenção e Declínio). Inicialmente, identificam-se as experimentações dentro das áreas de atuação profissional, incluindo escolha de cursos, estágios ou tipos de trabalho. Segue-se a fase de estabilização, quando a partir da confiança no que vem sendo construído, a pessoa atua com mais segurança e criatividade. Depois, inicia-se um processo de desaceleração e de preparação para a aposentadoria. Na concepção de Bohoslavsky (1977/2007) só se pode pensar que o sujeito tem uma *identidade ocupacional* quando o mesmo se torna capaz de integrar todas as suas diferentes identificações e autoconceitos.

Bleger (1977/2007, p. XXV) enfatiza a grande contribuição de Rodolfo Bohoslavsky pelo fato do referido autor defender a importância das investigações e práticas no campo da Orientação Profissional se preocuparem em “formar sujeitos com identidade. E não modelados pela adaptação a um sistema alienado – *o que se faz* (trabalho) deve coincidir com *o que se é*”. Em formulações posteriores, Bohoslavsky (1983a, 1983b) explicita a necessidade de a área considerar mais criticamente o quanto os modos de produção e o sistema social se impõem ao sujeito e como este sustenta, transmite e dialeticamente o transforma, sendo, portanto, responsável pela construção desta realidade. Em sua perspectiva, os estudos e práticas da área não devem sustentar projetos profissionais que negligenciem o contexto histórico e social, bem como os mecanismos ideológicos subjacentes. Questionando as implicações dos sistemas produtivos sobre as relações de trabalho, convoca a área a pensar na importância de se auxiliar o homem na transformação do mundo por meio de seu trabalho, sempre com comprometimento e responsabilidade social e política (Bohoslavsky, 1983a, 1983b).

Em concordância com os apontamentos de Rodolfo Bohoslavsky a respeito da postura ética e socialmente comprometida que a área deve preservar ao considerar o contexto

histórico, convém ponderar que diante das transformações vertiginosas do mundo do trabalho, alguns conceitos e noções, inclusive propostos pelo próprio autor por volta da década de 1980, necessitam de ser repensados e, talvez, ressignificados. Na época em que desenvolveu seus estudos e práticas, projetar-se no futuro para aquele adolescente implicava em pensar sobre o desempenho de certos adultos, uma vez que o jovem pensa no futuro procurando personificá-lo a fim de torná-lo palpável, concreto (Bohoslavsky, 1977/2007). Entretanto, como sugerem Bauman (2001) e outros pensadores pós-modernos, será que diante de uma era cujo tempo presente se mostra fluido, imprevisível, é possível pensar em “quem ser”, ou mesmo, planejar e estabelecer projetos? Outro sociólogo Sennett (1999/2006) chama a atenção para o quanto a ênfase na flexibilização e no investimento em trabalhos de curto prazo dificultam que as pessoas possam estabelecer relações significativas e construir uma biografia coerente.

Como se podem buscar objetivos de longo prazo numa sociedade de curto prazo? Como se podem manter relações sociais duráveis? Como pode um ser humano desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos? As condições da nova economia alimentam, ao contrário, a experiência com a deriva no tempo, de lugar em lugar, de emprego em emprego (Sennett, 1999/2006, p. 27).

Em sua visão, diante das novas formas de relação com o trabalho, a formação do caráter do trabalhador vem sendo corroída, visto que esse processo envolve qualidades estáveis que sempre ajudaram os homens a se associarem uns aos outros, como a confiança, a lealdade, o comprometimento, a cooperação, sustentando assim suas identidades (Sennett, 1999/2006). Na mesma direção, considerando que o trabalho exerce função constitutiva do caráter, e mais amplamente da sociedade, Siqueira (2009), ao analisar a sua formação frente às mutações do mundo do trabalho, destacou a vulnerabilidade subjetiva do homem atual também em função do descrédito às leis que se mantinham como referenciais importantes para a construção da identidade e da alteridade.

A respeito das contradições inerentes na relação entre homem e trabalho na atualidade e o quanto isso repercute diretamente na subjetividade e nos processos de construção das identidades, Coutinho, Krawulsky e Soares (2007) e Coutinho (2009) apontam para a importância de se pensar quais articulações ainda são possíveis de serem realizadas entre o conceito de identidade e de trabalho, tendo em conta o atual contexto tão transitório e descontínuo. Os autores sugerem como possível saída a articulação entre os conceitos de identidade e o de identificação, a fim de reiterar a ideia de processualidade que marca a formação da identidade. Convém retomar que o conceito de identificação, a partir da perspectiva freudiana, prevê um processo psicológico no qual o

indivíduo “apreende” do outro, em suas relações objetivas e subjetivas, e a partir de suas experiências com este modelo, o sujeito se transforma ininterruptamente. Nesse sentido, Coutinho, Krawulski e Soares (2007) consideram que é a partir dos processos identificatórios, os quais se mantêm em constante mudança, que emergem as possibilidades de identidade e que se expressarão nas relações com o mundo. As autoras também dialogam com conceitos do sociólogo português Santos (2005 citado por Coutinho, Krawulski, & Soares, 2007), analisando a identidade sustentada a partir das “identificações em curso” constituídas pelas diversas experiências e relações durante a vida, e que vão se transformando sempre em busca de se manter uma coerência com a construção de uma biografia própria.

A relação entre trabalho e identidade, também é analisada pelo sociólogo francês Claude Dubar, que procura ultrapassar a polarização muitas vezes existente entre as análises preponderantemente essencialistas, focalizadas nas dimensões individuais e psicológicas; e aquelas investigações muito relativistas, que desconsideram a identidade biográfica, ocultando singularidades e diversidades (Dubar, 1998). O autor considera as dimensões sociais e individuais, objetivas e subjetivas, ao propor que as “formas identitárias” articulam-se e se alicerçam em dois processos principais. Um deles, entendido como biográfico, sustenta a “identidade para si” (identidade biográfica) a qual é reconhecida pela reconstrução subjetiva que o sujeito faz de si ao contar sua história. Esta identidade é construída com base no que é almejado pelo indivíduo, ou seja, em suas expectativas e idealizações (“aquilo que eu devo ser”). O outro processo é relacional e sustenta a “identidade para outrem” (identidade estrutural) a qual reconhece o indivíduo em seu campo social de referência, assinalando “quem ele deve ser”. Tais processos articulados geram contradições, conflitos, crises com os quais todos se deparam e o que, muitas vezes, pode se traduzir em posicionamentos de mera reprodução ou, ao contrário, de construção (Dubar, 1998, 2005). Esse jogo entre os processos relacionais e biográficos pode ser reconhecido nas relações com o trabalho e nas trajetórias que os indivíduos desenharam ao longo da vida. Mais recentemente, Dubar (2011) analisa que as crises de identidade relacionadas à área do trabalho não são novas porém a “[...] exigência desse novo individualismo performático e desse duplo vínculo (“torne-se autônomo”), desse culto ao desempenho e da competição (“seja o melhor”), dessa singularidade distintiva (“seja você mesmo”)” (Dubar, 2011, p. 180) são determinações que desencadeiam novas crises e muito sofrimento entre as pessoas que podem não encontrar outras formas, além da via do trabalho, de restabelecer a autoestima e o reconhecimento do outro, tão indispensáveis à saúde.

Tendo em conta as influências recíprocas entre as relações de trabalho e a subjetividade (incluindo a construção das identidades) considerou-se importante discutir como o campo da

Orientação Profissional tem considerando a construção das trajetórias de carreira diante das atuais exigências de um mundo do trabalho flexibilizado.

2.3 A área da Orientação Profissional e a construção das trajetórias de carreira na contemporaneidade

No fim da década de 80, estudo realizado no Brasil por Lehman (1988) a respeito da aquisição da identidade vocacional em uma sociedade em crise pesquisou gerações de pais e filhos que escolheram a mesma carreira profissional liberal. A investigação partiu da necessidade de se compreender por que adolescentes optavam por seguirem a profissão paterna ou materna. Entre os fatores identificados que contribuíam para a situação, a autora apontou as transformações que já vinham ocorrendo neste período no país, no nível educacional e profissional, e que atuavam como entraves para o estabelecimento de projetos mais autônomos por parte dos filhos. Frente às exigências do mercado de trabalho, o “apadrinhamento” oferecia saída para uma melhor inserção dos filhos no mundo laboral. Menciona-se o estudo de Lehman (1988) como exemplo não apenas por se tratar de assunto pertinente à presente investigação – a influência parental sobre as trajetórias de carreira – mas também porque as conclusões da autora remeteram, já no fim da década de 1980, às questões relacionadas às dificuldades de se implementarem projetos que atendessem às demandas pessoais frente às exigências do mundo laboral, mesmo no que se refere às carreiras de nível superior.

Nessa direção, Ribeiro e Lehman (2006), dialogando com pressupostos teóricos de Bohoslavsky (1977/2007), entre eles o conceito de *identidade ocupacional*, argumentam que esse conceito precisa ser revisto, visto que, diante das constantes mutações do mundo do trabalho e das imprevisibilidades a que estão submetidos os empregos, as carreiras profissionais não podem mais ser entendidas como contínuas e lineares. Todavia, é importante reconhecer que a concepção de influência recíproca entre homem e realidade social foi ressaltada por Bohoslavsky (1977/2007; 1983b) destacando que as escolhas profissionais se sustentam pelo interjogo de determinações subjetivas e contextuais, envolvendo o desempenho de papéis relacionados a trabalho e a profissão (Almeida, 2009; Uvaldo, 2010). Pelo esquema a seguir, o autor salienta que:

Quadro 1. Esquema proposto por Bohoslavsky (1977/2007)

[...] as setas vão e vêm para sublinhar o fato de que a pessoa não é somente “moldada” nessas instituições, mas que, ao mesmo tempo, por sua própria presença, as molda. Ou seja, que o comportamento é expressão do contexto mais amplo, mas em função de uma dialética, e não linear. O adolescente não está condicionado passivamente pela escola, nem pela família, nem pelo trabalho” (Bohoslavsky, 1977/2007, p. 25).

Embora, o autor considerasse que o indivíduo se constrói e, dialeticamente, transforma o mundo a partir das relações que estabelece consigo próprio e com o meio no qual está inserido, cumpre considerar que os modelos institucionais que ajudavam a sustentar a vida (ordem familiar, educacional e de produção) vêm sofrendo intensas transformações. Isso repercute diretamente sobre os processos de construção da identidade, sendo ainda mais difícil antever situações futuras, assim como apontava o autor: “para o adolescente, o futuro é uma carreira, uma universidade, professores, colegas etc. Não é um futuro abstrato, mas personificado e, ao mesmo tempo, desconhecido (Bohoslavsky, 1977/2007, p. 25). Concorde-se que se deve questionar se tais modelos de desempenho de papéis adultos são ainda adequados à construção das trajetórias de carreira, tendo em conta não só as diferentes realidades socioeconômicas e educacionais, como também as rupturas de referenciais e padrões estáveis que não atendem mais às exigências de flexibilidade da vida no trabalho. Também é válido reconhecer que os estágios do desenvolvimento em que se embasava Bohoslavsky (1977/2007), como se destacou, foram revistos por Super e sua equipe de pesquisadores (Super, 1990; Super, Savickas, & Super, 1996) tendo em conta a necessidade de se entender as situações de revisões de trajeto profissional e de trabalhos, as crises de diversas naturezas, as dificuldades de inserção no mundo laboral e, até

mesmo, as questões referentes à aposentadoria mediante o aumento da qualidade e da expectativa de vida.

Em formulações¹³ posteriores, Bohoslavsky (1983b) reconsiderou que as práticas da área naquela época restringiam-se aos adolescentes com condições socioeconômicas de acesso ao Ensino Superior, portanto, às classes média e alta da sociedade. Para o autor a área atuava acriticamente, expressando uma ideologia dominante, negando que seu campo de atuação deveria requerer à

[...] análise de problemas como o da identidade, o da articulação entre o individual e o social, o da possibilidade da escolha, o das restrições da liberdade de opção entre cursos e/ou trabalhos diferentes, o do caráter restrito ou classista de sua prática, o da problemática filosófica do “projeto pessoal” [...] (Bohoslavsky, 1983b, p. 46).

Paulatinamente, no Brasil, a área da Orientação Profissional foi se expandindo, deixando de se correlacionar estritamente às encruzilhadas de vida do adolescente de classe média e alta. Assim, por se instalar neste campo em que o trânsito entre os processos de continuidade e descontinuidade do mundo do trabalho alteraram-se de modo notável, provocando repercussões importantes nos projetos de carreira nas trajetórias de jovens e, também, de adultos, tornou-se imprescindível às áreas que estudam as relações entre homem e trabalho, indagarem-se a respeito de como tem se processado a vida no trabalho na contemporaneidade. Frente a tal cenário do universo laboral, Ribeiro (2009, p. 209) convoca a área a se posicionar: “O contexto atual gera insegurança, mas também oportunidades. Não se deve focar somente na fragmentação causada pela flexibilização da organização do trabalho, mas também olhar para as novas formas de carreira e as novas maneiras de analisá-la”.

Destacando as tentativas de resposta da área às novas demandas sociolaborais, é possível reconhecer que, ao longo do tempo, tem havido um esforço para se desenvolver reformulações teóricas e novas concepções que possam abranger as complexas mudanças que têm envolvido as relações pessoa-trabalho (Ribeiro, 2009). Como mencionado, a “Teoria ao longo da Vida e dos Espaços de Vida” de Super (1990), ao adotar a compreensão de carreira como uma articulação dos inúmeros papéis sociais exercidos pelas pessoas ao longo de suas vidas, envolvendo processos de adaptação recíproca eu-mundo, pode ser reconhecida como um esforço para responder as demandas por flexibilidade (Guichard & Huteau, 2001; Oliveira, Melo-Silva, & Coleta, 2012;

¹³ Em sua obra anterior “Orientação Vocacional; a estratégia clínica” (Bohoslavsky, 1977/2007), o autor propõe um esquema conceitual, referencial e operativo”. Em suas palavras “operativo é aquele esquema que não só permite atuar sobre o campo real para modificá-lo, mas também sobre si mesmo para revisá-lo, criticá-lo, modificá-lo ou abandoná-lo” (Bohoslavsky, 1983b, p. 47). Assim, o autor reconhece a necessidade de revisão em sua obra, considerando que a autocrítica sempre deve fazer parte do processo de construção do conhecimento.

Ribeiro, 2011). A fim de esquematizar sua teoria, Super (1990) fez uma representação gráfica em formato de arco-íris a fim de integrar o desenvolvimento do indivíduo e a articulação de seus diferentes papéis sociais no curso da vida. Esses papéis a que se referiu são: filho; estudante; a pessoa no lazer; cidadão; trabalhador/desempregado; a pessoa no trabalho doméstico. Posteriormente, acrescentou os papéis: cônjuge; pai/mãe; aposentado. Nem todos os papéis mencionados são ocupados pelas pessoas ao longo de suas vidas, sendo que também há outros, não explicitamente apontados pelo autor. Muitos papéis podem ser desempenhados simultaneamente, sendo complementares, suplementares, neutros ou mesmo contraditórios (Oliveira, Melo-Silva, & Coleta, 2012). Em virtude dos diferentes investimentos realizados em cada momento da vida, o autor considerou que esses papéis podem competir entre si, ocasionando grandes conflitos. De modo geral, o autor destaca a necessidade de se compreenderem os sentidos atribuídos a cada papel, em cada momento e nos diferentes contextos sociais. Também se destacou na obra de Super (1990) o constructo de *maturidade de carreira*, o qual se refere à prontidão de cada indivíduo para realizar tarefas e tomar decisões pertinentes aos contextos em que se encontra e aos papéis que desempenha.

Ainda refletindo sobre o avanço da área na tentativa de compreender como o indivíduo pode alicerçar sua vida através do trabalho, destaca-se o modelo desenvolvimentista contextualista representado por Vondracek (2004) e pesquisadores que, com base na Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano de Urie Bronfenbrenner, ampliou a perspectiva de análise ao considerar o *desenvolvimento vocacional* como resultado das relações recíprocas ocorridas entre o desenvolvimento do indivíduo e seu contexto, onde ambos modificam-se mutuamente. Também ganharam destaque as investigações de referencial construtivista, coordenadas por Richard Young e sua equipe de pesquisadores (Young 2001/2002; Young & Valach, 2008). O autor desenvolveu a Teoria da Ação em Contexto, na qual a noção de *projeto de carreira* comporta dimensão social, construída na relação dialética com o meio, e a dimensão subjetiva e pessoal. Nesse sentido, a construção da *carreira*, para o autor, é uma ação psicossocial empreendida pelo indivíduo sobre seu contexto, ao mesmo tempo em que contribui para a construção de sua realidade (Young 2001/2002; Young et al., 2001; Young & Valach, 2008).

Buscando contemplar tantas transformações do mundo do trabalho, em 2006, pesquisadores, com representantes de diversos países, criaram o *Life Design International Research Group* (Savickas et al., 2009). Os autores argumentam sobre a necessidade de as teorias e os processos interventivos da área da Orientação Profissional auxiliarem o indivíduo a se desenvolver e se adaptar dinamicamente em múltiplos contextos, em diversos papéis, a fim de construir sua vida por meio do trabalho. Assim, se o cenário atual é multifacetado, marcado por

um constante e acelerado processo de mutação, não há como pressupor a estabilidade das carreiras e dos empregos, tampouco que as necessidades individuais e os interesses profissionais não se modificarão no contato com tal realidade (Savickas et al., 2009). Nesse sentido, Duarte (2009) aponta que a carreira profissional deixou de “pertencer” à organização, tornando-se responsabilidade do indivíduo.

Pautado no referencial construtivista e agregando contribuições de Guichard (2005), o modelo do *Life Design* (Savickas et al., 2009) entende que o indivíduo contemporâneo deve se implicar em uma contínua reflexão sobre si próprio (identificando fatores motivacionais e objetivos que estão em acordo com seu sistema de valores) e sobre os contextos em que atua, planejando e implementando ações autogestoras de suas carreiras. Considerando que, atualmente, a carreira não é linear e que pode envolver diferentes papéis e cenários de atuação, Guichard (2005) analisa que, cada vez mais, o que se evidencia é um processo interminável de construção de “formas identitárias”. Assim, Guichard (2005), embasando-se em formulações de Dubar (1998), sociólogo anteriormente referido, incorpora a noção de que as identidades se constroem assentadas nos dois processos, o biográfico (campo subjetivo) e o relacional (campo social). Outro pilar importante do modelo do *Life Design* são os conceitos da Teoria da Construção da Carreira de Mark L. Savickas, que originalmente integra as perspectivas desenvolvimentista-contextualista e construtivista, e que enfatiza a ideia de que as carreiras não estão prontas à espera de serem reveladas. Ao contrário, são desenvolvidas pelos indivíduos ao longo de suas vidas, na medida em que estes realizam escolhas e tomam decisões. Assim, vão construindo trajetórias que expressam significados e autoconceitos que possam dar forma aos seus *temas de vida* (Savickas, 2005). Desse modo, a carreira construída pelo homem, na perspectiva de Savickas (2005), é uma carreira subjetiva, pois agrega mais que o somatório de experiências vividas durante a vida. Inclui, na realidade, todas as representações atribuídas a tais experiências, as quais se associam às histórias do passado, às experiências presentes e às expectativas de futuro. Para o autor, o fio condutor que une essas experiências são os *temas de vida* de cada um (Savickas, 2005).

Os processos de construção da carreira subjetiva resultam da incorporação de três dimensões (Savickas, 2005). A primeira se refere à concepção de uma *personalidade vocacional* que envolve necessidades, habilidades/capacidades, interesses e valores de cada indivíduo que lhes servem de estratégias para o desenvolvimento e para a construção da carreira subjetiva. Apesar de ter sido influenciado por teorias tipológicas de Holland ou Lofquist e Dawis, observa-se que o autor não compreendia tais características como padrões estruturais a serem enquadrados a profissões específicas. A segunda concepção refere-se à noção de *temas de vida* que, influenciada pela perspectiva de Super (1990), remete aos significados das histórias de vida de

cada pessoa e que irão determinar o “porquê” do comportamento vocacional. São as narrativas produzidas pelos indivíduos, ao contar sobre a história da construção de suas carreiras, que revelam os *temas de vida* de que os mesmos se valem para dar sentido às suas escolhas e papéis (Savickas, 2005). A terceira concepção, congruente com as novas demandas do mercado de trabalho, relaciona-se com o conceito de *adaptabilidade da carreira*, compreendendo as atitudes, crenças e competências necessárias ao processo da construção de sua carreira. O conceito relaciona-se com a prontidão para administrar resolutivamente tarefas relacionadas com planejamento, definição de metas e de condutas, ajustando-se a diferentes contextos e procurando lidar com as circunstâncias imprevisíveis das organizações de trabalho e da vida, como transições ocupacionais ou crises pessoais (Savickas, 1997, 2005).

No conceito de *adaptabilidade da carreira*, Savickas (2005) agrupa quatro dimensões que considera necessárias em termos de recursos e estratégias. São elas: (a) a preocupação/consideração (*concern*), que se refere à disposição do indivíduo para se preocupar com seu futuro, envolvendo antecipação, planejamento e preparação. Para o autor, é a condição para refletir e se questionar, o que move o indivíduo em seu processo de construção da carreira; (b) o controle, (*control*) que se relaciona com as crenças e atitudes que revelam o quanto a pessoa responsabiliza-se por construir ativamente sua carreira, tomando decisões autônomas e de modo assertivo; (c) a curiosidade (*curiosity*), que envolve interesses e comportamentos exploratórios por informações e oportunidades, além da experimentação de diferentes situações que possam testar o autoconhecimento e o conhecimento da realidade, promovendo a aprendizagem dentro da carreira; (d) a confiança (*confidence*), que se relaciona às crenças e sentimentos do indivíduo quanto a sua capacidade para se lançar em tarefas de construção da carreira, tomando decisões, implementando escolhas e atuando na resolução de problemas (Savickas, 2005). Obviamente que, na perspectiva do autor, o desenvolvimento de tais dimensões não apresenta uma linearidade, variando conforme a situação de cada pessoa em relação ao seu contexto e historicidade. Convém apontar que o modelo do *Life Design* (Savickas et al., 2009) destacou ainda uma quinta dimensão para o conceito de *adaptabilidade da carreira*, a adesão (*commitment*), que se refere à condição para se aderir a um projeto de vida, o que suplanta a noção de emprego ou de trabalho.

Assim, as novas propostas nos domínios da Orientação Profissional e de Carreira têm apontado para a necessidade de teorias e processos interventivos ajudarem as pessoas a se desenvolverem dinamicamente em múltiplos contextos, em diversos papéis. O presente estudo defende não a “mera adaptação” do indivíduo, mas o uso de seu potencial criativo na busca para dar sentidos próprios à construção de seu percurso de vida, sobretudo considerando o cenário atual de extrema fragmentação e descontinuidade. Desse modo, é de extrema importância que a

área da Orientação Profissional em seus estudos e práticas o auxilie em sua experiência psíquica de construir um “eu próprio” e integrado, preservando o sentido de continuidade em sua construção de sua biografia. No entanto, segundo Antunes (1999/2005) para não haver perda de sentido e desvitalização da atividade do trabalho, ou seja, para que se tenha a possibilidade de sentir prazer em construir a vida por meio de seu trabalho, é imprescindível o investimento em outras esferas da vida, o que inclui diferentes experiências e papéis que possam enriquecer sua condição humana, contribuindo para dar significado à existência. Porém, para o autor, isto só poderá se efetivar se forem desenvolvidas novas formas de sociabilidade

Uma sociabilidade tecida por indivíduos (homens e mulheres) sociais e livremente associados, na qual ética, arte, filosofia, tempo verdadeiramente livre e ócio, em conformidade com as aspirações mais autênticas, suscitadas no interior da vida cotidiana, possibilitem as condições para a efetivação da identidade entre indivíduo e gênero humano, na multilateralidade de suas dimensões, em formas inteiramente novas de sociabilidade, em que liberdade e necessidade se realizem mutuamente. Se o trabalho torna-se dotado de sentido, será também (e decisivamente) por meio da arte, da poesia, da pintura, da literatura, da música, do tempo livre, do ócio, que o ser social poderá humanizar-se e emancipar-se em seu sentido mais profundo (Antunes, 1999/2005, p. 177).

Assim, a despeito das transformações que vêm ocorrendo no modo de o homem se relacionar consigo próprio e com o outro, diversas áreas do conhecimento concordam quanto ao papel significativo que o trabalho continua exercendo sobre a construção da vida. Nesse sentido, convém considerar que a família, por meio dos processos de transmissões intergeracionais, participa construindo sentidos para a atividade do trabalho e influenciando as trajetórias de carreira dos indivíduos e suas escolhas nos domínios do trabalho.

Considerando que o estudo apresentado pretendeu investigar como um determinado grupo de pais da contemporaneidade tem vivenciado a construção das trajetórias de carreira de seus filhos, é importante discorrer sobre como o campo da Orientação Profissional e de Carreira reconhece a influência parental.

3 A influência da Família nas trajetórias de carreira

Considerar os fatores contextuais do sujeito, a começar pelo meio familiar, representou o início de um processo evolutivo significativo para o campo de estudos e intervenção da Orientação Profissional e de Carreira, que paulatinamente ampliou suas perspectivas de análise para além das dimensões individuais envolvidas na construção dos percursos de carreira. Na contemporaneidade, a área tem examinado mais a questão da

influência da família, principalmente dos pais, sobre o desenvolvimento e amadurecimento dos filhos, o que consequentemente implica em considerar as combinações de múltiplas variáveis familiares (estruturais e processuais) que participam da construção da vida profissional e ocupacional do indivíduo.

Sobre a “influência da família” ainda que as primeiras referências científicas datem da década de 1950 com Roe (1957), Pinto e Soares (2001) ressaltam que as pesquisas não se debruçavam sobre o tema como um objeto específico de investigação. O primeiro estudo de revisão sobre a “influência parental” realizado por Schulenberg, Vondracek e Crouter (1984), circunscrito às investigações até a década de 1980, identificou que as pesquisas mantinham-se centradas na influência dos aspectos estruturais familiares sobre o desenvolvimento vocacional dos filhos. Portanto, ainda não investigavam como os processos interacionais ocorridos nas dinâmicas dos grupos familiares interferiam sobre a construção da carreira. A segunda revisão sobre o assunto, realizada por Whiston e Keller (2004), com publicações de 1980 até 2002, identificou uma maior contribuição de estudos investigando e ressaltando a importância das variáveis processuais familiares desempenhando influência sobre o desenvolvimento da carreira dos filhos. As autoras, todavia, observaram uma carência de investigações de cunho longitudinal com proposta de examinar em sua complexidade a influência parental sobre o desenvolvimento da carreira dos membros do grupo familiar, nas diversas fases da vida. Atualmente, o que se verifica é que a área reconhece a participação da família, objetiva e subjetivamente, na construção das trajetórias dos indivíduos, inclusive que as influências ocorrem reciprocamente entre os membros do grupo familiar. Na análise dos estudos científicos sobre o assunto, observa-se que o tema da influência parental vem sendo abordado sob múltiplos focos de análise, segundo a perspectiva privilegiada pelos referenciais teóricos que fundamentam as investigações (Almeida & Melo-Silva, 2011).

Inicialmente, as pesquisas investigavam se a família e os pais exerciam influência sobre as escolhas vocacionais dos filhos, como é o caso dos estudos desenvolvidos por Anne Roe, na década de 1950, de referencial psicodinâmico. Suas pesquisas buscavam analisar as relações existentes entre o comportamento vocacional do indivíduo e suas experiências da primeira infância no cotidiano familiar. A autora partia da premissa de que as práticas educacionais familiares desde esta fase atuavam como modelos de satisfação e frustração para os filhos, influenciando as necessidades básicas do indivíduo, como a *segurança*, o *conforto*, a *autonomia* e a *afirmação* (Roe, 1957). Tais conceitos, embasados da teoria de Maslow, sugeriam para a autora que essas necessidades seriam as bases para o desenvolvimento da personalidade, podendo se revelar e repercutir sobre a preferência por determinadas atividades

e contextos. Guichard e Huteau (2001) analisam que esta teoria motivou um reduzido número de trabalhos empíricos subsequentes sendo, portanto, insuficientemente explorada. Em termos mais amplos, as pesquisas desta época negligenciavam as relações dialéticas e recíprocas que necessariamente estão presentes nos processos de interação homem-mundo, portanto, centravam-se predominantemente na perspectiva de que as influências ocorriam apenas de pais para filhos (Almeida & Melo-Silva, 2011). A partir da década de 1980, as análises passaram a se centrar em como se processavam e quais os mecanismos envolvidos nas influências das variáveis familiares ao longo da vida (Whiston & Keller, 2004).

Super (1953), ao propor a noção de um *desenvolvimento vocacional* processado ao longo da vida, já na década de 50, reconheceu que os pais ao participarem do desenvolvimento de seus filhos contribuem não só com recursos materiais e oportunidades, mas também através de valores, crenças, representações de papéis, experiências cotidianas que servem como modelos aos filhos. Convém demarcar, entretanto, que naquela época era prevalente o modelo de família influenciado pelo ideário moderno, sustentado na divisão sexual de papéis, isto é, o pai, como chefe da família e provedor, voltado para o trabalho externo; e a mãe, dedicada à organização da casa e aos cuidados com o marido e os filhos. Portanto, esses eram os modelos de papéis que influenciavam os membros do grupo familiar e que repercutiriam sobre os trajetos de vida. Décadas depois, como mencionado anteriormente, o autor e colaboradores (Super, 1990; Super, Savickas, & Super, 1996) ampliaram suas perspectivas de análise ao considerar as transformações ocorridas na vida familiar e no mundo do trabalho.

Pautado em referenciais psicodinâmicos e desenvolvimentistas, destacou-se a abordagem clínica da Orientação Vocacional de Bohoslavsky (1977/2007, 1983b), cujas concepções sustentam até os dias atuais pesquisas e intervenções no campo da Orientação Profissional no Brasil. Como referido, sem perder de vista as determinações da ordem educacional, social, política e econômica na qual as famílias estão inseridas e as interações dialéticas ocorridas com o meio, Bohoslavsky (1977/2007, 1983b) identificou que as vivências dos pais incluindo suas satisfações e frustrações quanto à carreira, via processos de identificação, influenciavam as escolhas e trajetos vocacionais de seus filhos. Na perspectiva do autor, o grupo familiar é

[...] o grupo de participação e de referência fundamental, e é por isso que os valores desse grupo constituem bases significativas na orientação do adolescente, que a família atue como grupo positivo de referência, que opere como grupo negativo de referência (Bohoslavsky, 1977/2007, p. 33).

Para o autor, a tomada da decisão profissional só pode ser considerada autônoma quando ocorre a partir de uma integração menos conflituosa de suas identificações com os pais e com outras referências significativas. Essa condição de elaboração pressupõe que o adolescente venha desenvolvendo recursos psíquicos para assumir sua separação emocional em relação às figuras parentais. No entanto, o autor se referiu que, diante da decisão tomada, sentimentos de culpa podem ser despertados nos filhos frente às sensações de desestruturação do grupo familiar. Por outro lado, ao tomar sua decisão, o adolescente pode também assumir um papel “reparador”, ao possibilitar um novo tipo de configuração familiar e mudanças importantes no vínculo entre pais e filhos (Bohoslavsky, 1977/2007).

Os conceitos propostos pelo autor influenciaram pesquisas de Soares-Lucchiari (1997/2004a, 1997/2004b) que analisou como as figuras parentais lidam com suas próprias problemáticas vocacionais, nos períodos em que os filhos se encontram em processo de escolha da carreira profissional. A autora constatou que o grupo familiar tende a atribuir aos filhos funções e papéis por meio de mecanismos de projeção e, assim, os adolescentes podem se tornar depositários de demandas não atendidas por seus pais em seus percursos profissionais. Segundo a autora, neste momento das trajetórias familiares, os pais também vivenciam suas próprias crises e, portanto, podem não oferecer o necessário suporte parental aos filhos.

Esta crise do meio da vida dos pais se caracteriza pela imprevista percepção da brevidade do tempo e pela reavaliação das ambições do indivíduo que são a tradução de seu ideal de ego. Os pais questionam a própria escolha, seu sucesso ou não na vida profissional. É comum os pais aconselharem seus filhos a fazerem diferente deles para não “sofrerem” o que sofreram (Soares-Lucchiari, 1997/2004a, p. 84).

Conclusões da autora indicam para a necessidade de as intervenções no campo da Orientação Profissional considerarem a complexidade dos mecanismos inconscientes implicados na psicodinâmica das escolhas da carreira, a fim de auxiliar o adolescente a tomar decisões menos conflituosas e mais adequadas aos seus próprios recursos psíquicos (Soares-Lucchiari, 1997/2004b). Nessa direção, Dias (1995) também havia destacado que um dos aspectos relacionados com a ansiedade dos pais frente ao processo da escolha profissional é o fato de que nesta fase os pais revivem seus próprios dilemas quanto às suas trajetórias, incluindo a aproximação da aposentadoria. Assim, dependendo do modo como lidam com estas questões ocupacionais, os pais revelam ou não condições de oferecer acolhimento e continência às ansiedades dos filhos.

Pesquisando sobre o momento vivenciado por muitos adolescentes que se encontram em fase de escolha profissional, Pompermayer (1999), na esteira de Bohoslavsky

(1977/2007), destacou a importância dos processos de lutos¹⁴ vivenciados na adolescência, sobretudo aqueles pertinentes às figuras parentais idealizadas, como sendo uma das condições para o investimento em projetos profissionais autônomos. Segundo a autora, a esperança de futuramente serem reconhecidos por suas famílias e de se realizarem profissionalmente, pode contribuir para que os adolescentes enfrentem os sofrimentos pertinentes a essa fase, lidando com o sentimento de culpa frente à necessidade de buscarem novos modelos de identificação e de trilharem caminhos próprios na construção de suas identidades.

Nessa linha, reconhecendo a importância do processo da separação emocional entre pais e filhos para o comprometimento com projetos de carreira profissional, no fim da década de 90, Levenfus (1997/2004) abordou a respeito das famílias, cujos pais manifestam dificuldades para lidar com o amadurecimento dos filhos. Nesse contexto, muitos pais se sentem rejeitados ou temem perder suas funções quando os adolescentes não mais os solicitam para realizar suas escolhas. Outros negam a capacidade dos filhos para tomarem decisões, tendendo a superprotegê-los e, portanto, tolhendo-os na progressão de seus processos de autonomia. Também se referindo à importância de as figuras parentais possibilitarem no cotidiano familiar o desenvolvimento de espaços de progressão e autonomia para seus filhos adolescentes, Andrade (1997/2004) apontou que muitos pais, mesmo desejosos do amadurecimento dos filhos, vivenciam com angústia esse período de separação que nem sempre era só de ordem afetiva, visto que muitos deixam as cidades de origem para cursar o Ensino Superior em outras localidades. O ressentimento diante do afastamento dos filhos, na opinião do autor, também reflete que tem sido difícil para determinados pais lidarem com questões que remetem aos processos do envelhecimento (Andrade, 1997/2004).

Buscando entender como diferentes fatores envolvidos nas relações familiares podem influenciar os processos da escolha da carreira profissional ou a indecisão na adolescência, Levenfus e Nunes (2010a, 2010b, 2010c) realizaram um estudo em três frentes de análise, sendo que um desses eixos investigativos abarcava adolescentes com dificuldades nos processos de separação emocional em relação às figuras parentais. As pesquisadoras apontaram que esses filhos normalmente revelam muita indecisão e dificuldades tanto para discriminar seus aspectos internos (valores, interesses, habilidades) e as carreiras entre si como, também, para realizarem explorações por informação profissional (Levenfus & Nunes, 2010c). As autoras

¹⁴ A autora embasou-se em Aberastury e Knobel (1992) que compreendem que o adolescente vivencia três lutos fundamentais: o luto pelo corpo infantil (em virtude das transformações fisiológicas), o luto pela identidade infantil (que envolve a aceitação de responsabilidades e a abdicação de situações de dependência em relação aos pais) e o luto pelos pais da infância (outrora tão idealizados).

destacam a importância do manejo dos pais no sentido de promover o contato dos filhos com a realidade, favorecendo suas progressivas autonomias:

A mãe que se torna ambivalente, reagindo ao distanciamento do filho, provavelmente dificultará sua separação; aquela que o estimula às novas descobertas, por sua vez, oportuniza que ele desloque seu interesse a outros objetos e ao mundo que o rodeia. Para separar-se é necessário antes estar unido por um vínculo seguro em que predomine amor, aceitação e não hostilidade e rejeição. Também é necessário o encorajamento por parte dos pais de atitudes exploratórias fora do círculo familiar (Levenfus & Nunes, 2010c, p. 162).

Abordando a questão da ambivalência de sentimentos despertada nos pais frente à separação emocional, Oliveira (2005) também se referiu ao sofrimento de muitos pais quando os filhos caminham em direção à autonomia e independência. A condição para o jovem tornar-se autônomo, entretanto, depende não só da qualidade do vínculo com os pais, que deve ser de confiança, mas também destes tolerarem e estimularem a separação emocional dos filhos (Oliveira, 2005). Em publicação anterior, Oliveira e Dias (2001) haviam chamado a atenção para as confusões e as dificuldades que vêm sendo reveladas pelos pais para desempenharem seus papéis e oferecerem limites e parâmetros aos filhos. As autoras criticam a falta de modelos parentais adequados aos processos de identificação para a construção da identidade, bem como de um *holding* familiar satisfatório auxiliando o desenvolvimento emocional, repercutido em trajetos profissionais pouco autônomos por parte dos jovens.

Vale assinalar que pesquisas de referencial sistêmico, amparadas em fundamentações psicodinâmicas e desenvolvimentistas, também buscam compreender a complexidade envolvida nas relações entre pais e filhos, bem como o modo como influenciam as escolhas e as tomadas de decisão profissional. As investigações se pautam sobretudo em conceitos teóricos de John Bowlby¹⁵, como o apego parental e a separação psicológica, considerados alicerces para o processo de individuação característico da fase da adolescência. Tratando a respeito de como a vinculação com os pais e a separação psicológica podem influenciar nos processos de escolha e nos investimentos em projetos de carreira profissional, Lopez (1989), investigando os fatores implicados na indecisão, também ressaltou que a ansiedade dos pais durante a fase da escolha dos filhos interferem não só na tomada de decisão de carreira mas, inclusive, no processo da separação psicológica dos adolescentes, o que repercute

¹⁵ Pela teoria de Bowlby (1988), o apego é um tipo de vínculo social assentado na vinculação com um cuidador primário (normalmente a mãe), sendo de grande importância para a sobrevivência humana. Para o autor, o desenvolvimento de um self coeso e autônomo, com condições para a separação psicológica das figuras parentais, depende fundamentalmente da qualidade representacional dos padrões de vinculação com os pais (seguros ou inseguros), os quais foram construídos desde as mais precoces interações da infância.

negativamente na construção de projetos mais autônomos pelos filhos. Blustein, Walbridge, Friedlander e Palladino (1991) também se propuseram a examinar as relações entre o grau de separação psicológica e o apego parental com o compromisso dos filhos com a tomada da decisão profissional. Os achados corroboram que quando a vinculação pais-filhos é segura, ou seja, quando o filho sente que pode contar com as figuras de vinculação (mãe/pai), estão propiciadas as bases para uma saudável separação psicológica, o que se correlaciona positivamente com investimentos vocacionais mais intensos por parte dos adolescentes. Os dados também mostram que as chances dos mesmos assumirem projetos vocacionais outorgados por outras pessoas são menores. Diante dessas conclusões, os pesquisadores ressaltam a necessidade de intervenção junto aos pais de adolescentes, a fim de favorecer uma maior qualidade na comunicação e na orientação que os pais podem manter com seus filhos, nas fases de escolha e de decisão profissional. Somando contribuições para a investigação da influência do apego e da separação psicológica sobre os processos de escolha profissional, O'Brien (1996) confirmou que adolescentes que vivenciaram um apego seguro com a mãe desde as interações mais precoces da infância, tendem a assumir escolhas de carreiras mais compatíveis com suas próprias capacidades (O'Brien, 1996; O'Brien, Friedman, Tipton, & Linn, 2000). Já Vignoli, Croit-Belz, Chapeland, Fillipis e Garcia (2005) estudando as relações entre ansiedade, apego e estilos parentais com a escolha profissional na adolescência, observam diferenças de gênero. Enquanto para as mulheres, o apego seguro com a mãe e o medo de falhar se relacionam positivamente com uma exploração de carreira profissional mais intensa, em contrapartida, entre os homens, é o receio de desapontar os pais a variável que mais se correlaciona positivamente com o processo de exploração.

Cabe também mencionar investigações que, por um outro vértice de análise, propuseram-se a refletir sobre as repercussões dos conflitos conjugais e dos divórcios parentais sobre os processos de escolha profissional e da assunção de projetos de carreira por parte dos filhos (Eigen, Hartman, & Hartman, 1987; Lopez & Andrews, 1987). Nesses casos, os pesquisadores relacionaram a indecisão profissional dos filhos com conflitos conjugais ocorridos nos cotidianos familiares. Como o referencial sistêmico considera a indecisão de carreira como sendo representante das dificuldades do sistema familiar, e não só resultado de fatores intrapsíquicos, os autores apontam que são beneficiados aqueles adolescentes provenientes de famílias mais estruturadas, que apresentam uma dinâmica de funcionamento mais flexível e menos rígida. Tais grupos familiares investem no desenvolvimento vocacional de seus membros, mantendo expectativas mais realísticas e adequadas aos recursos psíquicos e interesses de seus filhos. Este posicionamento parental contribui para condutas de

exploração vocacional e também para as tomadas de decisão de carreira (Eigen, Hartman & Hartman, 1987; Lopez & Andrews, 1987). Essa mesma linha investigativa influenciou estudo de Scott e Church (2001) que, considerando as transformações que vêm ocorrendo aceleradamente nas configurações familiares, também examinaram as repercussões do divórcio parental no processo de tomada de decisão de carreira pelos filhos. Dados dos autores também apontam indícios de que jovens de grupos familiares com maior estabilidade apresentam maiores condições para as tomadas de decisões relativas à carreira do que aqueles com história de divórcio em suas famílias.

Nesse mesmo período, em 2001, no Brasil, o estudo anteriormente citado desenvolvido por Levenfus e Nunes (2010a) com grupos de adolescentes, em sua segunda frente de análise, se propôs a compreender se a separação conjugal repercutia nas dinâmicas envolvidas nos processos de escolha da carreira profissional dos filhos. As autoras identificaram que as modificações que o modelo familiar vem sofrendo na contemporaneidade repercutem diretamente sobre o processo da escolha, visto que a “saída” e/ou a “entrada” de novos membros na família implica em consequências nos processos identificatórios. Porém, a repercussão não necessariamente prejudica o processo da tomada de decisão pelo jovem, havendo, no entanto, a necessidade da elaboração dos sentimentos e possíveis conflitos despertados frente às transformações vivenciadas pelo grupo familiar (Levenfus & Nunes, 2010a). O terceiro eixo de investigação do mesmo estudo examinou as repercussões da perda parental sobre a escolha profissional. Segundo as autoras, os jovens que vivenciaram este tipo de situação apresentam conflitos relacionados com a perda da figura de referência e que, portanto, necessitam igualmente de ser elaborados para tornar possível o investimento psíquico no processo da escolha profissional (Levenfus & Nunes, 2010b).

Bardagi (2002), amparada no referencial social cognitivo¹⁶ e apoiada na Teoria Tipológica de Baumrind¹⁷, em pesquisa com 467 estudantes, de ambos os sexos, do último ano do Ensino Médio de escolas públicas e privadas, investigou a influência dos estilos parentais sobre a indecisão profissional, a ansiedade e a depressão nos adolescentes. Os resultados mostram que os estilos parentais influenciam tanto o bem-estar psíquico dos filhos quanto a formação de competências básicas para comportamentos que culminam com as

¹⁶ Referencial calcado sobretudo nas conceituações da Teoria Social Cognitiva da Carreira de Albert Bandura. Por este paradigma, o desenvolvimento sustenta-se em três fatores em interação: o comportamento, o meio e a pessoa. Assim, a forma como o indivíduo realiza suas escolhas e trabalha em sua carreira tem origens nos modelos oferecidos pelas experiências de seu cotidiano familiar. Conceito central da teoria se refere ao sentimento de competência, a autoeficácia, que se define como sendo o conjunto de crenças que o sujeito mantém em relação às suas capacidades para realizar tarefas e atividades específicas (Guichard & Huteau, 2001).

¹⁷ Diane Baumrind (1967, 1971 citada por Bardagi, 2002) descreveu determinados padrões globais razoavelmente estáveis do desenvolvimento dos pais em relação a seus filhos no que se refere às práticas de socialização.

tomadas de decisão de carreira. Aqueles que eram filhos de pais “autoritários e “negligentes” apresentavam escores mais altos para ansiedade e depressão. Já os filhos de pais “negligentes” foram os que apresentaram os piores escores para as três medidas. Na perspectiva da autora, os pais demasiadamente autoritários tendiam a não dar espaço às dúvidas ou hesitações por parte dos filhos em relação ao processo de escolha profissional, cobrando a tomada de decisão ou criticando decisões. Por outro lado, o desengajamento dos pais “negligentes”, pouco favoreciam o sentimento de confiança dos filhos em seus próprios recursos para tomar decisões. As conclusões do estudo apontam para a importância de se incluir a família nos processos de intervenção em orientação vocacional (Bardagi, 2002; Bardagi & Hutz, 2006). Estudo mais recente de Magalhães, Alvarenga e Teixeira (2012), com adolescentes de Ensino Médio, relacionando os estilos parentais com a indecisão vocacional e a instabilidade de metas, reforçam que as práticas familiares mais “negligentes” se mostram desfavoráveis ao desenvolvimento psicossocial, associando-se com dificuldades no estabelecimento de objetivos por parte dos adolescentes. Em contrapartida, o equilíbrio de apoio e um certo nível de exigência quanto ao cumprimento de regras favorecem nos adolescentes maior autonomia para avaliar as situações e definir as metas a serem alcançadas.

É importante reconhecer que o referencial desenvolvimentista contextualista representado principalmente por Vondracek (2004), ao considerar o meio familiar como o microssistema do indivíduo, enfatiza as influências recíprocas e contínuas entre os membros do grupo familiar. Nas conclusões dos estudos coordenados pelo autor, tanto as expectativas e aspirações de futuro dos filhos, como os processos de exploração e tomadas de decisão de carreira são profundamente influenciados pela família, sobretudo pelos pais (Schmitt-Rodermund & Vondracek, 1999). Destaca-se, inclusive, que os valores e conceitos parentais transmitidos entre as gerações, ao longo das experiências familiares cotidianas, mantêm influência mais significativa sobre o desenvolvimento vocacional do que a influência exercida pelos grupos de pares ou pela formação escolar (Hartung, Porfeli, & Vondracek, 2005). Partindo deste paradigma, Palmer e Cochran (1988), identificando que muitos pais reconhecem as influências que exercem sobre o processo de escolha profissional de seus filhos e que até cumpriram papel mais ativo na orientação destes, testaram um programa de intervenção direta com pais de adolescentes em fase de escolha. Os autores observaram repercussões positivas no desenvolvimento de carreira profissional dos filhos e um maior fortalecimento do vínculo parental. É importante salientar que este estudo foi de extrema importância pois, valendo-se das contribuições da área, desenvolveu e avaliou processos interventivos com pais, a fim de tornar a influência parental um benefício para o desenvolvimento vocacional dos filhos. Nessa direção, pesquisa realizada por Kracke (1997) também salientando a

importância de uma maior participação dos pais junto aos filhos, confirmou que a relação que inclui proximidade parental não autoritária, permeada de apoio, diálogos e ações no sentido de ajudar os filhos em explorações vocacionais, repercute diretamente em comportamentos exploratórios mais intensos pelos filhos no período da escolha e também para uma maior autonomia nos adolescentes. Interessante observar que no Brasil, Destri (1996), ao pesquisar as percepções de adolescentes de Ensino Médio sobre a participação parental nos processos de escolha da carreira, identificou que a maioria não quer os pais participando diretamente de suas escolhas, embora desejem apoio e aprovação de suas decisões. Sobre esses dados, a autora interpreta que refletem os temores e as inseguranças dos adolescentes de se verem questionados frente às suas decisões, principalmente, quando se trata da opinião das figuras parentais mais significativas. Esses dados corroboram a importância dos valores, das opiniões e dos apoios parentais.

Examinando também pela perspectiva dos filhos, as suas percepções acerca da influência e participação parental na progressão de suas carreiras profissionais, Otto (2000) identificou que as figuras parentais, mesmo após a adolescência, ainda são as mais procuradas entre aquelas a quem recorrem em seus planejamentos. As mães são as mais citadas, pois na percepção dos participantes são elas que possuem mais conhecimentos acerca de seus interesses e competências vocacionais. As conclusões do autor apontam para a importância de os profissionais da área trabalharem com os pais, de forma que estes participem mais, auxiliando seus filhos nos processos de planejamento e decisão de carreira.

Pela perspectiva de que a família é o principal agente a oportunizar a exploração da carreira profissional e o investimento vocacional, Young (2001/2002), com referencial construtivista, argumenta sobre a importância dos pais no sentido de atuarem em ações e atividades juntamente com seus filhos a fim de alcançarem os objetivos estabelecidos em seus processos de construção da carreira. Pela perspectiva de que a área deve instigar a parceria entre as duas gerações, Young, Friesen e Borycki (1994) concluíram que a comunicação entre pais e filhos pode ter importância significativa e se tornar o grande sustentáculo dos projetos vocacionais dos adolescentes e jovens. Assim, os autores apontam que quando as ações familiares pressupõem uma intencionalidade, envolvendo os diálogos ou atividades realizadas com os filhos relacionadas com investimento vocacional, e são mantidas no dia a dia adquirindo uma dimensão temporal, pode-se dizer que a família está envolvida na construção do projeto vocacional. Em suas investigações, os autores têm ressaltado que os grupos familiares devem se posicionar mais ativamente junto aos filhos, mesclando situações que envolvem apoio e desafio, o que inclui as fases de escolha e de tomadas de decisão (Young et al., 2005).

A repercussão dos paradigmas desenvolvimentista-contextualista e construtivista, foi amplamente sentida no meio científico como se observou, por exemplo, no cenário português. O estudo de Gonçalves (1998) também examinou como as variáveis do meio familiar poderiam se relacionar com variáveis do desenvolvimento vocacional dos filhos (exploração, investimento e tendência). As conclusões apontam que o contexto familiar facilitador do desenvolvimento vocacional é aquele que oferece apoio mas, também, desafio, promovendo a autonomia de jovens e adolescentes. Em contrapartida, as famílias muito aglutinadas (com pouca diferenciação e autonomia entre os membros) ou meios muito competitivos, ou negligentes, ou famílias muito rígidas, podem obstaculizar o desenvolvimento vocacional dos membros. Nessa direção, Gonçalves e Coimbra (2007) constataram que a qualidade dos projetos vocacionais dos filhos está diretamente associada a oportunidades que os meios familiares viabilizam, sobretudo em termos de apoio material e emocional. Entretanto, pontuam que tanto a qualidade quanto a intensidade desse apoio variam em função do nível escolar e profissional dos pais.

A partir dessa compreensão de que os meios familiares atuam facilitando, ou limitando, a construção das trajetórias de carreira dos indivíduos, Gonçalves, Coimbra e Sobral (2009), ao focalizarem a variável “desemprego”, observaram que, sendo esta uma situação de crise que abala todo o grupo familiar, os adolescentes com pais empregados apresentam maiores condições (de ordem emocional e material) de realizarem investimentos vocacionais do que os filhos de pais desempregados. Ademais, estes últimos revelam maior difusão vocacional e tendência a excluir opções. Esses estudos, portanto, reafirmam a família enquanto um contexto primordial e decisivo para a construção da carreira por parte dos membros, ora sendo facilitadora ora inibidora. Nesse sentido, as conclusões também se direcionam para a necessidade de implementação de projetos interventivos com grupos familiares, a fim de atuarem como agentes dinâmicos do desenvolvimento vocacional.

Esse modo de pensar a família, como “agente facilitador” dos processos de desenvolvimento e construção da carreira, instigou estudos que adotaram a necessidade de se desenvolver programas interventivos que incluíssem a participação mais consciente das famílias. É o que se observou nas pesquisas de Pinto e Soares (2001, 2002) e Soares e Pinto (2004) que investiram na promoção de intervenção com pais. As autoras identificaram que os pais portugueses se reconhecem como agentes necessários no desenvolvimento de carreira de seus filhos. No cotidiano familiar, podem atuar com diálogos e também oportunizar atividades aos filhos com função de auxiliá-los no processo de escolha e decisão profissional. As pesquisas desenvolvidas por este grupo contribuíram para estimular o desenvolvimento de estudos com metodologias interventivas com pais no Brasil (Almeida, 2009).

Outros desdobramentos dessa perspectiva de análise, que inclui a família como agente na construção de projetos vocacionais, podem ser identificados em investigações de Carvalho e Taveira (2009) em Portugal que, sob prismas diversos (visão dos alunos, pais, professores e orientadores profissionais) exploraram as percepções sobre o papel dos pais no processo de implementação das escolhas de carreira dos filhos. O reconhecimento da importância das figuras parentais nas fases de tomada de decisão foi unânime para os quatro grupos que apontam que os genitores devem contribuir para o desenvolvimento e implementação das escolhas de carreira, por meio de atitudes como: comunicação, apoio (afetivo e instrumental) e o acompanhamento do percurso profissional dos filhos. Publicação mais recente das autoras (Carvalho & Taveira, 2010) sobre estudo realizado com pais e filhos, a respeito do papel parental na fase da execução dos planos de carreira, direciona para a sensibilização dos pais enquanto agentes educativos e, também, para as questões que permeiam a fase da execução dos planos de carreira, a fim de favorecer a qualidade dos processos de tomadas de decisão pelos filhos.

Considerando que a família tem importante papel não só nos processos da escolha profissional na adolescência mas também em relação à transição do Ensino Médio para o Ensino Superior, Bardagi e Hutz (2008), no Brasil, investigando possíveis relações entre a família e a questão da evasão universitária, pesquisou jovens evadidos de universidades públicas e privadas, com idade entre 20 e 25 anos. Os autores identificaram que as conversas com os pais, antes dos filhos ingressarem na faculdade, versavam apenas sobre a definição do curso e o exame vestibular, o que retrata a importância do Ensino Superior para as famílias de classes médias e altas. Entretanto, tais expectativas, segundo os autores, não eram acompanhadas de posicionamentos que favorecessem a reflexão e o envolvimento com o processo de escolha profissional e com a transição que os filhos experimentariam entre o Ensino Médio e o mundo universitário. Já durante a faculdade, o receio de desapontar as expectativas dos pais era um fator que despertava muita ansiedade nos estudantes, fazendo com que os mesmos adiassem a evasão (Bardagi & Hutz, 2008, 2009). Assim, tendo em conta que o Ensino Superior é considerado uma importante via de acesso à aquisição da formação profissional (Bardagi & Hutz, 2010; OIT, 2009; Sparta & Gomes, 2005), convém considerar que a família mantém importância não só nos períodos de exploração vocacional e nos processos das escolhas iniciais de carreira, mas também durante a vida universitária (Almeida, 2007; Bardagi & Hutz, 2008, 2009; Beyers & Goossens, 2003; Cervinski & Enricone, 2012; Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Larose & Boivin, 1998; Machado, 2007; O'Brien, Friedman, Tipton, & Linn, 2000; Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008).

Em relação aos grupos familiares que apresentam recursos socioeconômicos para oferecer oportunidades aos filhos de seguirem os estudos ao final do Ensino Médio, a experiência universitária pode se traduzir em impacto na vida dos adolescentes pois suplanta a necessidade de resolução de tarefas implicadas na formação de nível superior. Neste período de transição, ocorrem rupturas bruscas no padrão de funcionamento anteriormente vivenciado junto ao ambiente escolar e familiar, exigindo a integração a um complexo contexto social. Nesse cenário, o primeiro ano na universidade é considerado como um período crítico na vida de jovens e adolescentes (Almeida, 2007; Almeida, Soares & Ferreira, 2001; Cervinski & Enricone, 2012; Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008).

Em muitos casos, o ingresso no Ensino Superior pode acarretar na necessidade de os filhos saírem da casa de seus pais para estudar em outras localidades. Nestas circunstâncias, diante do afastamento dos familiares, pesquisas apontam que quando os adolescentes enfrentam os processos de separação psicológica de maneira positiva e os pais se mantêm como fontes de apoio à distância, maiores são as chances de adaptação à vida universitária, favorecendo o ajustamento emocional e social e, indiretamente, a aquisição da formação profissional (Almeida, 2007; Beyers & Goossens, 2003; Cervinski & Enricone, 2012; Donas-Botto, 2012; Larose & Boivin, 1998; Machado, 2007; Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008). Ademais, jovens que, em suas infâncias, tiveram mães mais encorajadoras de suas independências tendem a apresentar menor indecisão na universidade se comparados àqueles, cujas mães eram percebidas como superprotetoras (Guerra & Braungart-Rieker, 1999).

Embora se reconheça que importantes transformações vêm ocorrendo em relação à condição feminina e masculina e que repercutem diretamente na atuação dos papéis de mãe e de pai, pesquisas revelam que existem ainda diferenças em relação ao modo como pais e mães participam da construção das trajetórias de carreira dos filhos. Em estudo longitudinal com universitários, O'Brien, Friedman, Tipton e Linn (2000) identificaram que as jovens, após suas primeiras escolhas de carreira, percebiam que suas mães, mais do que os pais, demonstravam maior proximidade, apoiando-as e dialogando sobre seus projetos vocacionais. Este dado vai ao encontro de achados de estudos brasileiros que destacam que, apesar das transformações nas relações familiares, as mães continuam sendo citadas por seus filhos como aquelas a quem mais recorrem para conversar sobre suas vivências, dúvidas e escolhas, o que confirma as mães como sendo ainda as principais responsáveis pelos cuidados e orientação/educação dos filhos (Wagner, Predebon, Mosmann, & Verza, 2005). Também observando diferenças no modo como os filhos percebem o posicionamento parental no que se refere às suas carreiras, Guerra e Braungart-Rieker (1999) observaram que para as jovens

universitárias suas mães também são sentidas como as figuras que mais oferecem suporte e apoio nos processos de tomadas de decisão. Em contrapartida, os pais são percebidos como aqueles que proporcionam maiores oportunidades de independência.

Também abordando a influência parental em relação à adaptação à vida universitária e na progressão acadêmica, porém em função da variável “escolaridade dos pais”, o estudo longitudinal de Silva, Taveira e Ribeiro (2011) no cenário português, com jovens universitários cujos pais tinham baixa escolaridade (até 4º. ano), revelou um afastamento da geração anterior em termos de identificação, já que os filhos atingiram e aspiram a estatutos profissionais distintos e “mais elevados” do que seus pais mantêm. No entanto, os autores salientam que foram justamente o suporte e o encorajamento parental mantidos nesse período um dos grandes favorecedores do sucesso dos filhos na vida acadêmica. Essa conclusão vai ao encontro de referências do Brasil que sugerem que a família ainda se mantém entre as principais orientadoras dos indivíduos na aquisição da formação educacional, através de diplomas e títulos (Romanelli, 2003; Silva, 1996; Sparta & Gomes, 2005).

Como contrapondo, entretanto, destaca-se pesquisa de Ribeiro (2005) no Brasil, sobre possíveis fatores relacionados à evasão de jovens de universidades privadas. Partindo da concepção de que o indivíduo “carrega” um projeto que lhe é destinado pelo grupo familiar, o autor identificou que a baixa escolaridade dos pais e suas condições socioeconômicas desfavoráveis contribuíram para a evasão universitária. Entre as principais causas expressas pelos participantes estavam: as condições financeiras familiares desfavoráveis; a dificuldade de se conciliar trabalho e estudo (afinal custeam seu curso); o desemprego durante a faculdade inviabilizando o pagamento da mensalidade; as formações básicas deficitárias que impediam o acompanhamento e o aproveitamento dos conteúdos das aulas. Frente a esses dados, as conclusões do estudo apontaram que o projeto sociofamiliar pode ter sido determinante na evasão universitária desses alunos, visto que os mesmos foram impulsionados por seus pais (e pelo meio social) a ingressarem no Ensino Superior (em função do discurso disseminado de que o diploma é a única condição para ascensão social) mas, por outro lado, os jovens se depararam com a falta de modelos familiares de formação superior (de forma a favorecer-lhes a construção da carreira) e com situações relacionadas com o *habitus*¹⁸ familiar. Assim, esses estudantes careciam de recursos culturais e educacionais para enfrentarem a realidade universitária. Ribeiro (2005) também destacou que ainda era precário o processo de democratização do Ensino Superior no Brasil e que as universidades apresentavam

¹⁸ O autor se embasa na Teoria de Bourdieu (1974) que entende que o indivíduo tende a reproduzir simbolicamente as relações sociais e culturais próprias da classe social a que sua família pertence.

dificuldades para o desenvolvimento de estratégias que minimizassem o impacto causado nos jovens frente ao contato com a realidade universitária. O autor assinalou ainda a necessidade de se reconhecer que a formação de nível superior não é necessariamente a única via de acesso ao mercado de trabalho.

Tais reflexões propostas pelo estudo de Ribeiro (2005) levantam a questão de que, ao se discutir sobre a influência e a participação da família sobre os processos das escolhas de carreira, é imprescindível admitir que o Ensino Superior está restrito a uma determinada parcela da população brasileira, sendo que muitos jovens ao concluírem o Ensino Médio necessitam de ingressar diretamente no mercado de trabalho. Nesse sentido, é importante considerar que as possibilidades de escolhas e de projetos para esses jovens estão constrangidas por suas realidades culturais, educacionais e socioeconômicas familiares (Bohoslavsky, 1983b). Nesse âmbito remete-se à pesquisa de Carreteiro (2009), anteriormente citada, com alunos ao final do Ensino Médio, cujas famílias apresentam escassez de recursos financeiros. Segundo a autora, estes jovens são cobrados por seus pais a continuarem estudando mas, por outro lado, devido às suas condições socioeconômicas, não podem favorecer aos filhos meios para ajudar nesse sentido. Desamparados, também pela escola pública que pouco oferece estratégias que permitem o estabelecimento de projetos de carreira apropriados às suas realidades, estes jovens sentem-se pressionados ao final do Ensino Médio a trabalharem para financiar seus estudos e, muitas vezes, para complementar a renda familiar.

Ademais, é conveniente analisar que só a aquisição do diploma universitário não oferece mais ao jovem a garantia de inserção no mercado de trabalho ou de melhores condições de emprego na atual conjuntura do mundo laboral. Nesse sentido, para jovens recém-formados, a família pode manter importância, ocasionando um prolongamento da convivência familiar e de suas dependências emocionais e instrumentais, como já referido (Arnett, 2007; Birman, 2008; Nascimento & Coimbra, 2001/2002; Pappámikail, 2004; Taveira, 2002). Assim, muitos continuam investindo em suas formações (especializações, pós-graduações, aprimoramentos, estágios) a fim de atenderem às exigências de mercado, observando-se trajetórias de inserção profissionais cada vez mais tardias (Andrade, 2010; Bock, Furtado, & Teixeira, 1994).

Em pesquisa com egressos universitários, Teixeira (2002) identificou que estes jovens não apresentavam expectativas de se tornarem autônomos em relação ao grupo familiar, pelo menos a curto prazo e, assim, contam com a segurança oferecida por suas famílias, econômica e emocionalmente, a fim de explorarem as possibilidades do mundo do trabalho até se estabelecerem. Priorizam, portanto, o investimento profissional em detrimento da

independência em relação ao núcleo familiar. Há, inclusive, situações de jovens que, apesar de exercerem a profissão, optam por permanecerem auxiliados pelos pais, o que lhes permite canalizar seus próprios recursos para outros fins, mantendo um padrão econômico de vida muito superior ao que teriam se estivessem subsidiando de forma independente suas vidas (Andrade, 2010; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004). Como mencionado, essa dependência prolongada em relação à família, postergando os processos de autonomia em relação aos pais, tem fomentado muitas mudanças nos processos de transição para a vida adulta (Andrade, 2010; Arnett, 2007; Birman, 2008; Camarano, Mello, Pasinato, & Kanso, 2004; Leitão, 1996; Lemgruber, 2011; Oliveira, 2007; Pappámikail, 2004).

Observa-se que, na realidade contemporânea, novos desafios exigem maneiras mais flexíveis de se construir carreiras e garantir a vida no trabalho. A influência da família, destacada por inúmeras pesquisas e outras publicações, confirma que as experiências partilhadas no cotidiano da vida familiar se mostram significativas para os processos de construção de significados a respeito de carreira/trabalho e do papel de trabalhador. Porém, convém considerar que para jovens, cujos pais não apresentam recursos socioeconômicos para subsidiar o prolongamento de seus estudos, e que precisam trabalhar, certamente a participação da família de origem sobre suas trajetórias de carreira é menor em termos instrumentais. Isto porque para estes jovens é premente a necessidade de se tornarem economicamente independentes ou ainda de contribuírem com a renda familiar. Outro estudo de Ribeiro (2003), com estudantes de Ensino Médio público, apontou que os mesmos reconhecem a necessidade de inicialmente se estabelecerem em um posto de trabalho e que, portanto, a formação superior é entendida como uma recompensa, caso obtenham sucesso em seus trabalhos.

O grupo de pesquisadores que delineou o modelo do *Life Design* (Savickas et al., 2009) destacou a importância do trabalho com pais, assinalando a necessidade da divulgação dos conhecimentos da área, sugerindo a realização de debates e publicações nos meios de comunicação de massa, a fim de se destacar que a “construção da vida” deve ser entendida como um projeto familiar e, neste sentido, o papel dos pais é de extrema significância (Savickas et al., 2009). Entretanto, é imprescindível considerar que as famílias apresentam diferentes realidades socioeconômicas, educacionais e culturais e, portanto, precisam de ser auxiliadas a construir projetos de carreira que sejam mais congruentes às suas realidades. Um possível caminho seria o investimento de políticas públicas que efetivamente viabilizassem a implantação da Educação para a Carreira no currículo da formação educacional básica, ajudando jovens a integrarem a educação, o trabalho e a carreira (Munhoz, 2010). Considerando esta proposta de orientação da construção da carreira ao longo do desenvolvimento escolar, Munhoz (2010) apontou para a

necessidade de medidas que favoreçam um maior diálogo e a participação conjunta da família e da escola. Segundo a autora, o que se observa atualmente é que entre família e escola o que existe é uma relação de cobrança mútua e a ausência de ações convergentes que preparem o jovem para o exercício da cidadania e para a construção de uma carreira profissional.

Antes de concluir a reflexão sobre a importância que a família continua exercendo sobre a construção das trajetórias de carreira dos indivíduos, é pertinente destacar estudo realizado, no cenário português, por Nascimento (2007), em seu esforço de considerar as variáveis familiares que, mesmo na contemporaneidade, mantêm influência sobre as trajetórias dos indivíduos, no que concerne ao investimento nos domínios tanto da parentalidade, como do trabalho. Para isto, a autora examinou em profundidade como os investimentos nestes domínios ainda são transmitidos de uma geração a outra. Composta por estudos transversais, a investigação comportou ampla amostra de participantes (N=1148), entre eles pais e filhos de duas gerações diferentes (1ª. geração: de 55 a 75 anos de idade e 2ª. geração: de 25 a 45 anos). Devido à complexidade do objeto do estudo e do amplo espectro de resultados obtidos, remete-se a um pequeno recorte de parte de suas conclusões que assinalaram o predomínio dos processos de descontinuidades entre as gerações das famílias portuguesas estudadas, no que se refere aos investimentos na parentalidade e no trabalho. Isto porque as profundas transformações sociais e culturais que vêm ocorrendo nas sociedades provocam inevitavelmente toda uma reavaliação dos significados atribuídos a estes domínios. Na análise das influências dos pais sobre a identidade parental e a identidade de profissional/trabalhador dos filhos, corroborando investigações sobre os processos de continuidade e descontinuidades geracionais, a autora observou a importância para os filhos de preservarem suas individualidades e identidades pessoais, o que estaria relacionado à necessidade de reelaboração de comportamentos e atitudes que permeavam as experiências com suas famílias de origem. Uma de suas conclusões aponta que os processos da transmissão pais-filhos não ocorrem só no nível da reprodução dos modelos e das experiências mas, sobretudo, pela transformação e reconstrução de significados relacionados com o papel parental e de trabalhador. Nesse sentido, a autora confirmou que os grupos familiares que possibilitavam espaços de estímulo ao diálogo, ao compartilhamento e à cooperação, e cujos pais também assumiam posicionamentos que atendessem às necessidades, sobretudo emocionais do desenvolvimento de seus filhos, eram aqueles que mais favoreciam os processos de diferenciação da geração seguinte.

O panorama empreendido buscou apresentar como a influência familiar na construção das trajetórias de carreira ocorre continuamente nos processos de interação familiar, desde os primórdios da construção da vida até as fases adultas do desenvolvimento humano. Além das

variáveis estruturais, ou seja, relacionadas às condições culturais, psicossociais, educacionais, econômicas de cada grupo familiar, que irão interferir diretamente nos processos de formação de seus membros, as variáveis processuais familiares, por sua vez, agregam significativa participação na construção das trajetórias. Tais fatores de influência podem envolver tanto situações que são conscientes e objetivas, como: investimento na formação educacional/profissional, diálogos sobre estudo/carreira/trabalho, atividades conjuntas (entre pais e filhos) de exploração sobre carreira e mundo do trabalho; como também influências de ordem subjetiva, nem sempre conscientes, como: transmissão de valores/crenças sobre carreira/trabalho, apoio e compreensão, expectativas, cobranças, dificuldades no processo de separação emocional entre pais e filhos. Também participam as experiências das histórias de vida de cada um dos membros do grupo familiar e mesmo situações específicas vividas pela família como: divórcio, recomposições familiares, perda parental, falência, desemprego, entre outros. Esse leque tão múltiplo de variáveis conflui possibilitando e contribuindo ou mesmo limitando e obstaculizando a construção das trajetórias de carreira ao longo da vida. Portanto, tais níveis de influência se constituem como questões pertinentes a serem abordadas pelas investigações da área e por meio de pesquisas de intervenção psicológica.

Considerando o foco do presente estudo, na introdução, foram abordados os domínios da “Família”, do “Trabalho” e como o campo da Orientação Profissional tem tratado a questão da influência e da participação parental sobre os processos de construção das trajetórias de carreira dos indivíduos. Na seção subsequente, que encerra o primeiro capítulo, discorre-se sobre a articulação dos referenciais teóricos adotados para embasar a análise dos dados, tendo em vista a compreensão do fenômeno objeto da investigação: a vivência dos pais frente às trajetórias de carreira dos filhos.

4 Articulação dos referenciais teóricos

A fim de abordar as relações entre indivíduo, família e mundo do trabalho, este estudo ampara-se em concepções teóricas de D.W. Winnicott da Psicanálise e, do campo da Orientação Profissional, recorre à abordagem psicodinâmica de Rodolfo Bohoslavsky (que integra conceitos desenvolvimentistas) e à Teoria da Construção da Carreira de Mark L. Savickas que contribui com reformulações importantes às teorias desenvolvimentistas, tendo em conta as intensas transformações do mundo do trabalho e, conseqüentemente, a evolução das próprias teorias e práticas.

A opção pela teoria winnicottiana se justifica por se considerar que a mesma oferece subsídios para se compreender a importância do meio familiar, sobretudo dos pais como os principais favorecedores do desenvolvimento emocional dos filhos em direção à vida adulta. O autor contribui com conceitos como *ambiente suficientemente bom*, *holding*, *espaço transicional*, anteriormente apresentados, que servem de ferramentas para se entender como o sentimento de confiança em si mesmo, construído a partir dos espaços potenciais (objetivos e subjetivos) que a família proporciona, pode possibilitar um viver criativo na vida adulta. Nessa trajetória do “vir a ser”, o indivíduo pode construir um lugar de existência para si mesmo, a partir de suas experimentações no meio social e cultural, por meio do trabalho. Considera-se, assim, que a atividade do trabalho é compreendida como um meio de sustentar “jeitos de ser e de existir”, ao mesmo tempo contribuindo para a construção da realidade compartilhada.

Inserida em determinado contexto socioeconômico, cultural e educacional, a família se mantém como primeiro e o principal grupo de referência para o indivíduo (Winnicott, 1983/2008a, 1993/2005a). Nesse contexto, os pais são os primeiros modelos identificatórios que influenciarão as escolhas de carreira e a vida ocupacional de seus filhos (Bohoslavsky, 1977/2007). É a partir da integração de suas diferentes identificações, por meio da elaboração das contradições inerentes na relação eu-outro, que os filhos podem realizar suas escolhas, nos domínios do estudo e do trabalho, de modo mais autônomo. Nesse sentido, concorda-se que a escolha profissional tem um papel psicossocial, pois pode auxiliar o adolescente em seu processo de desenvolvimento rumo a uma maior independência em relação a seus pais e à vida adulta (Bohoslavsky, 1977/2007).

Considera-se que, mesmo após as primeiras escolhas na adolescência, o modo como o indivíduo seguirá construindo sua carreira e vida ocupacional continuará sofrendo influências de suas experiências, passadas e atuais, com o grupo familiar de origem. Nesse cenário de interação contínua e dialética com o meio familiar (Bohoslavsky, 1977/2007), suas trajetórias de carreira também repercutem sobre as trajetórias dos pais e da família. De fato, na concepção de Savickas (1997, 2005), a construção da carreira ao longo da vida assenta-se nas diferentes experiências do indivíduo, o que inclui toda sua rede de papéis, inclusive aqueles ocupados na família de origem. Como mencionado, para Savickas (2005), três dimensões se articulam no processo de construção da trajetória da carreira. O que o autor denomina como a *personalidade vocacional*, ou seja, as necessidades do indivíduo, seus interesses, capacidades e valores (também influenciados pela família) e que se relacionam intimamente com seus *temas de vida*. Estes reúnem os significados que o indivíduo atribui a suas experiências e que continua atribuindo, visto que sua subjetividade está em constante processo de formação. A outra dimensão envolvida no processo de construção

da carreira, se refere à *adaptabilidade da carreira* e que está diretamente relacionada com o posicionamento da pessoa nos domínios do estudo e do trabalho (Savickas, 2005). Sendo a carreira uma obra construída ao longo da vida, salienta-se que a família pode se constituir como um ambiente *suficientemente bom*, sendo favorecedora dessa construção. Enfatiza-se sua importância sobretudo na adolescência e na juventude, quando os filhos ainda necessitam do *holding* familiar até que, progressivamente, possam assumir condições de enfrentamento das responsabilidades e desafios da vida adulta.

É imprescindível reconhecer, entretanto, o quanto o contexto econômico, cultural e educacional, nos quais estão inseridas as famílias, infundem singularidades no processo de construção da carreira e na vida no trabalho. Bohoslavsky (1983b) argumenta, em suas reformulações teóricas, que ao se pensar sobre os domínios do estudo e do trabalho devem-se analisar as possibilidades e limitações da liberdade de escolha para cada um, o que influencia diretamente os projetos pessoais. Admitem-se, como o autor, as restrições e mesmo as impossibilidades de muitos indivíduos se reconhecerem e se satisfazerem em seus trabalhos a que, muitas vezes sem condições de escolha, submeteram-se diante dos constrangimentos impostos pela sua realidade. “O trabalho externo, o trabalho em que o homem se aliena, é um trabalho que implica em sacrifício e mortificação” (Bohoslavsky, 1983b, p. 47). Nesses casos, do ponto de vista winnicottiano, o que se identifica é a falência da confiança no trabalho enquanto terreno fértil e seguro para um viver criativo.

Considerando que significativa parcela da população brasileira evidentemente carece de recursos econômicos e psicossociais para atuar no enfrentamento da realidade do mundo do trabalho, também se reconhece que, na contemporaneidade, para todos os indivíduos, os caminhos que conduzem à vida adulta e à construção de uma trajetória de carreira são menos estáveis e lineares que outrora. No mundo pós-moderno, há a tendência a se expropriar do homem “o sentimento de pertencer, ter história e formar história, anulando e banalizando essa vivência cultural que viria também do trabalho” (Ribeiro & Lehman, 2006, p. 94). O atual cenário de fragmentação e descontinuidade exige constantemente da capacidade de todos para serem flexíveis, a fim de garantirem a construção de suas vidas no trabalho. Tais exigências colocam a pessoa a todo momento diante do desafio de buscar sentido em suas escolhas, articulando-as de modo coerente à biografia que vem escrevendo (Savickas et al., 2009).

Argumentando sobre a importância do trabalho enquanto promotor da vida, Dejours (2004, 2007) destaca seu papel na construção da subjetividade. Assim, pode ajudar o indivíduo a desenvolver estratégias de enfrentamento das dificuldades impostas pela realidade, por meio de soluções criativas que sempre o transformam, reconfigurando seus caminhos. Entende-se,

portanto, que o trabalho pode se configurar como uma importante via de acesso para a construção do “si mesmo” no espaço potencial indivíduo-sociedade, desde que lhe seja possível se reconhecer e ser reconhecido pelo que “é” e pelo que é capaz de “fazer” (Bohoslavsky, 1983b; Dejours, 2004, 2007).

Capítulo II - Desenvolvimento

1 As Origens do Estudo e suas Justificativas

Inserido na linha de pesquisa “Orientação profissional, educação e desenvolvimento de carreira: diagnóstico e intervenção”, que avalia processos de intervenção desenvolvidos na área (Melo-Silva, Almeida, Loosli, & Fraga, 2004; Melo-Silva & Jacquemin, 2001) no Serviço de Orientação Profissional (SOP) do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), o Estudo 1: “*Orientação de Pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em grupo operativo*” fez parte do vértice de investigação que desde 2003 trata do tema da influência parental no desenvolvimento da carreira. A seguir, apresenta-se o percurso investigativo que culminou com o Estudo 2 apresentado nesta tese.

Avaliando os processos de intervenção do Serviço de Orientação Profissional (SOP) entre os anos de 1994 a 2000, na perspectiva de jovens atendidos, Almeida (2003) identificou que a maioria dos participantes considerava que a “influência familiar” era um tema importante a ser abordado no processo da escolha da carreira, durante as sessões de atendimento de Orientação Profissional (Almeida, 2003; Almeida & Melo-Silva, 2006). Avaliando o serviço neste mesmo período, porém na perspectiva dos pais dos jovens que foram atendidos em orientação profissional, Loosli (2003) identificou que os pais apresentavam dificuldades para dialogar com seus filhos a respeito das questões concernentes à escolha da carreira profissional. Entre os motivos, os pais revelavam receio de influenciá-los negativamente no processo de decisão. Conclusões da autora também apontaram que os pais tinham pouco conhecimento a respeito de como se processou o atendimento de Orientação Profissional prestado aos seus filhos e suas tomadas de decisões de carreira naquela época (Loosli, 2003). Diante destes dados, a equipe de profissionais do SOP introduziu no serviço reuniões semestrais com os pais, a fim de oferecer maiores esclarecimentos sobre o programa de Orientação Profissional. Tais reuniões, com intuito de fornecer informações, atualmente são reconhecidas como espaços de acolhimento, onde os pais expressam suas dúvidas, ansiedades e reflexões sobre o momento vivenciado com seus filhos adolescentes.

Os estudos mencionados influenciaram o trabalho de Duarte, Melo-Silva, Santos e Bonfim (2005) que, com base nos dados colhidos no contexto destas reuniões, observaram que as expectativas parentais necessitam de ser abordadas por programas de intervenção direta com pais, por se tratar de uma realidade que interfere nos processos das escolhas de carreira. Esta linha investigativa identificou a existência de um hiato na comunicação entre esses pais e seus filhos adolescentes sobre o processo da escolha da carreira profissional. Para as autoras, diante de um

maior posicionamento parental envolvendo situações de diálogo, o jovem poderá sentir-se mais seguro para realizar explorações e tomar suas decisões com mais confiança (Melo-Silva, Silva, & Venturini, 2005).

Mais recentemente, novas pesquisas de avaliação do serviço prestado pelo SOP foram realizadas, abrangendo desta vez o período entre os anos de 2001 a 2006. Em uma das investigações, Yokoyama (2009), dando continuidade à avaliação do serviço na perspectiva dos pais dos adolescentes atendidos, observou que os participantes estavam muito preocupados com a difícil tarefa da escolha profissional mas, corroborando dados do estudo anterior (Loosli, 2003), em muitas famílias observaram-se dificuldades de diálogo entre pais e filhos, justificadas objetivamente como sendo “falta de tempo”. Por outro lado, para Yokoyama (2009), esta postura parental parece se relacionar com uma falta de envolvimento com o processo da decisão da carreira e com o futuro profissional dos filhos, o que, entre outros fatores, pode refletir as dificuldades dos pais para lidarem com angústias relativas ao processo de transição dos adolescentes para a vida adulta.

O avanço deste vértice investigativo, somado à análise das publicações mencionadas anteriormente que alertam para a carência e a necessidade das pesquisas, promoveu intervenções diretas com pais a fim de tornarem positivas suas participações na construção da carreira dos filhos (Bardagi & Hutz, 2006; Blustein et al., 1991; Duarte, Melo-Silva, Santos, & Bonfim, 2005; Gonçalves & Coimbra, 2007; Melo-Silva, Silva, & Venturini, 2005; Palmer & Cochran, 1988; Pinto & Soares, 2002; Soares & Pinto, 2004) contribuindo para a realização do Estudo 1, intitulado *Grupo de Orientação de Pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em grupo operativo* (Almeida, 2009). Neste se desenvolveu um programa de intervenção com pais de adolescentes de Ensino Médio, em processo inicial da escolha da carreira. Este estudo considerou que um programa estruturado de intervenção direta com pais (o Grupo de Orientação de Pais) poderia contribuir para a qualidade da relação entre pais e filhos, como também para promover condições facilitadoras do processo da escolha da carreira profissional e do desenvolvimento emocional do jovem em direção ao universo adulto.

O programa de intervenção desenvolvido no Estudo 1 foi inicialmente testado em estudo-piloto, no qual se realizaram dois grupos no SOP em anos anteriores (Almeida & Melo-Silva, 2007). O intuito era avaliar os instrumentos de coleta de dados que seriam utilizados no Estudo 1: o Questionário de Pais¹⁹ e o programa de intervenção psicológica

¹⁹ O Questionário de Pais, aplicado antes e após a intervenção, encontra-se devidamente apresentado na dissertação de mestrado (Almeida, 2009).

grupal. A partir da realização dos grupos no estudo-piloto, realizaram-se alterações objetivando-se adequar os instrumentos às particularidades do contexto em estudo.

O Grupo de Orientação de Pais realizado na coleta de dados do Estudo 1 contou com a participação de vinte e dois participantes, sendo todos pais de adolescentes de Ensino Médio que estavam em atendimento de Orientação Profissional no SOP, no ano de 2007. A seguir, apresenta-se o Quadro 2 ilustrando uma caracterização geral dos participantes do Estudo 1.

Participantes (N=22)		Idade (mediana)	Escolaridade				
Mulheres (n=15)	Homens (n=7)	45 anos	Ensino Médio incompleto (n=1)	Ensino Médio completo (n=7)	Ensino Superior incompleto (n=2)	Ensino Superior completo (n=11)	Não respondeu (n=1)

Quadro 2. Caracterização dos participantes do Grupo de Orientação de Pais - Estudo 1

Informa-se que este serviço, apesar de estendido a toda a comunidade, tem como maior procura famílias com possibilidades socioeconômicas de oferecer aos seus filhos acesso ao Ensino Superior. Embora houvesse variações entre as condições socioeconômicas das famílias, a situação investigada pelo Estudo 1 guardou particularidades daquela população específica, não se traduzindo como representativa de toda a realidade brasileira.

Os referenciais teóricos que fundamentaram o Estudo 1 foram a perspectiva de Bohoslavsky (1977/2007, 1983a, 1983b) e, para fundamentar a metodologia do processo interventivo, utilizou-se a Técnica de Grupo Operativo de Enrique Pichon-Rivière (1998a, 1998b), que integra contributos da Teoria de Campo Grupal de Lewin, da Psicanálise inglesa, da Psicologia Social, da Sociologia e das Teorias da Comunicação. O Grupo de Orientação de Pais ocorreu ao longo de três meses, durante oito sessões grupais de uma hora e meia de duração, com frequência semanal e uma sessão individual de 50 minutos, após o fim do processo grupal. Coordenado pela pesquisadora, contou com a colaboração de três observadores silentes a fim de confrontar os registros de cada sessão e assim garantir maior confiabilidade na coleta de informações. O Estudo 1 tinha por objetivo analisar um programa de intervenção desenvolvido com pais, bem como investigar suas percepções e o papel/participação nos processos iniciais da escolha da carreira profissional de seus filhos.

A intervenção psicológica grupal dividiu-se em quatro eixos temáticos de abordagem: (1) expectativas dos pais; (2) fatores que influenciam a escolha da profissão; (3) comunicação entre

pais e filhos; (4) atividades que os pais realizam com os filhos para ajudá-los nos processos de escolha. Os eixos temáticos ancoraram-se principalmente em resultados de investigações realizadas em Portugal, pelas pesquisadoras Pinto e Soares (2001, 2002), acerca da influência parental sobre o desenvolvimento vocacional. No entanto, como informado, os conteúdos abordados por cada eixo temático foram devidamente adaptados à realidade brasileira e ao contexto sociocultural da população atendida no SOP a partir da realização do estudo-piloto. A seguir, apresenta-se o modelo estrutural da intervenção psicológica grupal.

Eixo	Sessão	Abordagem
Expectativas	1ª.	<ul style="list-style-type: none"> Expectativas com relação ao Grupo de Orientação de Pais. Expectativas em relação ao futuro profissional dos filhos. Expectativas quanto ao papel que desempenham junto ao processo de escolha profissional dos filhos.
	2ª.	<ul style="list-style-type: none"> Expectativas que tinham em suas adolescências quanto ao seu futuro profissional. Expectativas que imaginam que os filhos têm para o futuro profissional.
Fatores que influenciam a escolha da profissão	3ª.	<ul style="list-style-type: none"> Influência dos pais no processo da escolha profissional dos filhos.
	4ª.	<ul style="list-style-type: none"> Outros fatores de influência no processo da escolha profissional dos filhos.
Comunicação	5ª.	<ul style="list-style-type: none"> A comunicação entre pais e filhos adolescentes na atualidade.
	6ª.	<ul style="list-style-type: none"> O diálogo em casa com os filhos.
Atividades	7ª.	<ul style="list-style-type: none"> Atividades que realizam com os filhos ou incentivam que realizem; meios que disponibilizam a fim de favorecer o processo da escolha profissional.
Encerramento	8ª.	<ul style="list-style-type: none"> O significado do Grupo de Orientação de Pais Síntese do processo grupal.
Sessão individual		<ul style="list-style-type: none"> Centrada nas individualidades de cada participante.

Quadro 3. Estrutura do Grupo de Orientação de Pais - Estudo 1

Cada sessão grupal estruturava-se em dois momentos: 1) disparador temático²⁰ relacionado com o eixo da sessão; 2) Grupo Operativo, centrado na tarefa grupal proposta pelo coordenador. A tarefa explícita dos pais era a reflexão sobre o processo da escolha profissional e sobre o papel que exerciam junto aos filhos nesse processo. A tarefa implícita era a superação de obstáculos (resistências) presentes na comunicação e próprios da interação grupal e, concomitantemente, a expressão de ideias, sentimentos e posicionamentos mantidos com os filhos. Pela técnica, o emergente grupal é resultado do interjogo de forças contraditórias atuantes no grupo: conteúdos manifestos (conscientes/explicitos) versus conteúdos latentes (inconscientes/implícitos). A finalidade do grupo é a aprendizagem, ou seja, o salto qualitativo a partir da tomada de consciência de seus sentimentos e papéis (Pichon-Rivière, 1998a, 1998b).

²⁰ Técnicas elaboradas para estimular o debate dos eixos temáticos, estão descritas na íntegra na dissertação de mestrado (Almeida, 2009).

A análise qualitativa, respaldada no referencial teórico metodológico de grupo operativo, centrou-se nos registros das narrativas dos pais ocorridas no “aqui-agora grupal”. Assim, identificaram-se as defesas e soluções utilizadas frente à tarefa grupal, ou seja, a expressão de percepções, sentimentos e condutas mantidas com os filhos em relação ao processo da escolha da carreira. Para isto, como previsto metodologicamente, examinaram-se os *Vetores do Cone Invertido*²¹ (Pichon-Rivière, 1998a, 1998b) para investigar como o grupo abordou a tarefa de superar suas resistências e transformar a situação implícita em explícita, promovendo a aprendizagem grupal.

No Estudo 1 realizou-se a *Triangulação de Métodos* proposta por Minayo (2006). Assim, além da análise qualitativa das narrativas do “acontecer grupal” segundo a metodologia de análise de grupo operativo, os pais também responderam um questionário, com questões fechadas (escala *likert* de cinco pontos) e abertas, que avaliou suas percepções e condutas no pré e no pós-intervenção. A seguir, discorre-se sobre pontos significativos referentes aos dados do Estudo 1, tendo em conta que o mesmo desdobrou-se no Estudo 2, apresentando nesta tese. Apresenta-se, inicialmente, uma categorização dos pais participantes (idade média de 45 anos) do Estudo 1.

Como se observa pela caracterização dos participantes do Estudo 1 (Quadro 2), mais de 50% da amostra de pais apresentava formação de nível superior. Não por acaso os participantes do Grupo de Orientação de Pais atribuíam grande importância à formação educacional de seus filhos e, portanto, realizavam investimentos de diversas naturezas para que os adolescentes ingressassem no Ensino Superior, corroborando dados apontados pela literatura da área (Fiamengue & Whitaker, 2003; Silva, 1996; Sparta & Gomes, 2005). Tais investimentos, entre eles: colégios participares, aulas de reforço, cursos de habilidades específicas (como artes, desenho, dança, esporte), curso de idiomas, atividades culturais, entre outros, associados às elevadas expectativas que mantinham para o futuro dos filhos, eram normalmente acompanhados de cobranças no dia a dia, explícitas e implícitas, quanto à obtenção de bons resultados acadêmicos e quanto à aprovação em faculdades públicas.

Com o processo de intervenção em grupo operativo, os participantes puderam explicitar inicialmente o quanto investiam mas, também, esperavam e cobravam, diretamente

²¹ São cinco vetores: 1) Afiliação (1º. nível de identificação dos membros) e Pertença (identificação mais profunda, caracterizada pela adoção de normas que regem as relações grupais); 2) Cooperação (capacidade de colaborar com papéis diferenciados e complementares na execução da tarefa); 3) Pertinência (condição para centrar-se na tarefa, vencendo a resistência à mudança); 4) Comunicação (como se relacionam entre si e com o coordenador, não necessariamente ocorre em nível verbal); 5) Aprendizagem (resultante da integração das informações veiculadas pelos membros, provocando modificações qualitativas no grupo); 6) Tele (“clima grupal”, revela a disposição do grupo, positiva/negativa com a tarefa, dos membros entre si e com o coordenador).

ou não, que os filhos correspondessem aos projetos sonhados pela família. Nesse sentido, a intervenção, segundo a metodologia de grupo operativo, foi importante por propiciar um espaço potencial de confiança para que explicitassem conflitos e contradições presentes no exercício de seus papéis junto aos filhos no cotidiano familiar. Foi possível observar que, apesar de esperarem dos filhos uma maior “*maturidade*” no período das escolhas iniciais de carreira, estava latente nas narrativas do grupo, a grande ambivalência de sentimentos frente ao processo de desenvolvimento de seus filhos em relação a se tornarem mais independentes emocionalmente. Alguns participantes, sobretudo mães, explicitaram as estratégias utilizadas para manter o controle sobre a autonomia dos filhos a fim de obstaculizar ou postergar, ainda que inconscientemente, o processo de separação emocional dos filhos em relação à família (Almeida, 2009).

Por meio do Grupo de Orientação de Pais pode-se identificar que a maioria dos participantes apresentava dificuldades para assumir a influência exercida sobre o processo da escolha da carreira e, conseqüentemente, para desempenhar claramente o papel de figuras de referência. Assim, adotavam posturas pouco facilitadoras. Tal dificuldade de posicionamento se refletia em atitudes extremadas, que oscilavam entre “tomar decisões” pelo filho e fazer tarefas do cotidiano que o mesmo já seria capaz de realizar ou, por outro lado, não estimular explorações vocacionais, deixando de estabelecer qualquer diálogo sobre a escolha da carreira. A justificativa frequentemente apontada pelos pais para a “não participação explícita” era o receio de serem responsabilizados por uma decisão equivocada dos filhos. Tais atitudes extremas, ora tratando-os como crianças ora deixando-os solitários na construção da carreira, pareciam se associar com o fato de que se assumissem um papel mais participativo, instigando o desenvolvimento de carreira e possibilitando situações facilitadoras da decisão, isso favoreceria que os filhos adquirissem condições para se separarem emocionalmente, desenvolvendo-se rumo à independência (Almeida, 2009).

Considera-se que tal postura parental do não favorecimento do processo de independência dos filhos se relacione, de modo mais complexo, às dificuldades que muitos pais têm apresentado e que se relacionam com o rompimento de referenciais significativos que anteriormente norteavam as práticas da parentalidade (Oliveira, 2005; Salles, 2005; Romanelli, 2004). Nos processos de continuidade e descontinuidade entre as gerações, sabe-se que são comuns as tentativas de se romper com padrões estabelecidos (modelos da geração anterior), podendo ocorrer, muitas vezes, estados de confusão, conflitos e perdas de parâmetros (Caldana, 1998; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998).

No que se refere ao processo de intervenção realizado, os resultados do Estudo 1 mostraram que o programa desenvolvido, o Grupo de Orientação de Pais, propiciou aos participantes o contato com situações que se mantinham latentes na situação grupal e, sobretudo, na relação com os filhos. A explicitação do latente no grupo, segundo a técnica operativa (Pichon-Rivière, 1998a, 1998b), favoreceu aos pais um maior conhecimento de seus sentimentos e um posicionamento mais participativo. Por meio da avaliação desta intervenção, identificaram-se mudanças em suas atitudes e percepções no que concernia ao processo da escolha profissional e um maior comprometimento com os projetos de carreira de seus filhos (Almeida, 2009).

As conclusões apontaram para a necessidade das pesquisas amplificarem, sob diferentes perspectivas de análise, a compreensão sobre como o posicionamento participativo dos pais pode influenciar positivamente as trajetórias dos filhos, não apenas em relação ao momento da primeira escolha profissional mas para além desta fase, nos processos de transição do Ensino Médio para a universidade ou para o mercado de trabalho, conforme as realidades de cada família (Almeida, 2009). Partindo dessas conclusões, delineou-se o presente Estudo 2.

2 O Delineamento dos Objetivos

A presente investigação considera a importância da realização de estudos de natureza longitudinal, como ressaltado por Whiston e Keller (2004), que analisem a influência parental sobre a construção da carreira ao longo da vida. Menciona-se assinalamento de Bardagi e Hutz (2008) que, em pesquisas com universitários, identificou que as investigações se focalizam, sobretudo, na análise da influência parental nos processos de escolha profissional e, portanto, a área carece de estudos que examinem a relação pais-filhos, principalmente quando o jovem ingressa no Ensino Superior ou no mercado de trabalho.

Sabe-se que, na realidade brasileira, grande parte da população não tem a possibilidade de dar continuidade aos seus estudos e de ter acesso à formação universitária, ingressando diretamente no mercado de trabalho. No entanto, reconhece-se a importância de a área se debruçar em análises sobre como o grupo familiar participa e pode se constituir como um meio *suficientemente* favorecedor da construção dos percursos de carreiras de seus membros, dentro do rol de possibilidades das trajetórias de cada grupo familiar. A partir disso, delineou-se o Estudo 2 que, juntamente com o Estudo 1, compõe uma investigação de natureza longitudinal, uma vez que sujeitos de uma mesma amostra são avaliados em dois momentos temporais:

(1) Estudo 1 (Almeida, 2009): realizou-se o Grupo de Orientação de Pais, no ano de 2007, quando se investigou a participação dos pais junto aos processos das escolhas iniciais de carreira dos filhos, quando os mesmos cursavam o Ensino Médio.

(2) Estudo 2: após quatro anos do Grupo de Orientação de Pais, investiga-se como os participantes vivenciavam a construção das trajetórias de carreira de seus filhos, após a conclusão do Ensino Médio.

A seguir, destacam-se os principais pontos que nortearam a tarefa de circunscrever o contexto do Estudo 2, apresentado nesta tese, bem como os seus objetivos.

- 1) A respeito do *design* da investigação, o intuito era que a mesma preservasse características de um estudo de *follow-up* (Niles & Harris-Bowlsbey, 2005), isto porque ao se definir que parte da amostra de participantes do Estudo 1 seria avaliada em um segundo momento, pretendia-se também investigar possíveis “efeitos” da intervenção realizada no primeiro estudo, no ano de 2007 (Almeida, 2009). Assim, no Estudo 2, quatro anos depois, seriam analisados possíveis efeitos do Grupo de Orientação de Pais na vida dos pais participantes.
- 2) Com relação à população potencial, a maioria das famílias inscritas no SOP apresentam recursos socioeconômicos que podem facilitar o acesso à universidade. Portanto, a amostra de participantes do Estudo 2 não seria representativa de toda a realidade brasileira. Ademais, os participantes compreendiam apenas aqueles que vivenciaram o processo de intervenção psicológica - o Grupo de Orientação de Pais - realizado em 2007. Por conseguinte, o que se buscava alcançar restringia-se às experiências particulares desses mesmos pais. Informa-se, entretanto, que se pretendia que a amostra definitiva de participantes do Estudo 2 fosse a mais heterogênea possível. Também era reconhecida a possibilidade de que, devido ao intervalo de tempo transcorrido entre o Estudo 1 e o Estudo 2, as condições socioeconômicas dos participantes tivessem oscilado no período de quatro anos.
- 3) No que tange aos paradigmas e referenciais teóricos articulados na investigação, por “trajetórias de carreira” entendia-se o percurso não-linear construído pelo indivíduo, envolvendo diferentes cenários e papéis desempenhados ao longo da vida, ou seja, experiências nos domínios do estudo, do trabalho, do lazer, da família e outros cenários interpessoais (Savickas, 2005). Assim, pretendia-se investigar a situação dos participantes, no que se refere a estas diferentes experiências.

- 4) Considerando que os pais, sujeitos do Estudo 2, haviam participado do Grupo de Orientação de Pais, partia-se da ideia de que estariam acompanhando, com algum nível de participação emocional e instrumental, a construção das trajetórias de carreira de seus filhos, os quais se encontravam a caminho para a idade adulta. Em função dos processos de interdependência entre indivíduo e contexto, também se considerava que não apenas os pais estariam influenciando as trajetórias dos filhos, mas que estes, à medida que se desenvolviam e ampliavam suas redes de relações, também influenciavam as trajetórias de seus pais e dos grupos familiares.

Mediante os principais pontos balizadores, os objetivos, geral e específicos, da investigação foram definidos e são apresentados a seguir.

2.1 Objetivo Geral

Compreender como os pais vivenciavam a construção das trajetórias de carreira de seus filhos, quatro anos depois de terem participado do Grupo de Orientação de Pais.

2.2 Objetivos Específicos

- 1) Investigar como os pais participavam da construção das trajetórias de carreira dos filhos, segundo a história de cada contexto familiar
- 2) Analisar as possíveis repercussões das trajetórias de carreira dos filhos na vida de seus pais
- 3) Investigar se os pais têm vivenciado transformações nas relações com os filhos, sobretudo, no que se refere ao desenvolvimento emocional destes rumo à independência em relação ao contexto familiar
- 4) Identificar possíveis repercussões do Grupo de Orientação de Pais na vida dos pais participantes

3 A Metodologia Qualitativa

Em acordo com os referenciais adotados, optou-se pela metodologia de investigação qualitativa como forma de obtenção de dados mais aprofundados para a compreensão das questões pertinentes ao tema. Para elaborar o plano de investigação, recorreu-se a

formulações de Bogdan e Biklen (1994/2010) que sugerem que as investigações de natureza qualitativa preservam cinco características importantes. A primeira delas se refere ao fato de que a fonte dos dados qualitativos é sempre o contexto do fenômeno a ser estudado, sendo o investigador o principal “instrumento” da coleta de informações. Para isto, tem a sua disposição uma gama variada de técnicas que atendem a natureza descritiva da investigação qualitativa, o que implica que os dados sejam expressões não quantificáveis, sendo esta a segunda característica descrita por Bogdan e Biklen (1994/2010). Nesse trabalho de campo, os autores analisam ser imprescindível ao pesquisador estar atento e ser minucioso na recolha dos dados. Deve-se ponderar que nada é trivial ou banal, já que mesmo os “pormenores” se constituem como elementos integrantes de uma complexa rede de significados, que podem ser examinados a fim de se compreender, de modo mais fidedigno, o universo dos participantes.

Como terceira característica, os autores destacam a preocupação do pesquisador qualitativo em aprofundar sobre os processos que permeiam aquilo que se pretende investigar, privilegiando sempre o “de que modo” os participantes vivenciam suas experiências de vida. A quarta característica, por sua vez, refere-se ao modo indutivo como os dados são analisados. Assim, diferentemente do paradigma que ampara a metodologia quantitativa, a pesquisa qualitativa não objetiva a confirmação de hipóteses pré-estabelecidas, uma vez que as “abstrações são construídas à medida que os dados particulares que foram recolhidos vão se agrupando” (Bogdan & Biklen, 1994/2010, p. 50). A partir destes agrupamentos, novas redes de sentido vão sendo constituídas e sendo incorporadas às análises. Por fim, como quinta característica, os autores ressaltam a importância dos significados atribuídos pelos participantes às suas vivências e como esses sentidos os ajudam a construir suas histórias. Desse modo, estas cinco características, propostas por Bogdan e Biklen (1994/2010), nortearam o planejamento da investigação.

Outro aspecto importante considerado no planejamento refere-se à confiabilidade dos dados qualitativos. Sobre esta questão, há importante discussão no campo das metodologias qualitativas. Um dos problemas levantados por Richardson (1985/2011) diz respeito às inadequações de se aplicar critérios quantitativos de validade aos dados das investigações de natureza qualitativa. De fato, o que é significativo em pesquisa qualitativa não é a representatividade ou frequência com que determinado tópico específico é compartilhado entre os participantes, mas a qualidade das informações coletadas. Desse modo, o investigador deve permanecer verdadeiramente atento à validade das informações obtidas e, para isto, deve se concentrar em acessar as opiniões autênticas dos participantes e permanecer atento aos locais onde será realizada a coleta, a fim de que sejam adequados à forma de captura das

informações (Richardson, 1985/2011). Embora seja consenso que o campo qualitativo é variável e imprevisível sendo impossível prescrever situações, o pesquisador qualitativo precisa considerar os fatores que possam interferir na espontaneidade e na autenticidade da expressão de seus participantes (Richardson, 1985/2011). Assim, especial atenção foi dada ao planejamento da coleta de dados, ou seja, à escolha do instrumento de coleta, do local e das formas dos registros das informações, a fim de favorecer a expressão mais espontânea e autêntica possível dos participantes (Bogdan & Biklen, 1994/2010).

Por se buscar compreender como cada participante vivenciava a construção das trajetórias de carreira de seus filhos, a investigação também é considerada um “estudo de casos múltiplos” (Bogdan & Biklen, 1994/2010). Isto porque cada pai ou mãe apresenta diferentes realidades familiares, embora todos preservem como elemento comum o fato de terem participado do Grupo de Orientação de Pais²² em 2007, quando os filhos estavam em processo de escolha inicial da carreira. Outro ponto comum é que, quatro anos depois, foram entrevistados (individualmente) pela mesma pesquisadora, a partir de um mesmo roteiro de entrevista semiestruturada. Assim, os “casos” são compreendidos tanto em suas particularidades, como também discutidos de modo comparativo, na medida em que fazem parte de uma mesma amostra e preservam características comuns (Bogdan & Biklen, 1994/2010).

3.1 Instrumento de coleta de dados: a técnica da entrevista

Escolheu-se como instrumento de coleta de dados a técnica da entrevista, por se tratar de um procedimento científico que possibilita o contato direto com o objeto de investigação. Neste estudo, privilegiava-se acessar as vivências dos pais em suas particularidades, por meio das narrativas que fossem construindo na situação de entrevista com a pesquisadora. A técnica da entrevista, conforme analisam Bogdan e Biklen (1994/2010, p. 134) é usada na recolha de dados que são “[...] descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”. Autores como Clandinin e Connelly (2000) argumentam que a narrativa possibilitada pela entrevista pode se tornar o melhor veículo para a compreensão das vivências dos indivíduos em questão, possibilitando ao pesquisador o contato com seus sentimentos, crenças, representações, valores e opiniões.

²² Ocasão em que foram investigados em grupo e não individualmente.

O presente estudo também se apoiou na posição de Rocha-Coutinho (2006) ao se considerar que, se para o pesquisador qualitativo a narrativa oral ainda é a melhor via de acesso à experiência emocional de seus informantes, para estes, por sua vez, a construção da narrativa lhes permite a articulação de suas experiências, possibilitando meios para refletirem sobre seus significados, o que os auxilia nos processos da construção de suas histórias e identidades.

Outro fator que motivou a escolha pela técnica da entrevista foi que nesta situação necessariamente estão envolvidos processos de interação e a influência recíproca entre entrevistador e entrevistado. Essas inter-relações são identificadas, sobretudo, nas entrevistas não rigidamente estruturadas, que permitem maior flexibilidade na ordem das questões ou nos temas, propiciando aos participantes discorrerem livremente sobre o que lhes é proposto, a partir de suas próprias informações sobre o assunto (o que, na realidade, é o mais significativo para a pesquisa qualitativa) (Bogdan & Biklen, 1994/2010; Lüdke & André, 2012).

A questão da influência recíproca entre pesquisador e participante possibilitada na “situação de encontro” da pesquisa qualitativa foi motivo de muita reflexão neste estudo. A fim de favorecer uma atmosfera de estímulo e confiança, optou-se por que a pesquisadora – coordenadora do Grupo de Orientação de Pais no ano de 2007 - realizasse as entrevistas com os participantes quatro anos depois. Como o intuito era acompanhar parte da mesma amostra de participantes longitudinalmente, privilegiou-se que os pais pudessem se remeter com maior confiança às situações vivenciadas no grupo de pais, quatro anos depois na entrevista. No entanto, considerando a importância de se preservar a confiabilidade dos dados (Richardson, 1985/2011), é importante assinalar que a pesquisadora estava cônica de que, se por um lado havia vantagem no fato dos participantes terem um contato prévio com a mesma, o que poderia favorecer um clima de confiança para o aprofundamento dos temas da entrevista, por outro estaria presente o risco de que as informações visassem também ao atendimento do que os participantes consideravam ser expectativas da pesquisadora. Cumpre informar que se manteve atenção para este viés, embora se tenha clareza de que não necessariamente são negativos os efeitos dos processos de interação ocorridos nas pesquisas qualitativas, desde que tais situações sejam apresentadas e discutidas. Nesse sentido, concorda-se com posição de Barbieri (2008) ao refletir que, uma vez que se conjugam no pesquisador a análise, a interpretação e o seu modo de apreender a realidade, então, necessariamente, o seu papel deve ser considerado na investigação. Portanto, a fim de garantir a qualidade do estudo qualitativo é imprescindível se atentar para a autorreflexão ao se debruçar na interpretação dos

fenômenos que emergem das pesquisas onde há a interação com seres humanos, analisa Barbieri (2008).

Definida a técnica da entrevista, com base em formulações de Minayo (2008), optou-se pela utilização de um roteiro de entrevista semiestruturada, o qual foi delineado a partir de eixos temáticos desdobrados em indicadores qualitativos a serem examinados e que mantinham relação estreita com o objeto de investigação. O roteiro semiestruturado, ao se prestar como instrumento de orientação para a interlocução, deve “[...] ser construído de forma que permita flexibilidade nas conversas e a absorver novos temas e questões trazidas pelo interlocutor como sendo de sua estrutura de relevância” (Minayo, 2008, p. 191). Tinha-se por propósito que a linguagem do roteiro de entrevista semiestruturada evocasse as narrativas dos pais participantes, sendo considerado que cada:

[...] questão do roteiro deve fazer parte do delineamento do objeto, de forma que todos os tópicos em conjunto se encaminhem para dar-lhe forma e conteúdo e contribuam para enfatizar as relevâncias previstas no projeto (ponto de vista do investigador) e as dos informantes (ponto de vista dos entrevistados) (Minayo, 2008, p. 191).

Cuidou-se para que a utilização do roteiro não perdesse de vista o caráter de guiar a entrevista, sem atuar como obstáculo à abertura e ao aprofundamento da comunicação e tampouco antecipar imprevistos que pudessem emergir na situação do trabalho de campo do pesquisador (Minayo, 2008). O intuito da entrevista era justamente incorporar os imprevistos (próprios da interação eu-outro) que viessem à tona no contato entre pesquisador e participante.

3.2 Participantes

No Estudo 1 participaram do Grupo de Orientação de Pais, em 2007, quinze mulheres e sete homens, totalizando vinte e dois sujeitos, dos quais quatro eram casais (Almeida, 2009). Portanto, este constituía, *a priori*, o universo populacional do Estudo 2. A amostra, no entanto, foi composta apenas a partir daqueles que aceitaram novamente colaborar com a pesquisa, mediante a:

- 1) Leitura da “Carta aos Pais” (APÊNDICE A) que contém a apresentação do novo estudo, os esclarecimentos necessários sobre os objetivos e procedimento de coleta de dados e os cuidados éticos a serem considerados;
- 2) Assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B).

Entre aqueles que aceitaram participar do Estudo 2, havia treze pessoas, onze mulheres e dois homens, havendo entre estes dois casais. Considerando que o estudo é de natureza qualitativa e, portanto, visa ao aprofundamento das análises do fenômeno em questão, como critério de inclusão e exclusão da amostra, optou-se por contemplar a diversidade, buscando variações em função das escolaridades dos pais e das trajetórias de carreira dos mesmos e de seus filhos (o que incluía diferenças em suas realidades socioeconômicas). Após refinamento da amostra para fins de análise neste estudo, são apresentados e discutidos os dados referentes a oito participantes (N=8), ilustrados no Quadro 4, a seguir. Observa-se que a faixa etária dos pais varia entre 41 e 59 anos e a idade dos filhos entre 20 e 24 anos.

Situação do PAIS							Situação dos FILHOS					
Nome	Idade	Estado Civil	Nº de filhos/ Gênero	Convivência familiar	Escolaridade	Profissão/ Ocupação	Nome	Idade	Posição na fratria	Residência atual	Escolaridade	Atividades acadêmicas/ Estágios/ Trabalho
Helena	44	Casados	3 filhos (2F; 1M)	Com o marido/esposa e a filha caçula	Ensino Médio	Dona de casa Agricultor/proprietário rural	Maurinho	20	Primogênito	Com a irmã, em outra cidade	Ensino Superior em andamento Universidade pública - Engenharia Civil	Iniciação Científica
Mauro	51											
Dora	45	Divorciada	2 filhos: (2F; 1M)	Com os pais e o filho caçula	Ensino Superior Ensino Técnico	Assistente Social (parou de atuar) Corretora de imóveis	Melina	20	Primogênita	Em república de amigos, em outra cidade	Ensino Superior em andamento Universidade pública - Biologia	Iniciação Científica
Raquel	56	Divorciada	1 filho	Sozinha	Ensino Superior	Assistente Social	Bruno	20	Filho único	Em república de amigos, em outra cidade	Ensino Superior em andamento Universidade pública - Engenharia de Produção	Iniciação Científica Concorrendo a estágio
Beatriz	51	Casada	1 filha	Com o marido	Pós-Graduação	Cirurgiã-Dentista (interrompeu) Dona de casa	Renata	20	Filha única	Sozinha, em outra cidade	Ensino Superior em andamento Universidade pública – Engenharia Agrônômica	Concorrendo a estágio
Cássia	48	Casada (em processo de separação)	2 filhos	Com o marido, dois filhos e os sogros	Ensino Superior (interrompeu) Ensino Técnico	Dona de casa Iniciando trabalho como atendente em comércio	Flávio	20	Filho caçula	Com os pais, o irmão e os avós paternos	Ensino Superior (interrompeu)	Atendente em comércio Faz treinamento para ser lutador profissional
Alice	59	Casada	3 filhas	Com o marido, três filhas e duas netas	Ensino Médio	Massagista terapêutica	Paula	24	Filha do meio (adotiva)	Com os pais, duas irmãs e duas sobrinhas	Ensino Superior em andamento Universidade privada Transferiu-se do curso de Letras para de Educação Física	Atendente em comércio (loja do noivo) Dançarina
Rosa	41	Recasada	3 filhos: (2F; 1M)	Com o marido e dois filhos	Ensino Superior	Professora	Patrícia	21	Primogênita	Com a avó materna	Ensino Médio Ensino Técnico (interrompeu)	Atendente em comércio

Quadro 4. Caracterização dos pais participantes do Estudo 2.

3.3 Procedimento de Coleta de Dados

1) As correspondências

Aos vinte e dois participantes do Grupo de Orientação de Pais (Almeida, 2009) enviou-se pelo correio a “Carta aos Pais” (APÊNDICE A) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B). Todas as correspondências foram preparadas com “Aviso de Recebimento” (AR) a fim de garantir maior controle do recebimento em seus destinos. À medida que os ARs retornavam assinados, os pais eram contatados em seus telefones. Das vinte e duas correspondências enviadas, três retornaram devido a mudanças de endereço.

2) As ligações telefônicas

Inicialmente, foram realizadas ligações telefônicas para os que receberam a correspondência, conforme retorno das ARs. Durante as ligações, confirmava-se o recebimento e a leitura da carta e, a partir disso, ofereciam-se maiores esclarecimentos sobre a pesquisa. Quando declarado o aceite, agendavam-se horários e datas para a entrevista, sendo dada a possibilidade de escolherem o local de realização da mesma, ou em suas próprias residências (ou local que sugerissem, desde que apropriado à gravação da entrevista) ou em uma sala reservada do SOP. Caso não houvesse o aceite em participar, agradecia-se a atenção dispensada.

Neste período também se realizou a busca por aqueles que mudaram de residência e que não haviam recebido a correspondência. Como os números de telefone não eram os mesmos, a procura pelos endereços ocorreu com auxílio da lista telefônica e de sites de busca da internet. Aqueles não encontrados por estes meios foram contatados por endereços eletrônicos. Convém informar que na “Carta aos Pais” constava o telefone da secretaria do Serviço de Orientação Profissional (SOP) para uso daqueles que não quisessem participar do estudo, tampouco receber a ligação da pesquisadora. Informa-se que um casal ligou para explicar que não poderia participar. Portanto, do universo de vinte e dois participantes do Grupo de Orientação de Pais do ano de 2007, quatorze pessoas foram encontradas em seus telefones ou endereços eletrônicos no ano de 2011. Destas, treze aceitaram realizar a entrevista, sendo que uma informou não estar disponível devido aos seus horários restritos e às constantes viagens de trabalho.

3) As entrevistas

As entrevistas ocorreram em local de conveniência para o participante. Ao todo, seis foram realizadas em suas próprias residências e as outras sete foram realizadas em uma sala

disponibilizada pelo SOP. Para os participantes que formavam casal, agendou-se data possível para ambos, no entanto as entrevistas foram realizadas separadamente. Cuidou-se para que ocorressem em sequência a fim de não conversarem entre si.

No dia da entrevista, os participantes entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado e receberam um segundo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a Constituição do Banco de Dados²³ (APÊNDICE C). Caso concordassem e assinassem, este autorizava que as informações oferecidas fossem arquivadas para compor um banco de dados do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada (CPA), da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Banco de dados este que poderia ser utilizado para subsidiar outras pesquisas pela mesma faculdade. Enfatizou-se que a participação no Estudo 2 não implicaria, em nenhuma hipótese, na obrigatoriedade da assinatura do segundo termo.

Na situação das entrevistas, como previsto na “Carta aos Pais”, utilizou-se um gravador de voz como estratégia para capturar as informações e alcançar com maior fidedignidade a narrativa dos participantes. Com base no *Roteiro de entrevista semiestruturada* (APÊNDICE D), os eixos temáticos foram propostos e os participantes orientados a se expressarem livremente sobre o que sentissem necessidade, de acordo com as associações despertadas frente a cada tema. A pesquisadora respeitou a sequência do roteiro, mas cuidando-se para que o momento de abordagem fosse coerente com as narrativas dos pais a fim de não haver ruptura nas histórias que construíam. Vale esclarecer que não estava previsto um tempo delimitado para as entrevistas, sendo respeitado o ritmo de cada participante. A menor entrevista teve duração de trinta e oito minutos e a maior de uma hora.

3.4 Procedimento de Análise dos Dados

Os dados foram tratados segundo a metodologia qualitativa que, conforme Minayo (1994, p. 21), propõe ao pesquisador debruçar-se sobre um “[...] universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Tal realidade, que não se capta por equações e estatísticas, é fruto de interpretações que o indivíduo tem a respeito de como pensa e sente; e ainda, sobre quem é, como vive e como constrói suas relações consigo mesmo e com o outro (Minayo,

²³ Este segundo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi sugerido pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) desta mesma instituição.

1994, 2008). O tratamento dos dados, pela proposta de Minayo (2008), foi operacionalizado em três fases, descritas a seguir.

1) Ordenação dos dados

Momento em que se realizou a organização de todos os dados, não só os obtidos por meio das entrevistas, mas também as informações extraídas das ligações telefônicas com cada participante. Recorreu-se também a dados do Estudo 1 que agregavam informações relevantes ao Estudo 2. Segundo Minayo (2008), essa fase propicia o *mapa horizontal* de todas as descobertas realizadas pelo pesquisador.

Nessa etapa, realizou-se a transcrição de todo o material coletado durante as entrevistas logo após a finalização das mesmas. Paulin (2004) sugere ser interessante que esta tarefa seja feita pelo próprio entrevistador na busca da reprodução mais fiel do acontecimento vivenciado na relação entrevistador-entrevistado. O mesmo deve atentar-se não só em registrar o vocabulário do sujeito, mas também mencionar suas pausas, silêncios, entonações, expressões faciais e emoção (Minayo, 1994; Paulin, 2004). Portanto, cada entrevista foi transcrita na íntegra, sendo consideradas as impressões e interpretações da pesquisadora sobre o “aqui-agora” de cada encontro.

Para Minayo (2008), nesta fase iniciam-se as divisões que caracterizam e diferenciam os participantes. Desse modo, optou-se por representar os dados referentes à idade, estado civil, número de filhos, pessoas que convivem no mesmo espaço familiar, escolaridade, profissão/ocupação; e informações sobre a situação dos filhos: idade, posição na fratria, escolaridade, residência, atividades acadêmicas, estágios e trabalhos (ver Quadro 4).

2) Classificação dos dados

Nessa etapa ocorreu a *leitura horizontal e exhaustiva* (Minayo, 2008) dos dados obtidos. No estudo, a escuta e o processo de transcrição das entrevistas já se configuraram como uma primeira imersão sobre o material. Em um segundo momento, seguiram-se as leituras de todo o material transcrito. Para Minayo (2008), esse exercício do pesquisador, “denominado por alguns autores como ‘leitura flutuante’, permite apreender as estruturas de relevância dos atores sociais, as ideias centrais que tentam transmitir e os momentos-chave e suas posturas sobre o tema em foco” (Minayo, 2008, p. 357). Em um segundo momento, seguiu-se a fase da *leitura transversal* (Minayo, 2008) de todo o material em busca das *unidades de sentido* presentes nas narrativas dos participantes. As *unidades de sentido* foram destacadas segundo critério de “relevância” e “tópicos de informações” e não segundo a

“frequência”, como propõem as análises de conteúdos mais tradicionais (Minayo, 1994, 2008). As *unidades de sentido* foram refinadas e agrupadas em subcategorias temáticas e, em seguida, sintetizadas em categorias centrais, segundo semelhanças e conexões entre as narrativas dos entrevistados.

Após a realização do primeiro delineamento de categorias, conclusões da equipe da investigação levaram à inclusão de uma nova fase ao procedimento de classificação dos dados. Optou-se por submeter o material coletado à leitura de outro pesquisador qualitativo, que por sua vez delineou outras categorias. O objetivo foi comparar as categorias de cada pesquisador e compor um delineamento que sintetizasse as duas análises. Convém mencionar que se concorda com Richardson (1985/2011) ao considerar que não se deve aplicar critérios de validade quantitativos em pesquisas qualitativas: “[...] dois estatísticos que apliquem o mesmo teste de confiabilidade aos mesmos dados quantitativos seguramente chegarão ao mesmo resultado. É muito improvável, porém, que dois pesquisadores qualitativos produzam a mesma leitura de um mesmo sujeito” (p. 99). Considera-se, inclusive, que em investigações de natureza qualitativa, a cada imersão do pesquisador sobre o material qualitativo, novas possibilidades de leituras surgirão, originando diferentes perspectivas de análises, não necessariamente excludentes. Cumpre assinalar, no entanto, que o procedimento adotado fez parte dos cuidados tomados a fim de se atentar para possíveis “pontos cegos” do trabalho do pesquisador.

A seguir, ilustrados no Quadro 5, apresentam-se os temas narrativos delineados a partir do processo de síntese realizado entre as categorias e subcategorias temáticas construídas na fase do tratamento dos dados.

Temas Narrativos dos pais	O acompanhamento das trajetórias de carreira dos filhos		
	As primeiras escolhas de carreira dos filhos.	A trajetória de carreira que vem sendo construída pelos filhos e seus projetos de futuro.	
	O sentido atribuído pelos pais às suas vivências		
	As repercussões das trajetórias dos filhos na vida dos pais.	A atuação dos pais junto aos filhos.	O processo da separação emocional pais-filhos.
	O sentido atribuído ao Grupo de Orientação de Pais: quatro anos depois		

Quadro 5. Os temas narrativos dos pais participantes do Estudo 2

3) Análise final

Nessa fase, examinaram-se os temas narrativos. Para Denzin e Lincoln (1994) o investigador qualitativo é como um “bricoleur” não só em sua coleta de dados, ocasião em que pode se valer de uma coleção de materiais empíricos adquiridos, mas também na fase de análise quando realiza uma “bricolagem”, ancorando-se em uma multiplicidade de referenciais teóricos com finalidade de aprofundar suas interpretações e compreensão dos fenômenos. Assim, o intuito do estudo foi de realizar uma articulação dos temas narrativos com achados de outras investigações e publicações, tendo como subsídios para a interpretação e a discussão os referenciais teóricos adotados. Nesta fase, Minayo (2008) destaca a necessidade de o pesquisador qualitativo buscar responder as questões que permearam o planejamento da investigação e a importância para a qualidade de sua pesquisa da receptividade às novas perguntas que certamente surgirão ao longo de todo o processo de investigação.

3.5 Considerações Éticas

O Estudo 2 foi submetido e aprovado (em ANEXO) pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Psicologia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, a qual integra “referenciais da bioética, tais como, autonomia, não maleficência, beneficência, justiça e equidade, dentre outros, e visa a assegurar os direitos e deveres que dizem respeito aos participantes da pesquisa, à comunidade científica e ao Estado.” (Resolução Nº 466, de 12 de Dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, p.1-2). Por se inserir na área da Psicologia, também se respalda na Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia.

Todos os convidados a participarem receberam a “Carta aos Pais” (APÊNDICE A) que oferecia os devidos esclarecimentos sobre objetivos da pesquisa, bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE B) a ser assinado, em caso de anuência. Este tipo de documento, conforme Cozby (2009), comunica aos sujeitos os propósitos, os riscos associados aos procedimentos e, também, o direito de recusa ou interrupção da colaboração a qualquer momento. Assim, fornece informações que podem influenciar a tomada de decisão quanto à participação no estudo. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido não só autoriza a utilização dos dados da pesquisa, cujos resultados poderão ser divulgados em dissertações/teses, congressos, publicações mas, sobretudo, prevê o sigilo quanto à identidade

dos sujeitos, bem como resguarda cuidados éticos implicados em todo estudo científico com seres humanos, desde a fase de obtenção e registro dos dados até o armazenamento e utilização das informações.

Cabe assinalar que a participação no Estudo 1, no ano de 2007, (Almeida, 2009) não implicava na colaboração com o Estudo 2, no ano de 2011, sendo os pais totalmente livres para aceitarem ou não participar da segunda investigação.

Para aqueles que optaram por colaborar com o Estudo 2, seguindo orientações do CEP, elaborou-se um segundo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C) a ser assinado, caso permitissem que suas informações oferecidas na entrevista fossem armazenadas em um banco de dados a ser utilizado em outras pesquisas do Serviço de Orientação Profissional (SOP), do CPA-FFCLRP-USP.

Com relação aos cuidados requeridos no tratamento e apresentação dos dados, o processo da transcrição das entrevistas foi realizado somente pela pesquisadora, o que não só auxiliou na captação e no registro de conteúdos não-verbais dos participantes, como também resguardou o sigilo quanto à identificação dos mesmos, uma vez que nas gravações os pais se referiam a nomes e informações que favoreciam o reconhecimento de suas identidades e da identidade de pessoas envolvidas. Convém destacar que foram dados nomes fictícios para todos os pais participantes e para seus filhos, assim como para terceiros que são mencionados nas narrativas.

*Capítulo III - Apresentação e
Interpretação dos Resultados*

Os resultados são organizados em duas partes. Na primeira parte, apresenta-se uma breve contextualização dos pais participantes, circunscrita ao período de quatro anos, ou seja, desde o fim do Grupo de Orientação de Pais em 2007 até a situação da entrevista no ano de 2011. Destaca-se, nesse momento, como transcorreu o encontro de cada participante com a pesquisadora na situação da entrevista. Na segunda parte, os temas narrativos são apresentados e interpretados em diálogo com os referenciais teóricos adotados.

1 A Contextualização dos Pais

1.1 O Casal: a mãe HELENA e o pai MAURO

Helena e Mauro tiveram três filhos, o primogênito Maurinho e mais duas filhas. Residem em pequena cidade do interior do país, com maior extensão de área rural. Helena, com 44 anos de idade, tem escolaridade de nível médio e se dedica integralmente aos cuidados da família e da casa. Fora do espaço doméstico, é catequista de um grupo católico de jovens. Mauro, de 51 anos, também de nível médio de escolaridade, é agricultor e proprietário rural.

No ano de 2007, o filho do casal, Maurinho, então com 16 anos, residia em uma pensão de um município maior (próximo à cidade de origem), onde cursava o 3º. colegial do Ensino Médio em colégio particular. Na ocasião, o adolescente preparava-se para os exames vestibulares a serem realizados ao final daquele ano. Na época, Maurinho participou do Grupo de Orientação Profissional oferecido no Serviço de Orientação Profissional (SOP), pois apresentava dúvidas em relação à escolha da profissão. No mesmo período, seus pais, Mauro e Helena, inscreveram-se para participar do Grupo de Orientação de Pais (Estudo 1) que ocorria em horário noturno, no mesmo serviço. Apesar da distância entre estas cidades, o casal era assíduo às sessões. Nos encontros do grupo, demonstravam envolvimento com a situação vivenciada pelo filho, em fase de escolha da carreira profissional, e preocupação se o mesmo estaria se dedicando à tarefa de estudar para passar no vestibular.

No ano de 2011, quatro anos após a participação no Grupo de Orientação de Pais, no contato telefônico, Helena mostrou receptividade ao aceitar o convite para participar do Estudo 2. Por telefone, expressou a satisfação de conversar com a pesquisadora, assumindo o desejo de ter entrado em contato quando o filho passou no vestibular. Em tom de confissão, disse que o marido a impedira: *“Helena, passou muito tempo, não vai incomodar a moça...será que ela ainda se lembra?”*. A confirmação de que a experiência do grupo de pais

ainda estava presente não só para Mauro e Helena, mas também para a pesquisadora, ajudou a proporcionar ao reencontro com o casal um clima de hospitalidade e confiança.

No dia agendado em seu município, aguardavam na casa Helena, Mauro e a filha mais nova, a única que ainda reside com os pais. Embora fosse evidente um clima de expectativa e ansiedade na recepção da pesquisadora, com o transcorrer da tarde, os movimentos da pequena cidade, os ruídos da própria casa e a presença da filha estudando na cozinha ao lado, foram conferindo à situação uma atmosfera de intimidade e vida cotidiana.

As entrevistas foram realizadas reservadamente e individualmente na sala principal da residência. Inicialmente com Mauro, que precisava sair para trabalhar na fazenda e, em seguida, com Helena. Sobre as narrativas, notou-se que suas histórias foram congruentes, reafirmando o entrosamento e a cumplicidade do casal já demonstrados no grupo de pais. Atualmente, o filho reside com a irmã em outra cidade, onde cursa Engenharia Civil, em uma universidade pública.

A história contada por Helena manteve um tom bastante emotivo. A mãe confidenciou sobre o impacto ocasionado pela saída do filho de casa em sua vida cotidiana. Ao falar sobre o percurso de Maurinho, mostrou que acompanhou sua vida nesse período, sempre na busca de encurtar as distâncias entre mãe e filho. Embora expressasse orgulho frente às suas conquistas e se percebesse participando da construção da trajetória do filho, a história de Helena também antecipava o sentimento de solidão frente à ausência dos três filhos no ambiente familiar.

A entrevista com Mauro, por sua vez, ocorreu sob um clima que alternava um discurso mais racional e momentos de explícita emoção. Se por um lado, Mauro estava voltado à provisão do lar, permanecendo a maior parte do tempo fora do espaço doméstico, sua história também contou sobre um pai à procura de se manter participativo, acompanhando a trajetória do filho mesmo à distância.

Ao final das entrevistas, a pesquisadora foi surpreendida com uma mesa de café cuidadosamente preparada, ocasião em que a filha mais jovem se aproximou, aproveitando para contar sobre seus interesses de carreira profissional e os planos de realizar o terceiro colegial na mesma cidade em que residem seus dois irmãos.

1.2 A mãe DORA

Com 45 anos de idade, Dora é formada em Serviço Social. No ano de 2007, embora trabalhasse na área de formação como assistente social, não se sentia satisfeita no exercício de

sua profissão. Com relação ao seu contexto familiar, após se divorciar, Dora voltou a residir com os pais e os dois filhos, um garoto pré-adolescente e a jovem Melina. Na época, Melina, com 16 anos, participou do Grupo de Orientação Profissional para adolescentes no SOP. Nesta ocasião, Dora inscreveu-se no Grupo de Orientação de Pais, pois desejava ser auxiliada em relação à filha que estava em processo inicial de escolha da carreira. No grupo, Dora mostrou-se reservada e observadora, porém, com o avanço das sessões, passou a expressar mais sobre suas ansiedades em relação a como se posicionar com a filha adolescente. Dizia se sentir “*muito sozinha nos cuidados com a educação dos filhos*”, pois não contava com a ajuda do ex-marido nessa tarefa. Suas preocupações quanto à indecisão vocacional da filha também se relacionavam com suas próprias inquietações e frustrações quanto a sua trajetória de carreira.

Passados quatro anos da participação no grupo de pais, Dora ao receber a correspondência sobre o Estudo 2, e ser contatada em seu telefone, aceitou dar a entrevista à pesquisadora. No dia agendado, embora parecesse ansiosa mostrou-se muito receptiva. Como no grupo, manteve inicialmente reserva, todavia, com o transcorrer do encontro, foi demonstrando maior confiança para compartilhar sobre a fase de transição que estava vivenciando com a filha.

Sobre a jovem, contou que a mesma reside em cidade do interior do país (próxima ao município de origem), onde cursa Biologia em uma universidade pública. Ao longo do encontro, foi possível identificar uma mudança em Dora. Inicialmente focada em narrar o trajeto de Melina e em contar como questionava a jovem sobre suas intenções e escolhas de carreira, pouco a pouco Dora ficou à vontade para revelar o sofrimento diante de sua ausência no cotidiano. Interessante notar que à medida em que falava sobre o amadurecimento emocional de Melina e reconhecia sua condição para se desenvolver longe de casa, a mãe entrava em contato com as dificuldades inerentes ao seu próprio processo de separação emocional em relação aos seus pais. O aprofundamento de tais questões fez com que o clima do encontro se tornasse mais íntimo, permitindo que Dora se expressasse com mais confiança.

A respeito de sua própria vida profissional, Dora surpreendeu ao contar não exercer mais a profissão de assistente social, tendo realizado um redirecionamento em sua carreira, investindo na formação como corretora de imóveis. Segundo Dora, o grupo de pais ofereceu-lhe a oportunidade para se questionar e rever a trajetória de carreira que vinha construindo.

1.3 A mãe RAQUEL

Aos 56 anos, Raquel trabalha como assistente social, em uma empresa. Dentro desta carreira, no entanto, a participante mencionava não ser realizada profissionalmente. Era divorciada, chefe de família e morava com o único filho. Em 2007, seu filho Bruno, então com 16 anos, estava em fase de escolha da carreira profissional e de preparação para os exames vestibulares. Naquela época, o jovem iniciou o Grupo de Orientação Profissional para adolescentes e a mãe, o Grupo de Orientação de Pais. Nas sessões do grupo, Raquel mostrou-se envolvida, embora permanecesse discreta e silenciosa. Nos momentos em que se expressou verbalmente, demonstrou preocupação frente às opções profissionais do filho, sobretudo se suas decisões seriam pautadas em dados realísticos do mercado de trabalho. Esta preocupação parecia associada aos questionamentos de Raquel quanto ao seu próprio trajeto de carreira.

Na ligação telefônica, em 2011, Raquel dissera aguardar o contato da pesquisadora desde que recebera a carta comunicando sobre o Estudo 2. Neste contato, lamentou não haver nova fase de encontro do grupo de pais, pois considerava a importância de se reunirem para conversarem sobre o novo momento de suas vidas, já que os filhos estavam fora de casa. Para Raquel, os outros pais também estariam vivenciando questões relacionadas com o afastamento dos filhos, a aposentadoria e o processo do envelhecimento. Por fim, mostrou muito interesse em participar do Estudo 2: *“vai ser bom contar sobre o que estamos vivendo”*.

A entrevista agendada ocorreu na sala principal de sua residência. A impecável organização da casa e o profundo silêncio do ambiente contrastavam com os barulhos do tráfego na rua, sugerindo uma atmosfera de isolamento e solidão. Diferentemente, entretanto, da reserva demonstrada no grupo de pais em 2007, a receptividade de Raquel retratou uma grande disposição para compartilhar suas experiências, ambivalências e temores em relação ao exercício de seu papel e frente às mudanças que se anunciavam em sua trajetória de vida. Ao contar sobre os caminhos do filho, mencionou que Bruno cursava Engenharia de Produção em uma universidade pública, em cidade distante do município de origem.

Sua história revelou uma mãe acompanhando, mesmo à distância, as encruzilhadas da vida do filho: qual curso, qual faculdade, onde morar, continuar ou desistir, fazer estágios no país ou no exterior. No bojo de tantas possibilidades de caminhos, a mãe reconhecia orgulhosa o filho se separando emocionalmente e criando oportunidades de crescimento pessoal e profissional. Implicitamente Raquel também se expressava sobre os impasses de sua própria trajetória: o estar só e o anúncio da aposentadoria. Estavam, portanto, sempre

subjacentes em sua narrativa, as perdas a serem elaboradas e a necessidade dos redirecionamentos da trajetória, frente aos períodos de transição.

1.4 A mãe BEATRIZ

Com 51 anos, formada em Odontologia em uma universidade pública, Beatriz fez pós-graduação em cirurgia. No ano de 2007, Renata, filha única, então com 16 anos, apresentava indecisão em relação à escolha da carreira e, assim, inscreveu-se para participar do Grupo de Orientação Profissional para adolescentes. No mesmo período, Beatriz iniciou sua participação no Grupo de Orientação de Pais. Naquela época, no grupo, Beatriz expressou grande preocupação em não influenciar a escolha da filha, que demonstrava interesse pela área da saúde, estando entre suas opções a carreira dos pais e do avô (todos dentistas). Compartilhando nas sessões as próprias experiências de ter saído da casa dos pais para estudar, Beatriz propôs ao grupo reflexões sobre o tema, defendendo a necessidade dos filhos de escolherem suas profissões de modo autônomo e salientando a importância dos pais favorecerem situações que propiciassem crescimento emocional e independência aos filhos.

No ano de 2011, Beatriz foi encontrada em seu telefone de contato, quando aceitou participar da entrevista que, como acordado, ocorreu em uma sala reservada do SOP. Compareceu ao encontro, mostrando-se disponível para conversar: *“Se eu falar muito Fabiana, você me avisa!”*, brincou descontraída ao entrar na sala. Durante a entrevista, contou sobre as mudanças que ocorreram em trajetória desde o fim do grupo de pais. Entre elas, a necessidade de permanecer à disposição de seus pais adoecidos, sobretudo da mãe, já no final daquele ano de 2007. Devido às complicações de saúde de seus pais, também assumiu o acompanhamento do único irmão, que apresentava grave comprometimento emocional e cognitivo. Toda esta situação familiar contribuiu para que a participante interrompesse o trabalho no consultório para cuidar de seus familiares. Por outro lado, pode contar com a parceria do marido, que assumiu o acompanhamento da filha no período dos vestibulares, assim como as tarefas domésticas.

Sobre a filha, explicou que Renata mudou o rumo de suas escolhas, decidindo-se por uma área que não era do campo da saúde. A jovem estava cursando Engenharia Agrônoma em uma universidade pública, localizada em município próximo à cidade de origem. O tom da conversa com Beatriz ficou mais íntimo ao reconhecer o comprometimento da filha para cuidar de sua própria vida, favorecendo que a mãe pudesse se concentrar nos cuidados com seus pais. Emocionada, ressaltou se surpreender com o amadurecimento de Renata naquele

período em que grandes mudanças exigiram novos posicionamentos de todos os membros da família.

1.5 A mãe CÁSSIA

Atualmente com 48 anos, Cássia, mãe de dois filhos homens, dedicou-se à vida conjugal e ao exercício do papel materno. Em 2007, o marido era empresário e o provedor financeiro do lar. Assim, seu contexto familiar sugeria um modelo com características mais tradicionais. Na época, o filho mais novo, Flávio, então com 16 anos, estava indeciso quanto à escolha da carreira e, assim, participou do Grupo de Orientação Profissional, aproveitando o “*embalo dos amigos*” que se inscreveram. Na ocasião, Cássia participou do Grupo de Orientação de Pais.

Na época do grupo, Cássia se mostrou sempre muito presente nas sessões. O modo como se expressava causava grande mobilização emocional, favorecendo ao grupo o contato com sentimentos que estavam latentes, como o receio de se separarem dos filhos, caso fossem estudar em outras cidades. Ao dar voz a esses sentimentos, Cássia permitiu a explicitação de situações com as quais os pais estariam se deparando cada vez mais, à medida que seus filhos cresciam rumo à vida adulta, progredindo na independência emocional.

Em 2011, a correspondência para Cássia referente ao Estudo 2 retornou pelo correio devido à mudança de endereço, ocasião em que se identificou que seus telefones não eram os mesmos. Foi localizada pelo intermédio de outra participante do Grupo de Orientação de Pais. Na primeira ligação, Cássia demonstrou receptividade para passar o novo endereço a fim de que a correspondência fosse novamente enviada mas, desta vez, para a cidade para a qual havia mudado. Combinou-se que com o retorno do Aviso de recebimento (AR), via correio, nova ligação seria feita para verificar se estaria disposta a participar, após a leitura das propostas do estudo. No segundo contato, Cássia demonstrou que enfrentava dolorosa situação relacionada à falência dos negócios da família e ao difícil processo de separação com o marido. Diante disso, considerava que sua história tinha pouco a contribuir, como se identifica no trecho de sua narrativa: “(...) *Fabiana, eu acho que não tenho nada de bom para dizer, pois ele teve que abandonar a faculdade. Não teve saída*”. Ao ouvir da pesquisadora que seu depoimento seria “*bem-vindo*”, mas que sua recusa seria respeitada caso fosse seu desejo, Cássia aceitou o convite, parecendo aliviada.

Em bairro afastado e de difícil acesso, estava hospedada na casa dos sogros, com o marido, com quem estava em conflito, e seus dois filhos. Mostrava-se muito diferente

fisicamente, demonstrando abatimento e cansaço, embora o sorriso largo e o abraço apertado lembrassem sua vivacidade no grupo de pais. Por estar sozinha, optou por conversar na sala principal da casa. Mais tarde, a entrevista foi brevemente interrompida pela chegada do filho Flávio, que vinha de bicicleta do trabalho.

O encontro com Cássia teve um tom emocional muito intenso. Emocionou-se em diferentes momentos, ficando evidente seu sofrimento diante dos acontecimentos que redirecionaram toda a trajetória familiar. Mostrando-se muito ansiosa para falar, agradeceu com sinceridade a oportunidade de ser ouvida. Inicialmente, a turbulência de seus sentimentos dificultava que sua narrativa fosse contínua, havendo muitos recortes, pausas bruscas, avanços e recuos, que ajudavam a representar com fidedignidade os caminhos que percorreu naquele período. Contou sobre o filho ter interrompido o curso de Relações Internacionais, que iniciara em uma universidade privada devido à falência dos negócios do marido. Diante disso, o jovem ingressou no mercado de trabalho para ajudar na complementação da renda familiar. Demonstrando ressentimento, condenou a atitude do marido por omitir a crise financeira, mantendo um padrão socioeconômico não mais condizente com a realidade familiar. A situação veio à tona ao descobrirem que as mensalidades das faculdades dos filhos não eram pagas.

Sobre sua situação ocupacional, contou que antes da falência, tinha planos de investir na vida profissional. Pretendia seguir na carreira de corretora de imóveis, graças à ajuda de outro participante do grupo de pais. No entanto, com o endividamento familiar, precisou mudar de cidade, quando procurou empregar-se para ter retorno econômico imediato. A urgência também era fruto da necessidade de se separar do marido e de se mudar com os dois filhos. Sobre a situação do filho Flávio, contou que o jovem estava trabalhando no comércio e, nas horas de folga, treinava MMA (*Mixed Martial Arts* – Artes Marciais Mistas) pois tinha a intenção de seguir a carreira como lutador profissional. Emocionou-se ao reconhecer o amadurecimento do filho diante das adversidades vivenciadas pela família, embora fossem evidentes suas preocupações quanto ao futuro do jovem.

1.6 A mãe ALICE

Casada, com 59 anos, Alice tem Ensino Médio e trabalha como massagista terapêutica. É mãe de três filhas, sendo a mais velha, filha legítima e as duas mais jovens, adotivas. A segunda, Paula, no ano de 2007, havia iniciado o curso de graduação em Letras em uma universidade privada, mas fizera o trancamento da matrícula pois permanecia em

dúvida acerca da escolha. A jovem se inscreveu para participar do Grupo de Orientação Profissional no SOP. Na mesma época, Alice participou do Grupo de Orientação de Pais. Ao longo das sessões do grupo, Alice mostrou-se participativa e questionadora, colocando com ênfase suas opiniões, principalmente quando considerava que “*os pais esperavam demais de seus filhos*”, desejando que “*só escolhessem carreiras de prestígio*”, como salientou.

No ano de 2011, Alice foi contatada por telefone, quando aceitou o convite para participar da entrevista, optando por que o encontro se realizasse em uma sala do SOP. No dia agendado, compareceu se mostrando muito à vontade na presença da pesquisadora. A narrativa de Alice teve um caráter fragmentado e, por vezes, confuso, visto que falava sobre os fatos que sucederam ao período do Grupo de Orientação de Pais, transitando rapidamente por diferentes fases e contextos de sua vida, sem se preocupar em localizá-los temporalmente. O modo como se expressava ajudava a retratar o quanto se confundiam as trajetórias dos membros do grupo familiar, que conviviam no mesmo espaço doméstico: Alice, o Marido, três filhas e duas netas. Assim, sua história contava sobre os conflitos e as dificuldades para se negociarem espaços e limites frente ao prolongamento da convivência familiar.

A respeito de sua vida profissional, Alice expressou-se sobre a necessidade de trabalhar menos, pois sua saúde já estava comprometida em função do trabalho que exercia. Já sobre o trajeto de carreira da filha Paula desde 2007, contou que a jovem após ter participado da Orientação Profissional no SOP realizou a transferência do curso de Letras para o de Educação Física da mesma universidade. Na ocasião, a filha, que foi dançarina de um grupo musical, estava trabalhando no estabelecimento comercial do noivo, atuando também como dançarina aos sábados à noite. Na entrevista, foi possível identificar um incômodo em Alice em relação a este trabalho da filha.

1.7 A mãe ROSA

Rosa tem 41 anos, sendo a mais jovem participante. Formada em Pedagogia, é professora em escola pública. Seu contexto familiar apresenta um formato muito comum na atualidade: é recasada e tem três filhos, sendo a filha mais velha de seu relacionamento anterior. No ano de 2007, quando a filha mais velha, Patrícia de 17 anos, participou da Orientação Profissional oferecida pelo SOP, a mãe inscreveu-se para o Grupo de Orientação de Pais. Na ocasião do grupo, Rosa expressou como se posicionava junto da filha, algo que diferia muito da postura da maioria dos pais participantes. Ressaltava não ter condições econômicas para arcar com o financiamento de um cursinho preparatório para o vestibular ou

com uma faculdade privada e, portanto, preparava a filha para se tornar independente e custear seus próprios estudos. Rosa, assim, teve participação importante nas sessões ao possibilitar que o grupo de pais se deparasse com problemáticas diversas da realidade socioeconômica da maioria dos participantes. Mostrou que suas vivências estavam diretamente relacionadas com a provisão das necessidades mais básicas junto aos filhos.

No contato telefônico, no ano de 2011, Rosa aceitou se encontrar com a pesquisadora. “*É sempre bom trocar ideias!*”, disse, ao optar que a entrevista fosse realizada no SOP. Compareceu no horário combinado, parecendo motivada, embora se mostrasse tímida. Com o decorrer da entrevista, passou a contar sua história de modo mais fluido, tornando-se menos dependente dos temas que lhe eram propostos. Sua narrativa mostrou, como esperado, uma situação socioeconômica diferente da maioria dos participantes. O tom enxuto da sua história, revelando uma ausência de detalhes e a emoção contida, perceptível pela rouquidão que, às vezes, irrompia, ajudavam a conferir a sua narrativa uma praticidade e um determinismo que retratavam bem sua realidade psicossocial.

Na entrevista, Rosa esforçava-se para lembrar os caminhos da filha desde o ano de 2007, após a conclusão do Ensino Médio. Procurava uma linha cronológica que desse sequência e organização (e talvez, sentido) aos cursos técnicos (sem concluí-los) e empregos temporários pelos quais a filha transitou até então. As pausas, rupturas e retomadas em sua narrativa, ilustravam uma história repleta de lacunas e recortes que, na entrevista, ora se tornava descontínua, ora adquiria contornos mais nítidos. A mãe reportava-se às urgências de uma jovem, de classe social desfavorecida e que, portanto, necessitava de se tornar economicamente independente do núcleo familiar. Em sua história, evidenciou-se um lamento pelo fato de a jovem não conseguir conciliar trabalho e estudo. Contou que Patrícia trabalhava em uma loja de conveniência de um posto de gasolina, sendo independente economicamente da mãe, porém “*sem garantias de estabilidade*”.

A narrativa de Rosa ganhou traços mais definidos quando foi além da descrição dos fatos e abordou o assunto da saída de Patrícia de casa. Esta situação se mostrou bastante complexa e dolorosa devido a conflitos ocasionados no cotidiano familiar e que influenciaram profundamente a relação entre a mãe, a filha e o padrasto. Falar sobre a decisão de permitir que Patrícia seguisse seu caminho, certamente foi o momento mais íntimo e delicado do encontro. Também não foi fácil falar sobre os sentimentos despertados diante dos interesses da filha para se tornar aeromoça, uma vez que pensar sobre os outros caminhos escolhidos por Patrícia reafirmavam a “separação antecipada” entre ambas. Embora considerasse a

importância da independência da filha, também estava presente em sua história a dor frente aos conflitos que vivenciaram e à sua ausência no cotidiano familiar.

Ao final da entrevista, Rosa reafirmou a importância de falar e discutir, contando que isto lhe possibilitava “*pensar e rever ideias*”.

2 Os temas narrativos dos pais

Para a apresentação dos temas narrativos, convém informar que, diante da extensão das histórias construídas pelos pais, foram realizados recortes, cuidando-se para que o sentido fosse preservado, a fim de não haver distorções. Optou-se pela omissão de trechos com caráter repetitivo ou excessivamente explicativo, assim como passagens que poderiam facilitar o reconhecimento da identidade dos participantes.

2.1 O acompanhamento das trajetórias de carreira dos filhos

Pelas narrativas²⁴ foi possível se aproximar na situação da entrevista do modo como os pais acompanharam a construção das trajetórias de carreira dos filhos, desde a época do Grupo de Orientação de Pais, no ano de 2007. Suas histórias incluíam tanto as fases das primeiras escolhas, ainda durante o fim do colegial ou do cursinho, como os períodos dos ingressos nas faculdades ou em empregos, dependendo da situação familiar. Abordaram também o período de adaptação dos filhos à nova fase de suas vidas e, por fim, explicitaram-se sobre as expectativas de futuro para os jovens.

2.1.1 As primeiras escolhas de carreira dos filhos

Inicialmente, os pais destacaram as indecisões e ansiedades que permearam o momento das primeiras escolhas de carreira dos filhos, ao final do Ensino Médio. Ao mesmo tempo em que contaram sobre os jovens e as dúvidas da época, os pais revelaram como percebiam tais escolhas e se posicionavam. Em relação ao casal participante (Helena e Mauro), a mãe inicialmente ressaltou as indecisões que persistiram no filho, mesmo após a conclusão do Ensino Médio e o ingresso na universidade. Sua narrativa revelou o receio de que, ao questionar sua escolha, o filho se desviasse do projeto de carreira sonhado por seus pais.

²⁴ As narrativas estão descritas em itálico e os recortes realizados estão representados entre parêntesis (). Já as perguntas e pontuações da pesquisadora durante a entrevista são apresentadas entre chaves { }. Entre colchetes [] e sem itálico, estão descritos os sinais corporais, pausas, silêncios, emoções e outras expressões identificadas na situação da entrevista.

Ele escolheu Engenharia! Engenharia Civil e até o 2º. ano falava “Mãe (...) não estou morrendo de amores por aquilo que eu estou fazendo, mas vou levando”. Eu falava “Não, as coisas são assim mesmo, acho que tá cedo para você refletir se é aquilo que você gosta ou não”. Isso foi do 1º. até o 2º. ano, que ele foi me questionando. Aí eu falei “Às vezes, depois você vai gostar do curso.”. Aí, depois eu influenciei ele “Termina o curso, porque na hora que você chegar no final, você vai ter certeza se você gosta ou não, porque acho que é muito cedo”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Ao contar como o orientava, pautada em suas experiências de vida, Helena mostrava o sentido atribuído aos investimentos realizados em sua própria trajetória, no papel de mãe e de esposa. Observou-se, assim, que esperava a congruência do filho com os modelos que lhe foram oferecidos pelo grupo familiar. Por outro lado, os questionamentos trazidos pelo Maurinho pareciam atualizar em Helena ideias e ansiedades relativas às suas próprias escolhas.

(...) igual em um casamento, eu casei pensando que era uma coisa, aí vem responsabilidade, vem tanta coisa que se a gente for parar e falar “Você é feliz?”, eu diria “Depende do ponto de vista. O que é ser feliz para cada um, né?”. Então, eu sou feliz, é o que eu falo para ele “Hoje eu sou feliz, mas eu tenho minhas obrigações, eu tenho minhas tarefas, então estuda, faz suas obrigações e tenta ter para ter naquilo que você vai fazer, porque eu não acho que foi uma escolha ruim”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Ficou evidente na história de Helena o grande valor atribuído à carreira escolhida pelo filho, afinal tratava-se de uma *profissão tradicional* (Fantino, 1983), cuja formação seria realizada em universidade conceituada. Tais carreiras ditas tradicionais agregam um prestígio social pois, para determinados setores da sociedade, estão associadas à manutenção de uma cultura de *status* e, para outros, à aquisição desses símbolos de ascensão social (Bohoslavsky, 1983b; Fantino, 1983). No caso da família de Helena, a relevância desta escolha era ainda maior pelo fato de Maurinho ser o primogênito. A mãe, no entanto, revelou que antes de ingressar na faculdade o filho já estava confuso entre suas possibilidades na área da Engenharia. Em contrapartida, não se identificaram na história contada reflexões sobre as diversas opções dentro da área e comparações com os interesses do filho. Com sua vida ocupacional centralizada nos trabalhos domésticos (distanciada das carreiras profissionais), a atenção da mãe estava focalizada na decisão sobre em qual cidade o filho iria residir.

(...) quando ele começou a fazer o grupo [Orientação Profissional], ele tava pensando em Engenharia de Produção. Engenharia... ele ia querer uma das Engenharias! [Fala com ênfase]. Depois ficou em dúvida entre Elétrica e Civil. Aí, optou pela Civil porque passou na Civil. A Elétrica de [cidade distante], ele não conseguiu entrar (...). Primeiro saiu de [cidade ainda mais distante], depois em [cidade próxima]. {E ele escolheu esta?}. Isso. {E por quê?}. Ah...justamente porque é forte Engenharia. Ali é o polo industrial que eles falam, né? [Helena, 44 anos, dona de casa]

Acredita-se que, para Helena, pensar nas possibilidades de percurso para o filho suscitaria questionamentos e sentimentos difíceis de serem suportados, diante dos investimentos familiares realizados e das aprovações já conquistadas. Nesse sentido, reporta-se à Bohoslavsky (1977/2007) que, ao compreender que as escolhas se alicerçam, sobretudo, nos processos identificatórios, destacou a importância da elaboração dos conflitos pertinentes às identificações, a fim de se realizarem escolhas mais realísticas. O que é diferente de “não pensar” sobre as contradições inerentes a esses processos, sobretudo na atualidade, considerando as inúmeras possibilidades de identificação e a amplitude do universo de carreiras. No caso do filho de Helena, no entanto, a aprovação no vestibular na universidade mais próxima pareceu ter sido o fator decisivo para a tomada de decisão.

Ao refazer o percurso de Maurinho, Helena contou desde o primeiro resultado positivo no vestibular, quando se identificaram os sentimentos de angústia despertados na mãe diante da aprovação em universidade distante. Embora se identifiquem indícios de que a família se mobilizou para conhecer esta universidade, estava explícito o desejo de que o filho permanecesse em cidade mais próxima. O trecho, a seguir, evidencia a alegria e o alívio frente ao resultado que correspondia às expectativas da mãe.

Em [cidade muito afastada], nós fomos fazer a matrícula e conhecer a faculdade, conversamos com os universitários, então é uma forma de tirar a dúvida, né? Aí eles falaram que os estágios lá eram muito ruins, que não conseguiam estágio fácil (...) e na outra, ele tinha ficado em cento e pouco a classificação, e nesta ele passou em 4º. Então a gente falava “Será que vai rodar?”. (...). Acho que, na 2ª. chamada, já deu certo para ele. A gente tava naquela torcida mesmo. A hora que ele conseguiu, ele falou “Mãe, rodou e eu entrei!”. Aí, nossa! Para gente foi a maior felicidade! [Helena, 44 anos, dona de casa]

Já na entrevista com o marido, Mauro detalhou como foi o período em que o filho prestou os vestibulares em diferentes cidades, sendo possível identificar os desejos e receios frente às opções de escolha do jovem. Observou-se que o pai também não atribuía diferenças entre as áreas da Engenharia, explicitando que suas preocupações gravitaram em torno da condição do filho de se proteger e se desenvolver em uma cidade capital, tão diferente da pequena cidade de origem. A história, aos poucos, foi revelando a emoção frente à situação lembrada.

Ele sabia que era para o ramo de Exatas, né? Mas o quê especificamente, ele ainda não tinha definido. Depois, decidiu por Engenharia! (...). Fez vestibular na [cita universidades públicas localizadas em diferentes estados] (...). Até me deu muito medo dele ir para lá [cidade capital e distante], até torci para ele não passar lá! [Risos]. {Por quê?}. Eu tenho muito medo pelos meninos, né? A gente não, eu já to...vivi bastante coisa, né? Então a gente sabe, vamos dizer assim, sabe procurar as defesas da gente, né? Mas por eles, a gente teme muito (...). É a eterna criancinha de colo da gente [faz gesto como se embalasse um bebê. Os olhos ficam marejados]. [Mauro, 51 anos, agricultor]

A narrativa de Mauro revelou um pai transitando entre um modelo de paternidade tradicional e um modelo mais contemporâneo, onde há uma relação de maior proximidade e expressão de afetividade junto aos filhos (Chaves, 2006/2010; Romanelli, 2004). A passagem seguinte ilustra o acompanhamento do percurso de Maurinho, demonstrando o zelo e a preocupação de proteger o filho.

(...) quando fui levar ele para prestar vestibular, a 1ª. fase, eu sempre acompanhei de início. E vamos querer que até o final, a gente vai tá acompanhando. Então, na hora de prestar os vestibulares, a gente foi em cada um desses lugares que ele fez a inscrição. Fomos em [1ª. cidade de outro estado], depois teve a 2ª. fase, fui levar ele em [2ª. cidade de outro estado] de carro (...). Teve que arrumar hotel e nós ficamos praticamente uma semana lá porque não foi um dia só, né? [Mauro, 51 anos, agricultor]

O foco de sua atenção, assim como o de Helena, não era a escolha do curso ou da universidade, mas a decisão sobre a cidade em que o filho iria residir. Identificou-se que considerava que ao mantê-lo em cidade menor e mais próxima, garantiria o controle e proteção sobre sua vida.

(...) eu pensava “Meu Deus do Céu, se ele passar aqui, numa cidade tão violenta!”. (...). É uma cidade muito movimentada, aquela correria tipo São Paulo, né? Aí falei, tomara que não passe aqui não! (...). O primeiro resultado positivo que ele teve foi na [universidade pública de cidade distante]. E o segundo resultado na... [universidade pública de cidade do interior] (...) E era o que a gente queria, né?! Pertinho de casa (...). Praticamente, dentro de casa. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Diante dos resultados nos vestibulares, Mauro contou como se posicionou junto a Maurinho, declarando enfaticamente sua opinião e buscando manter a congruência entre as escolhas do filho e o projeto familiar.

E graças a Deus deu certo! Aí nós conversamos com ele: “Filho, ó, sem pensar! Eu acho, é o ramo é o mesmo, a profissão é a mesma, sem pensar! Acho que você deve escolher [cidade mais próxima]. (...). E ele sempre teve, graças a Deus, as ideias batendo com as da gente, mesmo porque ali parece que seria um ambiente melhor, mais perto da gente, né? [Mauro, 51 anos, agricultor]

Na história do pai era notória a ambivalência de sentimentos frente às escolhas do primogênito. Mostrou que se orgulhava de seu desenvolvimento e que reconhecia a importância da construção de uma trajetória pessoal, embora se evidenciasse a decepção pelo fato de o jovem não trilhar os caminhos do pai. Estava presente o sonho de que o herdeiro de seu nome permanecesse identificado à sua figura, reproduzindo seu modelo de homem e de trabalhador (Cerneny & Rabinovich, 2006/2010; Teixeira & Hashimoto, 2005).

Eu fico feliz por ele estar seguindo o caminho dele, mas o pai sempre quer que o filho tenha a profissão do pai, para ajudar, para estar junto (...). Mas geralmente precisa seguir outros (...). Até mesmo para dar valor na vida, para conhecer, para ter novas experiências (...). É difícil o filho trabalhar junto com o pai. É aquela questão de um mandar e o outro obedecer. {Sei...você tem uma propriedade e te ocorre quem cuidará?}. Isso mesmo!!! É o que eu penso, o que será do futuro do negócio da família? Ela vem passando de avô, de geração. Então a gente pensa muito na sequência (...). [Mauro, 51 anos, agricultor]

Na medida em que Mauro aprofundou sua história, foi possível notar a busca por “soluções” que resolvessem a incongruência de seus sentimentos. A seguir, identifica-se que o pai apazigua-se com a “saída” encontrada em suas reflexões: a possibilidade do filho ter uma identidade profissional e, ao mesmo tempo, manter uma carreira tradicionalmente reconhecida, que permita a administração do patrimônio. Pensar que o filho poderia crescer profissionalmente, sem desprezar as heranças familiares ajudava Mauro a dar sentido a sua história de investimento, como trabalhador e pai.

Mas por outro lado, eu vejo que tem muito engenheiro-fazendeiro, médico-fazendeiro. Então, falei “Deus vai dar jeito para tudo, né?”. No final, jogar fora acho que eles não vão porque uma coisa que eu sempre falei para eles “Dar o valor naquilo que se tem”. [Mauro, 51 anos, agricultor]

A respeito do que os pais esperam de seus filhos em termos de continuidade geracional, Sennett (1999/2006) analisa o quanto é inevitável que todos violem, de alguma forma, o lugar que se é atribuído no “mito da família”. No entanto, a mobilidade ascendente, quando possibilitada na passagem de uma geração para outra, oferece um caráter particular de ambiguidade a essa situação, pois embora o desejo paterno de ascensão seja concretizado, ao mesmo tempo rejeita-se o que pode ser chamado de “estilo paterno”. Essas ambiguidades eram retratadas nas narrativas de Mauro quando se referia às escolhas de carreira do filho.

Observando a situação de outro núcleo familiar, também transparecendo o quanto fora difícil lidar com seus próprios desejos e expectativas em relação à escolha de carreira da filha, a participante Dora contou sobre os diálogos travados com a jovem no período das primeiras escolhas, ao final do Ensino Médio. A narrativa retratou uma filha que se manteve aberta ao diálogo até o momento em que elegeu a profissão que lhe parecia em acordo com seus interesses vocacionais, embora a escolha não agradasse à mãe.

(...) ela prestou Biologia e Nutrição, tava entre as duas. Aí, passou na 1ª. fase da [universidade pública] na Nutrição, mas assim que passou, já falou “Mãe, não é isso que eu quero”. Ela não queria nem prestar a 2ª. fase. Eu que insisti “Não imagina, você vai prestar, mesmo que você não faça, entendeu? Você chegou até aqui e agora vai parar?”. Porque ela falou “Eu quero mesmo Biologia”. (...). Aí ela passou na [2ª. universidade pública] e na [3ª. universidade pública]. Aí, ela optou por fazer em [cita cidade mais próxima]. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Com base em suas crenças e informações acerca da carreira profissional eleita pela filha, Dora não pareceu ser favorável a sua escolha. No entanto, revelando as mudanças em seu modo de atuar junto a filha, contou que não interferiu diretamente, a não ser dialogando e questionando a jovem a fim de fazê-la refletir sobre as consequências daquela decisão para seu futuro.

(...) no começo não gostei. Só que eu nunca interferei. (...) Porque eu associava a Biologia a ela dar aula, ser professora. Ela falava “Mãe, é o que eu gosto”. Então, eu nunca quis tirar isso da cabeça dela, apenas mostrei “Se for para você ser professora, você vai gostar?”. E ela sempre falou “Eu não quero ficar nessa parte, quero ir para parte de pesquisa”. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Dora, que vivenciou a experiência de insatisfação com suas primeiras escolhas de carreira como assistente social, admitiu o receio de que Melina tomasse uma decisão que subaproveitasse seu potencial intelectual. Subjacente às suas expectativas e receios também estava presente o desejo de que a jovem escolhesse um curso universitário que garantisse sua permanência na cidade de origem.

Sinceramente, não era o que eu queria que ela fizesse. Não que tivesse uma coisa específica, mas eu achava que ela deveria fazer outra coisa. Até porque sempre achei ela muito capaz. Ela sempre foi muito dedicada aos estudos e então eu achava que ela podia passar em qualquer faculdade. {E tinha um curso que você identificava que se relacionava mais com ela?}. Não, não...eu achava que ela ia acabar fazendo Nutrição ou Enfermagem. {E algum desses era de sua preferência?}. Preferia...ah, Enfermagem não, mas Nutrição sim, que seria aqui [cidade de origem] e também eu acho que seria uma coisa legal. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Conforme sentiu-se mais à vontade, foi se evidenciando a ambivalência de sentimentos vivenciada frente às possibilidades de Melina cursar uma faculdade em outra cidade. É o que se identifica, quando emocionada, confessou o desejo de que a filha permanecesse morando em casa.

Até fiquei super feliz quando ela passou aqui na [universidade pública] na 1ª. fase, que eu não queria que ela saísse daqui de jeito nenhum, né? {É?}. Não, não queria de jeito nenhum. [Tosse. Respira fundo. O tom da voz é emocionado]. Eu preferia que ela ficasse aqui, mas hoje, eu vejo o quanto foi bom para ela e, inclusive, para mim mesma e aí ela passou em...aí ela foi para [cidade próxima do município de origem]. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Sobre a situação de outro contexto familiar, remetendo-se também às indecisões do filho e ao modo como se posicionava junto a ele, a participante Raquel contou que explicitava claramente suas opiniões sobre a profissão em que Bruno demonstrava interesse. Embasada em sua proximidade e experiência com a área, Raquel (assistente social de uma empresa)

considerava que o filho não faria uma escolha adequada tanto em relação aos seus recursos intelectuais quanto no que se referia à realidade do mercado de trabalho. No caso de Raquel, sua opinião quanto à opção de carreira de Bruno não parecia se relacionar diretamente com o desejo de que o jovem permanecesse morando na cidade de origem.

Ele, a princípio, não sabia muito bem o que queria. Pensava em Administração de Empresas. Mas achei que ele tinha potencial para coisa mais consistente. Não sei se é porque é o meio em que eu vivo. Eu vejo muita gente desempregada nessa área (...). Hoje, até parece que tá uma área boa, né? Mas não incentivei muito (...). Ele falava “Mas você não me ajuda em nada!”. E eu “Mas eu to ajudando, eu acho que é uma furada, mas se você quer.” [Fala em tom leve]. No fim, comecei a ver com ele também a Engenharia de Produção (...). E foi aí, também através do grupo [Orientação Profissional] que ele começou a despertar para essa área. [Raquel, 56 anos, assistente social]

A história contada por Raquel sugeria que seu posicionamento explícito junto ao filho, sem grandes ambiguidades, possivelmente favorecia que Bruno também se posicionasse frente aos argumentos maternos. O tom leve de sua narrativa ao contar sobre as dúvidas do filho indicava que as discussões sobre carreira e mundo do trabalho não eram sentidas como cobranças ou imposições e pareciam exercitar o jovem a se questionar quanto às suas intenções de escolha. A respeito deste tipo de relação estabelecida entre pais e filhos adolescentes e jovens, recorre-se a apontamento de Andrade (1997/2004, p. 133) acerca da importância da construção cotidiana de espaços de diálogos entre pais e adolescentes: “Quando a relação pais-filhos se dá de forma harmoniosa, as opiniões dos pais permanecem valorizadas sem que haja aí submissão, e a família permanece sendo sentida como um fator estabilizador e suportivo”. Pela comunicação de Raquel, considera-se que as explorações de carreira e os diálogos empreendidos nos espaços potenciais da dupla mãe-filho surtiavam efeitos sobre o processo da escolha de Bruno, atuando como um *holding* (Winnicott, 1993/2005a) no atendimento das necessidades do filho naquele momento de sua vida. Após contar sobre a resolução do conflito quanto à primeira decisão, a participante se referiu ao período de escolha das faculdades onde Bruno prestaria os vestibulares. Ficou evidente que também acompanhou de perto esta fase, o que lhe permitia refletir sobre os motivos que contribuíram para impedir que Bruno atingisse seu principal objetivo. A seguir, o trecho revela que ambos, mãe e filho, se frustraram muito com o não atendimento das expectativas.

Ele tinha muita expectativa de passar. Ele queria entrar em [cidade do interior do país] porque tem vários amigos que estudavam lá. (...). E ele prestou a [universidade pública] na 1ª fase e passou. (...) prestou [2ª. universidade pública] e também passou. {Já no 3ª. colegial?}. É. E quando chegou na 2ª fase, ele não passou. (...) teria ido melhor, se não tivesse passado o ano inteiro doente. (...) teve infecção de garganta direto, então, quando ia operar, voltava a infecção e tinha que esperar curar a infecção (...) foi bem sofrido. Foi época de ENEM, era o

Terceirão e é muito puxado (...). Ele ficou muito estressado nessa época. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Raquel contou sobre a aprovação de Bruno em uma faculdade que não fazia parte do projeto da dupla, o que gerou difícil conflito. Mostrou, todavia, que assumiu novamente o dilema com o filho, ajudando-o a explorar a realidade que, com o tempo necessário de elaboração, tornou-se uma boa oportunidade de formação profissional para Bruno.

Ele prestou a [2ª. universidade pública] que é em [cidade muito distante], mas prestou por prestar e aí ele passou. {Por que prestou por prestar?}. Porque ele queria muito em [cidade do interior]. Aí quando passou, ele entrou em parafuso, né? Porque não tinha saído o resultado na 2ª. fase da [1ª. universidade pública], tinha dois dias para matrícula e aí nós fomos até lá. (...). Nós fomos nos informar mais sobre a faculdade e nos disseram “Não, a faculdade é muito boa (...)”. (...) fomos fazer matrícula, mas sem saber se ele ia ficar. [Raquel, 56 anos, assistente social]

A respeito desta nova fase, Raquel destacou a dificuldade inicial de aceitação da realidade que se impunha e tolhia o sonho idealizado de mãe e filho. O modo como falou sobre esse período mostrou que compreendia sua decepção e que procurava oferecer-lhe suporte para ajudá-lo em suas decisões.

(...) nós achamos muito longe, eu senti que ele ficou decepcionado porque é uma faculdade pequena. E por ele sonhar com a [1ª. universidade pública] (...) e com a [2ª. universidade pública]. (...). Aí falei para ele “E agora?”. E ele “Eu não vou perder a oportunidade, eu vou!”. Então, falei “Olha filho, você vai na seguinte condição: se você não gostar, você volta! Você fica até julho e tranca a matrícula”. [Raquel, 56 anos, assistente social]

No encontro da entrevista era possível identificar Raquel reconstruindo, linearmente, a trajetória de mãe e filho desde o fim do grupo de pais. Contou sobre a dificuldade de Bruno para se adaptar à cidade desconhecida e distante, lembrando, emocionada, o sentimento de solidão enfrentado pelo filho.

(...) ele ficou o ano todo muito encucado (...). Olha, ele é um menino que gosta muito de sair, sempre teve muitos amigos (...). Lá não tem um cinema, é cidade pequena, o clima é muito frio. (...). Então juntou o clima, a cidade que é muito pequena, a faculdade pequena e tal...[a voz embarga] mas o curso em si, ele tava gostando. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Considera-se que Raquel necessitava de repassar as “idas e vindas” do processo de revisão do projeto idealizado por mãe e filho. Retomou as inquietações e aflições de Bruno, assim como as suas, frente a como se posicionar como mãe naqueles momentos de impasse. Nesse sentido, mostrou que se preocupou em não se antecipar a resolver a situação no lugar do filho.

No 2º. ano, ele ainda tava assim. Eu falei “Olha, então, quer voltar e fazer cursinho?”, aí ele falou “Não, agora não vou voltar, vou ficar”. (...) ele não tinha dúvidas em relação ao curso, ele não gostava da cidade. (...) não se enturmou muito com a classe, a princípio, (...) foram dois anos bem sofridos (...) ele reclamava, mas eu não podia tomar uma decisão por ele. Se eu falo “Não, você larga tudo e vem para cá”. Ele ia ficar muito desmotivado voltar pro cursinho e se ele não passasse? (...) ele falava “Mãe, você não me ajuda”, e eu “Mas não posso decidir por você”. Porque no começo, se ele falasse “Eu não vou”, eu aceitaria porque achei muito longe (...) de ônibus dá umas 7hs (...). Mas aí, quando ele tava no 2º. ano, ele ficou com medo (...). Se ele dissesse “Eu não to gostando do curso”, eu seria a primeira a falar “Larga!”. Mas o problema não era o curso. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Pensando na atuação de Raquel, recorre-se ao conceito da *mãe suficientemente boa* proposto por Winnicott (1975a, 2000a). Raquel procurava atender às necessidades do filho, porém se mantinha preocupada em não ultrapassar os limites de seu papel, respeitando as condições psíquicas já adquiridas pelo jovem para vivenciar seus conflitos e enfrentar situações pertinentes às etapas de sua vida. A mãe, nesse sentido, o auxiliava em seus processos de elaboração.

Falar sobre as indecisões dos filhos no início de suas trajetórias de carreira também remetia os participantes, na situação da entrevista, a pensar em como se posicionaram, como pais, naquele período. A seguir, na entrevista com a participante Beatriz, a mãe também recordou a indecisão da filha quanto à escolha, mesmo após o encerramento do processo de Orientação Profissional. Ao contar sobre as dúvidas de Renata, Beatriz revelou suas ambivalências em relação ao início do trajeto profissional da filha.

(...) ela ficou em dúvida um tempo porque pelo que ela viu das características dela, ela estava pensando mais em “cuidar de pessoas”. Mas, como eu te falei, nós somos uma família muito pequena. Então tinha certas coisas que precisavam ser cuidadas e não tinha também quem cuidasse e ela acabou fazendo Engenharia Agrônômica, né? [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

No encontro da entrevista, Beatriz verbalizou questionamentos e preocupações que havia levantado no grupo de pais, no ano de 2007, em relação aos interesses de Renata, que oscilavam entre “cuidar de pessoas” e “cuidar dos negócios familiares”. Subjacente a sua narrativa permanecia a sugestão de que Beatriz também vivenciara tais conflitos entre escolher uma carreira que lhe permitisse expressar seus interesses e uma profissão que a orientasse na administração dos negócios familiares. Convém apontar que o marido e o pai de Beatriz também eram dentistas.

No começo isso até me trouxe no programa [Grupo de Orientação de Pais] foi aquela “queixa” de Odontologia, porque a gente era dentista... porque se fosse uma coisa que ela queria fazer Odontologia por um monte de coisa, tudo bem, mas era porque a gente era dentista [o marido também é] e ela frequentava, às vezes, o consultório. Quando ela era mais

nova, eu levei para trabalhar na recepção porque eu não queria que ela ficasse em casa. O colégio tava com pouca matéria (...). Aí, falei “Acho que a envolvi para Odontologia”. Daí, me senti meio responsável. Eu não queria que ela escolhesse por influência da nossa profissão. Mas depois (...) ela começou a se envolver, conversar com professores e acho que...as reuniões aqui [Orientação Profissional] ajudou para ela conhecer mais as características dela, que também começaram a ficar mais evidentes. [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

Embora Beatriz afirmasse que a filha refletiu antes de realizar suas escolhas iniciais de carreira, estava latente no discurso da mãe a preocupação se a jovem realmente estaria feliz com a decisão tomada.

Embora ela fale para mim que não se vê fazendo outra coisa... porque de vez em quando eu ainda pergunto, aí ela fala que não faria outra coisa, que tá gostando muito. Acho que foi bem pensado... A gente deixou bem livre. (...). Mas a gente se preocupa até hoje para saber se ela tá bem, se ela tá feliz. [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

Considera-se que um fator que poderia reforçar as inquietações de Beatriz se relacionava com o “não acompanhamento” da filha naquele período de decisão, fase em que estava focalizada nos cuidados com a saúde dos pais e irmão, sendo obrigada a tomar decisões importantes quanto a sua própria trajetória de carreira.

(...) a gente tava acabando aqui [grupo de pais] e foi detectado um câncer de pulmão na minha mãe. (...) tinha atingido o cérebro e não tinha mais jeito, me falaram que eram 4 meses. (...) tentei com enfermeira, mas fiquei conflitante com a situação de trabalhar sendo que ela ia ‘ficar’ tão pouco, sabe? [A voz embarga]. Aí, arrumei uma amiga que usa a mesma técnica que eu [como dentista] para, pelo menos naquele período, seguir com meus clientes. Mas aí, a coisa foi andando e, na verdade, ela viveu dois anos e meio. Só que tentei com enfermeira, mas não dava certo (...). Eu fui cada vez me envolvendo e acabei deixando o consultório. (...) e tem um problema com meu irmão também, que tem problema mental. E meu pai em 2006 teve problema na aorta, então... não teve como eu voltar pro trabalho (...). [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

Como Helena, Dora e Raquel, Beatriz também mostrou que sempre participou do desenvolvimento escolar da filha, sugerindo maior proximidade do que o pai de Renata. Porém os problemas de saúde de seus familiares fizeram com que precisasse contar com a ajuda do marido no acompanhamento da filha, no período dos vestibulares. Sua narrativa retratou, com sinceridade, o conflito da época: o desejo de estar mais próxima da filha e, por outro lado, a necessidade de deixar que o marido assumisse papel mais participativo. Esforçou-se para confiar que pai e filha dariam conta da situação.

(...) o acompanhamento escolar da Renata sempre foi meu (...). Mesmo levar, buscar, tudo! Foi muito engraçado porque eu sempre cuidei muito e aí, nessa época, eu me afastei. Então o pai que levou para prestar vestibular fora e eles comiam hambúrguer antes de prestar a

prova! Ai! [Ri, colocando a mão no coração]. Eu tinha que confiar, né? [Ri]. Eu achei que foi um exercício para todo mundo! [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

A possibilidade de poder se expressar sobre esse período de sua trajetória, pareceu ajudar Beatriz a pensar sobre como foi possível atuar naquele difícil momento, quando se sentiu dividida entre se dedicar ao papel materno e se focalizar nos cuidados com os pais. Destaca-se o trecho em que recordou, emocionada, uma conversa com a filha.

Para eu trabalhar como dentista, sempre minha mãe cuidou muito dela, então para ela também foi difícil, mas acho que ela pegou como um...talvez como um...até um presente, uma coisa de estudar e se encaminhar, sabe? [Sorri e os olhos ficam lacrimosos]. “Mãe, você cuida da minha avó e eu cuido da minha vida, entendeu?”. [Emociona-se, enxuga os olhos. Faz uma pausa]. *Aí, eu fiquei praticamente por conta da minha mãe, e a Renata assim...tomou conta da vida dela.* [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

Ao construir sua história, Beatriz analisou que as escolhas da filha possibilitaram-lhe permanecer próxima da cidade de origem, facilitando o *holding* familiar (Winnicott, 1993/2005a). Assim, embora confiasse nos recursos psíquicos de Renata para se desenvolver com independência cada vez maior, a família permanecia próxima, à disposição se necessário. O depoimento da mãe, entretanto, sugeria inquietações quanto a sua disponibilidade junto à filha na época.

Ela prestou só isso, foi na [1ª. universidade pública], na [2ª.] e na [3ª.]. Aí entrou na [1ª], e na [3ª.]. Só não entrou na [2ª.]. {E qual ela escolheu?}. Ela escolheu a [1ª., em cidade do interior do país] que é mais próxima. Ela tá no fim do terceiro ano (...). E ela assumiu a vida dela, ela sempre falava “Não se preocupa!”. É lógico, eu sempre tentei dar apoio. Na medida do que eu podia, eu me dividia, né? [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

Interessante notar que, com o aprofundamento da entrevista, Beatriz voltou a direcionar sua narrativa para pensar sobre as escolhas profissionais de Renata e, talvez inconscientemente, sobre suas próprias escolhas. O trecho seguinte novamente sugere que talvez se sentisse responsável pela decisão tomada pela filha que, diferentemente da mãe, optou por uma carreira que favoreceria a administração dos negócios familiares.

(...) acho que era a opção mais inteligente a ser escolhida. Meu pai é cirurgião-dentista e ele sabia que como cirurgião-dentista ia ser difícil a aposentadoria. O que ele fazia quando mais jovem? Foi comprando fazenda e investindo. Então, ele tem muita fazenda e não tem ninguém para cuidar porque eu sou dentista, o [marido] é dentista, meu irmão tem problema mental. (...). Quer dizer, eu não queria que isso fosse...tanto é que a gente nem tocava nisso com ela, o que pegava mais para ela era a Odontologia. Então, por isso que, de vez em quando, eu ainda questiono ela. Por exemplo, nas outras férias, eu peguei ela e fomos para fazenda. Aí, fiquei uns dias lá com ela {Um teste?}. [Ela ri]. Sim! Para ela sentir, para ela ter certeza. [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

A partir de então, Beatriz passou a contar como se posicionava questionando e testando as decisões de carreira da filha, o que sugeria suas dúvidas se teria destinado à Renata o projeto familiar. A seguir, observa-se Beatriz resgatando em sua memória registros da infância da filha que confirmassem a escolha e acalmassem suas preocupações.

(...) desde muito pequena, ela tá no meio da terra, tá no meio do barro, nunca tá limpa, tá de botina, sabe? Você vê em fotografia! Ela tinha dois anos, quando a gente ia para fazenda, um mato terrível e ela se enfiava dentro do mato e vinha com um gato no braço. Eu queria morrer! (...). E meu marido acha que é a escolha certa, que era isso mesmo, que é o que ela gosta. Eu que eu fico mais de olho, mas ele não, ele acha que tá tudo certo! [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

A preocupação levantada por Beatriz se referia muito apropriadamente à complexidade do processo das escolhas de carreira na adolescência. Nesse sentido, Bohoslavsky (1977/2007) analisa que tal processo se embasa na possibilidade do adolescente de ultrapassar o uso defensivo das identificações para um uso instrumental e, assim, identificar-se com seus próprios interesses, aspirações, potencialidades mas, também, perceber mais realisticamente as possibilidades do mundo e as oportunidades que se apresentam. No caso de Beatriz, ao recorrer à opinião do marido, ela mostrava a preocupação se Renata realmente estaria construindo uma trajetória profissional congruente com sua biografia.

Analisando outro contexto familiar, também na tentativa de retomar o percurso do filho, a participante Cássia contou sobre o período em que Flávio estava em processo de escolha do curso universitário e se definindo quanto aos vestibulares a serem prestados ao final do Ensino Médio. Na entrevista referiu-se a que, naquela época, o filho não se preparara suficientemente para ser aprovado em universidades públicas.

(...) ele prestou a [universidade pública], Relações Internacionais e fez a inscrição na [universidade privada]. Mas ele sabia que não seria fácil passar porque é um vestibular difícil e ele não se preparou e a vivência de Ensino Médio...eles [refere-se também ao irmão] não se prepararam. Se ele tivesse se preparado, ele conseguia. Isso eu tenho certeza! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Na comparação com os outros pais apresentados até o momento, a história de Cássia guardava particularidades que retratam bem como os contextos familiares estão suscetíveis às instabilidades do mundo contemporâneo. Cássia contou que a empresa do marido faliu e que nem ela, tampouco seus filhos, dimensionaram o quanto estavam endividados. Naquela época das primeiras escolhas de carreira de Flávio, portanto, outras angústias e ansiedades deflagraram-se na trajetória de vida de Cássia e do filho.

{E o Flávio chegou a fazer quanto tempo de faculdade?}. Fez um semestre e por quê? A gente fez a matrícula e ele começou a estudar e eu não sabia, mas meu marido não pagava a faculdade. Nossa, se você soubesse como ele ficou. Ele falou um monte de coisa pro pai: “Como você fez isso comigo? Você tinha que ter chegado na minha cara e falado”. Então, todos esses conflitos já estavam acontecendo. O casamento já tava... indo pro brejo. (...). [Fala rápido. Opto por não a interromper]. E o outro menino pagava [irmão], dava o dinheiro pro pai [fala emocionada], para o pai completar a mensalidade. E o pai dele nem pagava e ainda ficou com o dinheiro dele. Você tá me entendendo? [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Independente dos acontecimentos que redirecionaram a trajetória familiar e que contribuíram para que o filho interrompesse os estudos universitários, com o aprofundamento da entrevista, Cássia reconheceu que as primeiras escolhas de carreira de Flávio possivelmente estivessem equivocadas por não serem fruto de reflexões ou de explorações por informações sobre a carreira.

(...) eu vi que ele queria só porque ele tem facilidade com idiomas. Mas não pensou muito. Não era algo que combinava com ele, o curso. E o Flávio não é uma pessoa que lida com pessoas. Você está me entendendo? Ele vai ser diplomata como, me diz? Como que podia ser Fabiana? [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

No entanto, na época do grupo de pais no ano de 2007, era possível identificar que a escolha da carreira parecia em segundo plano naquele momento em que Cássia mostrava-se muito mais angustiada com a possibilidade de se separar de Flávio, caso o mesmo fosse cursar faculdade em outra cidade. Na ocasião da entrevista, quatro anos depois, também não se observaram indícios de que havia um espaço potencial construído entre mãe e filho que possibilitasse à dupla conversar e pensar sobre projetos de carreira, ainda que a mãe percebesse as confusões quanto aos seus interesses vocacionais.

Mas você tinha que deixar, afinal ele não quer fazer? Eu não tinha que apoiar! Me parece que na idade deles, não digo todos os jovens, mas a maioria vai fazer por impulso. Eu comecei a perceber isso, que era só um impulso. (...). Primeiro, ele falava Gastronomia e eu falava “Gente, não chega nem na cozinha, não frita um ovo! Como que gosta? Ah, tem dó, não faz um bife! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

A história de Cássia também sugeriu que no ano de 2007, quando o filho fazia suas escolhas iniciais de carreira, a mãe também estava muito voltada às preocupações relacionadas com a vida conjugal.

O casamento não ia bem, já antes de eu participar do grupo de pais, já era um casamento... em decadência. Naquela época, eu fazia terapia para me organizar. Eu levei uns cinco anos para decidir que acabou. Cinco anos, você imagina? Você tá com a mesma pessoa, aquilo lá está falido e você está aceitando. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Era possível identificar que as experiências de vida de Cássia (o abandono do curso superior, o investimento na vida conjugal, o relacionamento com a mãe) influenciavam o modo como lidava com o filho. Por seu discurso, observou-se que havia grande receio de interferir diretamente na vida de Flávio. Porém, ao não dialogar com o jovem sobre seus interesses e as carreiras, acabava reproduzindo o modelo de atuação parental que tanto questionava.

Antes do grupo de pais, eu tinha na cabeça que como eu não consegui terminar meu curso superior por escolha minha, e minha mãe não interferiu apesar de ela não gostar disso, eu não queria fazer a mesma coisa com filho nenhum. Eu tava no 3º. ano de Direito e larguei. Carreguei isso e só me realizei recentemente quando consegui fazer o de Técnico em Imobiliária, aí me aliviou. Me fez feliz. Mas eu não queria isso para eles. Eu tinha que descobrir uma maneira de que eu conseguisse que se acertassem, sem interferir. Por isso fui participar do grupo de pais. E você vê que eu falava muito lá, porque eu tinha muita preocupação de não me meter. Aquela carta que eu escrevi... [fala emocionada]. Lembra que eu li? {Lembro sim}. Aquela carta era tudo o que eu sentia! Então, naquele momento o que fiz? Aproveitei o que tinha acontecido comigo e falei “Tem que ser diferente porque não quero que eles sintam o que eu sinto: um arrependimento de não ter terminado a faculdade”. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Notaram-se ambiguidades em seu depoimento, pois implicitamente também estava presente a necessidade de ser amparada, embora argumentasse o contrário. Questiona-se se tais necessidades impediram um posicionamento mais favorecedor de Cássia junto ao filho, naquela fase das primeiras escolhas de carreira.

(...) eu devia ter sido mais persistente. Porque eu bancava a minha faculdade. (...) comprei os meus livros que eram muito caros e pagava minha mensalidade com o meu trabalho. Abri mão do trabalho, abri mão da faculdade para ir atrás de um marido...tá certo, a escolha foi minha, mas atrás de um marido que achei que ia cuidar de mim e eu vi que não. Quem cuida de mim sou eu mesma! Tanto que quando eles falam que vão cuidar de mim, eu falo “Vocês não têm que cuidar de mim porque o pai de vocês não cuidou”. E eu aprendi a me cuidar (...). Mas eles têm que saber cuidar das mulheres deles. É cuidar não é fazer elas ficarem ali que nem bibelô dentro de casa. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Assim como Cássia, a participante Alice também trouxe vivências bastante diversas daquelas experimentadas pelos outros contextos familiares, já desde a época do grupo de pais. Enquanto os filhos dos outros participantes estavam no Ensino Médio, a filha de Alice havia iniciado um curso universitário em uma universidade privada, tendo realizado porém o “trancamento da matrícula”, pois permanecia confusa quanto à escolha. Quatro anos depois, no reencontro com Alice na entrevista, ela fez um breve retrospecto das mudanças e revisões de carreira ocorridas na trajetória da filha.

Ela fez oito meses de uma faculdade que não gostou. Eu achava que ela queria Educação Física porque ela tava na área de dança. Ela dançava e então eu tinha uma certa preocupação com isso. Eu falei “Paula, é isso mesmo que você quer? ”, e ela “É isso mesmo que eu quero.”. E tá terminando agora, ela vai se formar esse ano. {Essa escolha é a que ela fez depois do grupo de orientação profissional que ela participou?} [Fico confusa pois ela fala como se eu soubesse o que a filha escolhera]. É, foi depois...porque ela fez Letras oito meses e não gostou de jeito nenhum {Ah entendi, foi Letras que ela não gostou}. Isso! [Alice, 59 anos, massagista]

Interessante observar que Alice se expressava como se o tempo não tivesse passado e o distanciamento não houvesse ocorrido entre a participante e a pesquisadora, desde o fim do grupo de pais. Contava sua história como se suas experiências fossem conhecidas. Com o transcorrer da entrevista, na medida em que foi percebendo as tentativas da pesquisadora de esclarecer as situações, sua narrativa foi se organizando. Destaca-se o momento em que esclarece sobre os interesses profissionais de Paula em relação à dança, transparecendo preocupação de que a jovem não trabalhe na carreira para a qual irá se graduar.

Ela gosta muito de dançar. Chegou até a entrar naquele grupo [cita o nome]. Ela viajava muito. Ela acabou com o joelho, acabou! Ela tem 60% de problema no joelho, que ela começou a tratar agora, então, até diminuiu as danças. Mas na boate, ela ainda dança, ela não para. Só que eu fiquei outro dia assim... um pouco preocupada porque ela gosta da faculdade, tá terminando... {E onde é?}. Na [universidade privada na cidade de origem]. E eu sinto que ela não vai trabalhar na área. [Alice, 59 anos, massagista]

Observou-se que Alice se referiu pouco ao período em que a filha refez a escolha de carreira, optando pela transferência do curso de Letras para o de Educação Física. Ganhou ênfase em sua história a importância da dança na vida da Paula, questão que emergia de modo bastante ambíguo em sua narrativa. Embora valorizasse o talento da filha, por outro lado, ressaltava o desgaste físico, destacando o receio de que a jovem deixasse os estudos em segundo plano. Falar sobre as escolhas da filha, remetia Alice a sua própria trajetória. Assim, a mãe se referiu ao desgaste ocasionado por seu trabalho e também à necessidade de diminuir sua carga horária em função de sua idade. Também se observou, nesse momento, a importância do reconhecimento do trabalho que desenvolve.

Eu trabalho muito. Sou massagista terapêutica. Só que no ano passado, tive umas complicações e achei que eu tava me excedendo. Aí, falei “Tá na hora de cortar um pouco”. (...). Então, diminuí bem, aí fiquei melhor. Porque estou com cinquenta e nove anos. Trabalho desde os treze, então chega uma hora que você fala “Não posso ir além do meu limite”. (...) comecei com umas dores e eu trabalhava no chão e aí o Ortopedista falou “Não dá para você trabalhar na maca?”. Eu falei “Bom, acho que vou perder todos os meus clientes”. Aí, falei para todos e todos foram para maca! Aí, pensei “Nossa, eles gostam de mim, né?”. Então, a minha qualidade de vida melhorou muito (...). [Alice, 59 anos, massagista]

A respeito das vivências de outra participante, a história contada pela participante Rosa mostrou uma situação muito diversa daquela relatada pelos pais cujos filhos vivenciaram o processo da escolha das carreiras universitárias e a preparação para os exames vestibulares.

(...) naquela época, ela começou a fazer o grupo [Orientação Profissional]. Aliás, eu vim...eu falei “Vou fazer também a orientação para estar incentivando ela, né?”. Porque eu vi que ela tava em dúvida e não sabia muito bem. Aí viemos, fizemos a inscrição e ela começou a fazer o grupo. Mas ela precisou parar antes de terminar porque ela arrumou um serviço e foi trabalhar...e aí, foi onde eu continuei com vocês no grupo [Grupo de Orientação de Pais]. Então, ela não voltou para estudar ainda não. Desde aquela época para cá, ela continuou trabalhando. [Rosa, 41 anos, professora]

Seu depoimento falava sobre a impossibilidade de garantir à filha uma condição diferente da que ela própria enfrentara, ao precisar de trabalhar para financiar sua formação universitária. Assim, para ingressar no Ensino Superior público ao término do Ensino Médio, a filha só poderia contar com os recursos adquiridos em sua formação escolar pública. Outra saída seria trabalhar para garantir os custos com um cursinho para o vestibular ou com uma faculdade privada. O recorte seguinte retrata esta situação que, na comunicação de Rosa, ganhou um caráter bastante determinista sobre as possibilidades de caminhos para a filha.

(...) o que eu conversava com ela? Que eu não tinha condições de pagar uma faculdade para ela naquela época. Então, como aconteceu comigo, que primeiro eu tive que trabalhar para depois pagar a minha própria faculdade, então ia acontecer com ela. Então, logo ela arrumou um serviço e começou a trabalhar, mas aí distanciou dos estudos, né? [Rosa, 41 anos, professora]

Foi possível identificar por sua história que mãe e filha não contaram com alternativas que pudessem auxiliar Patrícia a dar seguimento aos estudos. Diferentemente da época em que Rosa tomou suas primeiras decisões de carreira, no momento em que a filha escolhia a profissão já existiam programas de incentivo do governo, como o Fies²⁵ e o ProUni²⁶. Tais programas, citados no Grupo de Orientação Profissional para os adolescentes e no Grupo de Orientação de Pais, poderiam aumentar as chances de Patrícia para a aquisição de formação de nível Superior. Entretanto, sabe-se que a realidade brasileira, sobretudo naquele período²⁷,

²⁵ O Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) é um programa que financia, prioritariamente, estudantes de cursos de graduação. Para se candidatar, os estudantes devem estar matriculados em instituições de ensino privadas cadastradas no programa.

²⁶ O Programa Universidade para Todos (ProUni), segundo a Lei 11.096/2005, concede bolsas de estudo parciais e integrais para estudantes de cursos de graduação e de cursos sequenciais em instituições privadas de Ensino Superior, mediante a comprovação da renda familiar.

²⁷ Cabe apontar que a partir do ano de 2012, com a Lei no. 12.711/2012 (que dispõe sobre o ingresso em universidades federais e em instituições federais de ensino técnico), houve a ampliação de vagas restrita aos alunos cotistas. Com isso, 50% das vagas disponíveis em cursos universitários são destinados a alunos da escola pública, favorecendo prioritariamente jovens de famílias de baixa renda, negros, pardos e índios (Oliveira & Baranzeli, 2013).

carecia de políticas públicas que viabilizassem maior acesso às instituições de nível superior para todos os jovens de estratos sociais mais populares (Carreteiro, 2009). Nesse sentido, Pochmann (2004) também havia apontado para a urgência de alterações importantes no sistema educacional e de formação profissional, a fim de se garantirem às classes trabalhadoras possibilidades mínimas de uma educação ampliada. Na opinião do autor, esta seria a única saída para que estes jovens também acompanhassem as exigências do mercado, em função da transição da sociedade industrial para a sociedade do conhecimento (Pochmann, 2004). Não se observava, entretanto, no discurso de Rosa na entrevista qualquer crítica a este respeito. Sua narrativa sugeria apenas que a Patrícia, por não ter se decidido sobre a carreira profissional na época, e diante da necessidade de ter uma remuneração, começou a trabalhar, deixando os estudos em segundo plano. A seguir, observa-se que Rosa sentia-se culpada pelas influências que acredita ter exercido sobre o rumo tomado pela filha.

(...) e eu falei para ela “Vai trabalhando, veja se você arruma um serviço fixo, uma renda estável e depois, você vai escolhendo as profissões, você vai olhando uma coisa ou outra, quando você tiver mais madura, aí você escolhe”. Bom, até outro dia eu tava “Meu Deus, o que que eu...por que eu fui falar isso para ela? Agora ela não volta mais!”. [Rosa, 41 anos, professora]

Na perspectiva de Rosa, a filha permaneceu “presa” à sua orientação de que deveria trabalhar e, por isso, não se engajou na construção paralela da formação profissional, via Ensino Superior. Preocupava-se com a instabilidade de interesses da jovem, que foi transitando por empregos temporários e cursos técnicos, sem concluí-los. A narrativa sugeria ainda que a mãe não parecia atribuir tanto valor à formação de nível técnico.

(...) ela até começou um curso técnico de Administração no [centro técnico na cidade de origem]. E ela foi trabalhar nessa área, numa oficina de carro, automotiva. Aí, ela foi trabalhar lá, acho que foi esse serviço aí que ela arrumou. E aí, até então, nada de voltar a estudar, nada! E eu incentivando ela fazer alguma coisa e nada, não queria. Começou um curso de Web Design e também não terminou, parou. Fez um pouco, parou. Aí eu “Meu Deus, por que eu fui falar isso para ela?” {Estava se sentindo responsável}. Tava, muito. [Rosa, 41 anos, professora]

Por outro lado, Rosa reafirmou a importância de Patrícia ter uma renda para suprir suas próprias necessidades, assim como ela própria, desde muito cedo tornou-se independente em relação à mãe. Assim, observa-se que tinha a expectativa de que a filha se espelhasse em seu modelo, tendo em conta a realidade socioeconômica do grupo familiar.

(...) dela ter ido trabalhar, eu acho legal porque eu não ia ter como ficar bancando ela muito tempo, e ela gosta de ter as coisas. Então, ela comprou moto, então ela é bem independente.

Ela é até bem parecida comigo. Eu também não pude ficar muito na barra da saia da minha mãe não. Então, eu logo fui me virar e ela a mesma coisa. [Rosa, 41 anos, professora]

Wickert (2006), em pesquisas com jovens entre 16 e 24 anos à procura do primeiro emprego, observou que para esta geração parece ser mais importante ter condições para se tornar consumidor e, portanto, tem-se visto jovens abrirem mão de se realizarem como sujeitos, inclusive do sonho de terem uma carreira profissional, para aceitarem qualquer possibilidade de emprego que garanta ao mesmos a porta de entrada para o consumo. Assim, a sensação de independência para estes, na opinião da autora, parece mais associada à possibilidade de serem consumidores (Wickert, 2006). Por este viés, pode-se pensar que a independência a que Rosa se referia, por meio de uma formação profissional e da construção de uma carreira, talvez não correspondesse às reais expectativas da filha. A seguir, observa-se o momento em que a mãe reconhece que Patrícia poderia investir em uma formação técnica, mas, por outro lado, nota-se sua ambivalência, já que os interesses de carreira da filha a remetiam a um maior distanciamento entre suas trajetórias.

(...) ela veio falar que tava pensando em fazer um curso de aeromoça. Eu falei “Bom, alguma coisa tá saindo aí, pelo menos ela tá pensando em voltar a estudar”. Aí, quando ela falou, eu fiquei até surpresa “Nossa, curso de aeromoça?”. Pensei um monte de coisa, né? Distância, de ficar viajando, de andar de avião. Mas pensei “Não vou desanimar ela, vou incentivar porque pelo menos ela tá pensando em voltar a estudar. Seja o que for que ela for fazer”. Aí falei “Legal!”. E perguntei, questionei bastante algumas coisas. Falei “Por que você está pensando nisso?”. E ela “Ah, sei lá, to pensando em fazer”. Aí, já tinha olhado tudo, pesquisado preço, onde que tinha o curso, um monte de coisa. Bom, aí, fiquei mais animada. Então, no momento ela tá com isso aí na cabeça. [Rosa, 41 anos, professora]

Identifica-se que Rosa valorizava os aspectos mais independentes da filha, como normalmente é o esperado em famílias de classes mais populares (Wickert, 2006). Em sua história, todavia, estava sempre presente a expectativa de que Patrícia conciliasse estudo e trabalho, assim como a mãe fizera no início de sua carreira. De fato, a OIT (2009) afirma ser real a contradição entre a necessidade de jovens, de estratos sociais mais desfavorecidos, de se inserirem cedo no mercado de trabalho e o fato de que a inserção precoce e de qualidade ruim tem repercussão comprometidora do futuro e das chances de se construírem trajetórias de trabalho decente.

De modo geral, os pais contaram sobre as escolhas iniciais de carreira de seus filhos ao final do Ensino Médio, e como se posicionaram junto aos mesmos, sob o ângulo de perspectiva que construíram através de suas próprias experiências em suas trajetórias. Observou-se em várias passagens que as indecisões/decisões dos filhos despertavam

espontaneamente nos pais sentimentos e questionamentos acerca de suas próprias escolhas e investimentos em seus diferentes papéis (Soares-Lucchiari, 1997/2004a).

Pelas narrativas dos pais, em termos de oportunidades de escolhas de carreira, ao final do Ensino Médio, identificaram-se restrições nos casos dos filhos de Alice, Rosa e Cássia que, embora com singularidades em suas trajetórias, ingressaram no mercado de trabalho. Os demais jovens puderam se preparar para o vestibular, escolher cursos universitários e estudar nas faculdades onde obtiveram aprovações. Nestes casos, por fazer parte do projeto familiar, ficou evidente o acompanhamento parental nos períodos das escolhas de curso, dos vestibulares a serem prestados e das matrículas nas universidades.

A seguir, discorre-se sobre as narrativas contando a respeito da trajetória que os filhos vêm construindo e sobre expectativas e projetos que os pais mantêm para o futuro dos mesmos.

2.1.2 A trajetória de carreira que vem sendo construída pelos filhos e seus projetos de futuro

Entre os oito participantes, cinco (o casal, Helena e Mauro, Dora, Raquel e Beatriz) vivenciaram a experiência dos filhos saírem de casa para cursarem o Ensino Superior em outra cidade. A partir das narrativas, pode-se considerar que estes cinco participantes, de modos muito particulares, revelaram como acompanharam o período de adaptação dos filhos na transição do Ensino Médio para a universidade. No que diz respeito ao casal participante, na entrevista com Helena ficou evidente que o local onde o filho iria residir, assim como suas companhias, eram as grandes preocupações da mãe. A mãe contou como participou desse período inicial, buscando possibilitar ao filho um contexto que se adequasse aos padrões e valores prezados pelo grupo familiar.

Ele conheceu um menino [Pedro] pela internet (...) e esse Pedro era de [cidade capital]. Aí chegamos lá [na matrícula] e conversei com um que falou “A gente mora numa república e tem três que tão indo embora, a gente precisava de alguém”. (...). E nisso encontrou com o menino [Pedro], com o pai e a mãe. Achei super família! Igual a gente (...), pegamos o telefone deles e fomos andar (...) e encontrei com o menino da república (...) e ele “Vamos conhecer a república?”. Chegou lá, eu fiquei doida! Falei “Não vou deixar meu menino nessa república!” [Ri]. (...). Uma desordem, uma bagunça! No lugar de alimentação, eu entrei em choque! [Ri]. (...)até gostei do lugar e falei “Se a gente achar alguma coisa por aqui, ele vai ficar sozinho” (...). Mas eu não quis que ele ficasse sozinho, achei perigoso. Aí, liguei para mãe do Pedro (...), aí, Graças a Deus deu certo! Eles moraram um ano juntos. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Sabe-se que na realidade brasileira uma das questões com as quais se deparam essas famílias se refere à decisão quanto ao local de residência para os filhos. As possibilidades de moradia para o jovem universitário brasileiro que sai da cidade de origem são muitas e dependem não só das condições socioeconômicas, mas também das dinâmicas de funcionamento de cada grupo familiar. No início, essas famílias normalmente oferecem suporte material e emocional, participando desse momento já que o filho se encontra em um período de transição sendo, muitas vezes, sua primeira saída de casa. Pensando acerca do papel parental junto aos adolescentes em momentos de transição, Winnicott (1983/2008a, 1993/2005a, 1993/2005b) ressaltou a importância do manejo (*holding*) dos pais já que nessa fase os filhos ampliam seus círculos sociais, explorando e vivenciando situações até muito desconhecidas. Nesse sentido, é importante que os pais atuem como aqueles com maiores condições emocionais para analisar as circunstâncias de passagem de um círculo social para outro, antecipando e considerando os fenômenos que possam acarretar situações de vulnerabilidade ou perigo.

A história de Helena, no entanto, foi mostrando que a mãe continuou se mobilizando muito quanto à moradia e rotina do filho, mesmo após o período de adaptação inicial do jovem ao novo contexto social. Um ano depois, percebe-se que também direcionou suas preocupações para a filha, optando por que a adolescente realizasse o 3º. colegial na cidade em que residia o irmão.

(...) aí no outro ano a Mônica [irmã] tinha que fazer o 3º. colegial e eu não quis mandar ela para [cidade onde o irmão fez o 3º. colegial], como ele foi, porque ela já tinha uma referência que era o irmão. {Você queria que eles ficassem juntos?}. Isso! É uma escola muito boa que eu pesquisei para ela. (...). Aí, montei um apartamento para ela e a mãe do Pedro queria muito que o Pedro fosse ficar junto. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Helena explicitou a preferência de que o filho não morasse mais com o amigo que, na sua perspectiva, tinha hábitos e comportamentos que dificultavam a organização da vida de Maurinho.

(...) o Pedro é assim meio mimado, porque às vezes eu falo “(...) se for para mãe pagar empregada, vai ficar muito caro, então, vocês comem na faculdade e jantam marmita ou providencia alguma coisa”. E o Pedro não, ele era acostumado a fazer as próprias coisas dele. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Apesar de dizer não “atrapalhar” o cotidiano da república, Helena sugeriu que naquela época interferia diretamente no funcionamento da casa, tomando decisões quanto à

rotina e organização, o que parecia contribuir para manter a dependência de Maurinho em relação à mãe.

Mas eu chegava e via aquela cozinha daquele jeito e falava “Não, eu não quero isso de jeito nenhum”. (...) a pia fica constantemente suja. (...) eu chegava e ia faxinar o apartamento (...) eu ia sempre, uma vez por mês eu tava indo. Para não atrapalhar eles, eu pegava eles na faculdade, para já levar com tudo prontinho e falava “Ó, nós já estamos indo embora”. Porque, às vezes, o Pedro podia achar ruim que é a mãe do Maurinho, não é a mãe dele, né? Então, eu deixava tudo organizado. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Helena parecia não confiar nos recursos psíquicos do filho para aprender a gerir a própria vida, julgando que o mesmo ainda necessitava de sua constante supervisão. Em seu discurso, evidenciava-se que os planos para que os filhos morassem juntos relacionavam-se com a possibilidade de manter maior controle sobre suas vidas.

(...) para levar o Pedro para morar lá, aí falei “Não! Porque lá, eu vou controlar”. Porque lá, se tiver algum defeito eu to vendo porque ou é ele ou a irmã né? Aí, eu aluguei um apartamento bem maior, de dois quartos, pertinho da escola dela, para ele ficava mais longe, tinha que pegar ônibus, mas falei “Não, faz parte, para ela é que... ela só tem 16 anos. [Helena, 44 anos, dona de casa]

A literatura que trata a respeito desse período de adaptação dos filhos ao meio universitário, longe da casa dos pais, assinala que esta situação representa uma experiência de significativa importância para a vida dos jovens e, nesse sentido, a relação mantida com os pais e o quanto estes estimulam a progressiva autonomia dos filhos irá influenciar, positivamente ou não, os processos de adaptação a essa nova fase da vida (Bardagi & Hutz, 2008; Beyers & Goossens, 2003; Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008; Wei, Russell, & Zakalik, 2005).

Já na conversa com o pai, Mauro, outros aspectos da adaptação inicial do filho foram destacados. Interessante notar que, com recorrência, assinalava aspectos que remetiam às diferenças entre suas gerações. É o que se observa, ao explicitar seu estranhamento frente às inúmeras possibilidades da era atual e a habilidade da geração do filho no manejo desta realidade.

(...) no 1º ano, ele morou junto com um colega de [cidade capital] que conheceu pela internet. Até fico abobado com esta história de internet, né? Como eles se dão bem, como que tem afinidade, como que dá tão certo, né? (...) e chegou lá, na hora do...da festa, da recepção, nós já encontramos o menino. Encontrou o pai, foi eu e a Helena, o pai e a mãe do menino. E encontrou ele (...) e aí já entrosou e nós já fomos ver apartamento junto. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Nota-se que o pai parecia ter vivenciado de modo diferente da esposa o momento da adaptação inicial do filho. Mauro não problematizou a convivência com o colega de república, como fizera Helena.

(...) naquele ano, 1º. ano, ele dividiu apartamento só os dois. Aí correu tudo bem, dois meninos muito “bão”, muito bem educado o companheiro dele também. Deu tudo certinho. Nós tava sempre meio em contato com o pai e a mãe dele, sempre indo lá visitar, vendo como tava o andamento das coisas e da mesma forma os de lá, né? Deu tudo certo, venceu o ano, beleza! [Mauro, 51 anos, agricultor]

Na história de Mauro também não se identificou a preocupação com a organização da vida cotidiana do filho, questão que remete mais ao controle e ao cuidado materno (Romanelli, 2003). Por outro lado, o fato de a filha mais jovem poder morar com o irmão, ganhou destaque em sua narrativa, evidenciando-se a preocupação não só com o fator econômico, mas novamente com a segurança e proteção dos filhos. Embora Mauro e Helena se referissem à segurança dos filhos, havia diferenças entre seus posicionamentos. Se por um lado, Helena voltou-se aos aspectos que remetiam ao controle da vida do filho, mantendo sua dependência; o pai, por sua vez, ofereceu maiores condições para que Maurinho fosse adquirindo maior autonomia. Este posicionamento corrobora achados de estudo realizado por Guerra e Braungart-Rieker (1999), a respeito da percepção de jovens universitários em relação à participação dos pais, que são vistos pelos filhos como aqueles que oferecem mais oportunidades para o alcance da autonomia e da independência do que as mães.

Agora, Graças a Deus, as condições correram bem e nós mandamos um carrinho lá para ele. Então agora ele vai de carro. (...) E dia de voltar é mais fácil também porque de [cidade do onde o filho mora] daqui são dois ônibus, de carro você faz com 2 horas de viagem, e o ônibus demora 4 horas. Então o carro ajudou ele para ir e voltar da faculdade e para pode vir para cá. [Mauro, 51 anos, agricultor]

No que se refere à vida acadêmica do filho, Helena mostrou que, mesmo à distância, acompanhou o percurso de Maurinho, procurando manter uma relação de diálogo e proximidade. Demonstrou que vibrava com as conquistas do filho e que se orgulhava de seu amadurecimento. Notava-se também que, do mesmo modo que valorizava a sua própria dedicação na atuação de seu papel como mãe e esposa, Helena também cobrava do filho bom desempenho e muita dedicação.

A Iniciação Científica, ele conseguiu esse ano! [Fala empolgada]. Aí, ele falava “Mãe, eu corro atrás da professora e ela simplesmente fala ‘Eu vou ver se vai dar certo’. Eu to cansado já!”. E eu “Não, não pode cansar não, você precisa dela, ela tá numa posição que é você quem tem que correr atrás dela, você tem que bater na porta até abrir”. Eu falei “Você tem

que fazer tua obrigação”. Aí, ele foi insistindo e não conseguiu de jeito nenhum com ela. Aí tentou com outro professor. Aí de cara ele já conseguiu. Aí, ele começou a receber esse ano! Tava contente que tava recebendo, né? Nossa! [Helena, 44 anos, dona de casa].

Entretanto, foi se evidenciando que, mesmo observando a progressiva adaptação do filho ao meio universitário e seu desenvolvimento em sua trajetória de carreira, Helena procurava mantê-lo muito dependente, posicionando-se como se Maurinho ainda cursasse o Ensino Médio.

{Então, você acompanha as coisas que ele está vivendo lá?}. Acompanho tudo! Julho, ele veio poucas vezes, porque tava trabalhando na Iniciação. Ainda eu falo para ele que contato é muito importante e ele me fala “Mãe, to almoçando com os professores”. E graças a Deus, as notas dele são muito boas. Ele entra e eu “Deixa eu ver suas notas”! [Helena, 44 anos, dona de casa].

A respeito da opinião de estudantes universitários acerca da experiência de “sair da casa dos pais”, estudos revelam que para estes jovens esta vivência tem tanta importância justamente pelo fato de aprenderem a assumir compromissos e tarefas que os colocam na posição de se reconhecerem capazes de gerir suas vidas (Cervinski & Enricone, 2012; Teixeira, Dias, Wottrick, & Oliveira, 2008). A partir da narrativa de Helena, foi possível identificar momentos em que o filho reagia às atitudes da mãe. Isso é representado no trecho, a seguir, quando o jovem sinaliza à mãe que ultrapassara os limites de sua atuação, invadindo sua privacidade e assumindo tarefas que ele já se sentia em condições de realizar.

To sempre querendo participar, aliás, na vida deles toda, né? Sempre eu desfaço a mala e faço a mala. Outro dia ele falou: “Ô meu Deus, cadê a privacidade?” [Helena, 44 anos, dona de casa].

Andrade (1997/2004), Coelho e Carbone (1997/2009), assim como Oliveira e Dias (2001), também destacam sobre a importância de os pais, quando os filhos saem de casa pela primeira vez, aproveitarem do distanciamento físico para fomentarem o engajamento no mundo adulto e a construção de projetos de futuro mais autônomos. Ao contrário desta postura, evidencia-se que Helena não conseguia promover uma maior independência por parte do filho. No contraponto, o pai demonstrou que cobrava resultados mais práticos e que remetessem ao crescimento do filho e à progressão na carreira. Contou, também, como interpretava as reações de Maurinho frente a suas cobranças.

(...) sou muito cobrador. Eu cobro, tanto que falei “Filho, mas você tá fazendo um curso de Engenharia e o pai não viu nenhum projeto, nenhuma planta, será que você vai ser um engenheiro que tenho o costume de ver por aí?”. Ele fala “Calma pai, tudo tem sua fase, 1º.

ano é teoria, 2º. é isso, 3º....”. Agora esse ano ele já começou a mostrar uns projetos, então comecei a ver a essência do engenheiro (...). Mas, às vezes, eu cobro e como todo jovem, ele dá aquelas revoltazinhas, fica bravo (...). Porque na hora que tem que ser duro, eu sou duro. (...) todo jovem, eu já fui, tem aquele momentinho de revoltazinha. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Mauro esperava que o filho valorizasse o patrimônio e o modelo familiar, especialmente o investimento e a dedicação paterna ao trabalho. Assim, novamente estampou-se a diferença entre as gerações: Mauro concluiu o Ensino Médio e foi trabalhar na fazenda, o filho, por sua vez, dedicava-se exclusivamente aos estudos, tendo a oportunidade de investir em uma carreira universitária.

(...) ele tava de férias e falei “Vamos comigo para roça?”. (...). Chegou lá, tinha uns funcionários fazendo um serviço duro e botei ele para fazer e eu fui também. Tive que me sacrificar porque já não to mais para fazer esse tipo de serviço pesado, (...) chegou de tarde e ele tava com a mão toda machucadinha. Ele falou “Não aguento mais” e eu “Não aguenta por quê? Eles tão fazendo e eu também to, você é um homem, mais forte que eu. (...). Você aguenta sim, vamos meu filho (...), você vai ver que as coisas não são do jeito que você pensa”. (...) eu falo “Você viu o quanto é duro? O quanto uma pessoa que não tem instrução sofre? O quanto a vida de vocês é excelente, isso é bom para dar valor!”. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Era significativo na história de Mauro que o filho reconhecesse que a oportunidade concedida de se dedicar aos estudos era subsidiada pelo árduo trabalho do pai.

Vocês estão com um carro na mão, vocês estão com dinheiro sempre que precisa, não é exagerado, mas todos os compromissinhos a gente está acudindo: roupa boa, comidinha boa, agora vem reclamar do quê?”. (...). Então eu só falo que ele tem que dar valor “Conte no dedo quem tem isso que vocês estão tendo. E são poucos né?”. Então mostro muito o que a vida tem de valor. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Já a esposa Helena, ao pensar sobre o futuro do filho, explicitou notar as expectativas do marido de que Maurinho administrasse a propriedade familiar, embora ela não identificasse este interesse no filho. Pela proximidade com o jovem e pelo acompanhamento de seu trajeto acadêmico, Helena projetava as possibilidades de atuação do filho, ponderando sobre seus interesses e restrições, a fim de que o mesmo permanecesse na carreira profissional escolhida.

Felicidade, paz, satisfação no que ele tá ganhando! (...) que não seja atuando porque, de vez em quando, eu falo para ele que não vejo ele com um pedreiro, dando uma orientação, então, às vezes, eu ainda não enxergo nele {Como assim?}. Porque igual quando o Maurinho falou pro pai dele. Porque, às vezes, o Mauro queria que o Maurinho tivesse com ele na fazenda, e ele falou “Paí, uma coisa que eu tenho certeza é isso, eu não quero ser agricultor”. (...). Eu enxergo ele mais numa faculdade, dando aula, mais na área científica. (...). E ele diz que o professor dele fala “Eu to dando aula e à noite eu faço os projetos”. E ele gosta dos projetos (...). Eu tento mostrar para ele esse lado que é bom. (...) Eu acho que ele vai ficar na

área científica. Mas vai ser tudo dentro do que ele escolheu né? Dentro do contexto que ele criou para ele. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Mauro, por sua vez, não foi tão específico ao relacionar os interesses do filho às opções de atuação na área. Nota-se que valorizava que o filho soubesse “administrar”, o que poderia estar implicitamente relacionado às suas expectativas de que o primogênito administrasse futuramente a propriedade familiar.

(...) não espero que ele seja um profissional de noticiário, isso aí não, é que nem aquele aluno daquela classe... eu nunca esperei que ele fosse aquele aluno que tirasse o 10, mas esperei que ele não fosse, tanto como os outros filhos também, aquele que tirasse a menor, tem que estar dentro da média. Eu acho que ele vai ser um profissional dentro da média, se Deus quiser, e vai conseguir também os objetivos dele. Porque ele é.... ele tem muita ambição. A ambição dele é grande. Administra bem o dinheirinho dele. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Tendo em conta os processos de continuidade e descontinuidade entre as gerações, observa-se, no entanto, uma mudança em relação ao seu próprio modelo parental, já que Mauro ofereceu ao filho condições para continuar seus estudos e escolher a própria carreira. Entretanto, as cobranças e expectativas em relação a Maurinho também se associavam aos investimentos realizados na formação educacional do filho. O pai, portanto, esperava reconhecimento.

Já com relação a outro contexto familiar, no que diz respeito à participante Dora, a mãe destacou o primeiro dia da filha em sua nova cidade, evidenciando-se os sentimentos que foram despertados frente à separação de Melina. Na entrevista, Dora assumiu que aquele momento fora repleto de ambivalências.

(...) no primeiro dia de aula, fui com ela e ia ter uma palestra à noite para os pais também para apresentação da faculdade (...) e eu quis ficar para ouvir (...). Aí, na hora de ir embora foi difícil. Nossa! [A voz embarga]. Eu vim com o coração apertado! Mas assim (...) na hora de sair, de despedir dela, eu me segurei muito por ela também porque a gente sabe que ela fica insegura, né? E, então, me segurei muito (...). Fiz até um teatro, sabe? “Ai, que bom eu vou ficar sossegada agora!”, tipo assim! [Rimos]. Mas no fundo não era nada daquilo, né? {Era o contrário?}. Era o contrário [emociona-se]. (...) Eu falei “Se eu chorar agora ela vai ficar pior, né?”. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Fazendo associações com suas próprias escolhas e vivências de separação emocional em relação aos seus pais, à medida que construía sua história, a mãe tentava compreender como a filha vivenciou o período de adaptação inicial. Diferentemente de Melina, Dora só saiu de casa quando se casou, voltando a residir com os pais após o divórcio. Assim, com base em sua trajetória, a mãe acreditava que a filha também teria dificuldades para se desenvolver longe do ambiente familiar.

Porque eu acho que deve ser difícil, eu nunca saí de casa. (...) É, eu não estudei fora, nem nada, mas a gente é muito assim, muito ligada na família, meus pais, ela comigo e...eu achei que ia ser bem difícil, então me segurei muito. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Ao refletir sobre como foi decidido que Melina moraria em outra cidade, Dora fez uma distinção entre sua história e a situação vivida pela filha. Sua narrativa também permitiu que expressasse reflexões que pode fazer com o passar dos anos, desde que a filha saiu de casa. Mostrou perceber que “morar em outra cidade” resultou em importante experiência para o amadurecimento emocional da filha e também para ela mesma, como mãe.

(...) acabamos optando por ela morar lá [cidade próxima] porque o curso é à noite. (...) a aula acaba 23h30 da noite, aí para chegar todo dia aqui muito tarde, ia ser complicado. E perigoso. (...). Para mim, foi super difícil, mas para ela foi muito bom porque eu vi que ela amadureceu bastante. (...) foi uma coisa muito boa e acabou sendo bom para mim porque eu vi o tanto que foi bom para ela, né? Eu sinto falta de tudo, mas ela vem todo final de semana, é pertinho né? Quando dá, eu vou até lá também. Mas eu achei que foi muito bom pro crescimento dela. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Explicitar-se sobre os sentimentos envolvidos no processo de separação da filha, permitiu à mãe, ao construir sua história, resgatar o caminho do desenvolvimento emocional de Melina naquele período. Inicialmente, Dora contou sobre as circunstâncias em que a jovem permaneceu logo que saiu de casa e como pôde participar oferecendo um contexto de suporte à filha em relação ao local onde ficaria alojada.

(...) quando ela foi, ela foi morar num apartamento com uma moça só, mas já era veterana. (...) essa moça que já tinha o apartamento montado e ela levou pouca coisa. A gente comprou uma cama para ela e uma escrivaninha (...) foram os piores seis meses, ela falou. Porque era uma pessoa totalmente diferente dela, sabe? Ela é muito quieta, a moça gostava de sair, então ela não conseguia entrosar. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

A história prosseguiu com Dora se remetendo aos recursos emocionais de Melina para ampliar sua rede de relacionamentos, o que pareceu favorecer o enfrentamento da situação de morar longe de casa. Assim, aos poucos, a filha constituiu seu próprio lar, com pessoas que escolheu para compartilhar suas experiências.

(...) nesses seis meses, ela foi fazendo amizade com as meninas da turma (...) e aí essa moça saiu porque se formou e ela acabou chamando outra que era da sala dela. Então, ela morou até o ano passado nesse apartamento, ela e mais uma amiga. Aí teve uma outra moça também que tava viajando todo dia e queria morar lá também (...) e era muito unida com elas. (...) alugaram um apartamento maior e estão morando as três. Estão se dando super bem lá! [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Dora também se expressou a respeito de o pai não ter oferecido suporte naquele momento de transição. Em contrapartida, salientou o amparo e a participação de seus pais, avós de Melina, sobretudo quando Dora tinha menos disponibilidade para acompanhar a vida da filha.

(...) o meu pai ia mais para lá no início do que eu porque como eu trabalhava, eu não tinha como ir (...). {E o pai dela?}. O pai é bem ausente. Mora em [cidade distante], nunca foi lá (...) se veem pouco, coisa de uma vez por ano (...). Não ajuda com nada, não quer saber. (...). No começo ela até brigava mais (...) exigindo ter a presença dele, aí acho que ela foi vendo que não adianta (...) tanto é que ela fala “Para mim não faz diferença nenhuma se ele for ou não, o meu avô sim porque na verdade foi quem me ajudou”. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Sobre a questão da influência do divórcio dos pais sobre os processos de construção da carreira dos filhos, estudos da área (Eigen, Hartman, & Hartman, 1987; Levenfus & Nunes, 2010a; Lopez & Andrews, 1987; Scott & Church, 2001) sugerem que jovens provenientes de grupos familiares mais estruturados revelam maiores condições para tomarem decisões de carreira, do que aqueles cujas famílias de origem têm histórico de divórcio (Scott & Church, 2001). Considerando, entretanto, cada vez mais as transformações nos modelos de família, na perspectiva de Levenfus e Nunes (2010a), é inevitável que as mudanças nas configurações familiares alterem os processos de identificação dos filhos, repercutindo nas escolhas de carreira, mas não necessariamente influenciando negativamente. No caso de Dora, há indícios de que a filha contou com outras figuras de identificação e apoio, como seus avós, que possivelmente se tornaram referências de significativa importância. Dora sugeriu, em várias passagens, que o posicionamento do avô ultrapassou o apoio material, sendo decisiva sua participação na trajetória da neta, proporcionando-lhe o que, na linguagem winnicottiana, poderia ser considerado como um *holding familiar* (Winnicott, 1993/2005a).

Quem me ajuda a manter ela é meu pai (...), inclusive meu pai foi o primeiro a ficar preocupado “Não, ela vai morar lá, porque eu não quero ela viajando todo dia, chegando de madrugada, é muito perigoso”. E falava “Se ela para na rodoviária você já pensou você ter que sair daqui para ir buscar, porque eu não vou deixar você sair daqui para ir buscar ela na rodoviária 0h30, 1h da manhã, de jeito nenhum!”. (...). Eu falei “Pai, não vou ter como manter ela”. (...). Aí ele “Eu te ajudo, deixa por minha conta, mas eu não quero ela na estrada todo dia” (...). Então quem faz o papel de pai mesmo é o avô. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

A história contada foi, pouco a pouco, revelando o acompanhamento da trajetória da filha ao longo dos anos de faculdade. Explicitou o orgulho ao ver a jovem traçando objetivos e tomando decisões de carreira para se desenvolver. Foi possível identificar o reconhecimento de que à medida que a jovem vivia novas experiências, adquirindo outros recursos fora do

núcleo familiar, naturalmente ocorria o distanciamento entre suas realidades. Dora mostrou, no entanto, que buscava se aproximar das experiências de Melina a fim de se manter presente, apoiando e aconselhando, conforme ainda lhe era possível fazer no exercício de seu papel.

Ela quer a área de pesquisa. Tá fazendo estágio com reprodução animal, tá no quarto ano... quer dizer no terceiro. Mas o que ela quer é reprodução humana, só que não tem estágio (...) mas a grande preocupação dela tá sendo exatamente o que ela vai fazer. Ela quer continuar, quer fazer o... como chama depois da graduação? {Mestrado?} É o Mestrado? Não, antes do Mestrado tem alguma coisa? {Iniciação Científica?}. Não, então acho que é Mestrado. {Ela está fazendo a Iniciação Científica?}. Sim, ela tá fazendo a pesquisa com a bolsa! [Fala com ênfase]. (...) E o que ela tá super na dúvida porque lá não tem na área que ela quer. Ela não sabe para onde ela vai. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Percebeu-se que Dora acompanhava os projetos de futuro da filha, demonstrando se preocupar com sua autoexigência. Diante disso, procurava oferecer-lhe continência às suas ansiedades e angústias frente ao futuro tão incerto.

(...) até ontem eu tava conversando com ela “Calma, preocupa primeiro com o final da tua faculdade”. Ela tá muito assim...é extremamente preocupada, extremamente responsável também, e ela tá pensando lá na frente. Eu falei “Calma, ainda tem que terminar essa faculdade, você ainda tem que pensar no seu trabalho de conclusão de curso”, que já vai ser em cima desta pesquisa que ela tá fazendo, né? Mas assim, ela tá super feliz. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Durante a entrevista, Dora mostrou que pode rever suas crenças a respeito da escolha da carreira realizada pela filha. Observando o desenvolvimento de Melina na área, passou a vislumbrar possibilidades de atuação profissional até então desconhecidas pela mãe. Considera-se que, ao perceber a satisfação de Melina na construção de sua vida, isso favoreceu que a Dora reconhecesse com maior clareza as particularidades entre suas trajetórias.

Mas hoje vejo que realmente ela tá no caminho certo porque é uma coisa que ela gosta muito. Ela se dedica muito e acho que se realmente ela for para essa área de pesquisa, que é o que ela quer, ela pode... porque a gente pensa muito assim “O que vai ser depois, dedicou tanto aos estudos, fez uma faculdade boa e depois? Será que vai ser bem sucedida? Será que vai ser uma profissional que vai se realizar?”. (...) mas eu acredito que se ela ficar nessa área de pesquisa (...), ela pode sim! Eu não queria que ela ficasse estacionada justamente pelo potencial que ela tem. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Ao reconhecer a satisfação profissional da filha, Dora podia vislumbrar um futuro de sucesso. Tais expectativas mantinham acordo não só com o histórico de dedicação da filha aos estudos, mas com a confiança no desenvolvimento emocional da filha. A seguir, também se observa a *dedicação* da mãe em seu papel parental.

Acredito que a Melina vai ser uma pessoa muito bem sucedida. (...) por tudo que eu vi dela desde criança (...) a dedicação nos estudos, a preocupação, uma menina que nunca pegou uma recuperação. Pelo contrário, me dava trabalho de tanto que era preocupada. (...) Ela acordava de madrugada quando ia ter prova “Eu não sei nada, eu não vou conseguir tirar nota”. Aí, eu ficava de madrugada sentada com ela “Então vamos estudar”. E ela sabia tudo! [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Raquel, também vivenciou a saída do filho de casa para realizar o Ensino Superior, porém em uma universidade localizada em outro estado. Contou como participou daquele momento inicial de mudança, oportunizando ao jovem, como as outras mães, condições para que o mesmo permanecesse bem alojado. Diferentemente de Helena, porém, observou-se que Raquel (como Dora), depois da primeira experiência de moradia, permitiu ao filho maior liberdade para decidir sobre sua rotina e companhias. No entanto, não deixou de ampará-lo na procura e nos custos com um novo local de residência, quando foi necessário. Em sua comunicação não havia indícios de que interferisse diretamente no dia a dia de Bruno, mesmo na fase inicial, deixando que o jovem aprendesse a cuidar da trajetória que vinha construindo.

A princípio, ele ficou em um hotel para estudante, cada um tinha seu quarto com banheiro, mas todo mundo se reunia na hora do almoço, então deixei ele bem alojado. Depois, ele não quis mais ficar lá. Tinha mais dois amigos e eu fui lá, aluguei um apartamento para ele e eles foram morar os três. Arrumaram uma empregada. E aí ele ficou mais tranquilo. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Raquel mostrou que se mantinha muito presente, acompanhando os percalços atravessados pelo filho no processo de construção de sua carreira. Embora percebesse as dificuldades de adaptação de Bruno à vida universitária, sobretudo no período inicial, parecia reconhecer que o filho era capaz de conquistar relacionamentos que lhe proporcionassem um novo significado a sua experiência de vida, tão longe da casa. A respeito desse reconhecimento de Raquel, e também de Dora, remete-se aos estudos com universitários que destacam a necessidade do jovem estabelecer novas redes de apoio para a sua nova vida longe de casa dos pais, que possam auxiliá-lo a se desenvolver e a construir a sua vida (Bardagi & Hutz, 2008; Teixeira, Dias, Wottrick, & Oliveira, 2008). Afinal, ajustar-se à vida universitária implica em se ajustar a um novo contexto social, o que transcende a resolução das tarefas acadêmicas (Almeida, 2007; Almeida, Soares, & Ferreira, 2001; Cervinski & Enricone, 2012; Teixeira, Dias, Wottrick, & Oliveira, 2008).

Na entrevista, Raquel explicitou o que pensava sobre pais que interferiam diretamente na rotina das repúblicas, apontando o quanto isto influenciava negativamente na adaptação e

no relacionamento entre os jovens. Demonstrou que seu posicionamento respeitava o espaço que vinha sendo construído pelo filho, considerando os limites de sua atuação como mãe.

(...) a república também deu problema no começo, porque ele foi morar com dois meninos do hotel. (...) Então eram meninos que tinham muita interferência dos pais que estavam sempre lá. Então, ficou um ambiente muito ruim. Eles saíram do hotel para ficar num ambiente melhor, porque era muito impessoal e foram para aquela casa na esperança de dar certo, né? E acabou assim ficando bem tumultuado. Aí, o menino que dava problema saiu, entrou outro muito bacana, muito animado, que era amigo dele lá do hotel e que não tinha ido naquela ocasião...aí ficou muito bom para eles! [Raquel, 56 anos, assistente social]

Sabe-se que a experiência da saída da casa dos pais também é vivenciada de modo ambivalente pelos jovens universitários, como destacam Teixeira, Dias, Wottrich e Oliveira (2008), pois embora experimentem situações difíceis que remetem a sentimentos de solidão diante do distanciamento físico dos familiares, esta vivência também é sentida como sendo a “independência conquistada”, ganhando importância o sentimento de poder protagonizar a própria vida.

A história de Raquel expressou que a mãe estava mais tranquila quanto à adaptação e ao desenvolvimento do filho, mostrando que vibrava e se emocionava com a nova rede de relacionamentos conquistada e com o “lugar” que Bruno vinha aprendendo a construir.

Agora eles estão numa outra casa. Tem um menino daqui que entrou no ano passado e que tem a irmã dele, que ele levou junto. Então agora eles estão em cinco, estão bem, agora deu certo! (...) Hoje, eu posso dizer o seguinte “Ele gosta da cidade!” [Ri e fala emocionada]. Ele tem amigos que moram lá! [Raquel, 56 anos, assistente social]

Assim como Dora, ao mostrar o acompanhamento da trajetória acadêmica do filho, contou que Bruno havia concluído a Iniciação Científica e que estava voltado para se preparar para o futuro ingresso no mercado de trabalho, após a conclusão da graduação.

Ele fez iniciação e terminou agora! Fez com bolsa! [Fala enfática]. Ele é muito dedicado, sabe? Muito responsável. Tudo que ele pega para fazer, ele faz mesmo e ele gosta. Eu acho assim, um ponto favorável foi ele se encontrar “Eu gosto do curso”, porque eu acho que o que segurou ele lá, com todos os problemas que ele teve, foi o fato dele gostar do curso. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Raquel também mencionou que proporcionou ao filho a realização do sonho de viajar para fora do país, demonstrando o seu apoio e incentivo. Nesse momento, evidenciando ansiedade, falou sobre o novo impasse na vida de Bruno e que estava exigindo do mesmo, escolhas que iriam repercutir em seu processo de construção da carreira e, indiretamente, na relação com a mãe.

(...) já tá se escrevendo para estágio (...). Só que ele tá numa outra fase Fabiana (...). É que ele foi para [cita um país] o ano passado nas férias e era o sonho dele. (...). Ele ficou três meses, gostou bastante, pro inglês foi muito bom. Ele conseguiu se aperfeiçoar e agora tá no maior dilema, (...) ele tá querendo ir o ano que vem para [cita um 2º. país], através da faculdade (...). Ele gostaria de ir para lá porque tem o convênio, alojamento, então se ele perde esta oportunidade depois não pode ir mais pela faculdade, só por conta própria. Por outro lado, ele pode conseguir um estágio lá, remunerado, como os outros conseguiram. Então, se ele for sem bolsa, ele pode trabalhar, fazer estágio e se manter. Se concorrer à bolsa, não pode fazer estágio remunerado. E agora, por outro lado, estão surgindo vagas de estágios bons. Então a dúvida é o seguinte: será que compensa nessas alturas ir para lá, ficar um ano e voltar depois? Depois ele volta pro 5º. ano. [Raquel, 56 anos, assistente social]

A nova decisão a ser tomada causava muitas dúvidas e ansiedades na dupla. Por outro lado, era evidente que Raquel e o filho lançavam-se em novos desafios, ainda que isso mobilizasse temores. O que se identifica é que tais dilemas surgiam na vida de Bruno porque este se posicionava criando e possibilitando tais oportunidades, como se espera atualmente do indivíduo em sua relação com a construção de sua carreira (Savickas et al., 2009). Ao falar sobre projetos e expectativas de futuro para filho, considerando não só a formação profissional de Bruno, como seu posicionamento ativo na criação de oportunidades de carreira, Raquel reconheceu que o filho tinha boas chances no mercado de trabalho. Antecipou, todavia, que teria dificuldades para se estabelecer na cidade de origem. Essa comunicação sugeria que o retorno do jovem para a cidade de origem estava entre os sonhos da mãe.

Eu acho que ele vai se dar muito bem! Em termos de trabalho (...). Mas acho difícil aqui [cita a cidade da mãe] ele conseguir trabalho. Acho que ele vai conseguir trabalho muito fácil pelo fato dele estar bem preparado. O mercado também está bom, mas acho que por aqui, vai ser meio difícil. Eu acho que a tendência é ele morar em outra cidade (...) aqui acho que não tem muito mercado (...). Mas acho que ele não vai ter problema (...), pelo que ele fala dos amigos, como o pessoal está conseguindo se engajar, não estão tendo dificuldade e pelo fato dele também buscar muito as coisas, sabe? Ele não fica parado. Tudo que tem, ele participa, vai atrás. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Projetar o futuro do filho na situação da entrevista, trazia à tona incertezas em relação às melhores opções de caminhos. Embora demonstrasse estar próxima, acompanhando suas decisões, apontou que procurava não influenciá-lo, pois, como Dora, reconhecia o quanto suas realidades estavam distantes.

(...) acho que independente de ele ir ou não para [cita o país], ele vai se dar bem. Agora, por um lado, ele tá muito novo. Ele tá com vinte e um anos. Então, acho que é uma oportunidade para conhecer outros lugares, para viajar, para ele não só estudar (...) é uma boa oportunidade que eu não gostaria que ele perdesse (...). Mas é de se pensar, né? Aí, depois ele volta e aqueles contatos todos como vão estar? (...). É difícil para eu falar porque acho que nós chegamos em um ponto em que ele entende mais do que eu. Ele tá vivendo tudo isso, né?

E eu não. (...). Ele reclama “Mãe, você não me ajuda”. [Ri]. Não é que eu não ajudo, eu não tenho como ajudar, você entendeu? Se você não tá na área, se você tá numa outra cidade, se você vive uma outra vida, é difícil você dizer, né? (...) eu falo “Eu acho que o caminho é você conversar com quem foi: como foi? O que aconteceu depois? Fale com os professores”. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Observa-se que Raquel, assim como Helena e Dora, tinha conhecimento dos interesses do filho, porém suas preocupações explicitavam, mais do que a dos outros pais, os imperativos do atual mundo do trabalho, na exigência de profissionais que encarem o desafio de serem múltiplos e de se recriarem constantemente para sobreviver em uma realidade absolutamente instável e imprevisível (Savickas et al., 2009).

Em outro contexto familiar, a participante Beatriz também se expressou acerca da experiência da filha sair de casa para estudar em outra cidade. Diferentemente dos outros pais, no entanto, Beatriz vivenciara esta situação ao optar por cursar Odontologia em outra cidade. Na sua visão, essa experiência influenciou o modo como ela e o marido lidaram com aquele momento.

(...) tanto eu estudei fora, quanto meu marido estudou fora. Então, para nós isso já é uma coisa mais natural do que eu vejo pelas outras famílias em geral. É....eu prefiro que ela “vá tomar” a vida dela nas mãos dela do que ficar dependente de mim. E aí se acontece alguma coisa comigo, sabe? E....que ela seja livre para ser feliz, buscar o caminho dela. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Embora guardasse na bagagem a experiência de ter saído de casa para estudar na juventude, aquele momento destacado em sua história era único para Beatriz, já que se tratava da primeira vez que vivenciava a situação no papel de mãe. Também eram diferentes as épocas e contextos em que as duas gerações, de mãe e filha, vivenciaram esta fase. Tais diferenças evidenciaram-se em sua narrativa conforme se remeteu às situações com que se deparou com a filha. Nesse momento da entrevista, observou-se novamente o conflito por se perceber dividida entre seus papéis: cuidar da mãe enferma e antecipar situações junto à filha naquele momento tão novo e desconhecido.

Só que nós...falta de experiência na época, a gente...eu tava transtornada por causa da minha mãe, né? Mas...no dia da matrícula, nós fomos ver lugar para ela ficar lá. E quando chegou lá, todo mundo já tinha visto, mas a gente tava esperando resultado das outras duas faculdades, né? Bom, mas aí não tinha mais lugar para ela, sabe? Ficou aquela coisa...cidade pequena...as repúblicas já estavam formadas. E apartamento tava difícil achar. Até que ela conseguiu um e ficou sozinha. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Beatriz assinalou que, pautada em suas próprias vivências, ficou preocupada com o fato de a filha morar sozinha no início de seu processo de adaptação à vida universitária.

Revelou, assim, a preferência de que Renata dividisse uma residência com alguém a fim de compartilhar suas experiências naquele período de transição.

(...) morou sozinha um ano. {Então não foi uma escolha morar sozinha?}. Não. Foi uma situação que ocorreu, mas para ela também não pesou. Bem, ela falava que não pesava. Eu tentei insistir “Procura um grupo”, né? Eu achava melhor ela morar com.... porque eu passei pela experiência de morar sozinha e morar com outras pessoas. Eu falava para ela “É bom morar com outras”. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Uma possível análise é que não se sentindo disponível para o exercício da parentalidade como idealizara, a situação da filha morar sozinha contribuía para alimentar suas preocupações e conflitos. Por outro lado, Beatriz reconhecia as condições emocionais de Renata para cultivar relacionamentos que favorecessem sua adaptação longe da casa dos pais. O trecho, a seguir, retrata essas ambivalências.

Mas ela mantinha amizades com gente que morava perto, que frequentava a casa. Às vezes até ia dormir na casa de outras meninas. Ela não se isolou, mas ela ficava sozinha. [Fala com ênfase]. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Contudo, à medida que resgatava em sua história o processo de adaptação da filha naquele período, identificava-se um alívio em suas inquietações. A seguir, observa-se a satisfação ao contar que Renata encontrou um local para residir mais adequado às necessidades da nova fase em que se encontrava. Assim como as mães Dora e Raquel, Beatriz também valorizou que a filha pôde construir uma rede de relacionamentos que a ajudou a se adaptar e se desenvolver longe do núcleo familiar (Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008).

(...) esse ano, ela acabou se envolvendo muito porque uma das meninas fazia Mestrado e foi fazer um curso fora e a outra menina tinha medo de dormir sozinha e ela foi ficar com a menina (...). E ela acabou se envolvendo lá e agora tá morando com ela! (...). Elas tão em três agora! E eu achei que para ela foi bom, melhor assim. Para estudar, para animar para estudar, para trocar dúvida porque sozinho nessa hora, era mais difícil, sabe? [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Destaca-se que apesar de Beatriz se preocupar com o fato de Renata morar sozinha, a mãe respeitava o jeito da filha, procurando não ser *intrusiva*, na linguagem winnicottiana. Sua história contava, portanto, que buscava acompanhar o “*vir a ser*” da filha, como a *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1975a, 2000a) e, nesse sentido, ambas influenciavam-se mutuamente.

E ela era uma criança assim, por exemplo, ia brincar crianças lá em casa, que eu sempre, por ser filha única, chamei. Então, ela brincava uma tarde inteira, mas chegava uma outra tarde que ela queria a tarde para ela. Não adiantava eu querer amiga todo dia que não dava, entendeu? Isso desde pequena, ela tinha um ritmo (...). E para mim, a Renata tinha aquele ritmo muito claro em tudo, sabe? [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Beatriz passou a reconhecer que acompanhava a construção da trajetória de carreira da filha, embora se evidenciasse que a deixava “livre” para realizar as escolhas pertinentes às fases de sua vida. Nota-se que, mesmo tendo suas opiniões, não interferia diretamente, propondo espaços de reflexão que pareciam ajudar a jovem a tomar suas decisões.

A gente tá deixando muito na decisão dela. Por exemplo, ela tá mudando e eu não to me metendo. E o que ela pergunta, a gente responde. A gente pergunta se precisa de ajuda e se ela fala “Não, pode deixar!”, a gente deixa. Então, a gente vai assim, conforme ela pede. Eu não tomo a frente assim “Ah, você vai mudar? Vou aí te ajudar”. Aí ela tinha que tomar a decisão se ela ia mesmo ficar com essa menina, então ela conversou comigo e eu falei “A decisão vai ter que ser sua”. Mas aí, eu fiz um monte de pergunta para ver se ela ia pensando e tomava a decisão, né? {Mas imagino que você tivesse a sua opinião}. A minha opinião era que ela deveria ficar com o grupo! [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Nas idas e vindas da sua narrativa, a preocupação de Beatriz gravitou em muitos momentos em torno da questão da carreira profissional, ou seja, se esta decisão se mantinha adequada aos interesses vocacionais da filha. Assim, revelou que continuou acompanhando, mesmo à distância, os percalços iniciais de Renata na adaptação ao curso universitário.

(...) ela ia perguntar pros professores porque tava [Engenharia Agrônômica] como área de biológicas, entendeu? Só que aí, a hora que entra, é Engenharia pura. Teve dois anos de cálculo. Então, ela aguentou porque queria chegar nessa outra parte, da biologia. Ela sabia que mais para frente, ia conseguir chegar. Então, me preocupava porque eu sentia que para ela tava sendo duro. Mas ela aguentou bem. Acho que ela desenvolveu bem esse lado e eu sempre perguntava “Precisa de professor particular, quer que busque um para te ajudar?”. E ela nunca aceitou (...). Aí, eu sempre falava “Na dúvida, não esquece de perguntar para o professor”. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

À medida que construía sua história, a mãe foi resgatando a confiança de que a filha tinha condições de se decidir sobre as diversas possibilidades dentro da carreira. Revelou que se orgulhava dos princípios da filha, os quais estavam em acordo com valores compartilhados pelo grupo familiar.

(...) hoje, ela gosta do que ela faz! Ela só reclama de atitudes de professores (...). Estrutura da faculdade e comportamento de professor. É que ela não tá muito acostumada porque ela estudou na [colégio particular] e lá (...) há muita proximidade entre professor e aluno. E o “social”, a parte da ética, é muito trabalhada. Ela é filha única mas eu considero o “social” dela excelente. {Como assim?}. Ela é uma menina que não tem preconceito, que se dá bem

com a maioria das pessoas, que sabe os limites dela e os limites do outro. Ela não julga. (...) ela tem uma ética, que eu admiro muito. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Sobre o percurso que vem sendo construído, Beatriz mostrou acompanhar não só seu trajeto acadêmico, mas também suas outras experiências. Nesse momento, ao contar como Renata lidava com suas vivências e tomava decisões, sugeria as diferenças entre mãe e filha.

{E ela está em estágio ou faz outra atividade?}. Ela tem procurado bastante e agora vai tentar outro estágio porque vai fazer estágio de férias. Ela prestou um concurso, passou na 1ª fase e na 2ª não passou. Mas ela é muito de não dar muita importância. Ela fala “valeu a experiência”. Não ficar remoendo e eu falo “Mas não teve apadrinhamentos?”, “Disseram que sim, mas também entrou gente sem apadrinhamento!”. Mas também não é uma coisa que ela fica se cobrando, é como se ela fizesse uma crítica “Eu tirei isso e isso que foi bom”. Ela tem esse senso prático. Por exemplo, ela namorou sério um ano e oito meses, mas quando decidiu desmanchar, desmanchou e não se toca no assunto. Eu falo “Mas você não sente falta?”. Ela fala “Sinto, mas controlo, eu sei que foi uma escolha minha.”. Então, eu acho que ela tá certa, né? [Ri]. {Ser mais racional?}. Sim! Ela sempre fala que o agrônomo é um “resolvedor de problemas”. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Assim como a participante Raquel, Beatriz também viveu a experiência da filha viajar para o exterior durante a faculdade, demonstrando o quanto fora difícil conter os desejos de protegê-la e de estar no comando da situação. Por outro lado, se evidenciou sua condição para elaborar suas contradições e reconhecer que Renata vinha desenvolvendo recursos para atuar com confiança e autonomia. A leitura que se faz é que a condição da filha foi sendo desenvolvida por um ambiente suficientemente bom, nos espaços potenciais do grupo familiar. Embora Beatriz e o marido fossem diferentes em relação ao modo como lidavam com seus sentimentos frente ao amadurecimento e à progressiva separação emocional da filha, sua narrativa sugeriu que o casal revelava condições para dialogar, denotando uma relação de parceria.

(...) no meio do ano, ela quis fazer uma experiência de um “mochilão”. Até meu marido não queria, mas eu falei “Olha, vamos tentar, vamos fazer um esforço e deixar”. Porque com esta história dela ser filha única, eu gosto de soltar um pouco, sabe? {Sei, e o pai?}. Ah, ele queria que ela entrasse em [cidade onde a filha mora] porque era pertinho [ri]. Aí, eu sei que ela foi (...). Foram três meninas (...). Achei que trouxe bagagem, mais autoconfiança, achei que ela ficou mais firme, foi uma boa experiência! (...) e foi uma coisa que ela planejava e fazia. Não deixava a gente interferir! (...) Assumiram a responsabilidade de tudo. E eu fiquei assim [fecha as mãos], sinceramente, com o coração na mão. Não vou falar que não, né? Porque é mentira [risos]! Mas eu disfarço bem! Então, achei que ela tá crescendo em todos os níveis, né? [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Destaca-se também o momento em que Beatriz contou como lidava com as expectativas da filha em relação à sua vida profissional. Foi possível observar que a mãe

atuava procurando acolher e dar continência às ansiedades da jovem frente às incertezas do futuro.

Como tá terminando o 3º. ano, ela fala “Mãe, tá chegando e eu ainda não sei o que que eu vou...”. A gente: “Calma, as coisas ainda vão clarear. Vai fazendo, vai buscando que vai clarear”. Então, ela já tá preocupada se ela vai prestar um concurso, se vai fazer Mestrado. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Ao ser perguntada a respeito de suas próprias expectativas em relação ao futuro da filha, entusiasmada revelou que estava aprendendo a “descobrir” a identidade que Renata vinha construindo.

(...) eu to vendo facetas dela que eu não conhecia! E mesmo esse distanciamento permite mais isso. O fato dela morar fora, quando ela chega, é sempre uma novidade para mim (...). É como se ela crescesse longe de mim de certa forma e tá acontecendo isso! Então, quando ela já chega crescida, eu to querendo conhecer esse lado crescido. [Emociona-se]. Então, é...eu não consigo imaginar muita coisa por isso, porque eu to conhecendo faces dela que eu não conhecia. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Sua história mostrava que o distanciamento entre mãe e filha permitia o reconhecimento de que tinham trajetórias distintas e em constante transformação. Portanto, cada encontro permitia novas possibilidades de se conhecerem. Interessante notar que, a partir de então, o discurso de Beatriz embora revisitasse antigos questionamentos, destacava também o reconhecimento da condição da filha para construir uma trajetória própria.

(...) as coisas da fazenda do meu pai, ela sabe que ele é mais centralizador. Então, com isso ela não conta não. Eu sei que ela pensa em prestar concurso porque ela procura o caminho dela. Eu percebo isso. Acho que o que ela escolher, ela vai lutar! [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Conforme contava sobre o que imaginava serem projetos de futuro da filha, Beatriz retomava conversas cotidianas, ao mesmo tempo, em que ia revendo ideias ultrapassadas. Nesse momento, identificou-se novamente o quanto foi difícil conciliar vida pessoal e profissional e lidar com os conflitos e sentimentos tão contraditórios.

Sei também que ela é muito família. Sonha ter filhos. Tem uma coisa muito sensível, mas é o que eu te falei, eu via mais esse lado nela. Ela pensava em casar, escolher uma profissão que... eu falei isso no grupo [de pais], ela sempre foi de casar, ter filhos. (...). E ela tem um comentário “Mãe, será que vou saber fazer isso com meu filho?”. (...). Só que, ao mesmo tempo, ela tem essa determinação toda e por isso que eu falei, eu tinha certeza que quando ela fosse namorar, ela ia ficar mais apegada. Mas ela também estuda bem o que é bom para ela e o que não é. [Mas você acha que ela não vai conseguir conciliar trabalho e família?]. Ah, não sei se ela for tão firmona se ela vai conseguir conciliar! [Ri]. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Interessante notar que Beatriz não antecipou o que esperava de futuro para a filha, preferindo destacar o quanto se surpreendia com suas mudanças e crescimento, em cada fase de sua vida.

(...) por isso que eu to falando, não consigo ver uma imagem do futuro dela. (...) porque eu to conhecendo outros lados dela agora. {Talvez ela mesma esteja conhecendo}. Exatamente Fabiana! Mas é muito interessante, não é? Durante todo o crescimento dela, eu sempre achei maravilhoso ver o crescimento. Então, eu via que tinha gente que até reparava “Nossa que mãe babona”. Mas não é, o crescimento em si me encanta. Sabe? [Emociona-se]. Eu via as coisas novas acontecendo, o desenvolvimento, o conflito sempre me encantou. Eu acho lindo, tudo que vai acontecendo, tudo que vai se modificando. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Com relação às outras mães participantes, Cássia, Alice e Rosa, estas não vivenciaram a experiência de seus filhos saírem de casa para realizar seus estudos em outras cidades. No caso específico de Cássia, cujo filho iniciou o curso de Relações Internacionais em uma faculdade privada local, a trajetória de vida do rapaz sofreu muitas alterações, ao interromper a graduação devido à falência dos negócios da família. Como já referido, diante dessa situação, o jovem antecipou seu ingresso no mercado de trabalho para contribuir na complementação da renda familiar. Durante a entrevista, foi possível identificar que Cássia aproveitou do encontro para expressar as vivências tão impactantes e dolorosas que provocaram mudanças significativas em sua vida e nas perspectivas de futuro do filho e de toda a família. A princípio, sua narrativa foi truncada por pausas bruscas e descontinuidades que quebravam o ritmo de sua história. Tais interrupções pareciam tentar controlar uma avalanche de sentimentos que, frequentemente, ameaçava irromper. Por outro lado, mostrava muita vontade de retomar sua história, o que sugeria uma grande necessidade de ser ouvida e compreendida.

Eu vim para cá tem seis meses. Não vim por vontade própria mas porque as coisas em [cidade onde morava] ficaram muito difíceis. Meu marido faliu. A empresa faliu Fabiana! [Suspira fundo]. Os meninos pararam a faculdade [a voz fica trêmula]. Tiveram que trabalhar, entende? A gente perdeu tudo! Perdeu emprego, perdeu carro, perdeu casa. Tudo! [Interrompe e respira fundo. Percebo-me também mobilizada]. E tava difícil a gente se manter lá. Como eles [filhos] são naturais de lá, a vida deles tava lá. A minha também acabou ficando lá (...) porque eu fui quando eu tinha vinte e um. Ainda dói Fabiana! [Chora. Enxuga as lágrimas.] Se você quiser, pode cortar isso, eu vou tentar ser o mais... sei lá. {Você gostaria que eu cortasse? Eu queria que você ficasse à vontade}. Então deixa sim. [Respira fundo e retoma]. A gota d’água foi chegando no limite e to aqui na casa dela [sogra]. O meu marido começou a pedir dinheiro para ela. Ela é uma senhora aposentada e dando dinheiro para gente toda hora. E eu pedi para minha família também. Minhas irmãs me ajudaram bastante, minha mãe também. E o pai falando para eles “Vocês têm que fazer alguma coisa também!”. E eu não achava justo com os meninos. Eles já tinham assim...eles tinham sido criados num estilo de vida e, de repente, mudou totalmente a vidinha deles [a voz embarga]. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

A história de Cássia retratava o quanto havia sido penoso à família rever não só o antigo padrão socioeconômico, mas toda uma trajetória de vida, inclusive suas próprias escolhas e posicionamentos. Cássia contava, muito emocionada, sobre a decepção dos filhos mas, também, sobre suas sensações de desamparo frente a uma situação tão dramática.

Nunca consegui fazer meu marido compreender que eles tinham o direito de manifestar a decepção. Eu percebia que o sofrimento era “Por que permitiu que a gente fizesse vestibular? Que a gente começasse se não ia poder arcar?” [Pausa, está muito emocionada]. “Por que deixou a gente ter o estilo de vida que a gente tinha, sendo que não poderia ter?”. Só que eles não se voltaram contra mim porque eles viram que eu também...que algumas coisas, eu não sabia. {Você não tinha conhecimento da situação?}. De que ele não pagava a faculdade não (...). Eu senti que o Flávio ficou muito deprimido quando ele teve que largar a faculdade. Depois do primeiro semestre, mesmo com ele empurrando mas a gente colocava na cabeça dele que dali há quatro anos, ele ia se formar. Aí, de repente: “Ó, apaga tudo viu”. É muita frustração, né? [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Também explicitou que se surpreendera com os filhos em suas buscas de enfrentamento da situação. Em sua perspectiva, os mesmos deixaram, antecipadamente, a posição de adolescentes, “filhos dependentes” para assumirem a responsabilidade de se tornarem “filhos provedores”. Sua história revelava seu orgulho, mas também muita dor diante da frustração dos projetos de futuro que idealizou.

(...) eles arregaçaram as mangas e foram procurar emprego. Eles Fabiana! Trazendo dinheiro para dentro de casa! Eles alimentavam a mãe e o pai [Fica muito emocionada]. Pagavam aluguel, pagavam todas as nossas despesas, pararam de passear...de viver a vida da idade deles. Lidar com aquela história assim: deixar aquilo que eles tinham construído de sonho. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Em seu depoimento profundamente emocionante, Cássia contou sobre a frustração de abrir mão de seus próprios projetos de carreira, no momento em que começava a investir na vida profissional, depois anos trabalhando apenas no espaço doméstico. Convém retomar que, na juventude, interrompeu o curso de Direito para se dedicar integralmente à vida conjugal e parental.

(...) fiz um curso de corretora de imóveis, tirei meu Creci e comecei a trabalhar... porque o Miguel [participante do grupo de pais] fez isso para mim porque pedi ajuda. Só que quando aconteceram esses problemas, eu precisava de dinheiro rápido e imediato. O que eu tava fazendo era muito prazeroso, eu tava muito satisfeita, mas é uma coisa que demorava para entrar o dinheiro. Eu precisava de dinheiro para comer, para pagar aluguel, para pagar luz, para não cortar a água... não podia esperar uma comissão que ia demorar três meses. Aí foi me dando desespero e eu achei triste vir para cá [atual cidade] porque lá eu tinha uma profissão. Eu pensava “Eu vou vir para cá para fazer qualquer coisa, mas e a minha profissão que eu tinha escolhido, que eu tava satisfeita? Tava lá!”. Mas ela ainda não estava me rendendo frutos. Exigia tempo, dedicação e ter cabeça boa. Porque você vai atender cliente. (...). Então, eu tava feliz, depois de tantos anos: uma profissão! Isso foi o ano passado.

Então, foi uma coisa boa para mim, mas de repente, me acontece isso tudo? [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Assim, sua história versava sobre situações que abortaram projetos, não só em relação ao que sonhava para o futuro do filho, mas também no que se referia a sua própria carreira profissional que começava a construir. Diante da dura realidade que se impunha, foi necessário rever e recomeçar. A seguir, o recorte de sua narrativa expressa alívio ao encontrar um emprego que a ajudasse a arcar com a sobrevivência da família.

E graças a Deus, comecei a trabalhar essa semana novamente! Já levei a documentação e vou fazer exame médico. Vão me registrar! Porque eu estava sem trabalhar e assim, tava desesperada, né? {Imagino Cássia. E é em que área?}. Eu trabalho numa empresa, já ouviu falar na [cita confeitaria]? Que faz chocolates? [Confirmo que conheço]. Então, eu naquele “boca a boca” de procurar um emprego, me apareceu uma brecha e eu fui para lá. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Na medida em que construía sua história, Cássia, aos poucos, passou a narrar com mais calma e com maior linearidade sobre a reconstrução da sua vida e da trajetória de Flávio. Contou sobre quando o filho foi trabalhar com o tio, como um meio de inserção rápida no mercado de trabalho.

Minha irmã abriu uma loja no final do ano e meu cunhado falou “Já que o Flávio está sem trabalhar, será que ele não fica na loja para me dar uma força?”. Daí ele relaxou porque ele tava numa tensão! Tinha engordado, estava enorme! (...). Aí ele veio com a minha irmã, ficava na loja e dormia na casa dela e, no fim de semana, voltava para [cidade onde residiam]. {Sei, e o trabalho era em quê?}. Numa loja de calçados. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Com o tempo necessário de experiência com o tio, o filho sentiu-se em condições para procurar um caminho mais independente. É o que se identifica quando Cássia mostra orgulhar-se por Flávio conseguir um emprego registrado, a partir de seu próprio esforço.

Aí ficou um tempo, mas trabalhar com tio é difícil porque tio não é patrão, né? É tio! Me chegou e conversou “Eu vou arranjar alguma outra coisa”. Aí, voltou para [cidade em que residiam] de novo e ficou lá três semanas e nada, aí um sobrinho daqui ligou “Flávio, volta que apareceu uma oportunidade”. (...). Fez a entrevista e, no dia seguinte, o cara queria ele. Ele trabalha numa assistência técnica de celular. É o responsável por toda a loja e o técnico é quem faz o serviço. Ele tem o fixo e mais comissão! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Sua narrativa acompanhava as ambiguidades de seus sentimentos, ora contava sobre o sofrimento por ver os filhos serem obrigados a se posicionar precocemente como adultos, ora expressava orgulho ao percebê-los, e também de se perceber, capazes de construir novos

caminhos e de se desenvolverem no enfrentamento das adversidades. Sobre o marido, referiu-se como sendo aquele que não suportou o impacto da realidade.

(...) ficaram mais duros, aquele rostinho de adolescente se tornou de homem. Eles começaram a olhar para o pai de igual, não desrespeitando, mas diziam “Não concordo!”. (...) Sim, porque como se não bastasse tudo aquilo, foi a situação em que o pai ficou. (...) Não foi procurar emprego, entregou os pontos. Nós sempre fomos religiosos, eu e os meninos (...) eu pensava “Se Deus tá conosco, se isso tá acontecendo é porque a gente tem que passar por esse momento para melhorar de alguma forma. É para gente rever nossa vida”. E o pai, é totalmente o contrário, ele via isso como uma maldição (...). É mais fácil jogar a culpa dele em Deus. Porque errar é humano, é coisa de gente! Ele sempre foi um bom empresário, um bom administrador, só que houve um problema e nós precisávamos encarar de frente. Era uma empresa grande, então o estrago foi enorme. O tombo foi do alto. Então, para ele também tá difícil. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Contar sua história também permitiu a expressão da decepção e da raiva por sentir não contar com um parceiro que oferecesse apoio e segurança à família. Essas dores possivelmente a remetiam a todo seu investimento e dedicação ao casamento.

(...) eu e os meninos nos unimos e por que não podíamos nos unir os quatro, se era uma família? (...) quando duas pessoas diferentes se conhecem e se juntam, tem que ter alguma coisa em comum. Não é só o amor, o físico, tem que ter uma parceria. Então, como já tinha quebrado isso, então para mim, era só eu e os meninos. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Questionava as atitudes do marido, valorizando a própria atuação junto aos filhos, em suas tentativas de ampará-los e estimulá-los na construção de suas vidas. Nesse sentido, ressaltava o posicionamento do filho em contrapondo à postura do pai.

Eu não queria que esses ‘quase homens’ tivessem esse modelo [fala enfática]. Então, eu penso “Vamos ver o que você pode fazer melhor, o que você pode construir com isso”. (...) Eu tenho que fazer com que sejam homens decentes, fazer as coisas certas, mas não esse modelo de desanimar, mas sim: “Levanta, limpa a roupa e vai para frente”. E todo trabalho é nobre, tanto que ele Flávio trabalha feliz num balcão. E ganha bem, você pensa que ganha mal? Você traz seu celular que tá com problema e ele tem que checar qual é o problema. Ele tem que fazer a entrada de serviço, ele pode vender acessórios (...), ele já ampliou os conhecimentos porque já aprendeu com o técnico algumas coisas. Ele não conserta, mas ele já sabe detectar o defeito, se está realmente com defeito ou se é mau uso do cliente. Ele também fecha o caixa. O dono da empresa vai lá uma vez por semana! (...). Ele vai no banco, deposita, vê papelada e ele tem uma facilidade de cálculo, de finanças! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Trabalhar, naquele momento, significava atender às necessidades mais básicas para a sobrevivência da família. Pouco a pouco, atendidas às primeiras urgências, o filho voltou a sonhar com a construção de uma carreira profissional, como se identifica quando a mãe contou sobre os projetos de Flávio.

Aí, o pensamento dele “Eu tenho dinheiro todo mês, então o meu sonho eu posso realizar porque agora eu tenho como comer”. Foi isso que aconteceu. A sobrevivência primeiro. Eu tenho que ter alimento, condução... o ônibus. Eu tenho que ter um teto para poder chegar no meu sonho”. Agora, eu vou entrar num outro detalhe, nessa história da profissão. O Flávio tinha realmente começado Relações Internacionais e, na verdade, eu sentia que não era, mas ele precisava descobrir isso sozinho (...). Ele descobriu a verdadeira vocação e eu, no começo, fiquei “Será? To apavorada!”. Mas...e agora, dou a maior força! Sabe o que ele quer fazer? Ser lutador de MMA²⁸! É Lutador de “Vale Tudo”. (...). É uma arte marcial igual a qualquer outra (...). Então, ele faz o Jiu-Jitsu, faz natação, você tá entendendo? [Fala com orgulho]. Agora, ele vai começar o Muay-Thai que faz parte de tudo isso. Ele já fez o Judô. E ele é o mais novinho da turma. E o treinador já está colocando ele para fazer luta dentro do ringue. Ele tá super satisfeito! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

A comunicação de Cássia agregava forças muito conflitantes, pois embora apoiasse e respeitasse a decisão do filho, que estava mais amadurecido, por outro, era latente a preocupação com suas escolhas. É o que se pôde identificar, a seguir, implicitamente representado pela fala da avó paterna.

(...) a minha sogra fala “Flávio, você precisa ganhar dinheiro para fazer faculdade” e ele: “Vó, eu já estou fazendo! Vó, o dinheiro que eu ganho além do que eu dou para minha mãe, eu pago isso tudo”. Ele custeia tudo, roupa, alimentação, você tá entendendo? [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Nesse momento, observou-se Cássia buscando saídas para suas ansiedades frente à decisão de carreira do filho. Era possível identificar o esforço para reconhecer que Flávio tinha recursos psíquicos que o favoreciam para que se responsabilizasse por si mesmo e tomasse decisões maduras.

Ele pensa “Eu posso fazer uma faculdade de Educação Física porque quando eu não puder mais lutar, eu posso ensinar”. Aí então você vê como há um amadurecimento? É assim que eu olho para ele, eu vejo esse amadurecimento. Então, ele vai ter uma profissão que vai render dinheiro para ele agora. Ele tá tendo o fixo dele ali (...). Dalí ele tira e tá investindo no que ele gosta. Ele tá feliz! Aí, ele se alimenta bem (...), não fica saindo para beber cerveja toda hora ou indo para balada. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Recorria às lembranças da infância do filho, procurando indícios que contassem sobre suas habilidades vocacionais que não haviam sido reconhecidas na época, mas que agora, a mãe sentia a necessidade de valorizar.

(...) ele tem habilidade mas a gente nunca achou...isso é coisa que você põe o menino para fazer para acalmar, porque era muito “arteiro”. Então, ele fez o judô, natação, tênis, handball. (...) Ele fez e representava as equipes em campeonatinhos. Ele tem troféu, tem um monte de medalha de judô (...). Mas ele não levou muita coisa adiante e por quê? Não tinha objetivo (...). Hoje, para ele é profissão! (...). A única coisa que ele fala, que ele acha importante, é concluir o curso de Educação Física porque tem que ser credenciado. Você não

²⁸ Mixed Martial Arts, conhecido no Brasil como “Vale Tudo”

pode lecionar, orientar ninguém se você não for profissional de Educação Física. (...). Ele já tá economizando para pagar a faculdade. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Para Cássia, que já tivera condições econômicas para assegurar aos filhos a formação universitária, abrir mão da idealizada figura do “diplomata” em detrimento da imagem do “lutador”, mostrava-se como um trabalhoso processo de elaboração e revisão de suas expectativas de futuro. Mostrou não só por palavras mas pela intensa emoção, o esforço para valorizar “o filho lutador”, que terá que arcar com as responsabilidades e consequências de seu projeto de carreira profissional.

Hoje, eu quero que ele seja feliz. Se ele tiver num ringue, sangrando, mas se ele tiver feliz, eu vou estar apavorada, eu sei, mas eu vou ficar feliz também, você tá entendendo? [Emociona-se]. Eles estando felizes, não me importa o que eles estejam fazendo, claro, dentro das coisas que acredito serem corretas (...). Mas levei um tempo para aceitar isso. Por que qual mãe não quer ver seu filho diplomata ou coisa parecida? Médico, engenheiro...mas ele não vai ser feliz se não fizer MMA (...). Se alguém me perguntar “O que que seu filho faz?”, eu digo: “Meu filho é lutador!”, isso não vai me envergonhar [emociona-se novamente]. (...) e quando ele não tiver condições físicas de lutar, ele diz “Se eu tenho a faculdade, eu abro uma academia e vou treinar outro”. Então, aí me tranquiliza, ele tem definição. Então, é descer um pouco do sonho para começar a pensar no que é possível. E como um homem! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Nas turbulências da “roda viva” de sua história, Cássia, como se realizasse um “balanço” da situação dramática que envolveu a família, remeteu-se ao que seus filhos puderam herdar, aprender, e o que irão transmitir aos seus, como futuros pais.

Acredito que do jeito que eles estão fazendo, que eles vão ser pais e com certeza vão olhar para os filhos assim “Eu quero que você seja feliz”. Vai proporcionar para o filho tudo que precisa para ser feliz, mas não aquela obrigação “Porque você tem que fazer inglês na [cita curso de inglês de prestígio] porque eu quero”. Não, vai respeitar a individualidade dele. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Em outro momento da entrevista, um pouco menos agitada e talvez com menos receio de expressar seus temores, Cássia revelou mais explicitamente suas ambivalências e preocupações frente à carreira escolhida pelo filho.

Tem a tensão? Lógico que eu tenho. Você acha que não fico preocupada quando ele vai treinar? Meu coração fica assim [fecha as mãos]. Enquanto não chega, você quer ver. Às vezes, ele fala “Nossa mãe, me deixa!”, mas você quer conferir. Acho que isso vai ser sempre. Ele vai estar de cabeça branca e eu vou estar lá, conferindo! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Considerando outro contexto familiar, Alice, por sua vez, também não vivenciou a saída da filha de casa para estudar, já que a jovem cursava uma faculdade privada na própria

cidade. Sobre este período, a mãe falou brevemente do curso de Educação Física da filha. Pela sua história, observou-se que a jovem não queria investir em estágios na área.

(...) quando ela tava no terceiro ano, começou um estágio no [universidade privada] e lá não tinha Educação Física, depois que começou a ter e então ela fez um estágio lá. {E como foi?}. Ah, mais ou menos, ela disse que o estágio assim... que eles mandavam ela fazer o que ela não gostava, entendeu? Então, ela ficou lá seis meses, aí não ficou mais. Foi o único estágio que ela começou. [Alice, 59 anos, massagista]

Frequentemente a história de Alice retomava o interesse da filha pela dança. Sempre, porém, notava-se uma ambiguidade presente em seu discurso, pois embora se entusiasmasse com a “paixão” da jovem, a dedicação à dança parecia trazer incômodo à mãe.

(...) a dança ela...tá...ela ama de paixão! {A dança ela continuou?}. Continuou muito! E agora, de vez em quando, ela ainda vai. E ela tem também um contrato com uma boate... É uma boate gay. Ela tem um monte de amigos gays. Que quando ela começou, eu falei “Meu Deus!”. Não sou preconceituosa não, mas...aí eu fui saber que o ambiente era melhor do que os outros! Porque eles respeitam mulher! [Ri]. {E ela trabalha lá de quando?}. À noite de sábado e, às vezes, ela fica pegando os ingressos. Aí depois, no final, ela dança, entendeu? (...) Mas ela já tá deixando de dançar por causa do joelho. Tá um problema, ela tem muita dor no joelho. [Começa a bater a mão na mesa, parecendo incomodada]. [Alice, 59 anos, massagista]

Faz-se aqui uma leitura de que este incômodo estaria relacionado a possíveis angústias despertadas em Alice frente às situações em que percebia a filha, tendo em conta os sentidos que atribui a essas experiências. Já no trecho seguinte, observa-se como Alice se mostrava satisfeita com o atual relacionamento de Paula. Chegou a mencionar que se preocupava com o fato da filha não realizar estágios na área de formação, por outro lado, falava com muito entusiasmo, sobre a possibilidade da jovem “tocar” a firma com o noivo.

Ela tá noiva, pretende casar o ano que vem! É uma gracinha o Jorge. Então, ele tem uma loja e ela trabalha com ele. Ela que manda nele! Ela sempre foi assim. (...). É uma loja de Assistência de Celular e ela trabalha muito lá. (...). Ela não tá fazendo nada na área porque ela entra às 8hs e sai às 18hs, daí ela vai para faculdade. Mas aí, o Jorginho fala “Ah, a firma tá no meu nome, vamos tocar isso aqui!” [Alice, 59 anos, massagista]

Ao ser perguntada sobre suas expectativas de futuro para filha, Alice voltou a se referir ao curso superior escolhido pela jovem. No entanto, identificava-se, nas entrelinhas de sua narrativa, que a mãe, remetendo-se às dificuldades de boa remuneração na área de formação da filha, também duvidava se o investimento naquela carreira profissional realmente lhe possibilitaria estabilidade financeira.

(...) como gosto muito disso, eu queria que ela seguisse. Eu quero ainda! Pode até ser que ela volte, não é? Eu adoro ginástica, sou gorda porque sou gulosa, porque faço ginástica de segunda a sexta. (...). Então, vejo as meninas e falo “Gente, a Paula gosta disso, por que ela não tá aqui?”. (...), mas não quero interferir, né? {Então você sente que ela também gosta?}. Gosta! Ela gosta, só que de repente o lado financeiro tá beneficiando muito ela. Que a sogra dela trabalhava lá e não quis mais trabalhar e falou “Você vai ficar no meu lugar”. O salário dela aumentou. Então, o lado financeiro, hoje em dia, pesa muito, né? Se ela começar numa academia como estagiária, não vai ganhar quase nada... (...) E hoje eu vejo elas lá na academia, elas têm que se matar para ganhar bem e não é só uma academia, elas trabalham aqui, trabalham lá e trabalha como personal. Olha, não é fácil. Então, eu fico pensando, e eu sou muito assim “Deus sabe o que faz” [Ri]. [Alice, 59 anos, massagista]

Quando surgiu a questão do desinteresse de Paula de sair de casa, Alice se remeteu ao período em que a jovem foi morar com as amigas. Era interessante notar que Alice, frequentemente recorria aos seus modelos parentais a fim de se posicionar junto à Paula, situação não observada em relação às outras mães. É conveniente lembrar que Alice é a participante com mais idade, na comparação com os outros pais.

(...) sempre criei minhas filhas muito independentes, mas com responsabilidade. Aí, no começo do ano, ela resolveu ir morar com duas amigas. Uma é professora de dança, mas não falei nada, só conversei e ela “Porque aqui eu não tenho independência, essa casa é cheia de gente”. Aí, lembrei do meu pai e falei “Tudo bem, você quer ir? Aqui você não gasta nada, você tem tudo, lá vai dividir aluguel, vai ter despesa. Então, cata tudo que é seu, não deixa nada”. Sabe quanto tempo durou? Dois meses e quinze dias. Ela ligou “Mãe... [imita voz de choro] aqui ninguém me respeita. Não durmo, elas ouvem rádio até tarde”. E ela “Acho que vou voltar” e eu “Vai voltar não, você vem aqui que nós vamos conversar”. Porque mudei todo o esquema da minha casa. Ela tinha o quarto dela, tinha tudo dela. Só que aí, a [irmã] ficou com um quarto porque eu tenho duas netas que moram comigo. Compramos mais móveis. Então falei “(...) Esse quarto era seu, mas você saiu de casa, por livre e espontânea vontade, então, agora você vai dormir com a [Lara]”. {E quem é?}. É minha neta de quinze anos! [Alice, 59 anos, massagista]

Alice esperava que a filha reconhecesse a dedicação da mãe, na atuação de seu papel. Com o retorno de Paula, seria necessária uma organização dos espaços de convivência para acomodar todo o núcleo familiar: Alice, o marido, três filhas e duas netas. Diante desse cenário familiar, ao pensar sobre o futuro da filha, observava-se que a maior expectativa da mãe era que Paula se casasse e constituísse uma família. Uma possível interpretação para a valorização do investimento na vida conjugal e familiar seria que, para Alice, um casamento e uma família estáveis, poderiam garantir à filha uma situação de maior independência em relação ao núcleo familiar, de estabilidade financeira e de proteção.

Eu imagino que ela realmente vai casar no ano que vem porque esse menino é muito bom! (...) E ele quer casar na igreja porque é o sonho dele e a Paula não tem esse sonho, mas ele tem! [Ri]. Aí ele falou “Eu tenho uns apartamentinhos alugados e eu vou dar um para você!”. Aí, ela tinha a moto dela e ele fez que fez que venderam a moto. E ele deu um carro na mão

dela (...). Então, ela tá com um maridão. Então, eu vejo o futuro dela assim: casada com ele porque ele quer casar. Então, eu acho que ela não vai seguir a carreira porque o pai dele já falou que a firma está no nome dele e que ele e a Paula vão cuidar. [Alice, 59 anos, massagista]

Em relação à participante Rosa, cuja filha ingressou diretamente no mercado de trabalho, ficou marcado em suas comunicações, o incômodo de perceber Patrícia transitando de um emprego a outro, sem definição ou planejamento para construir uma carreira profissional. A situação da filha era, portanto, muito diferente da sua, uma vez que Rosa era professora concursada, o que lhe garantia alguma estabilidade de carreira.

Ela continua trabalhando, não é um serviço estável...que eu, para mim, como eu tenho um trabalho em serviço público, eu acho que bom seria um cargo público. Mas ela prestou alguns concursos e não passou e aí, também, desanimou. Ela é muito, eu costumo falar que ela é “hiperativa”. Ela não para, ela enjoa muito do serviço. Ela fica um ano e dali ela já quer mudar, quer ir para um outro lugar. (...) ela trabalhou nessa automotiva e depois ela foi para um...acho que ela foi pro posto mesmo, aí depois ela foi para um consultório médico e agora, ela voltou pro posto. [Rosa, 41 anos, professora]

Observou-se pela narrativa de Rosa que Patrícia ansiava por melhor remuneração mas não conseguia investir no aprimoramento de uma determinada área de formação, o que poderia propiciar-lhe chances de melhores empregos ou progressão no trabalho (Wickert, 2006). A situação da entrevista permitiu à mãe expressar tais contradições em sua história.

{E ela não gostou do consultório?}. Não, porque lá não tinha tipo um plano de carreira. Ela ia ficar sempre com aquele salário. Então, ela saiu. Ela fala que tá nova ainda e não importa o tipo de serviço que vai fazer, que ela quer ganhar bem. Então, lá ela falava que não ganhava bem, que não tinha possibilidade de aumentar salário, então ela não quis ficar lá. Ela voltou pro posto porque disse que ganhava melhor lá. Ela tinha saído de lá...sei lá o que aconteceu, acho que enjoou. Mas voltou. {No posto, qual é a carga horária?}. Não sei se ela faz seis ou oito horas porque ela trabalha não é por escala, é por turno, né? Uma semana ela faz o período da manhã e uma semana ela faz o período da tarde e da noite. [Rosa, 41 anos, professora]

Ao se ouvir, Rosa pôde pensar na inviabilidade de a filha continuar no emprego atual e, ao mesmo tempo, iniciar a formação profissional de aeromoça pela qual, como já mencionado, a jovem vinha demonstrando interesse.

{Então não daria para ela estudar no período inverso?}. É... não dá muito não, porque muda a cada semana. Então... ela até pensou nisso. Ela falou “Eu não sei se por eu estar querendo fazer esse curso, se meu patrão vai permitir que eu fique em horário fixo, então...vou ter que mudar de serviço de novo”. Então ela está planejando começar pro ano que vem, eu acho. É...então, ela tem que deixar essas coisas em ordem. {E esse curso é onde?}. No aeroclube aqui mesmo. [Rosa, 41 anos, professora]

Apesar de manter esperanças de que Patrícia investisse em uma carreira profissional, ao refletir sobre seus novos interesses, a história de Rosa expressou mais abertamente o que realmente pensava sobre os sonhos da filha.

(...) eu não gostei muito disso não! Porque esse negócio de avião, já me assusta e ela...ela... ficar muito tempo longe da gente também...sei lá...é menina, né? Sei lá, apesar dela saber muito bem se cuidar, dela ter objetivos bem claros, a gente fica com medo da maldade que vem de fora, né? (...). Então, eu gostaria que ela ficasse bem perto aqui! Não gostaria que ela fosse tão longe não! Uma vez, ela falou que tem uma amiga dela que tem um irmão que mora em [cita um país] e ela falou que ele chamou a irmã para ir trabalhar lá, morar lá, que ele tem um negócio lá. Aí, ele chamou a irmã dele e ela me disse que ia também para lá. E eu falei “Ai, meu Deus! Bom...tá!”. Pensei nos prós e nos contras, conversei com ela. Mas, minha vontade não era que ela ficasse longe assim não. É bom para carreira dela, pro desenvolvimento dela, sim é bom, mas prefiro que ela fique aqui pertinho, que ela se desenvolva aqui mais perto [ri]. {E lá, ela ia trabalhar com que?}. Então, eu não me lembro o que era, se era na área de alimentação, ele tinha uma lanchonete lá. Mas não deu certo. [Rosa, 41 anos, professora]

Remetendo-se ao projeto de Patrícia para se tornar aeromoça e, portanto, trabalhar viajando constantemente, questões envolvendo “separação” puderam emergir. Nesse momento, Rosa incluiu uma informação inesperada em sua história ao mencionar, com certa reserva, que a filha já não morava mais em sua casa.

(...) ela não mora mais comigo. Ela mora na casa que eu morava, no fundo da casa da minha mãe {E quando ela saiu Rosa?}. Ah...ela saiu uma vez, depois ela voltou, depois saiu de novo. Deve ter feito já uns dois anos que ela saiu a última vez. (...). Fica mais com minha mãe do que comigo, né? Mas a gente tá sempre em contato. Ela me liga, eu to sempre ligando, to sempre indo lá. É a vida corrida da gente não deixa a gente ir muito, né? Mas a hora que a saudade aperta, a gente corre. [Parece se esforçar para sorrir]. [Rosa, 41 anos, professora]

Identificou-se que a saída de Patrícia de casa era uma questão muito delicada para Rosa e, portanto, decidiu-se que este assunto seria abordado apenas se a participante retornasse à questão. Até aquele momento da entrevista, o que era possível identificar era que, diferentemente dos filhos das outras participantes, Patrícia saía de casa por outros motivos que, até aquele momento de entrevista, ainda eram difíceis para Rosa verbalizar.

Muitas particularidades foram identificadas nas histórias contadas pelos pais no que se refere às trajetórias de carreira que seus filhos vêm construindo, incluindo investimentos em outros cenários e papéis. Igualmente, as possibilidades de participação parental junto aos filhos e suas expectativas de futuro obedeceram às singularidades das trajetórias de seus pais, em termos socioeconômicos, educacionais e profissionais.

2.2 O sentido atribuído pelos pais às suas vivências

A seguir são apresentados os sentidos que os pais atribuíam, e foram atribuindo ao longo da entrevista, às suas vivências junto aos seus filhos desde a época do Grupo de Orientação de Pais, ocorrido quatro anos antes da entrevista deste estudo. As passagens destacadas das histórias de cada participante contavam, explícita e implicitamente, sobre como sentiam as repercussões das mudanças que vinham ocorrendo na trajetória de carreira dos filhos e sobre as suas próprias trajetórias.

2.2.1 As repercussões das trajetórias dos filhos na vida dos pais

A história de Helena retratou o quanto a saída do filho de casa causou grande impacto em sua vida. Suas comunicações sugeriam que a mãe contava os dias para o fim daquela “fase” que, da sua perspectiva, coincidiria com o momento em que Maurinho regressasse para junto do grupo familiar. Destaca-se a passagem em que rememora, emocionada, a dor da despedida no dia em que o filho saiu de casa.

(...) eu to numa satisfação tão grande, um orgulho porque já passei da metade do caminho com ele, né? Ele tá no 4º. ano, to perto de finalizar uma etapa da vida dele. Mas, quando eu deixei ele lá...Fabiana! [Fala com emoção, esforça-se para segurar o choro]. Meu Deus, eu não chorei na frente, mas vim derramando lágrima. Falei “Meu Deus, o que que eu to fazendo? Largando meu filho novinho aí” [emociona-se]. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Sua vivência revelava o paradoxo de seus sentimentos. Embora investisse tanto para que Maurinho ingressasse em uma boa universidade, a mãe sofria ao se sentir abandonando-o longe do grupo familiar. Interessante analogia é proposta por Carbone e Coelho (1997/2009) que comparam a saída do primeiro filho de casa com um segundo parto, já que a criança nascida anos atrás rompe o cordão familiar e dá início ao nascimento social como adulto. Ajudar a “expulsar”, no sentido de lançar ou deixar partir, representava uma complexa tarefa para as mães, sobretudo, para Helena. Todavia, como se refere Winnicott (1975a, 2000a) faz parte da atuação do papel materno suficientemente bom, o devido afastamento a fim de respeitar e acompanhar os progressos do “vir a ser” dos filhos, instigando-lhes o desenvolvimento rumo a maior autonomia. Pelo trecho, a seguir, observa-se que enquanto Mauro exercia o papel de pai e marido, propiciando um entorno de acolhimento do sofrimento da esposa e da provisão do lar, mãe e filho buscavam meios para elaborar a distância e o processo da separação.

Mas aquilo um aperto [coloca as mãos no peito] e o Mauro “Não Helena, vai passar, você vai ver, com isso ele vai crescer”. E foi crescendo e eu fui acompanhando o crescimento dele...sabe? [Fala com muita emoção]. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Relaciona-se a postura do marido Mauro junto a Helena com o que apontara Winnicott (1993/2005c) a respeito da importância da figura paterna junto à esposa, não apenas quando os filhos são bebês, mas quando estes apresentam maior condição para se separarem emocionalmente. Nas palavras do autor, o “[...] pai torna humano algo na mãe e retira dela o elemento que de outra forma se torna mágico e onipotente e prejudica a própria função materna” (Winnicott, 1993/2005c, p. 106). Cabe ao papel paterno, portanto, também a função de instigar o processo de separação emocional dos filhos, ajudando-os em sua progressiva independência.

Interessante observar que Helena aproveitava do encontro da entrevista para fazer o retrospecto do progressivo distanciamento entre mãe e filho. Ao se reportar ao momento em que proporcionaram um carro a Maurinho, identifica-se que, implicitamente, também se referia ao tempo necessário de elaboração do distanciamento do filho.

Até a gente colocar o carro na mão dele, quando ele fez 18 anos e tirou a carta...eu fui com ele dirigindo e vindo umas sete vezes, até eu deixar ele vir sozinho, sabe? Então sempre acompanhando cada minuto da etapa dele, eu to dentro. Às vezes, o Mauro não pode ir e fala “Vai”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Neste campo potencial entre a dupla, os primeiros passos do filho em direção à nova fase de sua vida eram acompanhados dos primeiros passos da mãe rumo a este novo momento da relação. Assim, Helena contou como vivenciou as mudanças provocadas em seu cotidiano, referindo-se ao esforço de participar da vida de Maurinho, mesmo à distância. Evidenciou-se que a saída do filho teve repercussão significativa em sua vida justamente porque seu papel de saliência era o materno.

Eu nunca tinha dirigido daqui até [cidade onde o filho mora], e fui dirigindo no dia da mudança pro apartamento dele e da Mônica. O Mauro falou “Eu não posso ir, eu to plantando”, aí eu falei “Mas eu vou!”. Então falei “Meu Deus! Medo eu tenho, mas fazer o quê?”. {Parece ter mudado a sua rotina...}. Mudou muito a minha vida, muito! Muito, muito, muito. Minha vida assim...aquela vida pacatinha, de reunião de pais da escola...minha casa sempre cheia porque grupo de estudo deles, era só na minha casa. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Remetendo-se à importância da atuação de seu papel junto ao filho, Helena ressaltou o orgulho de se sentir contribuindo para o crescimento de Maurinho. Fazia comparações com o posicionamento de outras mães (que se dividem entre o papel materno e o profissional) para reafirmar suas escolhas e caminhos. A valorização de sua atuação também se associava às

tentativas de enfrentar a dor da ausência do filho e possíveis sentimentos de culpa associados às suas fantasias de “abandono”.

Até hoje eles passam e perguntam “O Maurinho vai voltar?”. Aquela turminha, né? Alguns não foram que as mães não deixaram, outros foram e mudaram de curso, alguns tão sem saber ainda, sabe? Ele, graças a Deus, tá bem sabendo o que quer. Eu to muito orgulhosa. Graças a Deus, eu trabalhei para isso e acho que vou colher o que plantei. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Dedicada ao espaço doméstico, Helena contou sobre a busca para ocupar o seu dia a dia, referindo-se a tentativas de preencher sua mente para não entrar em contato com sentimentos despertados diante da saída dos filhos de casa. Tais sentimentos a remetiam à necessidade de redirecionar seus investimentos para outros papéis e novas áreas de atuação.

Voltei às atividades que eu gostava e devido ao cotidiano, aquela correria de filho, primeiro a criação, eu sempre voltada às coisas deles, né? E agora, eu to retomando devagarzinho. Voltei a costurar, porque, às vezes, pela falta deles, eu tenho que preencher meu tempo. [Desvia o olhar]. *Costurar, bordar, então sempre to... em atividade. No final de semana, eu sempre vou para a roça, passo o dia lá, então...cheia de ocupação, né? {Com o Mauro?}. Isso, com o Mauro. Ele passa a semana toda lá e, de fim de semana, eu vou para organizar as coisas para ele.* [Helena, 44 anos, dona de casa]

Já com relação ao pai, Mauro inicialmente não apontou mudanças significativas a partir da saída do filho de casa. No entanto, sua história antecipou, com sincera franqueza e sensibilidade, o possível sentimento de tristeza e solidão com os quais o casal irá se deparar, no momento em que todos os filhos já não estiverem mais dividindo o espaço doméstico.

(...) pelo menos do jeito de viver meu tá, a bem dizer, normal. Porque a mais nova ainda tá com a gente. Mas, às vezes eu pergunto para ela “E aí Helena, já vai pensando em como vai ser quando tiver os três tiverem ido embora...tá vendo o silêncio? [Os olhos ficam marejados]...a rotina?”. É lógico, nós começamos em dois, hoje nós estamos em cinco. Mas um dia, a gente, dentro de casa pelo menos, vai estar em dois novamente, né? Isso aí é coisa da natureza. É natural, mas que bate uma tristeza, bate. [Mauro, 51 anos, agricultor]

O discurso de Mauro remetia à redução da estrutura familiar diante da experiência do “ninho vazio”. Esta situação implica na necessidade dos pais redefinirem o foco de seus investimentos, reconstruindo a autoimagem parental e se direcionando novamente à relação conjugal, que passa a adquirir novos contornos diante da saída dos filhos (Carbone & Coelho, 1997/2009; Chaves, 2006/2010). Nesse sentido, a situação de enfrentamento e elaboração do “ninho vazio” tanto para pais quanto para filhos pode ser dificultada se a relação marital for insatisfatória e se, nesse caso, os cônjuges apegaram-se demasiadamente a seus filhos (McCullough & Rutenber, 1995/2008). Por outro lado, há famílias em que esse momento

conclui uma etapa, surgindo novas oportunidades para o grupo familiar se consolidar ou mesmo se expandir, com seus membros buscando outras funções e novos papéis (Bohoslavsky, 1977/2007; Carbone/Coelho, 1997/2009). Em seu depoimento, Mauro percebia que ele e a esposa vivenciavam de modos diferentes as repercussões do crescimento e do afastamento dos filhos, o que parecia diretamente relacionado com o fato de estar identificado à figura do provedor financeiro da casa, portanto com suas atenções e investimentos divididos entre outras experiências, sobretudo a vivência no trabalho.

{E não é só na Helena né Mauro?}. Não! Mas acho que é mais com ela, porque ela não tem assim... não sai para fora para ganhar o salário, ela cuida da casa, né? Cuida da casa e dos filhos. (...). Eu sei que a hora que eu chego, tem tudo prontinho. (...) e eu saio cedo e volto só à tardinha, à noitinha, então a mente tá ocupada com outros assuntos. Então, é empregado, é a fazenda (...) é mais fácil para o homem conviver porque é que nem eu to te falando, o contato da gente é bem menos do que deles com a mãe. A mãe é mais afetuosa, mais próxima, a mãe cuida das roupinhas, a mãe cuida de uma dor de cabeça. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Quando o grupo familiar preserva esta configuração da mãe voltada aos cuidados da família e da casa e o pai como o provedor, Romanelli (2004) assinala que embora os pais busquem uma aproximação mais afetiva e menos autoritária com seus filhos, estão ainda presentes as heranças do modelo da família monolítica ou do “homem de família” e, portanto, o que pode ocorrer é a convivência com um modo ambíguo do exercício da parentalidade. Ao longo da narrativa de Mauro, como mencionado, foi possível identificar essas ambiguidades, como se observa, quando, emocionado, entrou em contato com sentimentos que, naquele momento de sua história, também o remeteram à dor do distanciamento dos filhos.

(...) mas a hora que eu chego aqui a noitinha, aí às vezes a gente cai na real que tá acontecendo e vai ficar pi... [ia dizer “pior”, mas desiste] vai ficar mais...mais...marcante. Vai ficar mais marcante, mas... [repete, com voz rouca] faz parte, eu costumo falar “Até com os passarinhos acontecem, os passarinhos estão lá no ninhozinho, ela bota o ovinho, cuida, choca e, de repente, a mãe já tá empurrando o filhinho para fora para voar, vai... vai...”. Isso é da natureza. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Interessante observar que apesar de sentimentos tão opostos frente ao progressivo afastamento do filho, o pai compreendia como natural a ação da mãe de “empurrar” seus filhos em direção à independência, algo que parecia bastante penoso para a esposa Helena.

No outro contexto familiar, a história de Dora também contou como vivenciou as mudanças no cotidiano da família depois que a filha saiu de casa. Emocionada, falou sobre as transformações na relação com Melina e sobre como tem organizado sua rotina para aproveitar as oportunidades de estar com a filha.

(...) minha relação com ela ficou muito mais próxima (...) a gente fala todos os dias por telefone (...) e final de semana quando ela está aqui. A gente fica o tempo todo juntas. Não sou de sair, quando ela tá aqui, ela fica estudando. Então, ela tá sentada e eu to com ela fazendo alguma coisa, lendo um livro. Fico quieta, não querendo atrapalhar, mas to sempre do lado. A gente quer ficar juntas, curtindo o tempo porque depois à noite ela sai com o namorado. (...). Todo dia ela liga e conta alguma coisa. (...) tanto é que assim que ela vem de férias, a hora que ela vai embora, eu sinto... nossa! Até choro... nossa! [Emociona-se]. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Segundo a história de Dora, o núcleo doméstico reconhecia que a filha não fazia mais parte daquele cotidiano e, portanto, na casa da mãe, a filha era tratada como uma visitante especial.

Eu acho que todo mundo acaba paparicando um pouco mais quando ela vem, às vezes eu vejo minha mãe falar “Ai, eu vou fazer um bolo porque a Melina vai chegar”. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Dora, porém, admitiu o quanto foi doloroso, principalmente no início, estar longe da filha. Divorciada do marido, e sendo o outro filho mais jovem, contou sobre o sentimento de perda frente à relação de cumplicidade mantida com Melina no dia a dia. Identificou-se, todavia, que reconhecia a importância da jovem se desenvolver sem a supervisão constante da família.

Mas foi difícil, no início dela lá foi muito ruim, muito ruim. {É Dora?}. Foi muito ruim, para mim foi. (...), a gente conversa bastante, o meu filho ainda era muito novo, agora ele ainda tá mais velho, tá com 16 anos, na época ele era ainda bem criança e não tinha essa coisa de conversar muito e com ela, eu já tinha, né? (...). Então, eu sentia muita falta disso (...), eu sinto falta dela, sinto falta da companhia dela... Mas eu vejo que ela tá muito bem lá e então isso me tranquiliza, me traz um alívio. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Diferentemente da situação de Helena (exclusivamente dedicada ao lar), Dora trouxe outra realidade ao explicitar sobre seu sofrimento diante da impossibilidade de estar mais disponível para a filha em seu período de adaptação inicial à vida universitária, devido a sua jornada diária de trabalho. Observam-se, portanto, conflitos e sentimentos de culpa presentes em sua comunicação frente à competição entre os papéis parental e profissional. Cabe ressaltar ainda que Dora, quando Melina saiu de casa, estava em fase de reorientação de carreira, deixando de atuar como assistente social e passando a investir na carreira como corretora de imóveis.

(...) no começo foi muito difícil porque ela ligava chorando porque não tava se adaptando, mas era por conta da menina que morava com ela. (...) e naquela época eu não tinha muito como ir para lá porque eu tava trabalhando bastante. (...). Eu ficava muito preocupada, falava “Gente, eu preciso dar mais atenção”. E eu não tinha como. Eu trabalhava 3 períodos,

manhã, tarde e à noite, inclusive de final de semana. (...) Então foi a pior fase, esses seis meses, além da separação nossa... dela ter ido embora, eu percebi que ela não tava bem lá.
[Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Dora, contudo, estava mais tranquila, orgulhosa por identificar a filha enfrentando os desafios daquela fase de sua vida. Nas voltas de sua história, estava implícito que, do mesmo modo como Melina era uma visitante na casa da mãe, na casa que a filha foi capaz de construir, Dora também podia ser recebida como uma hóspede especial.

(...) hoje, me traz essa tranquilidade porque vejo o quanto ela se sente bem lá. Ela adora as meninas com quem mora, se dão super bem! (...) eu vi, eu fui para lá esses tempos (...) fiquei uns dias lá e eu vi o quanto elas se dão bem, o quanto que ela tira de letra! O fato de morar assim, de não ter mãe por perto, de fazer tudo sozinhas. Comida...tanto é que eu fiquei lá e ela “Não, mãe, você não vai fazer nada, você é visita aqui!”. (...) eu sinto que ela gosta das pessoas com quem convive, do lugar em que mora! [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Também se remetendo às repercussões da saída do filho de casa, Raquel, assim como Dora, salientou a forte ligação estabelecida com o jovem pelo fato de ser divorciada e de Bruno ser filho único. Contou o quanto foi sofrido estar longe, embora sua história não deixasse de considerar a importância de Bruno se tornar autônomo no processo de construção de sua trajetória de vida. No trecho seguinte, ao antecipar quando o filho não puder contar com sua participação, estão subjacentes questões relacionadas com o processo de envelhecimento e a finitude da vida.

Ah, foi difícil Fabiana...porque eu sou separada [fala emocionada]. E nós somos bastante ligados, né? A gente conversa muito. Só que, por um lado, eu não posso prender meu filho comigo porque se eu não preparo ele para vida e aí? Se eu morro, como fica? Fica complicado, ele não vai saber se virar, não é? [Raquel, 56 anos, assistente social]

Raquel também se reportou, com muita sinceridade, à solidão em sua tentativa de elaborar sentimentos tão opostos despertados frente a instigar a autonomia de Bruno e, ao mesmo tempo, não querer estar longe do filho. Todavia, diferentemente de Helena que contava com o apoio do marido, ou de Dora que contava com o apoio dos pais, Raquel destacou a falta de suporte naquele momento tão delicado de sua trajetória, na atuação de seu papel como mãe.

(...) ficou ruim para mim e, por outro lado (...) ninguém falava “Que bom, seu filho foi estudar fora, que seu filho passou!”. Falavam “Poxa, mas como você deixou seu filho ir? Mas você ficou sozinha? Como você consegue? Ai, eu morreria se meu filho fosse estudar tão longe”. (...) {E você querendo um apoio...}. Com certeza! Alguém que falasse “Que bom que ele teve coragem de ir e que você teve coragem de deixar!”. (...) um dia eu tava num restaurante (...) e uma pessoa me viu e falou com a outra: “Ai, olha a Raquel, coitada, o filho dela foi embora e ela ficou sozinha”. Então, foi bastante trabalhoso, sabe? [Raquel, 56 anos, assistente social]

Levenfus (1997/2004) aborda sobre esta situação paradoxal vivenciada pelas famílias ao analisar que esta é uma das principais tarefas dos pais: “ajudar o filho a crescer para ser um adulto responsável, capaz de tomar decisões e fazer escolhas” (Levenfus, 1997/2004, p. 104). No entanto, pode ser sentida como assustadora e muito solitária, sobretudo para mães divorciadas. Essa ambivalência de sentimentos apontada pela autora, e retratada nas inquietações de Raquel, remete a um dos grandes conflitos enfrentados pelos pais de adolescentes e jovens a caminho da idade adulta: a proteção dos filhos *versus* a promoção de suas autonomias. A história contada por Raquel, entretanto, mostrou que, com o passar do tempo e com as experiências vivenciadas, a mãe estava lidando melhor com as mudanças ocorridas na relação com Bruno. Identificou-se, inclusive, que pensava em meios para estar mais próxima do filho, mas sem deixar de considerar o momento de vida de cada um.

Hoje eu até administro bem. Por exemplo, se ele for para [cita um país], eu tenho planos de licença prêmio para tirar. Aí, eu posso ir, passar um mês lá, entendeu? (...) Então, eu não to assim de dizer para você “Eu to arrasada se ele for ficar um ano fora”. Não...porque eu tenho possibilidade de ir. E, para ele, acho que vai ser bom! [Raquel, 56 anos, assistente social]

Ao narrar sobre o momento de vida em que se encontrava, Raquel reconheceu o quanto não estava preparada para se separar do filho na época em que Bruno tinha 16 anos. Mais à vontade para se expressar, revelou que chegou a propor-lhe que realizasse um ano de cursinho, a fim de retardar sua saída de casa.

Mas se eu disser para você que foi uma situação fácil, não foi. Foi bem complicado. Porque a princípio, eu achava que ele nem fosse passar aquele ano, eu não tinha me preparado para ele sair de casa. (...) No começo achava “Ah, acho que ele nem vai passar pelo fato dele ter ficado tão doente e tal”. (...) eu falava “Tem um ano de cursinho... mais um ano aqui”. Talvez eu imaginava também que ele pegasse [cidade próxima] que é mais pertinho e vem de final de semana. {E você chegou a pensar em falar para ele esperar um ano?}. Falei! [Ri]. Mas ele não quis. (...) ele falou “Eu não quero fazer cursinho”. Se fosse uma faculdade ruim, eu falava “Não, você não vai numa distância dessa para ficar num lugar ruim”. Porque o que ficou complicado foi realmente a distância, né? Mas agora, já passaram quatro anos praticamente e ele tá bem. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Contudo, é interessante notar que Raquel se mostrava muito participativa na vida de Bruno mesmo à distância, instigando o desenvolvimento de sua autonomia. Já nesse sentido, Helena, cujos papéis de saliência eram o de mãe e de esposa mostrava-se como aquela que mais manifestava dificuldade para fomentar a independência do filho. É possível que um dos fatores ligados a esta dificuldade estivesse relacionado ao temor da “perda de função”, como sugere Levenfus (1997/2004, p. 104): “alguns pais se sentem rejeitados quando os filhos

deixam de solicitá-los, defrontando-se com o sentimento de inutilidade e solidão, além de temerem perder a função de pais”.

Situação diferente ocorreu com a participante Beatriz, que, como mencionado, vivenciou a saída da filha de casa concomitantemente ao momento em que outras mudanças ocorriam em sua vida, ocasionadas pelo adoecimento de seus pais. Desse modo, naquela época, a escolha da filha de construir uma trajetória que lhe permitisse assumir futuramente o patrimônio familiar foi ao encontro das necessidades da mãe. É o que se identifica quando sugeriu sentir alívio frente à decisão tomada pela filha. Interessante que, nesta altura da entrevista, ao ter oportunidade de verbalizar sobre como sentiu as repercussões da situação de Renata sobre a sua vida, Beatriz retomou a questão de sua escolha profissional, mas desta vez manifestando-se com menor ambivalência e culpa.

Para mim, foi bom, me deu segurança. O fato dela escolher isso porque eu sempre tinha uma preocupação disso ficar perdido. Assim, eu ter que de repente vender por falta de não saber o que fazer desse patrimônio (...). Eu não sei cuidar, só que meu pai também...porque ele é o tipo de pessoa que faz mas não ensina, ele não consegue, não é porque ele não quer. (...). Ele vai fazer 80 anos e não para! Só que talvez por não querer ficar uma pessoa de idade encostada, que ele não dá chance da gente aprender. Aí falei “Depois vou ficar com esse monte de coisa nas minhas mãos e sem saber o que fazer”. Pelo menos com ela, tem agora algum apoio, um caminho para buscar, né? Então, nesse ponto, para mim foi muito mais tranquilo. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Contou como, pouco a pouco, foi equilibrando suas atenções entre os cuidados com seus pais, a vida com o marido e a rotina de casa. Revelou, entretanto, que optou pelo desinvestimento na carreira profissional.

Conforme as coisas foram se revolvendo...mais aí, por exemplo, eu pus a casa do meu pai pertinho da minha, porque eles não quiseram morar comigo. (...) meu marido até queria, mas eles não quiseram. Então, aí foi para perto de casa e eu voltei a assumir de novo a minha casa e minha vida. Só que não deu para voltar pro consultório. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

A história construída por Beatriz também possibilitou que pensasse sobre a situação do marido, já que esposa e filha estavam envolvidas com questões fora do espaço familiar doméstico. Sugeriu não ter sido fácil vivenciar o processo de readaptação à vida conjugal, ao retomar antigas funções e papéis que havia deixado ao cargo do marido por um período. Por outro lado, destacou o apoio deste.

(...) a retomada de casa foi difícil porque ele [marido] tomou as rédeas de casa como o “dono de casa”. Para eu voltar e pegar o espaço de novo foi difícil. Tivemos que passar por um novo processo, como um começo de casamento. Porque nos últimos tempos, fiquei 24 horas com ela [mãe]. Então teve um afastamento entre nós, embora ele sempre me apoiou muito. Nunca

se queixou, sempre falava “Faça o que você tem que fazer, o que você sente que vai te deixar bem”. Porque a gente sabia que ela ia falecer e acho que ele não queria que depois eu ficasse me sentindo mal. E nem ele se sentindo culpado (...). Então, ele ia lá, quando saía do consultório, passava lá para me ver. Mas, ele foi tomando as rédeas da casa, o funcionamento da casa. Aí, depois a hora que fui retomar o meu lugar, eu já não achava mais. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Observava-se Beatriz fazendo uma síntese dos acontecimentos de sua vida e procurando sentido para suas escolhas, em relação aos papéis que desempenhava. Ao retomar tantas mudanças nas relações com o marido e a filha, analisou ter podido confiar nos vínculos que construiu para poder lidar com as situações que fizeram parte de sua trajetória.

Eu tive que recomeçar. Mas acho que fortalece, sabe? São umas viradas e quase uns testes na vida da gente: “para ver se está tudo no lugar mesmo”. Eu acho, de certa forma, que sim. A hora que você para, que você vê “Tava tudo certo, eu tinha que estar casada com ele, minha filha tinha que ser essa”. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Beatriz não se centralizou, portanto, apenas nas mudanças ocasionadas a partir da saída da filha, mas a toda uma conjuntura de fatos que repercutiram em transformações no contexto familiar. Sugeriu que o fato de Renata não estar presente no dia a dia doméstico facilitou que o casal se dedicasse à reestruturação da vida conjugal.

Identificou-se, assim, que os quatro contextos familiares mencionados (Helena e Mauro, Dora, Raquel, Beatriz), embora de modos bastante particulares, estavam vivenciando as repercussões da saída dos filhos de casa sobre suas trajetórias. Esta situação, no entanto, se apresentava muito diferente daquela vivenciada pelos próximos núcleos familiares a serem apresentados. A situação da mãe Cássia, por exemplo, foi muito diferente porque o endividamento da família, a mudança de cidade, a necessidade do grupo familiar rever planos, projetos de carreira e mesmo o fim da união conjugal, foram acontecimentos que se desdobraram e causaram grande repercussão nas trajetórias dos envolvidos. A seguir, apresenta-se o trecho em que Cássia conta como ela e os filhos, já empregados, estavam se reestruturando para construir novos projetos.

(...) a relação com o pai dele já tá definida. A gente tá na mesma casa por conveniência. Mas se Deus quiser, a semana que vem eu já arrumei um apartamentinho, nós juntamos um dinheiro: eu, o [irmão] e o Flávio, para gente sair daqui e alugar um apartamento. (...) mais umas duas semanas e a gente já tá em outro espaço. Pequeninho, simples porque nem mobília eu trouxe. Eu vendi muita coisa, tenho algumas coisas só. A gente vai começar de novo, nós três, você tá me entendendo? Agora, o pai não quer, não quis participar e é a escolha dele. Mas dói demais. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Sobre o impacto das escolhas de carreira realizadas pelo filho, Cássia, nesse momento da entrevista, já admitia e expressava seus temores. Por outro lado, dizia compreender que tais decisões deveriam ser tomadas apenas por Flávio. Subjacente a sua fala, está a questão do processo da separação emocional entre mãe e filho.

No início, eu tava desesperada, começava até rezar contra. Eu não quero que machuca (...), não quero que leve soco no rosto, porque as vezes ele chega com a bochecha inchada e aí eu não gosto de ver ele daquele jeito. Mas ele é um homem. Eu fico, como qualquer mãe. É aquele desespero! Porém, eu tento me falar “É o que ele quer. Ele é capaz de suportar essa dor”. Eu é que não sou! Eu tenho que lidar com isso dentro de mim porque não adianta, eu tenho que continuar vivendo. E ele tem o objetivo dele. Ele pensa em ir para longe. Ele quer ir para [cita país]. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Pensar mais profundamente nas questões que envolviam o distanciamento e a separação emocional do filho, levou Cássia a se aproximar de temas, como envelhecimento e aposentadoria. Observava-se que também estavam latentes sentimentos que a remetiam à solidão que poderá enfrentar diante da ausência dos filhos em seu cotidiano.

O Flávio fala que quer me levar com ele e eu falo “Filho, você não pode ficar pensando em me carregar, eu já te falei, o sonho da minha aposentadoria é ir morar no litoral, naquelas casinhas (...)”. Eu falo isso e é verdade! E sozinha, sozinha assim... não quero filho. Não é que eu não quero. Eu não preciso que eles fiquem comigo, você tá entendendo? Porque às vezes ele fica “Eu tenho que ficar com a minha mãe”. É assim “Não, você não tem que ficar com sua mãe, você tem que vir me ver, passar um tempo comigo para eu mimar muito, mas chegou na hora de você ir, você vai! E você tá lá, eu sei que você tá lá”. Então, sempre passei isso para ele “O dia que vocês tiverem que sair, vocês vão sair. Vocês vão e eu vou aguentar!”. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Esta questão remeteu à época do Grupo de Orientação de Pais até porque, nas sessões grupais, constantemente Cássia se referia ao receio de que Flávio saísse de casa para estudar em outra cidade. Ao construir sua narrativa na entrevista, após tantos acontecimentos em sua vida, analisou que naquela fase da vida dos filhos, no ano de 2007, estes não apresentavam condições para estarem longe de sua supervisão.

O que eu não queria era... e na época eu falava isso lá no grupo de pais “Ele não tinha maturidade para morar em outra cidade”. Não tinha. Agora, pode ser que tenha um pouco porque se fosse naquela época, ele ia gandar o dia inteiro e aí “a vaca ia pro brejo”. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Uma interpretação que se faz é que, possivelmente, Cássia também não se sentisse preparada para estar longe dos filhos naquele momento. Já na entrevista, quatro anos depois, muitas transformações haviam ocorrido na relação mãe-filho e que, de alguma forma, já havia possibilidades para se pensar sobre uma separação.

Em outro contexto familiar, também contando sobre as repercussões das trajetórias das filhas em sua vida, Alice destacou os conflitos ocorridos no cotidiano doméstico, em virtude das mesmas continuarem morando com os pais. Destaca-se a passagem em que a mãe revelou sua insatisfação diante das escolhas feitas pelas filhas, sobretudo a mais velha, e do modo como conduziam suas vidas.

(...) minha filha [mais velha] que tava em [cita cidade] resolveu voltar. Ela reformou minha casa...to com uma casa enorme porque ela quis ficar em casa e eu falei (...) e ela fez um comentário com minha irmã de que ela ia me ajudar a “Pôr as coisas em ordem em casa” [fala em tom irônico]. Porque as duas meninas [netas] estavam muito malcriadas e respondendo para mim. Eu fiquei chateada e fui conversar com essa minha mais velha [mãe das crianças]. Eu falei “Olha, você não resolveu nem a sua vida até hoje, você teve uma filha que logo vai fazer quinze anos, teve a outra de outro pai, agora tá aí, brigando com o [marido], então, acho bom você resolver a sua vida”. Aí, ela rebatia e a mais nova dela ia atrás, respondia e eu ia pro quarto chorar. [Alice, 59 anos, massagista]

Observou-se que Alice recorria às suas crenças religiosas como parâmetro para a atuação de seu papel e como suporte para lidar com as dificuldades que enfrentava na relação com as filhas e netas.

Eu sou muito espírita, né? Então, fui com uma amiga e ela me passou uma mensagem: “Escuta aqui, quem é que manda naquela casa? Elas existem por quê? Porque você fez elas existirem e agora estão te dominando? Não é assim, eu vou falar uma palavra que se fala por aí ‘roda a baiana!’”. Menina, eu tive uma força interior tão grande, mas tão grande e claro que tive ajuda. Cheguei e, por acaso, parece que foi de propósito, a [filha mais velha] tava tirando minha mesa de jantar e colocando no outro canto porque ia pôr um computador ali. Aí eu falei “Peraí! Quando você tiver na sua casa, você faz isso. Eu vou na padaria e quando voltar, eu quero a minha mesa no lugar que estava”. [Alice, 59 anos, massagista]

Esta situação vivenciada por Alice era congruente como a questão do prolongamento da convivência familiar, fenômeno comum entre as famílias brasileiras, sendo muitos os fatores que contribuem para que os filhos (chamados de “Geração Canguru”) permaneçam na casa dos pais, onde se mantêm subsidiados pelo suporte material e emocional (Andrade, 2010; Borges & Magalhães, 2009; Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães 2006; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Nascimento & Coimbra, 2001/2002; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2010, 2012). Particularmente em relação à situação familiar de Alice, identificava-se que, no caso da filha mais velha, havia sinais de que embora apresentasse condições econômicas para ser independente, a mesma escolhia ficar na casa dos pais. No caso de Paula (filha do meio diretamente relacionada ao estudo), embora trabalhasse, a mesma não ajudava nas despesas familiares, segundo o que se pode identificar da narrativa de Alice. A seguir, destaca-se o momento em que Alice conta como procurava estabelecer limites no espaço doméstico, a fim de assegurar a autoridade sobre família e sua própria vida.

(...) eu reagi, né? Conversei com minhas três filhas: “Vocês estão muito erradas comigo, olha, a primeira que me responder aqui, que for malcriada comigo...Agora as coisas vão mudar! Porque a casa é minha e quem manda aqui sou eu e parece que vocês querem mandar em tudo. Vão cuidar da vida de vocês!”. Menina...e eu tive ajuda espiritual. Mas eu fui ficando tão forte, tão forte e você acredita que hoje está uma paz naquela casa. [Alice, 59 anos, massagista]

Identificou-se que a preocupação de Alice também se relacionava com o fato de que duas de suas filhas eram adotivas (inclusive Paula). Esta situação parecia despertar angústia e ansiedade na mãe em relação a como se posicionar junto à filha Paula, temendo gerar mais conflitos nas relações familiares. Nesse cenário, observou-se que esperava um posicionamento mais firme do marido.

(...) eu só chorava, porque eu queria reagir, mas eu não sabia como, era demais a pressão {Mas por quê?}. Porque minha mais velha é filha biológica, e as mais novas são filhas do coração. Então, eu não queria “desfazer” das duas. Aí eu ficava “Eu preciso fazer alguma coisa de forma que as outras não sintam que eu to só protegendo a mais velha”. Porque tudo que você faz para um filho, o outro fala “Ah, faz para uma e não faz para outra!”. (...) Aí, eu falo “A primeira que falar que eu gosto mais de uma do que de outra, vai ter um bom castigo, não quero ouvir mais isso”. Menina, mas mudou tanto e eu agradeço a Deus todos os dias. Agora, elas sabem que elas moram comigo, porque a casa é minha! (...) {Você colocou limites.}. Coloquei porque meu marido é só assim: “Amém, amém”, ele não fala nada. Então, quem tinha que tomar uma decisão, era eu. [Alice, 59 anos, massagista]

A respeito de outro núcleo familiar, no que se refere às repercussões das vivências da filha na vida da participante, a situação de Rosa se desenrolou de modo muito diferente das famílias cujos filhos saíram de casa para estudar em outra cidade. Quando Rosa sentiu maior confiança para contar sobre a saída de Patrícia, notou-se que o clima da entrevista mudou consideravelmente, tornando-se mais íntimo. A participante entrou em contato com sentimentos que estavam latentes mas que pareciam difíceis de se expressar na história que vinha contando.

A questão do “sair de casa” é que não foi do jeito que eu gostaria. Foi mais...é por causa de conflito em casa, isso dela ter saído. Até na época não era o que eu queria [fica rouca, limpa constantemente a garganta] e.... eu não fiquei muito bem com a decisão. Agora já acostumei com a ideia e já aceito melhor, mas não foi muito tranquilo isso não [silencia]. {É Rosa?}. É...[tosse], o meu marido não é o pai dela, né? Então, foi mais...problema com ele. Ele...tem problemas com drogas, é dependente químico. Então, até a primeira vez que ela saiu, acho até que foi por causa disso. Ela não gostava de ver estas situações. Porque é assim, vira e mexe e ele tinha recaída na droga. (...) E teve um tempo que ele tava tendo recaída todo ano. Ficava um ano na casa de recuperação, saía e ficava seis meses fora e recaía e....aquela confusão em casa, né? E aí, vende coisa, pega coisa, faz aquela briga. Então, teve uma época que acho que ela não...é...não conseguia conviver com isso e não aceitou a minha decisão de continuar o casamento apesar de tudo. E aí, ela saiu e foi para casa da minha mãe. [Rosa, 41 anos, professora]

Rosa se referia a vivências muito dolorosas que abalaram profundamente as relações no cotidiano da família. Sua história contava, com dificuldade, sobre “idas e vindas”, “caídas e recaídas”, que repercutiram não só na estrutura e na trajetória familiar, mas nas relações e na vida emocional de todos os envolvidos. No recorte seguinte, Rosa destaca, emocionada, um dos retornos da filha Patrícia.

Aí ele saiu e ela viu que ele não tava em casa e eu tava com muita depressão e aí, ela voltou porque ela queria me ajudar, tipo “Minha mãe tá precisando de mim, então eu vou voltar”. [Fica muito rouca novamente]. [Rosa, 41 anos, professora]

No entanto, para Rosa, algo havia transformado definitivamente a relação entre mãe e filha. Havia sinais de que considerava que suas decisões, investir no relacionamento com o parceiro e enfrentar as dificuldades envolvidas nesta relação, tornavam inviável que Patrícia retornasse ao núcleo familiar. Entretanto, muitas vezes, Rosa interpretava a “rebeldia” da filha como o fator que dificultava seu retorno e a convivência familiar.

Até ficou um tempo em casa, mas voltou a ter conflito porque ela tava muito rebelde. A gente foi corrigir e ela não aceitou. Aí saiu de novo e aí foi essa vez e faz dois anos. Então, eu vejo assim, depois que sai uma vez, é difícil você voltar e ser a mesma coisa, né? [Rosa, 41 anos, professora]

No encontro da entrevista, pôde-se perceber que Rosa identificou mudanças que considerava positivas na relação com a jovem. Salientou, porém, que na época do “rompimento”, seguiu-se um longo período em que “não falar” era a única forma possível de esquecer a dor.

(...) acho que nossa relação ficou mais madura. (...) logo que ela saiu, ficou todo mundo com muita mágoa, então demorou. No começo, ela não queria nem falar sobre o assunto. Então, a gente se distanciou bastante até curar aquela ferida porque foi muito doloroso, tanto para gente quanto para ela. As circunstâncias, o jeito que aconteceu. Foi um rompimento... foi como um rompimento, uma briga. Então, ficou um tempo assim todo mundo “in off”, ninguém queria falar com ninguém, tava todo mundo magoado com todo mundo. [Rosa, 41 anos, professora]

À medida que foi contando sua história, Rosa resgatou esse período tão doloroso de sua vida. A seguir, emocionada, revelou o desejo de restabelecer com Patrícia uma relação de maior proximidade e cuidado. Observou-se, neste momento, Rosa procurando afastar-se do modelo de sua mãe.

(...) mas eu sempre muito incomodada com isso e falava “Eu preciso resgatar alguma coisa aí que sobrou”. Apesar de tudo, eu sou a mãe e ela já não tinha mais o pai. O pai tinha falecido e minha mãe não é uma pessoa muito estruturada para estar junto dela. Então, ela precisava de mim e eu também preciso dela [emociona-se]. E era um ...conceito...que eu não aceitava

muito bem não...isso dela ter saído de casa dessa forma. Eu, por mim, na minha cabeça, você sai de casa quando casa. Então, eu sempre tava por perto e aí a gente foi se aproximando mais. [Rosa, 41 anos, professora]

Buscando resgatar a confiança na relação com Patrícia, Rosa refletiu sobre os acontecimentos que marcaram a trajetória familiar, procurando sinais de amadurecimento na relação entre mãe e filha. Referiu-se à possibilidade de poder ajudar, aconselhar e compartilhar situações com a Patrícia que, na sua opinião, acabou amadurecendo longe de casa.

Hoje em dia, a gente tem um contato mais maduro. Ela sempre me procura quando tá precisando de algum conselho, alguma ajuda para algumas coisas de trabalho...da vida dela mesmo. Ela tá sempre me procurando, pedindo ajuda, pedindo minha companhia para algumas coisas. E eu tenho visto ela crescer. Ela amadureceu muito com tudo isso. E talvez se ela tivesse ali, debaixo da minha asa, ela ia demorar um pouco mais para ter esse amadurecimento. [Rosa, 41 anos, professora]

Tais experiências narradas por Rosa possibilitaram que, ao projetar suas ideias sobre o futuro de Patrícia, também expressasse reflexões que tem feito a respeito de como considera que a mulher deve se posicionar na atualidade. Revelou, ao mesmo tempo, como vivenciava as escolhas e decisões tomadas em sua trajetória de vida.

(...) agora ela está com vinte e dois anos. Então, falo para ela “Daqui a pouco você tá com vinte e cinco, daqui a pouco você está com trinta e é hora de casar, ter filhos”. Apesar que, depois dela, eu já mudei muito o meu conceito. Para minha outra filha, que tem treze anos agora, eu já mudei muito o conceito. (...) eu não acho que a menina hoje em dia tem que ter uma profissão, tem que trabalhar fora. Eu já to voltando na contramão desse tempo nosso. Eu acho que a mulher tem que voltar no tempo da “Amélia” [sorri]. [Rosa, 41 anos, professora]

Apesar da “bandeira” que insistia em hastear em sua narrativa, era notória sua preocupação em relação às instabilidades de emprego da filha e o desejo de que esta construísse uma carreira profissional sólida que garantisse estabilidade para sua vida.

Vejo ela muito indecisa ainda com respeito à carreira (...) não vejo ela com uma carreira, com alguma coisa fixa. E eu me preocupo um pouco com isso porque ela não é uma pessoa dependente, de ficar dependendo de marido. Ela é uma pessoa bem...tem muita personalidade. Então, não vejo ela com marido e dependente dele. Então, às vezes falo “Patrícia, como é que é, o que você vai resolver? Daqui a pouco você tá casada, é mãe e aí? Como vai ser?”. Falo mais pelo jeito dela né? Mas não que acho hoje que a mulher...sei lá...acho que a mulher não tem que ter profissão nenhuma, nem ficar correndo atrás de nada. Porque acho que a partir do momento que a mulher tomou muito a frente, o homem recuou demais. Então, eu tenho visto homem muito dependente e mulher muito independente e acho que isso não é bom para a sociedade. (...). Ela fala que não quer ter filhos, mas eu acho que quer sim! Acho que é o sonho de toda mulher! Acho que ela ainda tá procurando alguém e como ela é muito seletiva, é muito exigente (...). Às vezes, ela namora, mas não tem paciência de ficar namorando. Não gosta de dar satisfação, gosta muito de fazer o que quer, gosta muito de sair. [Rosa, 41 anos, professora]

Era possível perceber que Rosa aproveitava para dar voz aos seus questionamentos diante de suas escolhas, como profissional, mãe e esposa. As situações as quais se referiu, ainda que brevemente, relacionadas à decisão de manter a vida conjugal com o parceiro, não só dependente químico mas emocionalmente dependente de seu amparo (e talvez dependente financeiramente) possivelmente faziam Rosa indagar-se acerca de sua própria trajetória.

{E por que essa independência dela te preocupa?}. Eu acho que isso não é bom, porque eu...eu sou muito assim... se eu tivesse que começar tudo de novo, com tudo que eu tenho aprendido hoje, eu seria diferente. Eu acho que não é bom para um relacionamento, a mulher ser muito independente {Isso pensando na sua história?}. Isso, pensando na minha história como modelo e, também, é assim que tenho visto por aí. E eu acho que isso não é bom. Gera muito conflito. [Rosa, 41 anos, professora]

A história de Rosa demonstrou a expectativa de que a filha seguisse seu modelo e investisse em uma carreira estável, assim como ela. Por outro lado, a partir do momento em que, na situação da entrevista, emergiram as dificuldades relacionadas à sua vida conjugal e os reflexos disso em suas experiências de parentalidade, Rosa fez uma revisão desta ideia, expressando que a filha deveria investir menos na vida profissional em favor de uma vida familiar estável e menos conflituosa. Observa-se, portanto, uma grande ambiguidade em sua história que possivelmente refletia conflitos ainda não elaborados acerca de suas escolhas.

Por meio das narrativas dos participantes, e considerando as relações de interdependência que o ser humano mantém com seu meio (Winnicott, 1983/2008a), há de se reconhecer que assim como as escolhas dos pais em relação aos investimentos na vida conjugal, no exercício da parentalidade, nos domínios do trabalho exerciam influências sobre a vida dos filhos, também as escolhas e o percurso dos filhos provocavam questionamentos, revisões e transformações na trajetória dos pais.

2.2.2 A atuação dos pais junto aos filhos

Por meio das narrativas, foi possível observar quais sentidos os pais atribuíam ao papel que exerciam junto a seus filhos naquele momento de suas vidas. A participante Helena, por sua vez, expressou como se relacionava com Maurinho e que como já sentia os limites de sua participação. Em seu depoimento, entretanto, embora considerasse não ter mais o controle sobre a vida do jovem, a mãe ainda o “corrigia” quando o mesmo tinha atitudes por ela reprovadas.

O meu papel é de ser orientadora, eu tenho que orientar. Agora a cabeça dele já é de tal ponto, que ele vai fazer aquilo que acha que é o correto. Mas eu oriento e, às vezes, me dá dor no coração pensar “O tempo é pouco, ele veio com saudade, mas eu tenho que corrigir pois não gostei daquilo que ele fez”. (...). Aí ele fala “Ih, Mãe do Céu, nossa! Eu venho e você já tá implicando”. (...). Eu vejo que é a hora que eu tenho que falar e não é um bilhete que vou deixar na geladeira, é uma coisa que tem que ser de mãe para filho. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Helena também mostrou como ela e Mauro entravam em acordo para atuarem de modo congruente, no que se referia à educação e orientação dos filhos.

Às vezes, o Mauro vê alguma coisa e fala “Você fala ou quer que eu falo?”. E eu “Não, pode deixar que eu falo”. Mas, às vezes, quando eu não to conseguindo, aí falo “Não, preciso que você me ajude”, ou então “Reforce o que eu falei”. [[Helena, 44 anos, dona de casa]

O pai, Mauro, ao se remeter ao seu posicionamento junto do filho, referiu-se às diferenças em termos de disponibilidade entre ele e a esposa Helena, considerando que, como provedor financeiro do lar, estava voltado ao trabalho externo. Pensando se identificava mudanças em sua atuação, na comparação com o período em que o filho cursava o Ensino Médio, Mauro destacou:

(...) eu venho mantendo a linha desde eles pequeninhos, aquela preocupação, aquele acompanhamento, aquela chatice mesmo de pai coruja (...). Com o serviço da gente, às vezes não dava para ir numa reunião de pais (...). Só em último caso mesmo, eu não posso ir, mas a Helena ia, então sempre tinha a presença minha ou dela. Então o posicionamento nosso sempre foi o mesmo, eu acho, de estar junto, acompanhar, cobrar, de querer sempre o melhor possível. [Mauro, 51 anos, agricultor]

No entanto, com a construção de sua história, Mauro refletiu que seu posicionamento com o filho precisava mudar, tendo em conta que seu crescimento exigia outra postura do pai.

E sei lá quando é que eu vou parar com isso. Mas já tá na hora de eu dar uma maneiradinha e a gente vai maneirando mesmo, né? Vai! [Mauro, 51 anos, agricultor]

Já na entrevista com Helena, este momento também foi propício para ganhar novamente relevo a questão das continuidades e discontinuidades em relação às experiências geracionais. Isso se observou em seu discurso, ao comparar as vivências do filho com situações que ela própria vivenciou na juventude. A seguir, pode-se notar novamente o receio de que a trajetória sonhada para o filho fosse obstaculizada ou redirecionada. Está sempre presente a ansiedade frente à perda progressiva do controle sobre a vida de Maurinho.

(...) eu to sempre olhando e orientando a vida que ele tem lá, até...é muita modernidade! Às vezes, namora e é uma vida mais ativa do que eu fui criada. Então, você tá sempre orientando

porque tem sempre a possibilidade da pessoa ter que parar tudo o que tá fazendo, para assumir determinadas ações que fez na vida. E falo isso sempre para ele. (...). Por isso que a gente tem que ter maturidade para saber o que tá fazendo, porque ele pode interromper o ciclo da profissão dele. Por exemplo, uma gravidez, né? Não é só dele, a pessoa tá num processo que é duplo, né? [Helena, 44 anos, dona de casa]

O pai Mauro, por sua vez, contou reforçar os diálogos no sentido de conscientizar o filho sobre as consequências de seus atos e não deixar de valorizar todo o investimento familiar realizado em sua trajetória de carreira.

Mostro para ele: “Ó filho, se vocês estão fazendo isso, mas o sustento meu, o da tua mãe, o seu, lembra bem que sair de lá [fazenda], então, a gente nunca deve desprezar as origens da gente. (...) veio de avô, de pai, e a gente luta para poder manter e, às vezes, até expandir um pouquinho, então para que isso? (...) eu já podia ter parado de trabalhar já tem tempo, mas uma que me considero com saúde ainda e outra que a gente sempre pensa neles. Então, eu sempre mostro: “Olha, tá vendo isso aqui? Tem valor hein! Vocês veem que o dinheirinho de vocês todo dia 10 tá certinho depositado na conta”. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Mauro explicava suas ausências, demoras e distanciamentos, argumentando sobre a dedicação ao trabalho a fim de possibilitar à família melhores condições de vida. O trecho destacado a seguir também revela que, ao orientar o filho, o pai reafirmava as decisões tomadas em sua própria trajetória.

Então, para isso o pai às vezes trabalha de madrugada, para isso o pai às vezes vem tarde da noite. Então é um sacrifício que eu procuro fazer para poder manter a vidinha de vocês em dia. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Associa-se o modo como Mauro vivenciava o papel parental com o que apontara Nascimento (2007), em seu estudo sobre o investimento na parentalidade e no trabalho, ao se referir à geração de pais cujo exercício do trabalho mostra-se indissociável do exercício da parentalidade. Segundo a autora, a representação do “bom pai” para esta geração é justamente a do homem que investe seus recursos no trabalho, a fim de garantir a subsistência do grupo familiar. Esta representação também era identificada no discurso de Mauro, ao destacar seus diálogos com o filho.

(...) desde que eles eram pequeninhos (...), abri uma “poupancinha” para eles e falava “Vamos comigo no banco depositar 100 reais, 50 reais”. Para sentir aquele gostinho do valor da vida e aprendendo a administrar. (...) porque é o que eu falo “Ó filho, shopping é gostoso? É. Um telefone celular de último tipo é bom? (...) Mas tudo isso custa, tudo isso precisa de dinheiro”. Sou bem prático em mostrar as coisas. Então, às vezes, ele fala “Eu não sou apegado a bens materiais”. E eu “Mas a gente depende deles para tudo”. [Mauro, 51 anos, agricultor]

Em outro contexto familiar, também se referindo ao modo como se posicionava com a filha, Dora enfatizou a relação de diálogo mantida no dia a dia, embora considerasse que a jovem já tomasse as próprias decisões. Sugeriu, assim, que as conversas mantinham um caráter de apoio, reflexão e compartilhamento de experiências.

(...) toda dúvida, questão, a gente discute (...) agora, é aquilo que eu falei, acho que ela é tão decidida naquilo que ela quer que, muitas vezes, acho que nem faço muito o papel de mãe. Eu acho que faço um pouco o papel de ami... não amiga, mas assim, eu escuto o que ela me traz e não interfiro tanto, entendeu? Porque acho que ela já sabe o que ela quer. (...) eu fico naquele papel de ouvir, aconselhar, mais aceitando aquilo que ela decidiu. (...). Porque ela já vem com a coisa pronta. Ela me traz, mas ela já tem a opinião formada. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Ao comparar como se posicionava junto à filha na época do Grupo de Orientação de Pais, em 2007, e como se percebia atuando depois de quatro anos, Dora mostrou que reconhecia as diferenças. A seguir, fica evidente que perceber o amadurecimento da filha permitia à mãe confiar nos recursos que Melina vinha desenvolvendo para administrar a própria vida.

Mas acho que mudou, claro! Naquela época ela era uma menina de 17 anos, hoje ela tem 21, entendeu? Tem essa bagagem de ter ido morar sozinha, de ter que se virar com uma porção de coisas. (...) outro dia, achei engraçado porque ela falou “Mãe, estourou um cano, aquele sifão da pia rachou”. E ela é super organizada! “Quando eu vi aquele negócio debaixo da pia, eu já saí, fui não sei aonde, já comprei, já troquei!”. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Entretanto, a mãe percebia o paradoxo da situação, assim, embora a filha não necessitasse mais de sua supervisão para agir e tomar decisões quanto à sua trajetória de carreira, Melina ainda era economicamente dependente da família.

A única coisa que, às vezes, ela fica meio assim é “Mãe, se eu for para um lugar mais longe e essa questão de ‘se manter’, como vai ser?”. Isso porque ela ainda depende de mim, nessa parte. Mas acho que se ela não dependesse financeiramente, ela já vinha “Olha to indo!” [Ri]. Porque ela é muito decidida {Você acha que é só pela questão financeira que ela fala?}. Não, acho que não é só isso, não. (...) eu sinto que ela quer o meu apoio. Mas é aquilo que falei, ela não é aquela pessoa “Mãe, o que você acha?”. E se eu falar o contrário do que ela tá pensando, ela vai mudar. Isso não! [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Com relação ao núcleo familiar de Raquel, a mãe ao contar sobre como atuava junto ao filho, sugeriu que, nas diferentes etapas da vida de Bruno, procurou instigar seu desenvolvimento, conforme as necessidades de cada momento.

(...) desde criança, sempre direcionei assim, por exemplo, tava gordinho, então vamos para natação! Depois, precisava fazer esporte, vamos fazer karatê, que ia melhorar a cabeça

também...porque na época que me separei, ele ficou mal. {Ele tinha quantos anos?}. Tinha 11 anos. Então, ele ficou muito para baixo. (...). Então fiquei pesquisando a respeito do karatê e ele não gostava. Eu empurrava ele até o elevador (...). Às vezes, a gente lembra disso e dá muita risada junto, porque ele fez muitos amigos lá. Ele se identificou muito com o professor que é amigo dele até hoje. (...) Então, sempre busquei muita coisa relacionada com o que eu achava que era bom para ele. E, por coincidência ou não, ele acha que tudo aquilo acrescentou na vida dele. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Raquel contou que suas atuações como mãe refletiam aquilo de que ela, como filha, sentiu falta na relação com a família de origem. Observou-se, assim, que suas experiências familiares serviram-lhe como parâmetros para agir de modo diferente em seu papel. Revelou que se posicionava junto a Bruno de modo mais participativo, dialogando e orientando-o em seu percurso. Também mostrou que, ao comparar a trajetória de carreira do filho com a sua, procurava contribuir para que Bruno não se frustrasse profissionalmente, assim como ela se sentia em relação à sua trajetória de carreira.

(...) é uma coisa que eu gostaria que minha mãe tivesse feito para mim. Eu queria ter tido pessoas que me orientassem, que falassem “pô, vai por esse caminho, quem sabe dá certo”. Eu fiz um curso que não gostei e por falta de orientação. (...) Mas chegou num ponto que eu não tinha mais como voltar, eu tinha que seguir. (...) Então, acho que me preocupei muito com ele, de tentar assim “Vai por esse caminho, faz isso, tenta aquilo...”. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Raquel reconheceu que sua participação na vida do filho teve repercussão importante em seu processo de desenvolvimento e trajetória. Nesse sentido, identifica-se que se sentia como uma *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1975a, 2000a)

Acho que ajudo bastante, o que eu posso pesquisar, orientar, eu to sempre pesquisando, falando (...). Por exemplo, eu lendo há pouco tempo o jornal, a respeito de estágio, de trainee das grandes empresas, e já passei um e-mail para ele. (...). Mas ele já tem lá na faculdade, né? Eles vão até lá também. Mas eram outras opções que tinha no jornal (...) tipo como você deve se portar numa entrevista, dicas... Então, tudo que eu leio, eu passo para ele. E ele tira aquilo que acha que dá, né? {E você sente que ele recebe bem?}. Sim, bastante. Recebe sim. (...). Ele fala “Mãe é isso mesmo, valeu!”. Ou “Ah, você leu isso aonde?”. (...). Ele aceita bem, não considera intromissão, ele aproveita, ele aprofunda. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Ao contar sua história, refletiu que o tipo de relação estabelecida com o filho foi conquistado ao longo de uma vida. Faz-se referência aqui ao *espaço potencial* construído nos processos de interação familiar, ao longo do desenvolvimento dos filhos e que os remete à confiança na fidedignidade de um ambiente *suficientemente* favorecedor. Por fim, Raquel se remeteu ao seu investimento no projeto de ser mãe e à importância dessa experiência emocional para o seu próprio processo de amadurecimento e trajetória de vida, o que parece fazer sentido com um de seus *temas de vida* (Savickas, 2005).

Desde criança, a gente sempre teve conversando muito. (...) eu o buscava na escola e falava “Como foi seu dia, como foi a aula?”. Ele falava “Foi assim, assim”. E ele “Como foi seu trabalho?”. Então a gente vinha no caminho todo conversando. E até hoje, por exemplo, eu falo “E aí, como foi o dia hoje?”. Ele fala “Ai, foi assim, to cansado”. E ele “E você, como foi lá no trabalho?”. (...). Então, a gente acaba sempre conversando bastante. É uma convivência muito bacana, gostosa. (...) eu acho que para mim ter um filho, foi muito bom, eu dei muita sorte nesse aspecto, entendeu? Foi muito legal [fala emocionada]. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Relaciona-se a comunicação de Raquel acerca do quanto se sentia gratificada com a experiência da parentalidade com o que destacou Zornig (2010), a respeito da importância da transmissão psíquica intergeracional ascendente. Para a autora, a atuação parental *suficientemente boa* também possibilita aos pais um importante registro psicológico por se perceberem pais suficientemente bons. Nessa direção, Houzel (2004) defende que “tornar-se mãe ou pai” se configura como um processo que depende necessariamente das experiências das trocas cotidianas entre pais e filhos, nos espaços intersubjetivos da família.

Raquel também se remeteu às reflexões surgidas durante as sessões do Grupo de Orientação de Pais no ano de 2007 e que repercutiram no modo como passou a se posicionar junto ao filho após aquela experiência.

(...) com relação ao grupo, eu acho que ouvi algumas coisas lá que me ajudaram bastante sabe? Acho que eu cobrava muito dele. (...) acho que depois do grupo, eu passei a cobrar menos. {E que tipo de cobrança?}. Assim, por exemplo, “Não vai sair porque você tem que estudar (...)”. E eu também fazia comparações “O Fulano, não sai de casa”. E isso chateava ele. E lá no grupo, ouvi muitas pessoas falando, e mesmo você se posicionando, que não era legal ficar com comparação. Essa cobrança... e eu cheguei à conclusão de que eu cobrava muito. Eu acho que hoje não cobro como cobrava. Também não faço mais comparações, porque eu fazia bastante. (...). Então, hoje, acho que continuo participando bastante, mas não faço tanta cobrança. E também não tomo decisões. Por exemplo, to ficando mais neutra. Nessa história se ele vai viajar pro exterior, se não vai. Eu não quero tomar partido. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Mostrou que valorizava o amadurecimento de Bruno, ao mesmo tempo, em que reconhecia que não tinha mais como interferir nas decisões do filho. Raquel, portanto, assim como Dora, percebia que seu papel estava mais associado a oferecer apoio e compartilhamento de experiências.

Acho que hoje ele tá mais por dentro da situação que eu. Se ele for, eu vou apoiar, lógico. Se ele não for, eu também vou apoiar, mas não vou tomar uma decisão ou influenciar a decisão dele, nem ficar cobrando (...) porque realmente chegou num ponto que ele mesmo tem que decidir essas coisas. (...). Por exemplo, ele viaja sozinho tranquilamente. (...) ele toma todas as providências, resolve tudo. Ele tem bastante discernimento das coisas (...). O fato de ele ter ido para o [cita um país] ajudou bastante porque teve que se virar muito lá sozinho. (...) acho assim, ele amadureceu muito, mais muito mesmo. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Sobre as rupturas naturais ocasionadas pelo sair da casa dos pais e pelas mudanças ocorridas na relação com os filhos, salientam Carbone e Coelho (1997/2009) que a função de orientação dos pais deve permanecer presente embora preserve uma conotação menos protetora e mais “à distância”. Este afastamento é justamente o que pode deflagrar nos filhos suas autonomias e o *status* adulto. “Pais e filhos podem agora compartilhar como adultos. O filho ‘inventará’ seu espaço geográfico no mundo, longe da casa dos pais” (Carbone & Coelho, 1997/2009, p. 109). Em contrapartida, como é próprio desta situação, os filhos ainda não são independentes financeiramente, como assinalou Raquel e destacou Dora. Entretanto, Raquel identificava que as decisões de Bruno consideravam com responsabilidade sua dependência econômica, mostrando se preocupar com as repercussões de suas escolhas na vida da mãe.

(...) ele fica preocupado com a parte financeira, embora, se ele for, ele vai ficar num alojamento. Suponhamos que ele não consiga a bolsa, que ele vá por conta. Aí ele vai ficar no alojamento da faculdade. Ele vai ter um custo. O curso é gratuito, tudo que ele fizer lá é grátis. Só que ele tem um custo para morar (...) o que daria mais ou menos, pelos cálculos que ele fez, o que ele gasta aqui. (...) mas, por outro lado, ele fica em conflito porque ele fala “Poxa, se eu for, você não vai poder aposentar?”. Você entendeu? [Ela ri]. {Ele tá preocupado com isso também}. É. {E você está?}. Não, não to, porque acho que daria para ele ir, mesmo que eu me aposentasse. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Observava-se que o tipo de relação estabelecido entre Raquel e o filho ao longo de sua vida, em termos de investimento, apoio, compreensão, possibilitava que hoje Bruno também se preocupasse com a mãe e com a situação ocupacional futura desta. O jovem, a caminho da adulez, era grato por seu amadurecimento e conquistas, favorecidos pela ajuda da mãe. Segundo Winnicott (1983/2008d), a *capacidade para se preocupar* com o outro se relaciona com a condição para se importar, para sentir responsabilidade por seus relacionamentos e para reparar. Tais recursos psíquicos remetem à integração do ego, sendo uma conquista frente ao sentimento de culpa diante dos “estragos” causados em fantasia pela criança ou adolescente, em seus testes de realidade. Nesse sentido, o autor retoma a necessidade dos filhos, ao longo de seus desenvolvimentos, terem adquirido a confiança em um ambiente suportivo que lhes oportunizou a chance de, na vida adulta, contribuírem e repararem. Ou seja, foram possibilitadas as condições para a transformação dos sentimentos de culpa em sentimentos de envolvimento e preocupação (Winnicott, 1983/2008d).

Também atuando nesta mesma direção, a mãe Beatriz, ao refletir sobre seu papel junto à filha, analisou ter sido “*determinante*” em suas orientações ao longo do desenvolvimento de Renata. Quatro anos depois, todavia, reconhecendo seu amadurecimento, acompanhava sua trajetória, conforme observava a necessidade da jovem.

(...) eu fui uma mãe, pelo menos eu acho, uma mãe determinante. Agora, eu to tentando respeitar o momento, no sentido dessa fase adulta dela. (...), até hoje, eu ainda sou um pouco assim “Ó, vai sair? Vai! Então, nada de álcool se tiver com o carro”. Sabe, não sou meio termo com essas coisas. Pode ter 21, 22, 25. Entendeu? Aquilo que eu acho que, como mãe, eu tenho que interferir. Se ela me pede opinião...não é que ela me pede opinião, a gente conversa, e eu também peço opinião para ela. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Beatriz mostrou que identificava que a relação com a Renata havia mudado, percebendo situações de maior compartilhamento. Ao destacar que tinha muito a aprender, evidenciou-se o jogo de influências recíprocas entre mãe e filha.

E hoje, com esses negócios que ela aprende lá, muitas coisas ela que me ensina, né? (...) não é mais aquele negócio da mãe que [fecha o punho], é uma troca! Eu fico paralela nas necessidades, mais no convívio, tem uma troca mesmo. Ela me ajuda em muita coisa, mesmo na época que minha mãe tava doente, às vezes ela via que eu tava perdida e me encaminhava, entendeu? Tem a troca. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Como mencionado, na comparação com as mães, Helena, Dora e até mesmo Raquel, havia sinais de que Beatriz era aquela que mais aguardava a filha sinalizar quando precisava de sua ajuda. É o que se nota a seguir, ao mostrar não se antecipar às suas necessidades, embora estivesse disponível na retaguarda.

(...) nessa fase de adaptação em outra cidade, de necessidade mais nessas coisas práticas, que eu fico esperando ela pedir porque eu acho que ela tem que tentar resolver para ela aprender. Eu to dizendo isso porque ela tá com dificuldade com essa coisa de mudança porque uns amigos...eu falei “Renata, eles não vão descer a escada carregando a geladeira, eles não vão dar conta. Vai numa empresa filha”. Só que eu não vou lá fazer por ela. Se ela pedir “Mãe, você vem me ajudar?”. Aí, eu vou. Só que aí ela vai junto para aprender. E isso é uma coisa que tanto eu, quanto o pai, sempre deixamos claro. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Interessante notar as conclusões de Beatriz a respeito da autonomia que a filha vinha adquirindo. Sugere que a jovem preservava um sentimento de confiança para construir seu caminho com as “ferramentas” que vinha desenvolvendo, a partir de um ambiente sentido como suficientemente bom.

Até acho que, como ela sempre pôde contar muito com a gente, ela procura se virar, entendeu? Tem aquela segurança que também ninguém vai me criticar se der errado. É assim que a gente tenta fazer né? [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

A história de Beatriz avançou com o reconhecimento de seus temores de ultrapassar os limites de seu papel. Mais à vontade, remete-se, com humor, às dificuldades encontradas frente ao exercício da parentalidade, algo muito discutido nas sessões do Grupo de Orientação de Pais, no ano de 2007.

(...) a gente conversa de tudo. E ela vem, conta dos professores. Eu sempre fui muito rigorosa com certas coisas. Eu tomo cuidado também, às vezes, para não criticar muito firmemente certas coisas porque eu tenho uma personalidade meio firme. Mas assim, eu tento fazer de tudo para não atrapalhar muito assim, sabe? É difícil ser mãe, Fabiana! [Fala descontrída] Não vem com manual de instrução, não é? [Risos] {Não, não vem!}. É muito difícil sim... [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Em outro contexto familiar, no que se referia à participante Cássia, ao ser convidada a pensar em como atuava junto ao filho, a mãe aproveitou para reforçar sobre sua necessidade de se posicionar junto a Flávio de modo diferente de sua mãe. Novamente se observou Cássia, assim como Raquel e Rosa, explicitando o desejo de não reproduzir o modelo da geração anterior.

(...) continuo sendo mãe! Nunca me pus no lugar de amiga porque minha mãe sempre me dizia que eu era amiga dela e nunca me tratou como filha (...) isso me prejudicou bastante. Precisei de quatro anos de terapia para me organizar e assim mesmo ainda tenho dificuldade para lidar com ela. Aí, falei “Eu vou ser mãe! A mãe que amamenta, balanceia, cuida. Não vai ter babá, não vai ter ninguém. Eu vou ser a mãe!”. E eu fui! [Fala emocionada]. E atualmente, para eu continuar sendo mãe, tenho que mostrar o que eu acredito e no que eu gostaria que eles acreditassem. As escolhas são deles, mas eu preciso passar o que tenho de valores. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Cássia reportou-se ao projeto e à experiência de “ser mãe” e de se dedicar integralmente nesse papel em detrimento da vida profissional, o que faz remeter à questão da terceirização das práticas parentais, sobretudo para a geração de mães que, por volta da década de 80, lançou-se no mercado de trabalho. Diante das restrições de tempo e de disponibilidade, viram-se “obrigadas” a contar com outras figuras que participassem do desenvolvimento de seus filhos (Birman, 2008; Kamers, 2006; Magalhães, 2009; Vilhena, Bittencourt, Novaes, & Zamora, 2013). Buscando atuar na contramão dessa situação, Cássia sugeria que seu projeto de maternidade mantinha relação com suas experiências como filha. A seguir, observam-se as associações que fazia na sua narrativa entre as suas experiências em seu núcleo familiar de origem e a sua trajetória de vida.

De certa forma, eu me sentia intimidada por ele [ex-marido]. (...). Eu, na minha terapia, descobri uma coisa, como meu pai era uma pessoa que também não ficava tão presente para nós então eu queria que o Antônio construísse esse papel (...) que ele me protegesse, que me cuidasse, porque eu nunca me senti protegida pelos meus pais (...) e, da minha mãe, eu sempre fui amiga, né? Então, aquela figura masculina em um casal, eu vi que não valeu para mim. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

No momento em que contou sobre nunca ter se sentido protegida pelos pais, ficou evidente a expectativa de que sua atuação contribuisse para que os filhos se tornassem pais cuidadores e protetores.

Então, eram: eu e eles mesmo. Então eu penso “Bom, eu não tenho marido, mas tenho filho”. Aí, eu acredito que o quê que vai funcionar? Eles vão saber cuidar dos filhos porque eu vejo como eles cuidam de mim: “Você já almoçou? Tá precisando de dinheiro? Mãe, você não vai cortar o cabelo?”. (...). Às vezes eu to meio chateadinha, aí vem um torpedão “Amo você, mãe, um ótimo dia!”. [Emociona-se]. Para quê que eu vou ficar querendo uma coisa que eu não posso ter, sendo que tenho isso? Então, aprendi a fazer as minhas escolhas e quero que eles aprendam também. E eles estão fazendo! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

A narrativa de Cássia sugeria que suas necessidades, talvez não atendidas por um contexto sentido como suficientemente bom junto à família de origem, teriam contribuído para a esperança de que o casamento lhe proporcionasse a confiança e a segurança de que sentia falta. Nesse sentido, levanta-se a questão: será que seus filhos, ao se preocuparem demasiadamente com a mãe, não estariam tentando suprir tais necessidades inconscientemente transmitidas por Cássia? A seguir, o trecho em destaque mostrou mais uma vez que a mãe precisava repassar o impacto que a família vivenciou, talvez como forma de compreender motivos, dividir responsabilidades e, assim, aliviar as angústias em relação à atuação de seu papel.

(...) naquela faixa etária de 20 anos que já tava começando na universidade, tava acostumado com festa, passeio, com aquilo tudo e, de repente, tirou tudo aquilo deles. Tudo! Aí, quebrou aquilo. Ao mesmo tempo, tinha uma semente plantada para eles amadurecerem, eu acredito que sim. Mesmo que eu errei em muitas coisas, mas alguma coisinha ali funcionou. (...). Então, quer dizer, deu certo alguma coisa. É que...dentro de mim é aquilo, você sonhou com aquilo, você queria aquilo para eles e não deu certo. Enfim, plano B. Agora, eu tenho que estar com o plano B, é aonde eu to tentando lidar. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Buscando valorizar seu papel, remeteu-se à infância dos filhos, mostrando que procurava transmitir-lhes princípios e valores que considerava importantes. Relembrou o episódio em que Flávio foi trabalhar na firma do pai, ao interromper a faculdade. Observa-se, a seguir, que destaca a diferença de posicionamento entre ela e o ex-marido.

(...) quando tínhamos a empresa e eles eram mais novos, uns doze anos, tinha férias da escola e ficava em casa à noite, fazendo arte no prédio (...). Eu falava “Leva para lá, para te ajudar”, e ele “Mas o que vão fazer? Lavar peça?”. E eu “Ué, o que que tem?”. Então é lavando peça que iam aprender a dar valor em alguma coisa! Tanto que quando precisou dos meninos na empresa, o Flávio foi trabalhar lá e quase perdeu os dedos na máquina, no torno. (...) e sabe onde o pai tava? Em casa, ele já não tava mais indo na fábrica. Então, naquela época tava por conta dos funcionários e dos meus filhos. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Retomando o contexto familiar de Alice, a mãe, ao se referir a como se posicionava junto à filha, inicialmente mencionou a questão da carreira profissional. Assim, apontou a necessidade de dialogar com Paula, já que a mesma não estava realizando estágios na área de formação. Nesse momento, no entanto, um vértice possível de análise seria considerar que

Alice teria levantado essa preocupação em função do que imaginava ser o esperado. No entanto, por sua narrativa, considera-se que outras questões da vida da filha pareciam preocupar mais a mãe. Em várias passagens de sua história, evidenciaram-se expectativas de que Paula se casasse e construísse uma família que lhe proporcionasse estabilidade e segurança.

Outro dia, até comecei a falar isso da profissão, mas não deu. Mas eu vou ter um papo com ela, numa boa. Porque já falei “Paula, como vai ser? Você tá gostando desse trabalho [loja do noivo], então você vai ficar lá?”. Mas foi um tempo meio curto e eu já to bolando para ter uma boa conversa com ela, para ver se realmente é o que ela quer. Eu vou conversar, mas não é impor, vou falar: “Mas você não gostava tanto disso? [Educação Física] Você já pensou que vai ficar sentada no computador o dia inteiro?”. Ela já engordou 4 kg e ela era tão magra! [Alice, 59 anos, massagista]

Logo vieram à tona as situações consideradas as preocupações de Alice. Assim, a mãe retomou o assunto da adoção das filhas mais jovens (inclusive Paula), mostrando como lidava e esclarecia a situação em questão. Observa-se novamente presente a necessidade de mencionar que não existiam diferenças quanto ao que sentia por cada uma.

Nunca fiz diferença nenhuma entre elas. A [filha caçula] que me deu um pouquinho de trabalho porque eu sempre fui falando... eu nunca neguei que elas eram do “coração”. Mas ela teve um namoradinho que é tão bom para ela! Porque ela começou a namorar ele na fase pior da adolescência, treze anos, e ele ó [mostra com as mãos], sabe aquele menino firme? Aí, não deu nada de trabalho porque ele foi perguntando e mostrando para ela, entendeu? E ela não gostava de tocar no assunto, mas aí, um dia, ela sentou comigo e começou a fazer pergunta. E eu já sabia as respostas porque eu já tava orientada, né? [Alice, 59 anos, massagista]

A respeito da filha Paula, Alice, já mais à vontade nesse momento, revelou um pouco sobre as vivências que corresponderam ao período da adoção. Centrou-se nas questões ligadas à experiência emocional e não às questões legais relacionadas ao exercício da parentalidade (Houzel, 2004). Ao contar sua história, amparada em sua religião, Alice construía sentidos para suas escolhas e, também, para a atuação de seu papel.

Com a Paula nunca tive problema. Porque com ela, eu tenho uma ligação muito forte! (...). Antes dela nascer, fui em um amigo que é espírita e ele falou “Alice, você tá muito ansiosa, relaxa porque essa criança foi gerada para você. Ela tem uma ligação muito forte com você”. Aí, um dia atendi uma parapsicóloga que falou “(...) essa filha que você adotou, você não pôde gerar, mas ela tem uma ligação muito forte com você porque ela foi sua mãe em outra vida”. E eu, como sou espírita, acredito! Menina, ela era uma velhinha quando era pequena. Com cinco anos, ela ia ver se a janela estava fechada. (...). Das três, a única que me ouve, é a Paula. E quando a Paula sair de casa, vou sentir muito porque sentir a gente sente, né? Porque é natural. Mesmo nesses dois meses lá [se refere ao período em que Paula foi morar com as amigas]. Então eu posso falar longe das outras, mas minha ligação com ela é mais forte. [Alice, 59 anos, massagista]

Em outro contexto familiar, também pensando em como atuava junto à filha, a participante Rosa ressaltou que Patrícia já era muito independente para tomar suas próprias decisões.

(...) meu papel é de apoio e orientação. É por aí...porque...por causa dela ser muito independente, então ela não fica muito perguntando. Primeiro ela vai! Ela coloca aquilo na cabeça e depois ela vem e pergunta “Ó, to pensando em fazer isso, o que que você acha?”. Então, eu acho que eu fico no papel de orientadora mesmo. De estar orientando, dando a minha opinião, no final é ela quem decide. {E você sente que ela leva em consideração?}. Quando ela morava comigo, às vezes eu falava alguma coisa para ela e, na hora, a pessoa não aceita...adolescente, né? Retruca, mas depois eu via que tava caminhando para ser aquilo mesmo que eu tinha falado, que ela tava acatando. [Rosa, 41 anos, professora]

Assim, Rosa valorizou o modo como atuava, contando que aproveitava as situações ocorridas no dia a dia familiar como oportunidades para dialogar com os filhos, sem melindres. Ao retomar tais experiências, questionou-se se estaria se antecipando às necessidades dos filhos.

(...) eu sempre fui de falar muito, de orientar muito. É....não tem assunto que eu não consiga falar com eles (...). Não tem isso, aliás...é...é.... [fica pensativa] eu acho que eu até falo as coisas antes da hora. [Sorri, parece sem jeito]. Talvez eu sou bem precipitada de estar falando as coisas. Porque assim ó....televisão...eu uso a televisão a meu favor, então, muita coisa que acontece na televisão...se a gente tá assistindo junto, eu já vou usar aquele tema e já vou desenvolver ali com eles o tema. Mostrar um lado e o outro lado. O lado que tá acontecendo, como que era e como que devia ser, a minha opinião. [Rosa, 41 anos, professora]

Convém analisar que, diferentemente das mães Helena e Cássia, que mostraram muitas vezes se anteciparem às necessidades dos filhos, Rosa, por sua vez, apresentava uma situação oposta ao tratar de situações que inevitavelmente os filhos enfrentariam tendo em conta sua realidade social. Assim, reflete-se o quanto pode se tornar difícil, dependendo dos contextos psicossociais nos quais os grupos familiares estão inseridos, proteger os filhos de circunstâncias que estes ainda não são capazes de assimilar e elaborar. No caso de Rosa, sabe-se que a mesma enfrentava a situação de ter um familiar (atual marido, padrasto de Patrícia) dependente químico. Sendo esta experiência parte de seu contexto familiar, reconhece-se que a mãe procurava meios para preparar seus filhos para o enfrentamento de situações de vulnerabilidade que, na realidade, já faziam parte de suas trajetórias.

A respeito da questão do investimento em uma carreira profissional, Rosa também contou como lidava com a filha. Mostrou considerar as diferenças entre as gerações e que, embora tivessem opiniões divergentes, respeitava os interesses e escolhas de Patrícia.

(...) eu tento prestar a atenção em que tipo de profissão eu acho que ela...cabe. Eu até já falei isso com ela, o que eu acho que dá certo com ela. Mas assim, eu também sou muito limitada, tem muita coisa que eu já não sei, que não conheço. Então, eu...por isso que também confio muito nas escolhas dela porque ela tá mais aí no....no.... mundo dela, na geração dela, com pessoas da idade dela. Não fico me impondo muito. Eu ouço bastante, falo aquilo que tenho como experiência, mas respeito muito a decisão dela porque acho que ela tá mais atendida com as coisas da idade dela do que eu. (...) E depois que ela saiu de casa também, que eu pude ver o tanto que ela amadureceu, como que ela lida com as coisas. O posicionamento dela hoje. [Rosa, 41 anos, professora]

Como Rosa, outros pais, Dora, Raquel, Beatriz e Mauro, trouxeram este questionamento, também proposto por Nascimento e Coimbra (2001/2002): será que os pais ainda têm condições de oferecer aos seus filhos referenciais relevantes, que fazem sentido frente aos imperativos da realidade contemporânea? O que se identificou foi que, embora tenham iniciado suas carreiras em outra época, atualmente esses pais também sofrem as consequências do atual cenário do mundo do trabalho, mesmo que estejam para se aposentar ou que sejam mães dedicadas à vida doméstica (Cássia, por exemplo, precisou procurar emprego). Portanto, de todos são exigidas posturas de maior flexibilidade a fim de continuarem não só construindo suas vidas por meio do trabalho, mas também para cuidarem de si e dos próprios pais e, ainda, para oferecerem parâmetros aos filhos no desempenho de papéis.

Identificou-se que, em todas as situações apresentadas, os valores e crenças compartilhados pelos grupos familiares deste estudo parecem se mostrar como referências importantes para os filhos. Estes, por sua vez, também contribuem com novas experiências e valores que são incorporados pelos grupos familiares e que repercutem no posicionamento dos pais. Os participantes mostravam, em geral, que atuavam de forma mais participativa que a geração anterior, promovendo situações de diálogo e compreensão, o que vai ao encontro de pesquisas que salientam tais transformações nas práticas parentais (Biasoli-Alves, 2000; Caldana, 1998; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998). Nesse sentido, se evidenciava a necessidade dos pais de não repetirem condutas e modelos da geração anterior, sobretudo aquelas que se relacionavam com autoritarismo, falta de diálogo/orientação e promoção de confiança e segurança.

2.2.3 O processo da separação emocional pais-filhos

Ao longo de toda a entrevista, os participantes expressaram de diferentes modos, ainda que implicitamente, como se sentiam frente aos processos envolvendo a separação emocional

dos filhos, mesmo Cássia e Alice, cujos filhos continuam morando com a família. No fim da entrevista, entretanto, esta questão foi explicitamente abordada a fim de se identificar quais sentidos os pais atribuíam à vivência desse processo, ainda que não houvesse o distanciamento físico. No que se refere ao casal, Helena destacou o maior afastamento do filho, o que se evidenciava para a mãe pela diminuição da frequência com que Maurinho retornava para a casa dos pais. Interessante identificar as associações que Helena realizou na construção de sua história ao se deparar com o termo “separação”. Observou-se que relacionou “separação” à maior “confiança” nos recursos emocionais de que o filho já dispunha.

Ele não vem igual vinha quase toda semana. Depois passou para 15 dias, depois teve vez que eles ficaram um mês sem vir. Aí você já vai vendo, e eu já não to indo mais. E essa separação que você tá falando, às vezes, é a confiança que eu to tendo e, às vezes, eu já to enxergando que eles não são para sempre meus mais, né? [Fala emocionada]. Que eles já têm que estar buscando o destininho deles. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Em contrapartida, ao se referir às situações de vida de Maurinho, Helena ainda empregava termos diminutivos (“destininho”), sugerindo um paradoxo em seu discurso ao atrelar o jovem a um universo ainda muito infantilizado. Embora houvesse o sentimento de confiança de que o filho vinha se tornando mais independente emocionalmente, a mãe deixava transparecer a expectativa de que, ao terminar a faculdade, o filho retornasse para junto da família.

Outro dia encontrei uma mãe e ela falou “Você tem esperança que ele volte?”. (...) Aí eu falei “Eu tenho! Eu tenho esperança”. Até porque falo para ele “Tem a fazenda aqui...”. Hoje, tem os pais, mas eu falo que é uma coisa que, ele pode estar exercendo o que for, é uma coisa que ele tem que tomar conta. (...) Eu sempre cobro, às vezes fico brava. (...) Aí, esse tempo que deu essa “pastada”, que ele veio menos para cá, mas veio mais interessado no que ele não tinha. Por exemplo, ele falou “Mãe, vou na fazenda ajudar o pai”. (...) eu brinco “Tá querendo mostrar serviço?” [Ri]. Mas, às vezes, é a saudade, né? Às vezes é a saudade [repete pensativa]. Porque a gente tem aquela saudade... mas a gente conversa todos os dias. Ela [filha] me liga, ele não liga. Às vezes, eu procuro. Mas aí falo “Vou ficar dois dias sem procurar”. Aí eles me ligam, porque eu dou aquele espaço também. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Identificava-se, no entanto, que sua narrativa denunciava muitas contradições: ora Maurinho era encarado como o menino, cujo projeto de vida era um “destininho”, ora era digno de confiança, visto como o primogênito que administraria o patrimônio familiar. Ainda não se observava a consideração de um filho que se desenvolvia na autoria de seu próprio projeto de vida/carreira. Ao contrário, passados alguns anos da saída de casa, a mãe permanecia muito preocupada com as experiências do jovem. Assim, Helena mostrou que

inconscientemente procurava manter o controle sobre sua vida, algo que, entretanto, já percebia ser cada vez mais difícil. A seguir, identifica-se a mãe esperando que o filho implemente ações congruentes com os projetos familiares, o que significava: investimento na vida conjugal e parental e na continuidade do patrimônio familiar.

Eu cobro dele estar namorando (...) eu falo que é a fase da vida, quando a gente tá formando, você já tá com o pensamento de fazer uma vida, uma família, se bem que as coisas mudaram muito, né? Os namoros duram 3 meses (...). Mas queria até pelo fato de ele sair menos {Você fica preocupada?}. Fico, fico preocupada. Cada “balada” que ele vai, fico preocupada. Aí ele fala “Mãe, não vou mais te avisar quando sair, porque você faz eu ligar para você a hora que eu chego e você não dorme direito”. Aí falo “Dá um toquinho, se eu não dormir, o problema vai ser meu e não teu!”. Às vezes, ele fala “Mãe, porque você dorme melhor quando to aqui?”. E eu “Porque adoro olhar a porta dos quartos e ver que vocês estão ali”. [Emociona-se. Faz uma pausa e suspira]. Então, às vezes, quando ele liga mais cedo, eu fico desconfiada “Ah, hoje ele vai em alguma balada”. Aí eu ligo 22hs, 23hs e ele “Mãe, o que foi?”. Aí falo “A hora que você chegar em casa, me liga!”. E ele “Eu ligo mãe, pode deixar! Vou deixar você mais calma?”; e eu “Vai!”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Uma leitura possível seria pensar que Maurinho procurava corresponder às necessidades da mãe também como meio de evitar desacordos, sofrimento ou sentimentos de culpa. Essa situação contribuía para reforçar a relação de dependência entre ambos. São muitos os autores que salientam a respeito da importância dos pais encorajarem a separação emocional de seus filhos, considerando os recursos emocionais que estes já adquiriram. Portanto, a família deve oportunizar aos jovens espaços e situações que possam ajudá-los no ensaio de suas independências (Andrade, 1997/2004; Barreto & Aiello-Vaisberg, 2010; Carbone & Coelho, 1997/2009; Leitão, 1996; Lemgruber, 2011; Levenfus, 1997/2004; Levenfus & Nunes, 2010c; Oliveira & Dias, 2011; Winnicott, 1993/2005b). Mas o que se observava da situação de Helena e do filho, no que se refere aos processos da separação emocional, é que a mãe demonstrava muita ambiguidade em relação ao desenvolvimento da autonomia de Maurinho, algo que tem sido cada vez mais comum na atualidade, como destacam autores (Birman, 2008; Leitão, 1996; Lemgruber, 2011; Oliveira, 2007) que sugerem a participação dos pais tanto no prolongamento da adolescência, como no aumento do período da coabitação com a família de origem (Borges & Magalhães, 2009; Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães 2006; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2010, 2012).

O marido, Mauro, por sua vez, ao narrar sobre os sentidos que atribui ao processo de separação emocional do filho, explicitou a ambivalência da situação vivenciada. Se por um lado, o pai assumia o desejo de manter o filho protegido e tutelado (também faz uso de diminutivos), por outro, salientava a importância do mesmo de protagonizar sua vida, aprendendo com as novas experiências e construindo a própria trajetória.

Tem o lado bom porque a gente sabe que eles vão seguir o caminhozinho deles...isso aí é fatal e tem que ser assim. Tomara que Deus ajude que eles consigam vencer na vida e ter sucesso que a gente espera que tenha. O lado difícil é a separação, né? Mas que tem que ter também, que nem do passarinho, é a natureza. Não adianta a gente querer ficar com eles aqui dentro de casa, que eles não vão ser ninguém na vida. Eles vão só acolher aquilo que a gente fala e não vão ter experiência nova, não vão ter chance nenhuma (...) uma hora vão ter que ser eles mesmos, né? Uma hora a gente não tá mais aqui e eles vão ter que assumir. Então tudo isso é até um preparo para eles assumir as coisas que a gente tá deixando. Mas aquele medinho, aquela insegurança, a gente vai tendo sempre. Que nem eu falei, eles são os eternos nenezinhos da gente né? Nenê! [Surpreende-se com o termo]. Menino, né? [Corrige] [Mauro, 51 anos, agricultor]

Como a esposa Helena, Mauro também demonstrou preocupação com o fato de os filhos estarem suscetíveis às situações sobre as quais percebia que, como pai, não tinha mais controle. O momento destacado a seguir, retrata o sofrimento de lidar com os sentimentos de impotência que emergiam frente à impossibilidade de continuar a supervisionar as experiências de vida dos filhos.

(...) a gente cuida mas anteontem mesmo, ele foi naquele torneio (...) eu liguei e achei a Mônica. “Você tá em casa filha?”, “Não pai, to aqui no [torneio]”. E eu “Olha, olha hein, e o Maurinho”, “Ah, o Maurinho tá ali também”. E falei “Meu Deus do Céu, toma cuidado, juízo, não entra no meio de tumulto”. Aí, acho que ela viu aquele problema que deu lá com o rapaz e foi embora para casa e, de repente, me ligou “Pai, já to chegando em casa”. E eu “E o Maurinho?”, “O Maurinho tá lá ainda, acho que vai posar na casa dos colegas”. E eu “Meu Deus do Céu! Não ué! Que bobagem é essa?”. Mas ficou naquilo, desligou o telefone e fui deitar preocupado. Aí, no outro dia cedo, liguei a televisão e já vi a notícia do rapaz que tinha morrido, aí falei “Helena, corre aqui”. Ela pegou o telefone e ligou para ele. E ele não tinha falado comigo no dia anterior. Eu falei “Filho, você esqueceu de ligar pro pai?”, “Não pai, tá tudo bem, tudo certinho”, e eu “Tudo bem? Você não viu televisão não?”, “Eu vi sim Pai”, “Pois é, não adianta pensar que isso só acontece com os outros não”, “Pai, mas vai começar?”, e eu falei “Vou! Vou começar, a gente tem que tomar muito cuidado, porque não é só pensar que só acontece com o vizinho. Tem que ficar preocupado, tanto é que to preocupado, você não dá notícias, você não liga!” (...). É isso aí, a gente se preocupa muito né? [Mauro, 51 anos, agricultor]

Mauro mostrou que, a seu modo, procurava contornar a distância, mantendo-se presente através dos valores e orientações que pode oferecer, ao longo do desenvolvimento de Maurinho, nos espaços intersubjetivos da convivência familiar (Corrêa, 2003; Lisboa, Féres-Carneiro, & Jablonski, 2007; Magalhães & Féres-Carneiro, 2004; Zornig, 2009, 2010). Na comparação com Helena, o pai instigava mais a independência do filho (Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Romanelli, 2004). Convém ponderar, entretanto, que o discurso de Mauro também levantou a questão dos perigos a que estão expostos adolescentes e jovens frente a uma realidade que, concretamente, tem sido mais ameaçadora e insegura (Ungar, 2004). No entanto, convém pensar se a família contemporânea tem conseguido proteger seus membros das diferentes formas de violência que incidem contra suas subjetividades, incluindo as

formas indiretas, via meios de comunicação (Almeida, 2009). Assim, é importante destacar que até mesmo os espaços familiares têm revelado dificuldades para oferecer um *holding* (Winnicott, 1993/2005a) adequado que proteja os filhos, possibilitando o desenvolvimento de recursos que garantam a realização de suas escolhas.

Em outro núcleo familiar, remetendo-se, mais explicitamente do que Helena e Mauro, à “perda de controle” sobre os filhos, a participante Dora contou sobre suas percepções quanto ao processo da separação emocional de Melina. A mãe verbalizou com sinceridade o desejo de manter-se “grudada” à filha, como ocorria na infância.

(...) acho que ela... os filhos em geral, chega uma hora que você não comanda mais do jeito que você quer. Até, às vezes, eu brinco “Gente, era tão bom quando era pequenininho, né? Que onde eu tava, tava grudado comigo... fazia aquilo que a gente... a gente não tinha tanta preocupação”. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Dora sugeriu que ainda não havia enfrentado a ideia de um dia não ter mais os filhos juntos de si. No entanto, observava-se que, em sua história, fazia projeções e pensava nas possibilidades de separação, inclusive em relação ao filho mais jovem.

É uma coisa dolorosa. (...) como eu ainda tenho [o caçula] aqui e ela também tá aqui todo final de semana, ainda não caiu minha ficha de que uma hora, vou ficar sozinha. Porque acho que essa separação, essa coisa dos filhos irem embora, é muito difícil [fala emocionada], principalmente quando a gente é separada porque a gente se apega mais ainda nos filhos (...) então, além da gente se apegar, toda mãe já tem esse apego. E além disso, é muito difícil a gente se sentir sozinha (...). Eu penso “Gente, a hora que tiver os dois fora, como é que vai ser?”. Eu acho que eu vou me sentir mais sozinha ainda. Eu já me sinto. (...) talvez eu não esteja sentindo tanto pelo fato de ter muito contato com ela, qualquer hora a gente se fala no telefone, que no sábado ela está aqui (...) agora, se ela for, por exemplo, morar em um lugar onde ela não possa vir todo final de semana, acho que vai ser muito mais difícil, porque essa separação é muito dolorosa. É bem dolorosa. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Conforme construía sua história, Dora se aproximou da ideia de que talvez Melina não voltasse a morar com a família ao término da graduação, em virtude da necessidade que foi se desenvolvendo de ter o seu próprio espaço.

(...) e, sinceramente, não sei se ela volta para casa, porque ela tem essa intenção de continuar, de se empenhar nessa parte de estudos, (...) ela já falou inclusive “Ai mãe, será que vai ter espaço para mim aqui de novo?”. Porque ela já acostumou com a vida dela, de ter a casa dela, de comandar. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Apesar de ensaiar reflexões sobre as experiências de separação, Dora, entretanto, ainda associava a necessidade de Melina de ter o “seu lugar” à incompatibilidade de a filha continuar morando com os avós.

(...) aqui, na verdade, não é bem a “nossa casa”, é a casa dos meus pais. A gente veio para cá. Eu não comando a casa, quem comanda é a minha mãe. (...) e isso é uma coisa que me preocupa porque eu falo “Já pensou se ela quiser voltar para [cidade de origem] e não quiser ficar aqui?”. Vai ser horrível para mim. Aí ela fala “Não, a gente vai morar em outro lugar”. Mas é meio complicado sair daqui também, então não sei. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

No vai e vem de seus pensamentos, a mãe voltou a se aproximar da possibilidade da jovem seguir um caminho próprio, considerando que já se mostrava capaz de gerir sua vida com responsabilidade. Interessante notar que retomou a ideia de separação e independência emocional ao comparar a sua trajetória de vida com a da filha.

É...[fala pensativa] acho que para ela vai ser difícil sim, eu sei porque para mim também foi... quando eu tive que deixar meu apartamento para voltar a morar com meus pais, ainda mais depois que você já casou, teve filhos. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Em relação ao momento de vida de Dora, o que se observava era que permanecia muito dividida em seus sentimentos: estar com os pais, sobretudo por estarem envelhecendo e possivelmente precisando de auxílio, e estar mais próxima da filha. Autores que estudaram os ciclos vitais familiares, entre eles Carbone e Coelho (1997/2009), apontam que, em muitos casos, este período no qual os filhos saem de casa pode coincidir com o momento em que seus pais estão se deparando com a necessidade de incluírem e lidarem com as limitações (e até morte) de seus próprios pais, ajudando-os em atividades e situações em que, até então, eles eram autônomos. Esta questão também foi apontada por Beatriz, que optou por se dedicar aos cuidados de seus pais e dividir com o marido o acompanhamento da filha.

Retomando a história de Dora, identificou-se que a mãe vinha conseguindo confiar que Melina estava se desenvolvendo e assumindo os desafios de sua vida. Suas reflexões sobre a vivência de separação emocional da filha possibilitaram-lhe importantes associações acerca de sua própria experiência de separação em relação a seus pais.

(...) eu acho que o que mais me deu segurança foi a garra dela. Porque eu acho que se ela não tivesse sido tão firme, acho que eu teria ficado pior. Tanto é que nos primeiros seis meses, eu sofri muito em função disso e quando eu vi que ela tava bem, que ela tava se virando...isso foi muito bom. (...) ver o tanto que ela tava feliz de ter essa independência (...) acho que se eu tivesse passado por isso também, talvez muita coisa teria sido diferente na minha vida, pois eu sempre fui muito dependente dos meus pais. (...) essa questão da dependência minha com meus pais, do apego, eu sei que isso atrapalhou a minha vida, entendeu? E atrapalha até hoje. (...) O fato de eu não sair daqui, não é só a questão financeira, é questão de não querer desligar também, eu sei. Principalmente agora, que eles me acolheram no momento em que eu mais precisei, como que eu vou deixar agora? (...) E é bem isso mesmo, eu tenho essa dificuldade de me desligar. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Ainda sobre a literatura que analisa os ciclos de vida familiares, autores apontam a evidência de relações entre o modo como se processa a separação emocional dos filhos e como os pais também se separaram emocionalmente da geração anterior (Carbone & Coelho, 1997/2009). Assim, neste momento podem ser reatualizadas ambiguidades ainda não elaboradas de seu próprio processo de separação em relação aos pais, podendo implicar na vivência de dupla resolução nesta fase da vida. Uma análise possível é que Dora estaria vivenciando este duplo processo. Ademais, é conveniente considerar que seu divórcio e o fato de não contar com o apoio do pai de Melina, ou mesmo com um novo companheiro, fossem aspectos que poderiam contribuir para tornar mais trabalhoso o processo de elaboração da separação emocional da filha (Brown, 1995/2008). Pondera-se, entretanto, que o desenvolvimento emocional de Melina e sua progressiva independência em relação à mãe estariam permitindo a Dora importantes questionamentos sobre sua trajetória de vida e sobre seus papéis, de mãe e de filha.

(...) eu acho que para Melina foi muito bom porque talvez se ela tivesse ficado aqui junto, talvez seria da mesma forma e é importante a gente ter....a individualidade da gente. Eu não tenho coragem para ir, deixá-los [os pais]...eu deixo de fazer muita coisa porque acho que eles vão ficar preocupados. E isso acaba sendo ruim para mim. Então acho que foi bom ela estar vivendo uma experiência que eu não vivi e eu estou vendo o quanto é importante. É bom para pessoa, pro crescimento...pro amadurecimento. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Sobre a situação de Raquel, ao narrar como percebia a separação emocional do filho, revelou o quanto era penoso esse processo. Contou sobre os sentimentos de perda diante do progressivo distanciamento de Bruno e como se esforçava para compreender que esta situação fazia parte de uma relação saudável.

Às vezes, ligo para ele e ele fala “Mãe, não posso conversar agora, to estudando. Então, acho que você começa a se distanciar. A partir do momento que o filho sai de casa, e você não tem mais que cuidar, de fazer tudo aquilo que você fazia. Aí, com o tempo, vai ficando difícil até a conversa, por falta de tempo. Então você vai distanciando sim. E isso vai dando uma coisa tão estranha, sabe? [Emociona-se]. Um sentimento de que você está perdendo, e não é só o controle da situação, é aquela convivência gostosa do dia a dia. Então, eu percebo que a cada dia que passa, fica mais complicado porque a vida dos filhos vai mudando, eles vão acrescentando outras pessoas, vai sobrando cada vez menos tempo, e então a convivência vai diminuindo, diminuindo. É uma sensação estranha porque você tem o seu filho mas, ao mesmo tempo, o seu filho está longe de você. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Diante da dificuldade da situação, houve momentos em que Raquel se questionou se acertara ao instigar o filho a construir um percurso profissional próprio. Embora viessem à tona tais inquietações acerca de suas atuações como mãe, Raquel também reconhecia os “saldos” frente à relação estabelecida com o filho.

(...) não sei o que é melhor, sabe? Se aquelas pessoas que seguram o filho em casa, fica e fica ou quem faz como eu, que vai e solta. Porque é uma sensação muito ruim, mas por um lado, é uma sensação boa também, pelo seguinte: você vê que seu filho amadureceu, cresceu, tá se virando sozinho, tá rumando para independência, você entendeu? [Sorri, emocionada]. Ele fala “Poxa, consegui uma bolsa de Iniciação, to ganhando, to contente!”. Você fala “Puxa, que maravilha! Tá dando certo, tá fluindo”. [Raquel, 56 anos, assistente social]

À medida que se sentia mais à vontade na entrevista, Raquel foi se expressando mais livremente sobre os sentimentos despertados frente ao distanciamento físico do filho e o processo da separação subjetiva.

Por outro lado, você fala “Puxa vida, mas convivo tão pouco com meu filho”. (...) quando é um lugar mais perto, você vai até lá. Mas mesmo indo lá, ele não tem tempo. Tem semana que ele tem prova que tem que estudar (...). Então, eu acho que por um lado, eu fico feliz de saber que deu certo mas, por outro, fico triste também por saber que a gente tá longe, que cada vez mais a gente fica menos tempo junto. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Fazendo uma espécie de síntese na história que vinha contando, Raquel procurou conciliar sentimentos e pensamentos ambivalentes ao refletir sobre a importância de acompanhar o desenvolvimento do filho e de lidar com os conflitos pertinentes ao medo da solidão e do envelhecimento.

Mas enfim, eu acho que a vida é isso. Não adianta você segurar seu filho junto de você e ele ficar uma pessoa eternamente sua dependente, tanto financeiramente, quanto emocionalmente com tudo...acho que não vale a pena. Acho que eu tenho que me estruturar assim, para eu fazer outras coisas. É isso que tenho que fazer. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Identifica-se que Raquel manifestava condições para pensar sobre a relação com o filho e sobre a necessidade de redirecionar o foco de sua atenção para outros papéis e domínios de sua vida. McGoldrick (1995/2008) analisa que, diante das transformações da condição feminina e dos modelos familiares, há mulheres que conseguem elaborar a situação do “ninho vazio” e se lançarem em explorações de novos cenários de atuação. Considera-se, de acordo com a perspectiva winnicottiana, que a condição desenvolvida associada à capacidade para se separar emocionalmente das figuras parentais, conseguir “ficar só” e se lançar criativamente no mundo, denota sinal de amadurecimento emocional, que traz em seu bojo a introjeção de um bom ego auxiliar materno. Para Winnicott (1983/2008c), a *capacidade para ficar só* está diretamente relacionada à introjeção de um ambiente suficientemente bom que passa a se constituir como parte da personalidade do indivíduo. Isso lhe permite ficar só, e integrado, na ausência concreta do objeto, no caso, dos familiares significativos.

No que se refere à participante Beatriz, à medida que a entrevista avançou, a mãe também se expressou mais abertamente sobre a separação emocional da filha e sobre os sentimentos despertados. Percebe-se que associa o termo “separação” à “transformação”.

É... existe uma separação porque vai tendo uma transformação. É....eu não vou falar para você que está sendo fácil. Às vezes, a gente entra em conflito. Então, por exemplo, já aconteceu da Renata ficar sem ligar muito tempo, sabe? Você tem vontade de falar assim “Ô, você esqueceu de mim, você esqueceu que você tem mãe?” [Fala emocionada, mas rindo]. Sabe? A gente sente, né? [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Observava-se claramente sua disposição para deixar a filha “vir a ser”, embora estivessem presentes sentimentos opostos de manter a filha sob tutela. Mostrou com delicadeza o esforço frente à polaridade de seus sentimentos.

Assim não é fácil, você tem que ter uma...disposição mesmo de querer...ver o seu filho bem. Você tem que pôr o crescimento do seu filho acima das...dos teus desejos, dos teus caprichos...você entendeu? Você tem que passar por cima e ... se você começar a pensar no seu sentimento, você vai querer ter o filho bebê no teu colo a vida inteira, entendeu? Até hoje, por exemplo, quando a Renata deita no meu colo e eu posso passar a mão na cabeça dela...para mim assim ... aquilo é o máximo Fabiana. [Fala muito emocionada]. Mas eu vou ficar segurando a vida dela? Não posso! Mas... não é fácil. [Beatriz, 51 anos, cirurgiã-dentista]

Beatriz, na construção de sua história de relação com a filha, resgatou elementos que lhe possibilitaram confiar que tais transformações, a despeito de tantos conflitos, tornavam possível o caminho do desenvolvimento emocional.

(...) mas ao mesmo tempo, é uma transformação e... eu tava aqui pensando...conforme ela vem e traz coisas novas, eu sinto que já é uma pessoa adulta, sabe? Que é minha amiga e que... também é outro presente. E assim não sei até que ponto a gente participa ou não, não tenho essa...No fundo, você não sabe se tá acertando (...) se você tem participação nesse crescimento. Não sei medir até que ponto é minha atuação, é atuação do meu marido. [Fica pensativa]. E ... assim, mas é como eu te falei. De todo jeito é muito bom. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Ao aproveitar a situação para construir sentidos para suas experiências, Beatriz ampliou sua reflexão abordando sobre a dificuldade dos pais para se separarem dos filhos, mantendo-os dependentes. Sua comunicação, porém, não perdeu o foco de suas próprias vivências.

(...) vejo que tem pais que tem muita dificuldade de deixar eles irem e vejo que eles perdem muito, sabe? Por isso, porque quando vem o retorno é muito legal. [Sorri]. É a gente tem que se prepa...e eu, pelo menos, tento saber, me preparar assim que... a separação física ainda pode aumentar muito mais se, de repente, ela presta concurso e vai trabalhar no Mato Grosso? Não é? Se você amarra muito, você vai amarrando, amarrando e vai prendendo, né? Não solta muito e como que a pessoa vai crescer e....então, é isso mesmo. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Apresentando a situação da participante Cássia, embora a mãe continuasse morando com o filho, a mesma contou como tem vivenciado a ideia do distanciamento de Flávio, quando este sair de casa. Revelou que percebia e sentia de modo diferente quando se comparava à época em que participou do Grupo de Orientação de Pais.

Se ele for para [cita um país], eu sei que ele vai voltar! Eu sei que vai de alguma forma voltar. E aí, eu já não to sentindo mais...aquela...coisa assim [coloca a mão no peito]. Não. Ele vai viver a vida dele. Mas não vai deixar de estar comigo [fala emocionada]. Mas só agora eu tenho esta certeza, só agora entendi isso Fabiana. Mas há quatro anos atrás? De jeito nenhum. De jeito nenhum! [Enfatiza]. Só de imaginar aquilo, eu arrepiava, principalmente porque tinha um monte de pai lá que dizia assim “Porque o meu vai fazer não sei o quê, não sei aonde, em tal faculdade”. E eu falava “Pai de Deus, o quê que eu faço? Não vou sobreviver, se eu não puder ver a carinha dele”. (...) eu tinha que ver a cama ocupada. Às, vezes, o Flávio vinha com aquela história de república, e eu não queria nem ouvir falar! (...). Me embrulhava o estômago. E como eu tinha condições na época de arcar com as despesas, eu falava “Não compensa você pagar um apartamento pro filho ficar lá, por que não paga a faculdade e ele fica aqui?”. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Cássia se referiu à dificuldade para estar só na ausência dos filhos e, assim, mais à vontade, reconheceu que na época do grupo preferia arcar com os gastos da faculdade a fim de postergar a separação física do filho. Nesse momento da entrevista, identificou-se que se preocupou com a “confissão” de não ter incentivado o filho, assim “se defendeu”:

Eu acho o seguinte: o aluno faz a escola! Você tá me entendendo? Você tá na [cita várias universidades públicas de prestígio], qual que seja, se você não levar a sério, se não tiver simpatia pela carreira que escolheu, não adianta o diploma! Você vai tá graduado, mas não é aquilo. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Destaca-se o trecho em que mostrou confiar no espaço de interação com a pesquisadora para retornar ao tema proposto naquele momento da entrevista. Foi possível identificar Cássia reconhecendo sentimentos e transformações que vivenciou desde a época do grupo de pais, há quatro anos. A seguir, sua narrativa sugere o quanto vivências tão dramáticas podem ter favorecido o amadurecimento de mãe e filho.

Mas, hoje, se o Flávio fosse fazer um curso ou o irmão, eu tenho certeza que eles iam fazer com mais confiança. E você vê que passa quatro anos, e como faz diferença! {Não é só o tempo, mas tudo o que viveram nesses quatro anos, né?}. Pois é Fabiana! Vivemos muita coisa. {Mas naquela época, no grupo de pais, dava muita angústia pensar em se separar dele}. Sim, é verdade. [Se emociona]. Então você se lembra! Hoje, eu tenho uma confiança maior de que ele vai poder ir sozinho e que eu vou ficar aqui torcendo por ele. E vou ficar firme...e isso é o lado positivo e aí, tinha que ter muitos grupos de pais...e cada um em uma fase da vida! [Ri, emocionada]. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Ao verbalizar sobre a separação emocional, falou sobre o crescimento do filho, revelando a esperança de que este construísse projetos de carreira profissional e de família, alicerçados no que pôde lhe proporcionar ao longo de seu desenvolvimento.

(...) a minha expectativa de mãe é que ele seja feliz, que consiga alcançar realmente o que quer. Eu to assim! Falei para ele “Flávio, você vai estar lutando, eu posso não estar lá, mas eu vou estar louca para saber se você ganhou...porque de vez em quando ele ganha e mesmo que venha com um nariz quebrado! [Ri, emocionada]. E assim, o que vai aumentar a minha felicidade vai ser quando ele conseguir passar por isso tudo. Então, seus descendentes vão ver que isso valeu. Quer dizer, eu acredito que os meus netos, um dia eu devo ter sim, eles vão ser mais seguros ainda, você tá me entendendo? [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Novamente sua comunicação trouxe a preocupação de não reproduzir condutas da geração anterior, mas desta vez comparou sua geração com a dos filhos. Ao salientar a importância da aprendizagem diante das experiências emocionais, Cássia referiu-se novamente ao grupo de pais.

Eu não quero cometer os mesmos erros que eu acho que meus pais cometeram comigo, que eu acho que eles erram. Só que eles erraram porque não sabiam. Eu aprendi isso Fabiana, porque hoje eu sou mãe, porque se eu não tivesse sido, eu continuaria pensando assim... e eles também vão fazer da mesma forma. Fazer coisas que nós pais não acertamos com eles e assim por diante vai melhorando. Tem que ir para frente. Tem que evoluir! Então, você vai dizer pro pessoal lá que tem que fazer sempre o grupo de pais, que foi tudo de bom mesmo! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Remetendo-se à situação de Alice, ao falar sobre os sentidos que atribuía à experiência da separação emocional, vieram à tona lembranças de situações da infância da filha Paula, relacionadas a sentimentos de muita insegurança e angústia. Aqui, ficou mais claro que a ideia de um “casamento” para a filha também estava associada, para Alice, a um contexto de independência, mas também de proteção.

(...) quero tanto que ela case! Eu quero que ela case porque a Paula nunca foi assim...Ela foi a menos independente delas. Mas é que ela tinha medo. Ela teve uns problemas de pânico na infância, entendeu? [Alice, 59 anos, massagista]

Considerando os sentidos que foi construindo ao longo do desenvolvimento de Paula durante sua infância e adolescência, Alice foi revelando mais explicitamente as expectativas de que Paula constituísse uma família que lhe proporcionasse confiança e sustentação emocional.

(...) ela não me dava muita preocupação porque as outras iam para lá e ela tava sempre perto de mim. Aí, foi distanciando, distanciando...ela foi ficando independente. (...) Então, ela tá tão mais solta que a gente começa a lembrar dessas coisas e ela ri. (...) e com essa “soltura”

dela, eu quero mais é que ela viva a vida dela! Que ela case, entendeu? Que tenha filhos, já tá até falando em filhos...e ela falava que não queria ter filhos, entendeu? Então, eu quero muito! [Alice, 59 anos, massagista]

Diferentemente das outras mães apresentadas, pensar sobre o desenvolvimento de Paula a caminho da adultez fez Alice reconhecer que também esperava ficar apenas com o marido em casa. Por outro lado, estava presente em sua história a dependência emocional da filha mais velha (irmã de Paula).

(...) espero um dia que fique só eu e meu marido, mas acho que vai demorar um pouco porque a minha mais velha vai ser a última a sair de casa. Ela foi “filha única” dez anos. Adora as irmãs, mas...Ela abriu um salão aqui e voltou de [cita cidade onde morava com o marido]. (...) Trabalha, trabalha, entendeu? Mas ela não vai sair tão cedo da minha casa [Ri]. E ela é assim, toma café e a xícara fica, nem o marido conseguiu tirar isso dela. Então, você acha que ela vai querer ter uma casa? Com um pai que faz tudo? Eu to rezando para ela seguir a vida dela. (...). Até falei “Vai ficar grande a minha casa quando saírem daqui, mas o dia que vocês vierem almoçar, eu vou viajar!” [Dá uma gargalhada]. Eu falo isso e elas ficam loucas! E falo “Não vou me prender a vocês não! Eu já fiz muito”. [Alice, 59 anos, massagista]

Identificava-se que Alice, por vivenciar o prolongamento da convivência familiar, apresentava expectativas de que as filhas se tornassem independentes emocionalmente e seguissem suas próprias trajetórias. Sugeriria, assim, que gostaria de experimentar com o marido uma situação de maior privacidade e de novos investimentos emocionais.

Também mostrando os sentidos que atribuía à experiência da separação emocional, Rosa retomou acerca da importância dos filhos se tornarem independentes. Esta postura parece se relacionar diretamente com o modo como vivenciou suas experiências com a família de origem e com sua realidade psicossocial. Especificamente sobre a situação da saída de casa por Patrícia, entretanto, foi possível reconhecer que esta questão era muito complexa e delicada, como foi identificado em suas comunicações, sobretudo nas não verbais.

[Recomeça a tossir muito]. É... eu ainda to...[respira fundo]... é ...cada hora é uma situação nova, né? E a gente vai dançando conforme a música, tentando se adaptar. É assim ó.... o meu objetivo enquanto mãe era realmente criar filhos independentes porque assim eu não... eu não gosto... eu tenho em casa filhos dependentes e filhos independentes. Então, eu vejo que eu me identifico mais com aqueles que são independentes. Eu não gosto muito de lidar com gente dependente. Que.... eu acho que a pessoa dependente suga muito da gente. Ela exige muito da gente. Então assim, o meu objetivo era este mesmo: “criar filhos independentes”. Então... assim, no fundo, não é fácil, né? [Rosa, 41 anos, professora]

No aprofundamento dessa questão, Rosa revelou que sentiu muito a saída repentina da filha, isto porque sua saída não se relacionava com um processo de aquisição da independência mas aos conflitos familiares associados à vida conjugal de Rosa.

Então, nesse tempo que eu queria que ela fosse independente, eu lembro que às vezes, eu falava para ela que ela... que ela ia... teve alguns momentos que eu lembro da gente planejando dela sair de casa, para ir morar sozinha, alugando um apartamento. Às vezes até morar com uma amiga que ela falava. Era tranquilo enquanto eu falava isso, mas...[ri, mas noto que está emocionada], depois, eu descobri que não era bem assim, que na verdade... que nem eu falei aqui agora mesmo. Na verdade, eu achava que ela tinha que sair de casa depois que ela casasse. Então, não sei...ficou meio essa ambiguidade aí...que eu ainda to tentando entender o que que aconteceu. Mas assim, não que... Na hora que acontece, não é fácil você aceitar. É uma situação difícil, você tem que aprender a conviver com tudo isso e sofre, né? Ambos os lados sofrem com a separação. [Rosa, 41 anos, professora]

Um ângulo possível de interpretação para o que Rosa expressou seria pensar que seu sofrimento se referia não só à separação emocional da filha mas à incompatibilidade de convivência entre a filha e o padrasto. No entanto, Rosa mostrou que, com o tempo, embora a separação tenha sido sentida como “*rompimento*”, o vínculo entre mãe e filha não havia “se quebrado”. Assim, havia a esperança de que pudessem encontrar novos modos de se relacionar.

Mas depois cada um vai construindo sua estrada, novos jeitos de se relacionar com a família, com quem tá longe. Muda né? Muda bastante. Tem as coisas boas, tem as ruins também. Às vezes, eu sinto muita saudade dela em casa, os irmãos também. Porque essa vida corrida não dá para estar sempre junto e então tem hora que eu preciso largar tudo e ir ficar com ela porque a saudade aperta [a voz fica rouca]. [Rosa, 41 anos, professora]

Identificou-se que Rosa foi ficando mais à vontade para expressar seus sentimentos. Em tom de tristeza, contou como fazia para criar situações de encontro a fim de aplacar a saudade da filha e ressignificar tais experiências.

(...) ela quase não vem muito em casa. Porque como ela ficou muito magoada com meu marido, ela não ia em casa. Era eu quem ia lá. Hoje, ela vem, mas é muito pouco. Ela não passa tempo com a gente não...apesar da gente estar sempre convidando. Ela não costuma fazer isso, mas eu procuro estar sempre indo. Às vezes, eu compro alguma coisinha que eu sei que ela gosta e levo. Eu procuro estar indo pelo menos uma vez na semana para ficar o dia lá com ela. Tem dia que eu saio da escola e dá aquela saudade assim. [Põe a mão no peito, os olhos ficam marejados]. Aí, passo num lugar, compro um negócio e levo para gente comer juntas. Aí, tem dia que vou com as crianças, um sábado, um fim de semana que tá mais tranquilo (...) e a gente passa o dia lá. Tinha vezes, quando... logo que ela saiu de casa, que eu ia até lá no serviço dela ir ver ela. Ver como ela tava. Eu tinha que estar perto, eu tinha que estar vendo... eu tinha que estar sinalizando que não interessava o que tinha acontecido, eu tava ali. Então, eu procuro estar sempre junto. [Rosa, 41 anos, professora]

Em sua história, Rosa buscava o que pôde aprender com estas vivências que marcaram tão profundamente a relação com a filha.

(...) hoje em dia, a gente não tem aquelas brigas de mãe e filho, né? Ela briga com minha mãe agora, porque mora no fundo da casa dela [ri]. A gente tá mais amiga, mas... sei lá... eu

preferia que tivesse em casa... eu acho. {É Rosa?}. Hum, hum [sorri, mas noto a emoção que tenta conter]. Eu preferia ter pulado essa parte! [Fala, tentando desconstrair. Rimos]. Tem aquele ditado que fala que depois que você perde, que você dá valor, né? Então, sei lá... esse lado aí tem de bom, eu acho que ela se relaciona melhor com os irmãos e comigo. Acho que nessa parte aí, tá bem melhor. Aí, dá para sentir saudade, dá para medir o quanto você gosta da pessoa, porque quando você tá ali na correria do dia a dia, você não dá muito valor para essas coisas. [Rosa, 41 anos, professora]

Reflete-se que também na situação da entrevista Rosa preferia ter “*pulado essa parte*”, entretanto, também mostrava que ao pensar e falar, podia construir novos significados para a relação com a filha.

O que se pode identificar, de modo geral, foi que os participantes vivenciavam de modos muito particulares as experiências relacionadas à separação emocional dos filhos. Havia sinais de que para as mães exclusivamente dedicadas ao lar (Helena e Cássia) essa questão ganhava muita relevância em suas vidas. De modo geral, os pais que se dividiam entre outros investimentos equacionavam seus sentimentos entre outras situações também significativas, seja em seus trabalhos (Mauro, Dora, Raquel, Beatriz e Alice), seja nos cuidados com os próprios pais (Dora e Beatriz) ou outros membros da família (Alice e Rosa). Para estes, a separação emocional dos filhos era uma experiência trabalhosa que exigia elaboração, porém encarada como parte do desenvolvimento e das trajetórias familiares. Assim, mostraram que, de algum modo, valorizavam e contribuía para a progressiva independência emocional dos jovens, ainda que sofressem diante de sua ausência no cotidiano familiar. Mesmo no caso de Rosa, identificou-se que sua dor estava mais relacionada com a separação da filha, ocasionada pela saída frente aos conflitos familiares, do que propriamente pela questão da separação emocional. Destaca-se, inclusive, que Rosa incentivava a independência emocional de Patrícia.

A seguir, discorrem-se sobre os sentidos que os pais atribuíram às vivências no Grupo de Orientação de Pais, após quatro anos, na situação da entrevista.

2.3 O sentido atribuído ao Grupo de Orientação de Pais: quatro anos depois

Ao longo das narrativas, os pais indiretamente, e em algumas passagens diretamente, remeteram-se às experiências do Grupo de Orientação de Pais. No entanto, no final da entrevista, sem que esta fosse uma questão elencada no roteiro, ofereceu-se aos participantes a possibilidade de se expressarem sobre o grupo, caso desejassem. Isto porque esta demanda havia sido identificada já nos contatos telefônicos, quando se manifestaram sobre experiências

das sessões grupais. Helena foi uma das participantes que já durante a ligação telefônica relembrou situações do grupo. Na história que foi construindo na entrevista, demonstrou que aquela experiência lhe possibilitara reflexões sobre os investimentos que realizou em sua trajetória, em relação aos papéis de mãe, esposa e dona de casa.

O grupo de pais foi muito bom para mim, muito, muito bom, Fabiana! Porque lá eu vi que a vida que eu levo... porque, às vezes, a gente quando não tem uma profissão, a gente se cobra “O que eu sou? Eu sou mãe só? Sou doméstica e só”. E você não é valorizada de jeito nenhum, né? Aí lá, eu via atitudes dos filhos das mulheres que trabalham. Às vezes, elas se cobrando do tempo que não tinham. Eu tenho uma cunhada que leciona desde quando os meninos eram pequeninhos. (...) Ela falava “Minha geladeira é cheia de bilhete escrito para eles”. Então é coisa que não tem como você deixar um bilhete, você tem que estar ali, né? É a presença física, né? E lá, eu falava “Meu Deus, como que eu sou indispensável!”. Eu vim me sentindo tão importante [ri]. Eu vim me sentindo importante! [Enfatiza emocionada]. Eu sou uma mãe importante, olha só! [Helena, 44 anos, dona de casa]

Helena também explicitou o que pensava acerca de diferenças que identificava na qualidade do vínculo com os filhos, entre as mães que investiam na vida doméstica e aquelas que se dividiam entre vida familiar e profissional. Mas, no avanço de sua narrativa, também apontou as semelhanças entre essas mães. Interessante observar que, para Helena, a “mãe da cidade grande” deveria estar mais apta a lidar com os sentimentos despertados frente à separação dos filhos.

E esse medo que elas têm, igual algumas delas falou no grupo de pais, que ia pedir para os filhos não irem embora agora, que a hora que fosse uma pós-graduação, aí era a hora deles sair. Aí eu falei “Medo elas têm também, como eu!”. Apesar delas estarem em uma cidade maior. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Sintetizando suas experiências, destacou o que identificou de comum entre os pais participantes, valorizando a possibilidade de compartilharem histórias e sentimentos que permeavam aquele período que todos estavam vivenciando com seus filhos.

(...) foi muito, muito bom mesmo, e só o fato da gente tá reunido ali, para falar de coisas boas para os filhos da gente né? Do futuro. Não tinha ninguém reunido ali para falar “nossa, meu filho tá se drogando, ou meu filho tá dando tanto trabalho com bebida”. Então, todas nós com o mesmo drama, né? Que era “o que que a gente pode passar de bom pros filhos da gente?”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Ao comparar com o que seriam, em sua perspectiva, “tragédias” familiares, valorizou que os “dramas” que vivenciavam faziam parte dos processos das trajetórias familiares. A seguir, destaca-se o momento em que confessou o quanto esperou que o grupo de pais lhe proporcionasse “soluções prontas” que aliviassem suas angústias como mãe.

E eu também fui pensando assim no começo “A psicóloga vai me falar como que é!!!” [Risos] {A receita do que fazer?}. Isso!!! Aí eu vi que eu tinha que descobrir ali, que era a oportunidade de eu estar usufruindo o máximo do que você poderia passar para a gente. Porque no fundo, eu é que tinha que resolver ali aquele problema, aquele drama, era eu e o Mauro. Teve umas duas vezes que a gente não pode ir e eu falei “Nossa...”. Eu fiquei muito chateada. Eu ficava “Mauro, mas não tem como mesmo?”. E ele “Não Helena, não tem como ir mesmo”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Em seu retrospecto, Helena contou que as vivências no grupo lhe permitiram ampliar suas percepções e, a partir disso, compartilhar suas experiências em outros contextos e em outras relações.

(...) eu sou catequista, então eu podia trazer coisas boas para os filhos dos meus... pros pais dos meus catequizandos. (...). Aí comentava com elas que eu tava participando do grupo, que era para orientar os filhos... que era muito difícil quando o filho tá saindo de casa, que eles têm que ter maturidade porque a hora que eles estão longe dos olhos da gente, você tem que ter o coração mais calmo, porque senão você pira, você enlouquece. Porque é complicado! [Fala emocionada]. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Ao retomar aquela experiência, Helena analisou que a situação de estar em um grupo com o marido também repercutiu na relação do casal na época, permitindo-lhes uma aproximação fora da rotina do espaço doméstico.

(...) também era uma oportunidade de eu e o Mauro estar saindo junto, né? Porque a gente saía e chegava lá e ia jantar, era uma oportunidade da gente estar conversando (...). Foi muito bom. Às vezes os filhos têm um dom de aproximar e, às vezes, o dom de afastar os pais (...). A gente vinha conversando do grupo “Você viu aquela mãe, aquele pai?”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Nesse momento, pensando na relação com o marido, Helena lembrou seus diálogos e reflexões após às sessões do grupo, nas viagens de volta para a cidade de origem. A situação lhes permitia rever posturas e expectativas junto ao filho, mas também possibilidades de encontro para o casal.

(...) o Mauro “O que que você achou daquilo que ela falou? Aquela dentista que falou que tinha medo de estar forçando a barra para filha ser dentista porque a filha já ia pegar o caminho aberto, lembra? E não é porque ela ia pegar o caminho aberto pois se não era aquilo que ela queria”. Então hoje, eu penso, quantas coisas que eu projeto nele? Às vezes, eu me seguro e falo “Não é porque eu não vivi isso que eu vou cobrar dele, né?”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

Helena também se referiu à satisfação de dividir as descobertas no grupo de pais com o filho. Do mesmo modo, Maurinho compartilhava com a mãe sobre seu percurso no grupo de Orientação Profissional com outros adolescentes. O trecho de sua narrativa, a seguir, em que

descreve a conversa com o filho, se relaciona diretamente com uma das finalidades do grupo de pais na época, ou seja, o favorecimento do diálogo entre pais e filhos acerca do momento que o grupo familiar vivenciava (Almeida, 2009).

(...) às vezes é uma forma da gente gostar da própria vida, né? {Em que sentido?}. Ah, tem coisa na vida que você tá tão feliz e não valoriza, né? (...) Então, nossa, foi muito bom para mim Fabiana, muito bom. E depois, eu chegava e ligava para ele “hoje aconteceu isso lá e tal” [ri] {Dividia com ele?}. Dividia e ele perguntava “Mãe, como é que foi o grupo lá?”. E eu “E, você lá?”, aí ele contava “Ah, mãe, eles mostraram que a gente tem que estar em contato, conhecer mais da profissão porque a gente tá escolhendo algo muito sério e que temos essa oportunidade de escolher”. [Helena, 44 anos, dona de casa]

O marido, Mauro, também se expressou sobre a vivência no grupo, mostrando que a experiência de troca com outras famílias o fez repensar sua postura com o filho, na fase de estudos e de maratona de vestibulares. Sua retrospectiva revelou que se aproximou da situação de Maurinho, posicionando-se de modo mais apoiador naquele momento.

Foi bom, para mim e para Helena. Foi uma experiência nova porque a gente nunca tinha participado. Lá, a gente conheceu tantas outras ideias de pais. Tantas outras opiniões, tanto é que quando eu tava indo lá, e pensei bem e falei para ele, depois desses muitos vestibulares que ele fez, eu falei para ele: “Você fez esses vestibulares, mas se acontecer de não passar, não desespera não, faz o ano que vem, se for preciso faz o outro”. Porque ele se cobrava, né? Às vezes tem aluno que fica.... Faz um vestibular não passa, faz outro não passa e vai virando aquela coisa, não sei que nome dar para isso, é “trauma” né? (...). Então falando isso a gente tira o peso e se porventura tiver que fazer no ano seguinte vestibular, não vai fazer com aquele... peso, aquela cobrança interna, que isso prejudica né? [Mauro, 51 anos, agricultor]

Contando sobre outras repercussões, Dora se referiu aos efeitos do grupo de pais nas reflexões que pôde fazer a respeito da sua escolha de carreira. Ao recordar as discussões nas sessões grupais, mostrou ter repensado sobre a trajetória que vinha construindo e até sobre o quanto projetava seus receios, dilemas e preocupações na situação vivida pela filha na época.

(...) para mim foi muito bom, sabe? Foi bom para mim mesmo porque ali, naquela fase eu tava ainda trabalhando no que me formei e eu vi que era uma preocupação muito grande isso... com relação aos meus filhos, porque eu acho que eu fiz a escolha errada. E eu não queria que eles passassem pela mesma situação. Eu fiz Serviço Social e naquela época eu ainda trabalhava na profissão, e eu tinha muito medo de mudar porque me passava uma sensação de fracasso. E uma coisa que me marcou muito no grupo de pais foi que ali, eu vi o tanto de pessoas que tinha uma formação e que trabalhava em outra área. Foi ali, conversando, que me despertou que não era o fim do mundo eu querer mudar de profissão, porque eu não tava feliz. Mas eu achava que era o “fim do mundo”, um fracasso. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Dora apontou que as experiências profissionais expressas por outros pais no grupo permitiram-lhe construir um significado menos negativo e mais flexível sobre a revisão de sua

trajetória. A visão de que “mudar de profissão” significava “fracassar” alimentava suas preocupações frente às indecisões profissionais da filha. No entanto, em 2008, Dora empreendeu um redirecionamento em sua carreira, ao investir na formação profissional relacionada ao setor imobiliário.

Ali, no grupo, que eu descobri que não era nenhum problema eu querer fazer isso. (...) E coincidentemente o grupo foi em 2007, e em 2008 eu saí da profissão. Falo “coincidentemente” porque não foi uma opção, eu fui mandada embora do trabalho. E eu fiquei sem chão, né? Eu acho que se eu não tivesse passado por aquilo ali [grupo de pais], talvez teria sido mais difícil para mim. E a partir daquele momento, eu falei “Eu tenho certeza que, como assistente social, eu não vou trabalhar mais. Não sei o que eu vou fazer, mas como assistente social não vou trabalhar porque não é nenhum crime eu querer deixar minha profissão”. Eu sentia como mais um fracasso, porque eu já tinha tido um casamento que não deu certo. (...). Então, quando comecei o grupo, eu imaginava que ia me ajudar a ajudar a [Melina] e, no fim, também foi uma coisa que foi muito boa para mim! Hoje, eu não tenho mais nenhum problema em falar “Não sou mais assistente social e não quero mais trabalhar com isso”. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Também mencionou sobre a oportunidade de ouvir, por diferentes perspectivas, a respeito da possibilidade de os filhos saírem da casa dos pais. Essa experiência de troca, nos espaços potenciais intersubjetivos do grupo, lhe proporcionou reflexões sobre as possibilidades de se separar fisicamente da filha.

(...) e para ouvir também todas as opiniões, porque é complicado ter um filho, que nem assim ela, a primeira filha, e pensando em sair de casa. Eu não tinha saído e não sabia como era essa experiência de morar fora (...). E ouvir outras opiniões... tinha gente pensando como eu, mas eu me lembro de uma mãe, não lembro o nome e ela falava “Não, tem mais é que ir mesmo!” [Penso que se refere à Beatriz]. E eu falava “Meu Deus do Céu, acho que eu sou anormal porque não é possível”. Eu queria mais era segurar a minha filha comigo assim, sabe!!! [Mostra apertando os braços contra o peito]. [Dora, 45 anos, corretora de imóveis]

Já na narrativa de Raquel, por outro lado, ficou expresso que gostaria de ter aproveitado mais a experiência do grupo de pais, se na ocasião estivesse mais aberta a falar sobre a relação com o filho e sobre os temores e angústias frente à possível separação de Bruno.

Eu gostei muito de ter participado do grupo. Mas eu acho que eu deveria até ter falado mais. Mas eu sempre tive muita dificuldade em me expor diante de várias pessoas. (...) eu deixei de falar como era a minha vida, o meu relacionamento com ele e o que eu esperava, sabe? Talvez se eu tivesse me aberto um pouco mais, eu tivesse outras respostas naquela época né? (...) eu teria tido mais apoio. Acho que eu deixei de falar muitas coisas que eu poderia ter falado se fosse uma pessoa só. Entendeu? {Sim}. Porque eu nunca tive facilidade com grupo.... Eu, como assistente social, nunca gostei de trabalhar com grupo! (...). Então eu poderia ter tirado mais proveito. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Em contrapartida, Raquel mostrou que algo foi possível aproveitar da experiência, uma vez que indicava a referência dos grupos para outras pessoas de seu convívio social.

(...) foi muito importante, sabe? Acho que tanto para mim quanto para ele. Foi muito bacana e eu sempre comento com as pessoas que estão nessa fase. Liga lá e pergunta como que tá a situação dos grupos, o de adolescentes e o de pais. Porque eu acho que é uma luz! [Raquel, 56 anos, assistente social]

Mencionou na entrevista, como fizera na ligação telefônica, que seria interessante que naquele momento fosse realizado um novo tipo de grupo para os pais, abordando dessa vez a temática da “preparação para a aposentadoria”. Na sua visão, muitos que trabalhavam como ela, estariam vivendo o difícil processo do “aposentar-se”. Observa-se aqui, novamente, o quanto Raquel se mostrava disposta a enfrentar a situação de redirecionar o foco de sua vida, após a saída do filho de casa.

Foi um prazer para mim ter participado de novo agora. Agora, tem que ter o grupo para as pessoas que estão para se aposentar! Tem muita gente que eu sei que gostaria de participar. É um momento muito difícil e seria muito bom poder falar disso, escutar também. [Raquel, 56 anos, assistente social]

Este apontamento de Raquel remete à importância do trabalho para as trajetórias de vida e também à questão do aumento da expectativa de vida da população. Nesse sentido, estudo realizado por Duarte e Melo-Silva (2009) aponta a necessidade de se desenvolverem intervenções na fase da pré-aposentadoria e do desligamento, visto que este momento de transição, reforçado pela visão estigmatizadora da sociedade, é reconhecido como um período de grande instabilidade dos papéis identitários. As autoras, em entrevistas com essa população, identificaram que grande parte deseja aproveitar essa fase para ter maior qualidade de vida, liberdade de escolha para seus investimentos ocupacionais e aproximação com os familiares. As conclusões reportam-se à necessidade da área de promover intervenções junto a essa população, visando a construção de ferramentas que possibilitem o uso de seus potenciais criativos e o aproveitamento do tempo, também buscando desvincular o trabalho não remunerado de sentimentos associados à culpa e ao medo (Duarte & Melo-Silva, 2009). Sabe-se, entretanto, o quanto o trabalho de intervenção junto a esta população se torna mais complexo, considerando que se trata de um país onde tampouco foram solucionados problemas primários, envolvendo o sistema educacional básico e as situações de trabalho/emprego da população jovem e adulta.

Já no que diz respeito à participante Beatriz, a mesma mencionou que o Grupo de Orientação de Pais a ajudou em sua disposição de favorecer o “vir a ser” da filha e, assim,

acompanhar as necessidades de cada fase de sua vida. Ao lembrar as tentativas dos pais de controlarem os filhos, Beatriz revelou o quanto isso mobilizou suas reflexões sobre o papel dos pais.

(...) o que o grupo fortaleceu em mim, é essa “disposição de deixar a Renata ser”. Não de deixar de ser mãe, mas de deixá-la se desenvolver e ficar independente. Porque eu sempre fui muito apegada a ela. Mas eu vi que tinha uns pais com um apego um pouco assim, como uma dependência mesmo... eu senti isso [nesse momento, me lembrei de Helena, Dora e Cássia]. Eu não sei se é verdadeiro isso que eu senti, mas eu senti que tinha uma dependência nisso. Sinto falta da minha filha, eu amo minha filha, mas não quero ter essa dependência emocional de... tipo assim: ela ‘tem’ que ficar perto de mim ou eu ‘tenho’ que ter ela junto. Não, isso não. Eu acho que fortaleceu, eu já tinha essa pré-disposição, mas acho que fortaleceu isso. Eu achei que nesse ponto me ajudou mais. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Em sua história, Beatriz mencionou que as experiências no grupo de pais, muitas vezes, funcionavam como espelhos que lhe possibilitaram refletir sobre seu papel como mãe.

(...) através dos colegas, eu enxerguei coisas lá. E, para mim, também foi bom por isso, porque reforçou bem essa minha questão de não querer prender demais e....achei importante! E cada coisa que cada pai sente, é lógico que reflete o que a gente sente também...eu não to negando não, sabe? Mas assim, pelo menos você consegue pensar mais né? Achei que foi importante para mim e muito importante para Renata também, a experiência do grupo que ela participou. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Ao falar sobre o quanto o grupo a mobilizou a pensar sobre as relações entre pais e filhos e as situações de separação emocional implicadas, Beatriz se referiu a como percebia a vivência do marido em relação à separação da filha.

Lá em casa, eu acho que meu marido tem um pouco mais de dificuldade (...). Todo dia, até hoje ele fica “A Renata ligou?”. {E ela tem que ligar todo dia?}. Não, ela não tem que ligar! [Ela ri]. Só que ele fica, todo dia “A Renata ligou, você falou com ela hoje?”. E quando ela vem e vai sair, ele fala “Mas você não vai ficar com o papai? Você chegou e já vai sair com essas meninas?”. [Beatriz, 51, anos, cirurgiã-dentista]

Já com relação à participante Cássia, ao incluir em sua história a situação do grupo de pais, destacou as reflexões que pôde fazer a partir daquela experiência.

(...) Meus sobrinhos que fizeram Educação Física, sabe como que foi a escolha? Minha irmã fala “Cássia, acho que eles gostam do caminho mais fácil, eles gostam de esporte e fizeram Educação Física”. Então, tá vendo porque que é importante isso de orientação? É isso que eu penso que tem a ver com o grupo de pais... os pais ficam perdidos mesmo, muito perdidos. É muita ansiedade e é muita cobrança da gente sobre eles. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Ao falar com entusiasmo sobre o grupo, Cássia revelou que a experiência foi importante ao dar voz às suas vivências da época e por ampliar suas possibilidades de reflexão sobre tais experiências.

Eu amei! Eu não queria que tivesse acabado. Acho que tinha que durar o tempo da faculdade inteira! E eu acho que seria legal ver, reencontrar...ver o que virou de todos e você tá fazendo isso agora, né? Mas eu sei, é quase impossível de reunir. Foi muito importante para gente porque com o grupo, a gente aprendeu a lidar com os nossos filhos nessa fase...quer dizer, a conduta que a gente tava tendo até então...quando iniciou o grupo era uma com ele e com os encontros, abriu nossos horizontes...creio que para a maioria. E aí, quem sai favorecido? O filho e os pais. E, portanto, jovens mais seguros, mais prontos para universidade ou para andar sozinho. Eu falo para as minhas irmãs “Vai procurar”. [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Reconheceu que naquela época mãe e filho sentiam a necessidade de um espaço que acolhesse suas ansiedades. Cássia também demonstrou agradecimento pelo encontro com a pesquisadora e pela possibilidade de contar sua história.

Lá nós nos reunimos porque a gente tinha em comum os nossos filhos e querer o bem-estar deles e o bem-estar nosso também! Porque eles já estavam tendo a orientação deles [grupo de adolescentes]. E eu que tava precisando me preparar para aquilo tudo. E funcionou e tá funcionando...e é isso que você tem que levar aí [aponta o gravador]: “Que funcionou!”. Muito mesmo. Eu também agradeço a sua disponibilidade de vir e me trazer...assim sabe? [Emociona-se]. Me fez muito bem, muito mesmo. E poder ainda colaborar com seu trabalho. E eu tenho certeza que isso aí vai colher...porque o que você puder divulgar para pessoas dos nossos depoimentos, vocês vão ajudar muita gente, muita! [Cássia, 48 anos, atendente em comércio]

Em relação à participante Alice, a mãe, ao se referir a experiência do Grupo de Orientação de Pais, inicialmente o atrelou à situação vivenciada pela filha na época. Nesse momento, sua narrativa novamente tornou-se confusa, observando-se uma “mistura” entre as experiências da mãe e da filha.

Uma cliente falou “Olha, minha filha fez esse grupo e foi a melhor coisa que ela fez na vida. Vai lá!”. Aí, ela começou a fazer aqui e eu fiz lá embaixo. Depois, no final, que ela falou para mim “Viu, eu não te falei que era Educação Física” [Ri]. Mas aí, ela ficou muito mais centrada. Às vezes, ela ficava muito nervosa. {Com o que exatamente?}. Por não saber o que queria e não gostar do que tava fazendo [refere-se ao curso de Letras]. Eu sempre fui muito aberta com as coisas, sabe? E a gente acaba mudando mesmo...porque eu vi cada absurdo naquele curso, no primeiro dia de aula quase fui embora, eu falei “O que que eu to fazendo aqui?”. {Desculpe Alice, não entendi, qual curso?}. O dos pais. {Ah sim, o grupo de pais!}. Isso. Tinha umas pessoas tão fúteis, tão fúteis, que fiquei olhando e falei “Gente, eu vou embora!”. Mas depois aquela mãe mudou tanto, tanto... porque... você deve se lembrar que ela falou do filho assim “Como que ele vai estudar fora, se ele não acorda sozinho?”. E eu sou muito... tem hora que eu preciso ficar quieta, sabe? E lá do outro lado, eu falava “Lógico, você é o despertador dele! Se ele tiver sozinho, ele vai acordar!” [Ela ri muito]. [Alice, 59 anos, massagista]

Aos poucos, Alice foi focalizando sua narrativa na experiência do grupo de pais. Uma possível análise que se faz sobre seu depoimento é que a mãe tenha procurado o grupo em busca de um “curso” e, assim, sentiu-se frustrada em sua necessidade. Acredita-se que a

expectativa de “ter uma aula” possa ter sido um dos fatores que dificultou sua identificação com os outros pais e, desse modo, sentir-se fazendo parte do grupo. No trecho, a seguir, observa-se que a participante se refere às mudanças nos outros pais, não se incluindo.

{Acho que o fato de você ter trazido a sua opinião no grupo de pais foi importante para todos Alice.}. Sim, foi importante mesmo... essa mulher... ela foi mudando, foi mudando... tanto...que ela era tão fútil e, no final, você acredita que ela veio me abraçar e falou “Foi tão bom isso para mim” e eu falei “Eu via a sua mudança cada vez aqui. Cada dia você mudou para melhor”. E no primeiro dia, eu falei “Nossa Senhora, eu to no lugar errado!”. E de repente, cada um tem sua vida, né? Cada um é diferente... [Alice, 59 anos, massagista]

Por outro lado, ao se referir à questão da “futilidade”, também se pode considerar que Alice estivesse se remetendo às expectativas dos pais que apresentavam mais recursos socioeconômicos e culturais. Como mencionado, grande parte das famílias que se inscrevem no SOP são de classes média e alta da sociedade. No entanto, no grupo de pais, havia uma maior heterogeneidade entre os participantes. Inclusive, à medida que as sessões avançaram, tais diferenças de realidades, que se traduziam em diferentes posicionamentos dos pais, foram provocando mudanças qualitativas no grupo. Assim, considerou-se que a heterogeneidade no grupo foi muito relevante para o aprofundamento das questões emergentes (Almeida, 2009).

Retomando a história de Alice, a seguir, ao se remeter diretamente à opinião da pesquisadora, sugerindo suas crenças acerca do trabalho do psicólogo, a participante fez associações com situações de seu dia a dia de trabalho. Observando só por este ângulo, a mesma se mantinha distanciada de suas experiências como mãe. Assim, comentava sobre as dificuldades das outras mães do grupo, sem lançar um olhar para si mesma.

(...) tem pessoas que... é difícil, né? Você deve saber que não é fácil. Eu atendi uma senhora outro dia que tinha enxaqueca. Eu falei, na quinta sessão “Você não vai ter mais enxaqueca” e na quinta sessão que eu fui lá e ela falou “Menina, eu passei o dia inteiro bem, não tive enxaqueca!”. E ela “Ah, mas não sei se vou continuar” e eu “Não? Por quê?”, “Ah porque senão do que eu vou reclamar pro meu marido?”. Eu catei minha maletinha e falei “Até logo!”. Então, tem gente que não quer e é gostoso quando tem gente que quer mudar, que quer dialogar, né? [Alice, 59 anos, massagista]

No entanto, aos poucos, Alice foi se aproximando de suas próprias vivências, buscando outros vértices de análise, reconhecendo transformações que foram possibilitadas pelo grupo de pais. É o que se pode observar quando mencionou que, de algum jeito, as experiências com as quais se deparou também provocaram mudanças em sua subjetividade.

{Você tá fazendo uma relação entre sua experiência profissional e a situação do grupo?}. Isso! Nossa, mudou muito, as pessoas lá...o jeito de falar...nossa! Eu sentia assim... a cada semana, a mudança das pessoas e, tava pensando, com isso eu também devo ter mudado. É o

que eu falei, eu aprendi muito. Até comentei com algumas clientes e elas “Alice, que ótimo você fazer isso”. E eu “E se tiver outro, eu faço, porque adoro fazer essas coisas porque você está sempre crescendo”. Para mim, foi mudando, cada vez que eu saía achava fantástico. Aí, eu comentava com minhas clientes “Menina, como é bom porque eu também to aprendendo ali, todo mundo fala e cada um fala uma coisa”. E foi legal que foi firme até o fim, né? Você vê grupo que tem uma pessoa que desiste e ninguém desistiu! Então, parece que as pessoas foram se chegando mais, um escutava o outro, mesmo sem se conhecerem, né? Então, a gente aprende muito. Eu gostei! Se tivesse outro, eu fazia de novo! [Alice, 59 anos, massagista]

Em relação à participante Rosa, por sua vez, a mesma também se remeteu à importância de estar com outras pessoas, valorizando que essas experiências lhe promoviam reflexões. É o que se apreende de sua comunicação ao relacionar essa experiência com processos terapêuticos.

(...) faz parte do meu perfil gostar disso de reunião, de ficar falando sobre a vida, sobre as coisas, tipo assim... como uma terapia. Eu gosto dessas coisas. [Rosa, 41 anos, professora]

Rosa mencionou que as situações de interação com outras pessoas a remetiam à transformação. Assim, por sua narrativa, considera-se que a entrevista também pode ter lhe oferecido uma possibilidade de crescimento.

(...) na escola dos meus filhos, eu gosto de participar de conselho de escola, gosto dessas coisas...de estar ouvindo opiniões, colocar opiniões, de crescer com as outras pessoas também, de aprender. “Aprender” faz parte de mim. É uma coisa que tá em mim. “Aprender coisas”, principalmente, coisas sobre a vida, sobre as pessoas. Então assim, tantos grupos que tiver, eu vou participar porque eu gosto! Do grupo, do individual, então, o que tiver de discussão, de conversa, eu vou estar participando sim porque eu gosto! Eu sempre cresço, sempre aprendo, sempre acrescenta alguma coisa. E foi o que aconteceu lá também no grupo de pais. [Rosa, 41 anos, professora]

As narrativas dos participantes, quatro anos depois, mostraram que a experiência no Grupo de Orientação de Pais, em 2007, possibilitou-lhes reflexões e questionamentos acerca dos posicionamentos que mantinham junto a seus filhos, além de associações entre suas trajetórias/papéis e as experiências com suas famílias de origem, como já havia sido identificado nas comunicações do grupo e nos questionários aplicados no pós-intervenção do grupo (Almeida, 2009).

Ao se reportarem ao grupo em muitos momentos da entrevista, retomando vivências e reflexões que faziam sentido com a história que narravam, foi possível identificar que de algum modo aquelas experiências ainda se mostravam muito presentes na vida dos pais participantes. Considera-se que isso foi favorecido também pela presença da pesquisadora, que representava um elo de ligação entre as experiências do grupo, em 2007, e o encontro da

entrevista, em 2011. Nesse sentido, a entrevista, por sua vez, permitiu aos pais construir uma narrativa acerca daquele período vivenciado com seus filhos, auxiliando-os a refletirem sobre suas próprias trajetórias de carreira/vida, bem como sobre sua participação em relação às trajetórias que seus filhos vinham construindo.

Considerando os objetivos que o Estudo 2 se propôs a alcançar, a seguir é apresentada uma discussão final e integrativa dos dados, em articulação com resultados do Estudo 1 e com os referenciais teóricos adotados.

Capítulo IV - Discussão integrativa dos dados

Embora se reconheça que profundas mudanças venham ocorrendo no modo como o indivíduo se relaciona consigo próprio e com o mundo ao redor, o presente estudo destacou a importância de um contexto familiar *suficientemente bom* para o seu desenvolvimento emocional rumo à vida adulta. Considera-se que os espaços potenciais de sustentação e experimentação emocional que a família pode proporcionar são alicerces fundamentais para a construção do sentimento de confiança em si mesmo (Winnicott, 1983/2008a). Assim, segundo o autor o:

[...] espaço potencial entre o bebê e a mãe, entre a criança e a família, entre o indivíduo e a sociedade ou o mundo, depende da experiência que conduz à confiança. Pode ser visto como sagrado para o indivíduo, porque é aí que este experimenta o viver criativo (Winnicott, 1975b, p. 142).

A partir desses alicerces psíquicos, o trabalho, entendido como ação ocorrida na área intermediária indivíduo-sociedade, pode se traduzir como uma experiência de construção de um lugar para o “si-mesmo” no campo social. Nesse sentido, garante a participação criativa do indivíduo como cidadão e construtor de sua sociedade. Nas relações dialéticas com o trabalho, as pessoas vão sendo modificadas em suas subjetividades, em um processo contínuo de construção de suas identidades. Ao mesmo tempo, podem desenvolver mecanismos para lidar com seus limites e enfrentar os obstáculos impostos pela realidade: “trabalhar, com efeito, é antes de tudo fazer a experiência do real” (Dejours, 2007, p. 17). Na experiência com a realidade, necessariamente, o indivíduo sofre, visto que constantemente o *savoir-faire* é posto em xeque. No entanto, trabalhar também implica em tolerar esse sofrimento, que exige consolo e que pode se tornar o elemento propulsor da solução criativa (Dejours, 2004, 2007).

Na era atual, como nunca, as pessoas se deparam com inúmeras transições relativas ao mundo do trabalho, incluindo situações de precariedade e vulnerabilidade em diferentes níveis, também retratadas pelos pais participantes ao se referirem às suas trajetórias ou às trajetórias que seus filhos vêm construindo. Nesse contexto, são exigidos recursos psíquicos de flexibilidade e adaptação, a fim de se garantir a construção da vida através do trabalho e um “lugar” de dignidade no campo social. Contudo, para que o trabalho seja verdadeiramente pleno de sentido, é necessário enfrentar o desafio de articular, de modo congruente, as atuais exigências laborais e as demandas das histórias biográficas. De fato, Savickas (2005) enfatizou a necessidade de que as pessoas, em seus processos de construção da carreira, se disponham em ações autorreflexivas, buscando e construindo sentidos para suas escolhas e trajetórias.

Nesse cenário de tamanha imprevisibilidade, concorda-se com Carreiro (2009) ao analisar que os pais de jovens em processo inicial de construção da carreira são “duplamente afetados”, tanto em suas próprias trajetórias e nos vínculos com seus trabalhos quanto no modo como devem orientar e atuar junto a seus filhos. Esta situação se evidenciou nas narrativas de todos os pais, não só no Estudo 1, quando participaram do Grupo de Orientação de Pais no ano de 2007, como no Estudo 2, na situação da entrevista, em 2011.

Como o estudo apresentado se comprometeu a compreender como os pais estavam vivenciando a construção das trajetórias de carreira de seus filhos, quatro anos depois de terem participado do Grupo de Orientação de Pais, julga-se pertinente que, para finalizar, seus dados sejam discutidos em diálogo com os resultados do Estudo 1.

1 Do Grupo de Orientação de Pais ao encontro da entrevista: quatro anos depois

No momento em que o Estudo 2 foi delineado, tinha-se por premissa que o trabalho e a construção de uma carreira profissional ocupavam importância central na vida desses pais. Isto porque, quando se inscreveram espontaneamente para participar do Grupo de Orientação de Pais, tinham a expectativa de que seus filhos continuassem seus estudos após a conclusão do Ensino Médio e escolhessem uma profissão que lhes garantisse realização pessoal, sucesso profissional, reconhecimento e estabilidade financeira. Para isto, os pais lhes ofereciam apoio emocional e instrumental (segundo as condições socioeconômicas familiares) para que os filhos progredissem em suas trajetórias (Almeida, 2009). Naquele momento de seu desenvolvimento, os filhos adolescentes (na maioria com idade entre 16 e 17 anos) ainda muito dependentes emocionalmente de seus pais (Winnicott, 1993/2005a) necessitavam de um *holding* familiar que sustentasse os necessários testes de realidade e os empreendimentos pertinentes àquela fase de suas vidas.

Para além dos aspectos objetivos e concretos que permeavam a participação parental nos processos das escolhas de carreira na época, as famílias espontaneamente transmitiam, em seus espaços intersubjetivos do cotidiano, valores, modelos, crenças, sonhos, expectativas (Cervený & Berthoud, 2009; Féres-Carneiro, Ponciano, & Magalhães, 2007; Nascimento, 2007; Soares-Lucchiari, 1997/2004; Romanelli, 2003; Zornig, 2009). Nesse campo de influências intersubjetivas, os pais, enquanto figuras de identificação, eram as principais referências para as decisões de seus filhos, especialmente nos domínios do estudo e do trabalho (Bohoslavsky, 1977/2007). Apesar disso, o que se identificou como elemento comum entre os pais na época do grupo foi que, influenciados por um “discurso psicologista”,

disseminado na sociedade, de que não deveriam influenciar as escolhas profissionais de seus filhos, os pais mantinham posicionamentos ambíguos e pouco favorecedores do processo da escolha da carreira, confirmando referências sobre o assunto (Lima & Ramos, 2002; Oliveira & Dias, 2001; Whitaker, 1997). Assim, no ano de 2007, embora tivessem opiniões, crenças e experiências profissionais, pouco dialogavam com os filhos sobre seus interesses e intenções de carreira e tampouco os auxiliavam em explorações vocacionais. Revelavam receio de que sua conduta fosse sentida como “pressão” ou cobrança pelos adolescentes, temendo serem reconhecidos como pais autoritários ou até mesmo, futuramente, responsabilizados por uma “escolha equivocada”. Esses dados se relacionavam diretamente com o que a literatura aponta a respeito dos pais, muitas vezes, se sentirem “desautorizados” em suas atuações por especialistas, tendo como único parâmetro o desejo de não repetirem condutas da geração anterior (Salles, 2005; Vilhena, Bittencourt, Novaes, & Zamora, 2013).

Embora revelassem, no grupo de pais, o quanto se preocupavam com o momento vivenciado pelos filhos e lhes oferecessem apoio e recursos educacionais, os participantes tinham dificuldades para assumir seus papéis como figuras de referência, naquela fase em que os adolescentes faziam escolhas sobre domínios ainda muito desconhecidos (Almeida, 2009). Sendo pouco participativos, frequentemente os pais reclamavam da imaturidade dos filhos para assumirem tarefas do cotidiano, sobretudo em relação aos estudos e às decisões de carreira. A situação se tornava mais paradoxal porque, muitas vezes, faziam tarefas que os filhos já eram capazes de realizar, reforçando sua dependência emocional (Almeida, 2009).

Entretanto, na medida em que revelavam as contradições inerentes à sua prática parental foram se confrontando com questionamentos que emergiam na situação grupal, em virtude das diferentes atuações entre os pais participantes. Pouco a pouco, foi possibilitada uma maior consciência de que espontaneamente a família influenciava seus membros, de modo consciente mas também, inconsciente. Reconhecendo a necessidade de um posicionamento mais coerente e favorecedor, os pais passaram a explicitar sentimentos e pensamentos aos filhos, o que favoreceu uma maior aproximação com a situação que ambos vivenciavam. Os dados obtidos, por meio das narrativas expressas nas sessões grupais e dos questionários aplicados no pós-grupo, revelaram que os pais começaram a participar mais ativamente do momento vivenciado pelos adolescentes, procurando conhecer mais sobre seus interesses e universos de possibilidades e promovendo situações de diálogo, questionamento, reflexão e explorações por informações de carreira (Almeida, 2009).

No Estudo 2, quatro anos depois, por meio das narrativas na situação da entrevista, foi possível se aproximar do modo como os pais vivenciavam a construção das trajetórias de

carreira de seus filhos mas, desta vez, por uma perspectiva individual. Assim, expressaram percepções, opiniões, sentimentos e, conseqüentemente, como participaram dessa construção. Ao se identificar que em muitas passagens da entrevista os pais se remetiam, direta e indiretamente, às vivências do Grupo de Orientação de Pais, o que se pode concluir foi que aquela experiência reverberou, de diferentes maneiras. Em síntese, destacam-se os pontos a seguir.

1. O contato com os temas abordados no grupo, no ano de 2007, e com as diferentes experiências dos pais participantes (com diferentes realidades emocionais, socioeconômicas, educacionais-profissionais) possibilitou oportunidades para questionamentos e revisões em sua participação junto à trajetória dos filhos, como pode ser identificado em algumas entrevistas, no ano de 2011.
2. Evidenciou-se, quatro anos depois na situação da entrevista, que todos reconheciam a importância de seus papéis no acompanhamento da trajetória dos filhos, em termos de diálogo/orientação, apoio/suporte emocional e instrumental e compartilhamento de experiências. A maioria considerava a importância de confiar nos recursos que os filhos vinham adquirindo para se tornarem progressivamente mais independentes em relação ao núcleo familiar.
3. A vivência no grupo em 2007 também possibilitou que os pais refletissem sobre suas próprias escolhas e trajetórias de carreira. Na entrevista, quatro anos depois, identificou-se que alguns chegaram a realizar mudanças e redirecionamentos em suas vidas/carreiras nesse período.
4. A partir das entrevistas, houve relatos que mencionaram a respeito do compartilhamento das experiências do Grupo de Orientação de Pais em outros cenários, com outros pais, com os filhos, com amigos ou parentes.

Ademais, considera-se que, ao realizarem um retrospecto na situação de interação da entrevista, acessando as lembranças do grupo e as experiências com seus filhos até o ano de 2011, os pais construíram suas histórias sobre esse período de suas vidas, favorecendo a construção de sentidos para este percurso. Interessante notar que realizavam comparações, mesmo indiretas, a respeito de como sentiam e pensavam na época do grupo e como se percebiam na situação da entrevista. Como aponta Savickas (2005), quando as pessoas têm a oportunidade de construir narrativas sobre suas trajetórias, isso lhes permite significar suas histórias, ajudando-as na identificação de seus *temas de vida*.

Na construção de suas histórias, identificou-se que as experiências emocionais dos pais permeavam as relações com seus filhos, direta ou indiretamente. Entre elas, as experiências com suas famílias de origem, muitas vezes, serviam como parâmetros para não se repetirem condutas e posicionamentos da geração anterior, questionadas por esses pais. Tais questões envolvendo as discontinuidades entre as gerações, em termos de práticas parentais, também se evidenciaram nas sessões do Grupo de Orientação de Pais, como mencionado. De forma geral, na entrevista, os pais mostraram ser mais democráticos do que a geração anterior, procurando estabelecer espaços de diálogo, apoio e compreensão da situação vivenciada pelos filhos. Considerando que as transmissões e relações de influência ocorrem reciprocamente, identificou-se que as experiências dos jovens igualmente, na medida em que ampliavam seus círculos sociais e tinham contato com diferentes contextos, repercutiam sobre as trajetórias dos pais, produzindo novos significados nesta relação.

Elemento comum nas narrativas foi a constatação de que todos os participantes continuaram atribuindo importância à formação de nível superior para os filhos. Este dado confirma resultados do Estudo 1 (Almeida, 2009) e achados de pesquisas que destacam a importância atribuída à aquisição de diplomas e títulos de nível superior, enquanto forma de possibilitar o acesso ao mercado de trabalho por meio de empregos mais qualificados (Carreteiro, 2009; OIT, 2009; Pochmann, 2004; Silva, 1996; Sparta & Gomes, 2005). Essa importância foi percebida tanto para as mães (Dora, Raquel, Beatriz e Rosa) com nível superior de escolaridade, o que garantiria o estatuto educacional familiar (Fiamengue & Whitaker, 2003), como também entre aqueles com nível médio de escolaridade (Helena, Mauro, Cássia e Alice) que mostraram investir para que os filhos prosperassem em suas trajetórias, a fim de facilitar uma melhor inserção no mundo laboral (Carreteiro, 2009; Silva, 1996; Silva, Taveira, & Ribeiro, 2011).

Outro ponto comum identificado nas entrevistas, quatro anos depois do grupo, foi que nenhum dos filhos seguiu a mesma carreira profissional do pai ou da mãe. Entretanto, evidenciaram-se grandes diferenças na construção das trajetórias de carreira entre os filhos de cada participante e, também, nas possibilidades de suporte material e emocional oferecidos por seus pais, em função de suas realidades psicossociais, econômicas, educacionais e profissionais. Notaram-se também diferenças no modo como cada pai e mãe vivenciava as mudanças nas relações com os jovens, no que se refere ao desenvolvimento emocional destes rumo a uma maior independência do núcleo familiar.

Para nortear a discussão, optou-se por uma separação em dois grupos de participantes, segundo as realidades socioeconômicas familiares. As influências na relação com os filhos,

em função da escolaridade, das trajetórias de carreira dos pais e das particularidades de suas experiências emocionais, são analisadas dentro destes dois grupos. O 1º. grupo é composto pelos pais: Helena e Mauro (Ensino Médio), Dora, Raquel e Beatriz (Ensino Superior); o 2º. grupo, pelas mães: Alice (Ensino Médio), Cássia (Ensino Médio e Técnico) e Rosa (Ensino Superior).

1.1 As particularidades das vivências de Dora, Raquel, Beatriz, Helena e Mauro

Explorando a questão do acesso ao Ensino Superior, argumenta-se que, não por acaso, os filhos que ingressaram em universidades públicas e saíram de casa para estudar eram provenientes de famílias do 1º. grupo, cujos pais revelavam, sobretudo, condições socioeconômicas para possibilitar este acesso. De fato, oportunidades foram oferecidas ao longo de todo o desenvolvimento desses filhos, como havia sido identificado no Grupo de Orientação de Pais. Entre os recursos instrumentais proporcionados, destaca-se o estudo dos filhos em colégios particulares, pelo menos nas séries finais do Ensino Médio e/ou a realização de cursinho para o vestibular, visando à melhor preparação para o ingresso em universidades públicas (Almeida, 2009). Também se assinalam os recursos culturais e sociais propiciados aos filhos ao longo da vida familiar, como atividades de esporte, lazer, cultura, aprimoramento ou reforço educacional. Nesses contextos familiares, os filhos apresentavam o que Bohoslavsky (1983b) denomina como sendo uma “liberdade relativa” para escolherem suas carreiras profissionais. Isso porque, conscientemente, seus pais não determinavam suas escolhas, embora os influenciassem por meio de valores sociais, culturais, educacionais e processos de identificação. Esses filhos contavam ainda com a oportunidade de se dedicarem exclusivamente às suas formações universitárias e à construção de suas carreiras profissionais, se comparados aos filhos das mães do 2º. grupo.

Com o ingresso no Ensino Superior e a saída dos filhos de casa para estudar em universidades de outras localidades, os pais do 1º. grupo continuaram subsidiando suportes a fim de que os jovens permanecessem bem alojados, protegidos e amparados no novo contexto social. Ressalta-se que este foi um período que envolveu estas famílias, sendo trabalhoso o processo de elaboração das “perdas” e adaptação à nova realidade para ambos os lados, constituindo-se como um desafio tanto para o desenvolvimento dos filhos, quanto para o de seus pais. Os sentimentos contraditórios inerentes ao difícil momento da saída dos filhos de casa foram muito bem retratados por Helena, Dora, Raquel e Beatriz. De um lado, os filhos, na ausência de seus pais, tinham que aprender a cuidar de si mesmos e a construir um “lugar”

para viverem, responsabilizando-se pela manutenção de suas vidas; de outro, seus pais necessitavam de rever a atuação de seus papéis, assumindo posturas suficientemente participativas, que reconhecessem os recursos já adquiridos pelos jovens.

Evidenciou-se a participação dos pais do 1º. grupo, de forma instrumental e emocional, mesmo à distância, embora se identificassem peculiaridades em função das experiências em suas próprias trajetórias. Como exemplo das particularidades que influenciavam as participações parentais, marcaram-se: o nível de escolaridade, o investimento no trabalho profissional ou no trabalho doméstico; a satisfação/insatisfação com a carreira; a dinâmica de relação pais-filhos; as parcerias conjugais ou os divórcios; os processos de separação emocional com a geração anterior; a exigência de cuidados com outros familiares. No entanto, em geral, ofereceram segurança e sustentação emocional aos filhos na construção de suas vidas longe de casa, dados que confirmam resultados de pesquisas que salientam o papel de relevância do núcleo familiar em relação à adaptação à vida universitária (Bardagi & Hutz, 2008, 2009; Beyers & Goossens, 2003; Cervinski & Enricone, 2012; Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Larose & Boivin, 1998; Machado, 2007; O'Brien, Friedman, Tipton, & Linn, 2000; Teixeira, Dias, Wottrich, & Oliveira, 2008).

Reconhecendo as particularidades entre as famílias do 1º. grupo, assinalam-se as diferenças no que se refere às vivências junto à construção da carreira dos filhos em função do nível de escolaridade e estatuto profissional parental (Fiamengue & Whitaker, 2003; Gonçalves & Coimbra, 2007; Pocinho, Correia, Carvalho, & Silva, 2010). Dora, Raquel e Beatriz, mães com carreiras universitárias, apesar de divididas entre o papel profissional e parental, manifestaram participação mais instrumental em relação às profissões de interesse dos filhos do que o casal Helena (Ensino Médio, dona de casa) e Mauro (Ensino Médio, agricultor). Entre as mães Dora, Raquel e Beatriz, identificou-se que, além de demonstrarem conhecimento sobre as habilidades e interesses dos jovens, o que Savickas (2005) reconhecia como *personalidade vocacional*, as mães questionavam seus filhos acerca das profissões em pauta, estimulando-os constantemente a refletirem e pesquisarem sobre as características dos cursos e das universidades, as possibilidades de atuação na área, a realidade do mercado de trabalho e as chances de realização pessoal e de estabilidade financeira.

Tais espaços potenciais de reflexão e ação junto aos filhos foram identificados sobretudo na narrativa de Raquel, que nas diferentes fases da vida de Bruno mostrou-se próxima, dialogando e favorecendo oportunidades para que ele se desenvolvesse em sua trajetória. Posicionamento este reconhecido como positivo por investigações que salientam o apoio parental como variável processual determinante tanto nas fases de exploração e

planejamento (Gonçalves & Coimbra, 2007; Guerra & Braungart-Rieker, 1999; Hargrove, Creagh & Burgess, 2002; Kracke, 1997) quanto nas fases de execução e implementação de carreira (Taveira, 2009; Young et al., 2005). O posicionamento de Bruno em relação às oportunidades oferecidas pela mãe e o modo como planejava estratégias para construir sua carreira, reporta às dimensões relativas ao conceito de *adaptabilidade da carreira* de Savickas (2005): preocupação, controle, curiosidade, confiança. Assim, a mãe sugeria que o filho se preocupava com seu futuro profissional, confiando em seus recursos psíquicos para planejar e implementar estratégias, em diferentes cenários (experiências no exterior, estágios intra e extracurriculares, iniciação científica) o que poderia favorecer sua preparação para um melhor ingresso no mercado de trabalho. Também nas narrativas de Dora e Beatriz, identificou-se que suas filhas, cada qual a sua maneira, foram se desenvolvendo na construção de suas carreiras de modo cada vez mais autônomo. Porém, assim como Bruno, permaneceram economicamente dependentes de seus pais.

No caso específico de Raquel, outro fator influenciava sua participação sobre o processo da escolha profissional do filho que se relacionava com a insatisfação frente ao exercício de sua profissão. Esta questão remete ao que Bohoslavsky (1977/2007) apontara sobre as problemáticas vocacionais e a frustração parental em relação ao trabalho repercutirem sobre aos filhos. Assim, Raquel atuava mais diretamente do que as outras mães, para propiciar a Bruno uma situação diferente da sua. Todavia, embora se mostrasse preocupada, a mãe não pareceu influenciar negativamente o processo de escolha do filho. Somando contribuições ao seu posicionamento, Raquel contou que, após a experiência no grupo de pais, passou a fazer menos comparações, identificando que auxiliava o filho ao ser participativa, porém menos cobradora. Também se percebia tomando menos decisões pelo jovem, que já revelava condições de ser mais autônomo. Mostrou que buscava não reproduzir o modelo dos pais, por considerar que lhe faltara uma orientação parental em seu processo de escolha da carreira. Nesse sentido, esforçava-se em sua atuação parental também por se perceber como a única fonte de apoio para Bruno, já que o mesmo não contava com a figura de referência e a participação do pai (Raquel era divorciada).

Como Raquel, Dora também vivenciou questões relacionadas diretamente à insatisfação profissional. Mas, ao contrário de Raquel, deixou de exercer sua profissão após ser demitida. Assim, passou a investir em outra carreira profissional, diante da experiência de não identificação com as atividades anteriormente exercidas. Seu redirecionamento de carreira relacionava-se também ao Grupo de Orientação de Pais, isto porque aquela experiência lhe permitiu identificar que não fazia sentido permanecer em um trabalho que não atendia suas

necessidades. No grupo, a partir do contato com vivências de diferentes participantes, um dos temas emergentes foi a discussão sobre as trajetórias de carreira não serem lineares e as pessoas, por diferentes motivos, mudarem ou se reposicionarem a fim de continuar inseridas no mundo laboral (Uvaldo, 2010) e, sobretudo, para se sentirem reconhecidas pelo que são capazes de produzir (Dejours, 2007).

Portanto, como Raquel, questões relacionadas com a insatisfação na vida profissional também repercutiram no modo como Dora se posicionava junto à filha, sobretudo nas fases de escolha inicial de carreira. Revelava muita preocupação de que Melina escolhesse uma profissão que não lhe trouxesse satisfação e reconhecimento. É conveniente reconhecer, entretanto, que as inquietações de Dora também se relacionavam com o temor de que Melina escolhesse uma profissão que não lhe permitisse estudar na cidade de origem. Tais preocupações se intensificaram quando a filha saiu de casa, enfrentando um problemático período inicial de adaptação, época coincidente com a fase em que Dora redirecionava a vida profissional. Culpada por não estar próxima da filha como idealizava, a mãe também não contou com o apoio do ex-marido. Dora, assim, remeteu-se aos conflitos vivenciados por muitas mães que se percebem divididas entre os papéis profissional e parental e que se sentem culpadas e frustradas por perceberem a inviabilidade de se dedicarem como gostariam a cada função (Fiorin, Patias, & Dias, 2011; Rocha-Coutinho, 2009). Todavia, Dora contou com a ajuda de seus pais, figuras de referência significativa, que proporcionaram suporte, instrumental e emocional, à mãe e à filha. Este apoio ajudou Dora na conciliação do investimento no novo trajeto profissional e na participação junto à construção da carreira da filha. Observa-se, assim, que os pais de Dora continuaram exercendo grande participação em sua trajetória, ainda na vida adulta.

No caso de Dora, um fator importante que pode ter influenciado negativamente sua participação junto da filha se relacionava com suas próprias experiências de separação emocional em relação a seus pais (Aylmer, 1995/2008). Assim, Dora acreditava que ela e a filha não dariam conta de se separarem. Uma análise possível seria considerar que esta questão também tenha dificultado a adaptação inicial de Melina longe de casa. Contudo, após um período mais conturbado, a jovem progrediu em seu processo de adaptação, ampliando seu círculo social e se responsabilizando por tarefas do dia a dia e com a construção de sua carreira. Considera-se que tais recursos psíquicos (confiança, preocupação, curiosidade) desenvolvidos em Melina (e no filho de Raquel e na filha de Beatriz) tinham como alicerce condições oferecidas por um ambiente familiar *suficientemente bom*, que propiciou as bases para o amadurecimento emocional (Winnicott, 1983/2008a, 1993/2005a). Interessante

observar que, pelos processos de influência recíproca, Dora foi podendo enfrentar os processos de separação emocional mãe-filha e diferenciar as trajetórias de ambas. A leitura que se faz é que tais vivências também suscitaram em Dora questionamentos quanto as suas próprias escolhas e sobre o modo como enfrentava suas separações (com seus pais, com o ex-marido, com a filha).

Ainda sobre as três mães com carreiras universitárias, Beatriz também se remeteu à dificuldade de conciliar seus papéis, quando a filha estava concluindo o Ensino Médio e em transição para a universidade. Isto porque, suas atenções estavam divididas entre a filha, os cuidados com os pais enfermos e sua carreira profissional. Assim, Beatriz optou por realizar um desinvestimento na carreira profissional. Embora mencionasse, mais do que as outras mães, o quanto investira em sua trajetória profissional (era a única com pós-graduação), Beatriz mostrou que procurava meios para se manter decisiva junto ao desenvolvimento da única filha. Para isto, contou com o auxílio de sua mãe (durante a infância da filha) e com a participação ativa do marido, que estava próximo junto da jovem no momento em que a esposa centrou-se nos cuidados com seus pais. Assim, embora Beatriz também retratasse a questão da dificuldade de conciliação de papéis, por outro lado, mostrou que podia dividir tarefas e funções do cotidiano familiar com o marido, bem como a orientação e os cuidados com a filha, situação comum aos “casais de dupla carreira”, como são denominados (Cervený & Berthoud, 2009; Monteiro, 2001). O que se observou foi que, como Raquel e Dora, Beatriz oferecia diferentes oportunidades de desenvolvimento para a filha, embora permanecesse atenta em não se antecipar às suas necessidades, atuando no sentido de instigar sua autonomia (sendo a mãe que mais se posicionava dessa forma). Influenciada por suas próprias experiências de separação emocional, incentivou que Renata estudasse em outra localidade para viver a experiência de cuidar de sua vida, sem a constante supervisão dos pais. Para isto, estimulava a filha a constituir uma rede social de apoio em seu novo contexto. Nesse sentido, ficou evidente que acompanhava seu desenvolvimento emocional, como uma *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1975a, 2000a), atenta em respeitar o “vir a ser” da filha.

Diferentemente dos outros participantes, Beatriz foi a mãe que apresentou preocupação se a filha estava apenas assumindo um projeto outorgado pelo grupo familiar. Diferentemente de Renata, Beatriz não assumiu uma profissão que favorecesse a administração dos negócios familiares, contudo, escolheu a mesma profissão de seu próprio pai (também dentista). Possivelmente a percepção destas influências entre as gerações alimentavam suas preocupações de que a decisão da filha não fizesse sentido com sua *personalidade vocacional* (Savickas, 2005) e com a elaboração dos processos identificatórios

(Bohoslavsky, 1977/2007). Esta preocupação talvez se intensificou pelos conflitos que mantinha por não se sentir tão presente junto da filha como idealizava.

Refletindo sobre os pais Helena e Mauro, com nível médio de escolaridade, identificaram-se diferenças no modo como vivenciaram e participaram da construção da carreira do filho, na comparação com as três mães mencionadas. Diferentemente das outras famílias, retoma-se que o casal residia em pequena cidade do interior do Estado, com maior extensão de área rural. No entanto, apresentava recursos psicossociais e econômicos que possibilitaram ao filho o estabelecimento de planos para alcançar uma carreira universitária. Assim, fazia parte do projeto familiar oportunizar um 3º. colegial em escola conceituada (localizada em cidade maior) a fim de preparar o filho para o ingresso em universidade pública de prestígio. O discurso de Helena sugeriu que outras mães de seu círculo social não contavam com as mesmas condições para permitir tais oportunidades a seus filhos. Mauro também se referiu às condições concedidas ao filho para se dedicar exclusivamente aos estudos, reafirmando que esta não era realidade comum ao seu contexto social. A participação do casal junto ao filho mantinha relação com o modelo deste grupo familiar, onde se evidenciava uma divisão de funções e papéis entre a mulher e o marido, sugerindo uma aproximação com o modelo da tradicional família nuclear (Romanelli, 2003, 2004): a mãe, voltada aos cuidados do bem-estar familiar, cumprindo o papel expressivo/emocional; e o pai, provedor financeiro, cumprindo o papel instrumental. Esta dinâmica é prevalente nas pequenas cidades do interior, sobretudo em áreas rurais, conforme apontam Cervený e Berthoud (2009). Segundo os autores, embora exista uma transformação nos padrões familiares, há ainda grandes diferenças entre as realidades brasileiras, também em função das dimensões continentais do país e da diversidade de condições socioeconômicas das regiões (Cervený & Berthoud, 2009).

Diferentemente de Raquel, Dora e Beatriz que, embora participativas da construção da carreira dos filhos, mantinham suas atenções divididas entre trabalho e parentalidade, Helena dedicava-se ao espaço doméstico e ao papel materno, mostrando-se inteiramente disponível ao filho. Maurinho, por sua vez, compartilhava com a mãe suas indagações vocacionais, o que corrobora dados de pesquisas que indicam que, nesse sentido, os filhos ainda contam mais com o apoio materno do que o paterno (Destri, 1996; Guerra & Braungart-Rieker, 1999; O'Brien, Friedman, Tipton, & Linn, 2000; Otto, 2000). No entanto, embora fosse muito disponível ao filho, notou-se como era difícil para Helena, mais do que para as outras mães do 1º. grupo, se questionar quanto à escolha do filho e lidar com suas inquietações de carreira. Motivo possível estaria associado ao seu distanciamento dos domínios das carreiras

universitárias e da vida profissional. Reconhece-se que tanto o posicionamento de Helena quanto de Mauro, junto às fases de exploração e tomada de decisão de carreira por parte do filho, mantinham relação com o nível de formação educacional e profissional de ambos (Gonçalves & Coimbra, 2007; Pocinho, Correia, Carvalho, & Silva, 2010). Segundo Carvalho e Taveira (2010), as pessoas significativas, como os pais, também desempenham importante papel nos períodos das tomadas de decisão e execução das escolhas de carreira, uma vez que a adequação dessa escolha tem relação direta com o ajustamento e a adaptabilidade da carreira. Nesse sentido, pela narrativa de Helena, observou-se que Maurinho manifestava muitas dúvidas quanto à decisão tomada, bem como comportamentos mais dependentes e hesitantes no que concerne às dimensões da *adaptabilidade da carreira* (Savickas, 2005) ao se considerar os relatos das outras mães do 1º. grupo em relação aos seus filhos. Por outro ângulo de análise, pode-se pensar que as inquietações de Maurinho quanto à carreira, provocavam na mãe ansiedades associadas aos temores de malogro do projeto familiar tão sonhado e investido para o filho (Soares-Lucchiari, 1997/2004). No entanto, cumpre destacar que a mãe demonstrou conhecer muito sobre “o jeito de ser” e os interesses do filho. Inclusive, foi se evidenciando que por ser tão participativa, à medida que o acompanhou em sua trajetória, Helena foi se familiarizando com os conteúdos daquela carreira. A partir disso, passou a se questionar se o filho seria “o engenheiro” que mantinha em suas idealizações, o que favoreceu o reconhecimento de que o mesmo poderia seguir carreira na área acadêmica.

É importante se reportar ao modo como Helena vivenciou a saída do filho de casa e como acompanhou ativamente sua rotina, incluindo a supervisão das tarefas cotidianas e dos relacionamentos interpessoais. Na tentativa de proteger e facilitar sua vida longe de casa, a mãe apresentava dificuldades para reconhecer que o filho poderia assumir o protagonismo de sua vida e carreira e caminhar rumo a uma maior independência emocional. Assim, na comparação com as mães do 1º grupo, foi a mãe que, mesmo passado o período inicial de adaptação longe da família, continuou mantendo controle sobre a vida do filho. Ao extrapolar a função da *mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1975a, 2000a), revelou que contribuía para manter uma relação de muita dependência, ainda que o jovem já demonstrasse sinais de que poderia estabelecer um novo tipo de vínculo. A literatura da área aponta que quando existem possibilidades para uma separação emocional satisfatória, os filhos se mostram menos indecisos e mais autoconfiantes quanto às questões relativas à carreira, o que contribui para o investimento em projetos de futuro mais autônomos (Bohoslavsky, 1977/2007; O'Brien, 1996; O'Brien, Friedman, Tipton & Linn, 2000; Oliveira, 2005; Oliveira & Dias, 2001). Reflete-se que atuar de modo diferente sem que isso a remetesse aos sentimentos de perda de função,

inutilidade, vazio e solidão, pressupunha a Helena a elaboração dos conflitos inerentes aos processos de separação emocional e diferenciação junto ao filho, além da necessidade do investimento em novos cenários e em outros papéis (Savickas et al., 2009). A importância para os pais de redirecionarem o foco de suas trajetórias, neste momento de relação com os filhos, foi explicitada por Raquel (que tem um filho, é divorciada e está para se aposentar) e, de modo implícito, por Dora (também divorciada) e Beatriz. No entanto, para Helena, um redirecionamento em sua trajetória e o investimento em novos cenários de atuação implicaria em uma grande mudança devido à saliência do papel materno em sua vida. Recorre-se aqui ao estudo de Nascimento, sobre o investimento no trabalho e na parentalidade, que identificou que para as mães portuguesas “domésticas”, a centralidade psicológica do papel parental é uma das grandes motivações para a dedicação integral à vida familiar e ao trabalho doméstico.

No que se refere a Mauro, cuja representação do “bom pai” se atrelava à figura do ‘homem trabalhador’ que garante a provisão do lar (Nascimento, 2007), sua maior preocupação era de que o filho reconhecesse que a dedicação exclusiva aos estudos era fruto do investimento paterno no árduo trabalho na fazenda. Diante disso, o pai, em seu projeto de continuidade geracional, tinha expectativas de que o primogênito, herdeiro de seu nome, administrasse o patrimônio familiar (Romanelli, 2004; Teixeira & Hashimoto, 2005). Nesse sentido, explora-se aqui a discussão sobre o significado dos “nomes próprios” no que se refere à preservação das cadeias genealógicas. Conforme analisam Cervený e Rabinovich (2006/2010), do ponto de vista psicológico, os pais que nomeiam seus filhos segundo o próprio nome têm como intenção inconsciente perpetuarem-se através dos mesmos. Esta situação implica tanto em maior identificação do pai com este filho, como em maiores chances de conflitos, culpa e frustrações, visto que não há como satisfazer por completo o que foi delegado. As autoras destacam que, nesse cenário de transmissões intersubjetivas, os filhos podem se sentir demasiadamente cobrados e mesmo impedidos de se desenvolverem e se diferenciarem de seus pais (Cervený & Rabinovich, 2006/2010). Especificamente quanto à participação de Mauro, identificou-se que o pai transitava entre reconhecer a individualidade de Maurinho e, por outro lado, esperar que o mesmo se mantivesse atrelado a sua figura, seguindo o modelo paterno. Desse modo, sua participação muitas vezes era ambígua, quando se preocupava demasiadamente com a proteção do filho, ainda que promovesse mais sua autonomia do que Helena. Mostrou que o orientava na construção de sua vida, mas cobrava a congruência com o projeto familiar. Revelando como lidava com a questão da separação emocional, o pai também entrou em contato com sentimentos que o remetiam à dor do distanciamento e à perda do controle paterno. As analogias comparando Maurinho ora com

um “pássaro” que precisava voar, ora como um “nenê” a permanecer no colo do papai, retratavam bem a ambivalência de seus sentimentos diante do crescimento e do processo de diferenciação do filho.

Pensando de modo mais amplo sobre a vivência da parentalidade entre os pais do 1º. grupo, identificou-se que embora Raquel, Dora e Beatriz fossem mães que se dividissem entre vida familiar e vida profissional, suas narrativas não pareciam remeter à situação da “terceirização da parentalidade”, como vem sendo descrito pela literatura no que se refere aos pais que se dedicam integralmente ao trabalho e cujos filhos dependem quase exclusivamente de outros cuidadores e educadores para se desenvolverem (Kamers, 2006; Magalhães, 2009; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998; Vilhena, Bittencourt, Novaes, & Zamora, 2013). Obviamente que estas mães recorriam à ajuda de alguém, no caso, seus próprios pais (como identificado no discurso de Dora e Beatriz) a fim de que permanecessem com os netos no período em que trabalhavam. Entretanto, havia indícios de que, embora trabalhassem fora, as mães permaneciam próximas aos filhos, sendo que as avós apenas as auxiliavam nesse sentido. Reconhece-se, contudo, que esta realidade apresentada pelos pais/mães do estudo não representa a complexidade da realidade brasileira, visto que todos, de modo geral, se mostraram preocupados e participativos junto à vida dos filhos simplesmente pelo fato de se inscreverem espontaneamente para participar do Grupo de Orientação de Pais.

No que concerne ao acompanhamento dos pais o 1º. grupo em relação ao percurso e progressão acadêmica dos filhos em suas trajetórias de carreira, em termos gerais, identificaram-se mudanças nas atitudes de todos à medida que os jovens foram se adaptando às suas vidas longe de casa e se desenvolvendo a partir de suas experiências. Ao adquirirem conhecimentos diferentes das experiências e dos modelos de seus pais, por meio dos processos de influências recíprocas, a relação entre pais e filhos foi se resignificando e se transformando. O fato é que cada vez mais os pais se distanciavam da realidade de seus filhos que, paulatinamente adquiriam condições para protagonizar a construção de suas carreiras (Savickas, 2005). A participação parental nesse processo ganhou novos contornos, com os pais abdicando da posição de atores de relevância para atuarem no acompanhamento e compartilhamento das novas experiências trazidas pelos jovens que, conseqüentemente, possibilitavam ampliações nas perspectivas dos grupos familiares e nas trajetórias dos pais. Como se referiu, entretanto, Helena mostrou-se a mãe que vinha apresentando mais dificuldades nesse sentido.

Considerando, a grosso modo, a situação dos filhos do 1º. grupo, o que se pôde notar, por meio das narrativas dos pais, é que todos se mantiveram economicamente dependentes de

suas famílias ao longo da vida universitária, havendo grandes chances de permanecerem nesta condição mesmo após concluírem seus estudos, até que consigam se manter economicamente. Isso porque, frente às atuais demandas do mundo laboral, o diploma não garante mais a imediata inserção no mercado de trabalho (Cervený & Berthoud, 2009; Teixeira, 2002). Nesse sentido, Bohoslavsky (1983b, p.73) já criticava “[...] a liberdade de escolha e a igualdade de oportunidades, insistentemente apregoadas, nada mais são que uma ilusão contra a qual se choca a dura realidade do universitário formado [...]”. Assim, não é pouco provável que esses filhos retornem para a casa dos pais, vivenciando, portanto, a situação do prolongamento da convivência familiar (Borges & Magalhães, 2009; Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães 2006; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2012). Estes, que saem de casa em função do estudo, do trabalho, do casamento, e que retornam à casa dos pais por diferentes motivos, “enchendo o ninho” novamente, têm sido nomeados *filhos bumerangues* (Cervený & Berthoud, 2009). Caso esta situação ocorra, um novo período de adaptação será exigido, repercutindo em renegociações dos espaços e tarefas (já que os filhos retornarão jovens adultos) e em mudanças nas trajetórias familiares. A partir das narrativas, também se considera a possibilidade de que, ainda que os filhos não retornem para a casa dos pais, estes continuem financiando a continuidade de sua formação a fim de aumentarem suas chances de inserção no mundo laboral. Essa situação foi sugerida por Dora e Helena, ao mencionarem que os filhos poderiam investir na área acadêmica e no discurso de Raquel, quando sugeriu que precisará ajudar o filho, ainda que ele permaneça morando fora, até que consiga ser economicamente independente por meio do trabalho.

1.2 As particularidades das vivências de Cássia, Alice e Rosa

Inicialmente, é conveniente reconhecer que as mães do 2º. grupo apresentavam variações entre suas realidades econômicas e psicossociais, o que influenciava de modo singular as relações com seus filhos e as trajetórias dos mesmos. Em comum, as três participantes vivenciaram a experiência dos jovens de se inserirem precocemente no mercado de trabalho, após a conclusão do Ensino Médio. Essa situação ocorreu com: (a) o filho de Cássia, que interrompeu os estudos universitários para trabalhar para ajudar no sustento da família; (b) a filha de Alice, que se dividia entre a formação universitária e dois empregos (atendente em comércio/dançarina); (c) a filha de Rosa, que concluiu o Ensino médio e, imediatamente começou a trabalhar (iniciou dois cursos técnicos, mas sem os concluir).

Cássia (Ensino Médio e Técnico), na época em que participou do Grupo de Orientação de Pais em 2007, apresentava recursos socioeconômicos para dar suporte ao filho, a fim de lhe possibilitar o acesso ao Ensino Superior. Naquele período, a mãe não precisava de trabalhar fora e sua realidade familiar poderia financiar uma formação universitária privada para Flávio. Identificava-se, inclusive, que esta era a expectativa da mãe, que preferia que o filho não saísse de casa para estudar. Se a situação econômica de Cássia não tivesse oscilado no período de quatro anos, a mesma estaria entre as mães do 1º grupo. No entanto, com a falência da empresa do marido, a trajetória familiar de Cássia se modificou drasticamente. Flávio, após seis meses, interrompeu o curso universitário, sendo obrigado a trabalhar. Essa situação ocorreu quando a mãe iniciava um investimento em uma carreira profissional como corretora de imóveis (havia concluído a formação técnica), também motivada pelas experiências do grupo de pais. Entretanto, diante da urgência da situação que se impunha (também envolvendo a separação do marido), o sentido do trabalho para Cássia e para o filho passou a se relacionar com o atendimento das necessidades mais básicas de sobrevivência, não agregando, portanto, valor de realização pessoal e de reconhecimento social (Dejours, 2004, 2007). Assim, Cássia e o filho abandonaram projetos e sonhos de carreira para se empregarem imediatamente.

Diante da precoce inserção no mercado de trabalho, Flávio viu-se restringido, pela primeira vez, em suas possibilidades de implementar projetos de formação educacional, o que poderia favorecer a construção de uma carreira profissional, conforme sugerem pesquisas (OIT, 2009; Pochmann, 2006; Ribeiro, 2011). Cássia mencionou que, num primeiro momento, os filhos se tornaram os provedores financeiros do lar, situação completamente inversa às suas vivências anteriores e às vivências dos pais do 1º grupo. Na época da entrevista, em 2011, Cássia iniciava um emprego (atendente em comércio), sugerindo que o filho em breve remanejaria parte de sua remuneração para recomençar a investir em projetos de carreira.

A situação que exigiu toda a reformulação do padrão socioeconômico, como também da estrutura familiar, era vivenciada com muito sofrimento por Cássia, como ficou explícito no clima emocional da entrevista. Todavia, o que se identificava era que, por preservar modelos e recursos educacionais, culturais e, sobretudo, psíquicos, Flávio revelava estratégias de enfrentamento das situações que emergiram em sua vida. Era possível identificar que o jovem contava com a participação da mãe, que se mostrava muito disponível, acompanhando a realidade de seus empregos e o redirecionamento de sua trajetória, embora fosse doloroso rever o futuro sonhado para o filho como “diplomata” e aceitar seus projetos de carreira como

lutador profissional. Proveniente de família que valorizava o Ensino Superior em detrimento da formação técnica ou da precoce entrada no mercado de trabalho, a mãe preservava expectativas de que Flávio viesse a investir na formação universitária. Cássia, portanto, diferentemente dos pais do 1º. grupo, não vivenciou a saída do filho de casa para estudar, como tanto temia, por outro lado, embora estivesse próxima fisicamente de Flávio e o apoiasse na construção de sua trajetória, a mãe não contava mais com recursos econômicos de que anteriormente dispunha para auxiliá-lo em sua formação profissional.

A situação de ingresso no mercado de trabalho também foi vivenciada pela filha de Alice (Ensino Médio, massagista). Pela narrativa da mãe, Paula conciliava dois empregos (atendente em comércio e dançarina aos sábados à noite) com a formação universitária, o que parecia competir com seu investimento na área em que estava se graduando. Embora não fosse claro que a filha precisasse trabalhar para custear a continuidade de seus estudos, identificou-se que Paula era estimulada pela mãe, e por sua realidade familiar, a ser mais independente nesse sentido. Refletindo sobre a relação da mãe com a filha, convém assinalar que a família vivenciava o prolongamento da convivência familiar, assim, Alice, o marido, as três filhas e as duas netas dividiam o mesmo espaço doméstico. Retoma-se aqui o episódio, descrito pela mãe, quando a filha retorna para a casa dos pais, após dois meses de experiência morando com amigas. Alice sugeriu que a jovem regressou porque usufruía de “regalias” que favoreciam a permanência das filhas na casa dos pais, postergando a assunção de responsabilidades sobre suas próprias vidas (Borges & Magalhães, 2009; Henriques, Féres-Carneiro, & Magalhães 2006; Henriques, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004; Silveira & Wagner, 2006; Vieira & Rava, 2012). Sobre essa questão, Alice se referiu aos conflitos e dificuldades enfrentadas nas relações entre os membros da família e no estabelecimento de limites que demarcassem os espaços e as tarefas do cotidiano doméstico. Nesse contexto, sugeriu que só a filha mais velha (mãe de duas filhas) contribuía com parte das despesas familiares.

A questão da adoção das filhas mais jovens (entre elas, Paula) também repercutia no modo como Alice administrava as relações entre as irmãs e a forma como participava de suas trajetórias. Notou-se grande preocupação em não atuar de modo diferente, temendo mais conflitos. Tantas questões familiares, e ainda mantendo o trabalho profissional aos 59 anos de idade, faziam com que Alice permanecesse dividida e sobrecarregada entre seus papéis e funções (esposa, mãe, avó, profissional). Assim, sua atuação visava instigar a independência de Paula, sobretudo a emocional. Considera-se que, não por acaso, ao contrário dos outros participantes, ganharam destaque em seu depoimento a expectativa e o estímulo para que a

filha investisse em um casamento e constituísse a própria família. Outra análise possível para esta expectativa poderia se relacionar com o incômodo de Alice frente à situação de trabalho de Paula como dançarina em uma boate. Mediante o conjunto dessas situações que envolviam o grupo familiar, considera-se que Alice associava o casamento a um contexto de segurança emocional e estabilidade para a filha, considerando que o noivo mantinha um estabelecimento comercial, onde poderiam investir profissionalmente. Ao mesmo tempo, seria uma forma de Paula assumir um papel mais adulto, tornando-se mais independente, possibilitando que Alice se redirecionasse para outros investimentos nesse momento de sua vida, como os cuidados com a própria saúde.

Entre as três mães do 2º. grupo, Rosa (Ensino Superior, professora) foi a mãe que explicitou, já na época do Grupo de Orientação de Pais, que não poderia financiar uma faculdade para a filha, embora atribuisse muita importância à formação de nível superior. Assim como ela própria trabalhou para custear sua formação universitária, Rosa mantinha expectativas de que Patrícia seguisse seu modelo e construísse uma carreira profissional estável. Todavia, a filha, que fez Ensino Fundamental e Médio públicos, contava apenas com a referência e o apoio emocional da mãe para implementar ações nesse sentido.

Ao se discutir sobre a trajetória da filha de Rosa, é conveniente reconhecer de antemão que a escola pública não contava, sobretudo em 2007, com ferramentas para auxiliar os alunos na transição para a universidade, como também argumentou Carreteiro (2009). Sobretudo em séries finais do Ensino Médio, esses jovens carecem de uma escola pública que atue no papel de auxiliá-los na construção de projetos de carreira congruentes com suas identificações e experiências de vida e que, acima de tudo, considerem suas reais possibilidades e limitações, sem a supervalorização dos obstáculos de suas realidades socioeconômicas. Por esse prisma, Ribeiro (2010) analisa a necessidade de se

[...] evitar soluções pré-fabricadas oriundas dos projetos familiares e educacionais e, principalmente, a busca ativa de informações sobre o mundo do trabalho para não oferecer estereótipos e estratégias genéricas preconizadas pela ideologia dominante, como o imperativo da língua inglesa e do ensino superior, como base para qualquer ascensão sócio profissional ou o empreendedorismo como competência fundamental para todos (Ribeiro, 2010, p. 127).

Procurando soluções para sua inserção no mercado de trabalho, a filha de Rosa ensaiou ações visando à formação técnica, por isso iniciou o curso de Administração e depois de *Web Design* mas, no entanto, não os concluiu. Diante dessa situação, é pertinente reconhecer que grande parte dos jovens brasileiros de estratos médios da sociedade, cujos pais

conquistaram patamares superiores em suas trajetórias (assim como Rosa), recebem mensagens parentais contraditórias. No bojo das expectativas familiares, evidencia-se um paradoxo: se por um lado esperam que seus filhos continuem seus estudos, por outro, consideram que ao fim do Ensino Médio os adolescentes já estejam aptos a se inserirem dignamente no mercado de trabalho e se tornarem independentes do núcleo familiar. Esta situação também foi observada em estudo de Carreiro (2009) com adolescentes de 3º. colegial de camadas populares, que se percebiam cobrados pelas famílias a estudar, mas inevitavelmente eram pressionados a trabalhar e ser independentes financeiramente, ou ainda, a contribuir na complementação da renda familiar. Situação que, por vezes, é inconciliável em virtude da remuneração desses jovens e do tempo que lhes “restam”. Este paradoxo, que pode gerar sentimento de impotência, também foi identificado em muitas passagens da narrativa de Rosa em relação à filha. A mãe permanecia preocupada ao ver a filha não concluir os cursos que iniciava e transitar de um emprego temporário a outro, sem qualquer eixo comum entre cargos e atividades, caracterizando uma trajetória fragmentada e descontínua. Por outro lado, Rosa, também impotente, não apresentava condições de favorecer outra realidade à filha, visto que embora tivesse ascendido em termos educacionais e econômicos em relação à família de origem, parecia não poder viabilizar à filha uma maior dedicação aos estudos.

Avançando nesta questão, faz-se um paralelo com estudo de Ribeiro (2005) sobre a evasão universitária. O autor assinalou a dificuldade de jovens, provenientes do Ensino Médio público, de permanecerem em cursos universitários não só porque não acompanham os conteúdos das disciplinas em função de suas formações anteriores deficitárias (e por não contarem com um capital cultural) mas, também, por não conseguirem arcar com o total das despesas da formação universitária particular ou mesmo conciliar estudo e trabalho. A dificuldade de conciliação de estudo (mesmo de nível técnico) e trabalho, percebida na situação dos filhos de Cássia, Alice e de Rosa, remete ao questionamento a respeito de como esses jovens, cujas demandas de sobrevivência são prementes, podem investir em projetos de futuro, já que o dispêndio com o atendimento das necessidades do presente exige tanto dos mesmos (Ribeiro, 2011). De fato, na situação com o trabalho, o que se dispense não se restringe ao tempo e à disposição física, mas a própria subjetividade humana é arrebatada na situação de trabalho (Dejours, 2007). Diante dessa realidade, outra pesquisa de Ribeiro (2011), com jovens em situação de vulnerabilidade, identificou a existência de um conformismo e uma “naturalização” da situação em que se encontram. Constroem suas vidas através desses empregos, extraindo o que lhes é possível dessa realidade, a fim de existirem na vida social. O autor salienta que não se identificam entre os mesmos, a luta por uma

transformação ou mesmo a reivindicação de seus direitos, a não ser através de sonhos sem potencial de realização. No caso da filha de Rosa, a mãe se referiu aos sonhos da Patrícia de estudar para se tornar aeromoça, entretanto, o atual emprego devido a carga horária por escalas de turno tem inviabilizado o estudo no período inverso.

Por um outro vértice de análise, convém pensar a respeito da participação de Rosa na trajetória da filha também no que se refere a suas possibilidades de apoio emocional. Identificou-se que, diferentemente dos pais do 1º. grupo, e também do 2º. grupo, Rosa mantinha suas atenções divididas entre situações muito complexas no próprio núcleo familiar, relacionadas à dependência química do marido, padrasto de Patrícia. Independentemente das circunstâncias que culminaram com a situação que impedia a convivência de Patrícia com o núcleo familiar, evidenciou-se que os conflitos, envolvendo a mãe, a filha e o padrasto, competiam com um acompanhamento mais próximo de Rosa junto à trajetória de Patrícia. Embora oportunizasse meios para estar com a filha em outros contextos, revelando preocupação com seu bem-estar e futuro, por outro, a mãe, mais distante da realidade da filha, se apegava à valorização da autonomia de Patrícia ao salientar ter “*criado*” realmente os filhos de modo a se tornarem emocionalmente independentes. Para compreender a ambivalência dos sentimentos de Rosa presentes em sua atuação, retoma-se a situação do “sair de casa” por Patrícia (que foi morar com a avó materna). Este acontecimento parecia ser extremamente doloroso para Rosa, afinal, em sua perspectiva, esta “saída” não se relacionava com o processo de amadurecimento de Patrícia na busca de construir um “lugar” próprio, mas consequência do “*rompimento*” nas relações familiares. Assim, considera-se que o sofrimento da mãe também estava associado a sentimentos despertados frente às suas escolhas de investir na vida conjugal. Acredita-se que, possivelmente, esta decisão a remetia à culpa (por não se sentir mais presente junto a Patrícia), à raiva (da situação com o marido; mas também da filha, por esperar maior compreensão), à preocupação com a manutenção da estrutura familiar (já que tinha dois filhos crianças deste 2º. casamento). Enfim, é importante ponderar que todos esses fatores (e outros desconhecidos) estavam subjacentes na relação entre mãe e filha, repercutindo na disponibilidade de Rosa junto à trajetória de carreira de Patrícia.

Também foi possível identificar as ambivalências da mãe, ao final da entrevista, quando trouxe questionamentos acerca da inserção da mulher no mercado de trabalho, os quais se relacionavam intimamente com suas inquietações em relação às suas próprias escolhas e trajetória de vida. Exemplo dessa ambivalência foi observado ao expressar expectativas de que a filha “se espelhasse” em seu modelo, portanto, que estudasse e investisse na vida profissional, visando a um cargo público estável. Porém, a partir de

determinado momento da entrevista, reverteu seu discurso, salientando que a jovem deveria focalizar-se na construção de uma vida familiar estável, em detrimento da dedicação à carreira profissional. Rosa apontou que quando a mulher assumia o investimento na vida profissional, havia o risco de se tornar a provedora do lar, sugerindo que enfrentava essa situação com o atual marido. Sabe-se que esta dinâmica familiar tem sido cada vez mais comum na atualidade, sobretudo diante do aumento do desemprego, da precariedade ou informalidade dos trabalhos (Fleck & Wagner, 2003) e de situações relacionadas à vulnerabilidade psicossocial.

Um panorama sobre as famílias do 2º. grupo mostrou que a construção da carreira para estes três filhos tornou-se constrangida por fatores de ordem socioeconômico se comparados à situação dos filhos do 1º. grupo, que tiveram oportunidades para continuar investindo exclusivamente em sua formação a fim de se desenvolverem nas carreiras profissionais. No entanto, pode-se considerar que, nos três casos do 2º. grupo, existia a menção a um projeto de carreira, ou mesmo a um sonho de futuro, que atendesse aos interesses desses jovens, de modo a se sentirem capazes de “fazer algo” que seja reconhecido. De fato, o filho de Cássia já estava treinando para se tornar lutador profissional; a filha de Alice pretendia investir no casamento e continuar trabalhando com o noivo; e a filha de Rosa vinha pensando em como se estruturar para investir na formação de aeromoça. Estes jovens, por trabalharem, arcando com os compromissos de se sustentar (filha de Rosa), de prover a família (filho de Cássia) ou de ser mais independente (filha de Alice), estavam assumindo responsabilidades associadas ao papel adulto e assim, em algum grau, adquiriam independência instrumental em relação aos seus pais. Não se pode afirmar, entretanto, que fossem emocionalmente mais independentes, ou mais “adultos”, do que os filhos do 1º. grupo. Estes, embora não contassem com recursos econômicos próprios, progrediam em suas independências emocionais em relação ao núcleo familiar, no que concerne à responsabilidade por compromissos de suas vidas e pela implementação de estratégias mais autônomas visando à construção de suas carreiras. Sobre o que significa tornar-se adulto, Winnicott (1983/2008a) analisa:

Deve-se esperar que os adultos continuem o processo de crescer e amadurecer, uma vez que eles raramente atingem a maturidade completa. Mas uma vez que eles tenham encontrado um lugar na sociedade através do trabalho, e tenham talvez se casado ou se estabelecido em algum padrão que seja uma conciliação entre imitar os pais e desafiadoramente estabelecer uma identidade pessoal, uma vez que esses desenvolvimentos tenham lugar, pode-se dizer que se iniciou a vida adulta [...] (Winnicott, 1983/2008a, p. 87).

De qualquer forma, reconhece-se que o progresso da independência emocional que conduz à vida adulta tem obedecido às particularidades de cada relação pais-filhos, estando sujeito às novas situações a serem enfrentadas pelos grupos familiares mencionados nesse estudo. Tais conclusões vão ao encontro do que apontaram Camarano, Mello, Pasinato e Kanso (2004) ao tratarem dos processos de transição heterogêneos que têm conduzido à idade adulta. Os autores destacam a falta de linearidade nessa transição, quando outrora estava prevista a sequência: escolarização, entrada no mercado de trabalho, saída da casa dos pais, casamento e parentalidade. Hoje, tais eventos não ocorrem necessariamente nesta ordem e o amadurecimento emocional dos filhos sofre necessariamente influências dos fatores psicossociais e econômicos familiares, como se destacou no presente estudo. As autoras admitem que, nesse sentido, a família e o Estado influenciam a formação identitária e social das pessoas, atuando como promotores de suas potencialidades ou agindo no acirramento das condições de vulnerabilidade:

Nas camadas de renda mais baixas podem ser “precocemente” impostas tarefas e responsabilidades para as quais não estão, necessariamente, preparados para assumir. Isso, por sua vez, pode antecipar características próprias da vida adulta, tais como a inserção no mercado de trabalho, o provimento parcial ou total do seu sustento e a constituição de família. Por outro lado, certos indivíduos de segmentos sociais de renda mais elevada podem atingir a idade adulta sem terem assumido papéis a ela associados: inserção no mercado de trabalho, autonomia financeira e constituição de família. Em muitos casos, prolongam a sua permanência na escola e na casa dos pais. (Camarano, Mello, Pasinato, & Kanso, 2004, p. 21)

Particularmente sobre o papel da família, enquanto promotora da independência progressiva dos filhos, considera-se que se mostrava como um grande desafio para esses pais reconhecerem os limites e possibilidades de suas participações, nos diferentes momentos do desenvolvimento emocional dos filhos. O desafio que se impunha era que possibilitassem condições favorecedoras, porém sem obstaculizar o amadurecimento, como muitas vezes tem sido observado em grupos familiares (sobretudo com melhores condições socioeconômicas), onde os pais acabam por contribuir para suas dependências emocionais e, em algum grau, para o prolongamento da adolescência (Barreto & Aiello-Vaisberg, 2011; Leitão, 1996; Lemgruber, 2011; Oliveira, 2007). Este foi o grande tema que perpassou as sessões do Grupo de Orientação de Pais, no ano de 2007, ao discutirem sobre o modo como se posicionavam junto aos filhos adolescentes, naquela época em que os mesmos ensaiavam a assunção de novas tarefas e realizavam as primeiras escolhas profissionais (Almeida, 2009). O que se considera, a partir do referencial adotado neste estudo, é que quando a atuação parental não

acompanha os recursos emocionais que vêm sendo adquiridos pelos filhos, este posicionamento pode estar sendo constrangido por fatores socioeconômicos, educacionais ou emocionais dos próprios pais. Por isso, esta pesquisa também procurou abordar a situação de cada participante a fim de se identificar como essas variáveis influenciavam suas vivências em relação às trajetórias de seus filhos.

De forma geral, considera-se que, ainda que existam mudanças na relação entre pais e filhos ao longo do desenvolvimento e das trajetórias, as famílias, segundo suas particularidades e configurações, continuaram sendo referências de sustentação emocional e de apoio. Afinal, conforme analisam Savickas et al. (2009), a vida no trabalho constitui-se como uma parte de um conjunto maior de preocupações que gravitam em torno da questão a respeito de como se sobreviver em uma realidade tão imprevisível como a do mundo contemporâneo.

No que se refere aos sentidos do trabalho e ao investimento em uma carreira profissional, como se identificou, estes obedeceram às peculiaridades das trajetórias familiares, segundo variáveis econômicas, educacionais, psicossociais. Nesse sentido, reporta-se a Ribeiro (2010) que, apropriadamente, questiona a possibilidade de “prescrições” adequadas a qualquer pessoa, em qualquer contexto, independentemente de sua realidade social. Diante da individualidade das experiências de trabalho/carreira profissional expressas pelos pais, tanto em relação a suas próprias trajetórias, como em relação à de seus filhos, acredita-se que não há como considerar que todos obrigatoriamente necessitaram (ou necessitam) da formação de nível superior como a única alternativa de se garantir um lugar de existência no campo social. Dora, como exemplo, deixou uma carreira universitária para exercer a profissão de corretora de imóveis, onde se sentia verdadeiramente realizada.

No entanto, considera-se que a fim de que se concretize o “chegar a ser” de cada indivíduo por meio de uma vida profissional, é imprescindível, além da sustentação emocional oferecida pela família, a existência de uma estrutura social complexa que ajude a viabilizar alguma condição para isto, como assim apontava Bohoslavsky (1983b) já no fim da década de 1970. Nesse sentido, a respeito do papel do Estado, convém retomar que só no final dos anos de 1990 é que a juventude foi reconhecida como pauta da agenda pública, tendo em conta sua alarmante situação de vulnerabilidade. Contudo, segundo a OIT (2009), tem havido avanços nos programas de incentivo do governo, visando ao primeiro emprego e à qualificação profissional. Também se reconhece que, a partir de 2003, no Brasil, aumentaram as iniciativas do Governo Federal em prol da democratização de acesso ao Ensino Superior (Oliven & Baranzeli, 2013). No ano de 2004, por exemplo, foi criado o Prouni (Lei no.

11.096/2005) com o intuito de conceder bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de graduação e cursos sequenciais, em instituições privadas de educação superior. Maior progresso tem sido observado pelas ações afirmativas do governo em relação ao sistema de cotas para as universidades, com a Lei no. 12.711/2012, que dispôs sobre a ampliação efetiva do número de vagas para estudantes em instituições federais e de ensino técnico. Por lei, 50% das vagas disponíveis devem ser destinadas aos alunos de escola pública, com prioridade para jovens de famílias de baixa renda. Segundo Oliven e Baranzeli (2013), tais ações têm promovido uma diversificação no perfil dos egressos nas universidades públicas brasileiras, porém ainda são necessárias novas ações governamentais a fim de possibilitar recursos que viabilizem aos estudantes cotistas concluir seus cursos com qualidade. As autoras apontam que, apesar dos avanços em relação ao acesso ao Ensino Superior, a permanência dos cotistas nas universidades ainda é um desafio a ser superado.

Ampliando na reflexão sobre esta questão, ao se compreender que a carreira é uma obra construída ao longo de toda uma vida, medidas deveriam ser tomadas visando a formas de intervenção já na formação educacional básica. Nessa direção, Munhoz (2010) tratou a respeito da inserção da “Educação para a Carreira” no sistema educacional brasileiro. A autora ressaltou a necessidade de as escolas básicas, por meio da preparação dos professores/educadores, promoverem diálogos/atividades que aproximem o universo escolar do mundo do trabalho, de forma mais intencional e orientada. Do mesmo modo como o trabalho precisa despertar a curiosidade fundamental do sujeito, aproximando-se de sua história singular, igualmente a formação educacional básica precisa manter coerência com as realidades psicossociais a fim de que seja possível aos sujeitos se interessarem e construir ferramentas para atuarem criativamente sobre seu mundo. Fazendo um paralelo entre as relações com o trabalho e as relações com o estudo, aproveita-se da contribuição de Dejours e Abdoucheli (1994, p. 134) analisando a curiosidade que precisa ser despertada como a “herdeira da curiosidade da criança a respeito de suas origens e do que esteve em jogo para permitir sua vinda ao mundo. Esta curiosidade pode ser transposta em curiosidade pela técnica ou pelo conhecimento (epistemofilia)”. No entanto, a condição para isto é que a organização do trabalho e o sistema educacional façam eco a essas origens.

Considera-se, ademais, que não apenas os jovens e adolescentes se deparam diariamente com a questão do que “se fazer” e “e de que forma”, mas como mencionado por Savickas et al. (2009), este questionamento está posto a todos, em diversos momentos da vida. E justamente isso se evidenciou nas narrativas dos pais do estudo ao se referirem às transições e crises ao longo de suas trajetórias, ocasionadas por inúmeros fatores relacionados com:

desinvestimento na vida profissional para cuidar de familiares (Beatriz); necessidades de redirecionamentos na carreira (Dora); necessidade de investimento em novos cenários e papéis (Helena, Cássia, Raquel); crises conjugais e familiares (Cássia e Rosa); falência e desemprego (Cássia); aproximação da aposentadoria (Raquel); necessidade de desinvestimento no trabalho diante das limitações da idade e da saúde (Alice e Mauro). Todos, de modos particulares, estão sujeitos a tais transições e outras, que repercutem diretamente nas trajetórias dos grupos familiares. Portanto, necessitam de ser consideradas pela área da Orientação Profissional e de Carreira em suas pesquisas e práticas, a fim de auxiliarem as pessoas a desenvolverem condições para não se sentirem desvitalizadas e alienadas, à margem da vida social.

Finalizando, no plano comum, todos os pais, assim como seus filhos, mantinham o desejo de serem reconhecidos pelo que “são” e “foram capazes de fazer” dentro de suas realidades, na sociedade em que vivem. Na esteira de Dejours (2007), o trabalho, assentado no campo relacional homem-sociedade, nunca é uma ação individual, uma vez que também se trabalha “com” e “para” o outro. É necessário, todavia, que haja nesta relação uma retribuição, que não deve assumir apenas a forma material, mas, sobretudo, é imprescindível a dimensão simbólica do “reconhecimento”. O reconhecimento do outro é essencial à saúde mental e à integridade das identidades, afinal, desde o princípio da vida, o ser humano busca o olhar do outro para dar sentido à sua existência: “Quando olho, sou visto; logo, existo” (Winnicott, 1975f, p. 157).

Capítulo V - Considerações Finais

Discorrer sobre o alcance e os limites da investigação realizada faz remeter aos questionamentos e mudanças que perpassaram as fases do planejamento, da realização e da apresentação do Estudo 2 na presente tese. Entende-se, no entanto, que se trata dos processos inerentes a toda pesquisa de caráter científico, em suas tentativas de atender a seus objetivos. Inserida no campo da Psicologia, para esta investigação, de cunho qualitativo, mais importante do que verificar expectativas de resultados ou confirmar teorias, foi a necessidade de explorar e compreender como as pessoas envolvidas vivenciaram e construíram sentidos para suas experiências junto às trajetórias de carreira dos filhos, após terem participado do Grupo de Orientação de Pais no ano de 2007. A partir disso, considera-se que novos estudos e programas interventivos podem ser realizados visando ao atendimento das necessidades da sociedade.

No que tange ao alcance dos resultados, este estudo considerou a carência apontada por Whiston e Keller (2004) a respeito da realização de investigações longitudinais que se propusessem a desenvolver análises mais abrangentes acerca da influência parental sobre o desenvolvimento da carreira dos indivíduos. Nessa direção, também foram consideradas as sugestões de Bardagi e Hutz (2008) que, em pesquisa sobre evasão universitária, assinalam que

(...) iniciativa pouco comum nas pesquisas na área e que seriam de interesse para as questões abordadas neste estudo são as investigações que têm como foco de análise os próprios pais. Identificar como eles percebem o desenvolvimento de carreira dos filhos, como veem sua participação e sua influência poderiam compor, junto aos resultados deste estudo, informações importantes para o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais apropriadas às necessidades de cada um deles, pais e estudantes, favorecendo o desenvolvimento de carreira dentro do âmbito familiar (Bardagi & Hutz, 2008, p. 42).

Desse modo, a fim de agregar contribuições ao tema e visando ao atendimento de demandas de pesquisas no campo da Orientação Profissional e de Carreira, acredita-se que o Estudo 1 e o Estudo 2 reforçaram a necessidade de programas de natureza interventiva junto aos pais, nas diversas fases de suas vidas e não só quando seus filhos encontram-se em processo de escolha de carreira na adolescência. Isto porque a família se mantém como referência significativa ao longo do desenvolvimento do indivíduo, como se evidenciou na narrativa dos pais participantes, tanto quando se referiam a seus filhos, como também quando se remetiam à família de origem.

Os achados do Estudo 2 confirmaram que as experiências nas trajetórias de carreira/vida dos pais repercutiam na relação estabelecida com seus filhos e, conseqüentemente, nas trajetórias destes. Nos espaços potenciais, objetivos e subjetivos, entre pais e filhos, identificou-se que não só

as condições socioeconômicas e os percursos educacionais-profissionais dos pais exerciam influência direta, mas que outras experiências emocionais também refletiam em suas participações (conscientes e inconscientes) junto a construção das trajetórias dos filhos. Entre elas, destacaram-se no estudo: (a) as experiências dos pais com a família de origem; (b) as experiências em relação à conjugalidade (escolhas, parcerias, conflitos e divórcios/separações); (c) as experiências da parentalidade (o que inclui os processos de transmissão e influência recíproca e a separação emocional pais-filhos). Somando influências nesse cenário, os dados revelaram que a experiência de participação no Grupo de Orientação de Pais repercutiu positivamente no posicionamento dos pais junto aos filhos.

As conclusões apontam que os pais foram beneficiados, visto que a experiência emocional vivenciada no Grupo de Orientação de Pais teve influência positiva para os mesmos no ano de 2007, como concluiu o Estudo 1 (Almeida, 2009) e, em alguma medida, esta experiência continuou repercutindo sobre suas vidas, ao menos no período circunscrito entre os dois estudos. Nesse sentido, acredita-se que os dados do Estudo 2 podem oferecer subsídios não só para o aprimoramento do programa Grupo de Orientação de Pais, mas para o planejamento de futuras intervenções na área.

É relevante, ainda, assinalar uma dimensão que pode ter oferecido limites à análise dos dados, e que pode servir como ponto para reflexão para novas intervenções, dependendo do que se objetiva privilegiar com as mesmas. No Estudo 1, o Grupo de Orientação de Pais estava aberto a todas as famílias inscritas no SOP, não havendo a preocupação com a definição de critérios de inclusão na amostra em função das rendas familiares. Isto porque, privilegiava-se a heterogeneidade do Grupo de Orientação de Pais e, como apontado, isto foi significativo para o aprofundamento dos temas abordados na intervenção e para os processos de compartilhamento entre participantes de diferentes realidades (Almeida, 2009). Quando se decidiu pela realização do Estudo 2, como mencionado na fase do delineamento dos objetivos, era reconhecida a possibilidade de que suas realidades econômicas pudessem ter oscilado no período entre os dois estudos (quatro anos). Assim, as interpretações e discussões foram norteadas apenas pelas informações espontaneamente oferecidas pelos participantes, privilegiando-se, portanto, o modo como percebiam os recursos socioeconômicos de que dispunham para investir em suas próprias trajetórias e na de seus filhos, naquele momento específico de suas vidas. No entanto, caso seja prioridade o delineamento de programas de intervenção apropriados a contextos socioeconômicos específicos, julga-se conveniente a realização prévia de uma caracterização por renda familiar, a fim de se atenderem as particularidades da população em questão.

Outro ponto a ser marcado é que as análises interpretativas realizadas no estudo foram possibilitadas a partir das percepções e informações fornecidas pelos participantes, na situação da entrevista com a pesquisadora. Assim, a investigação focalizou a perspectiva dos pais visto que inúmeras são as pesquisas que se debruçam sobre a compreensão das experiências de adolescentes e jovens, como já argumentado. Ao se privilegiarem a abordagem qualitativa e o aprofundamento das vivências dos pais, não há como analisar de que modo os filhos efetivamente vivenciaram a construção de suas trajetórias de carreira, neste período circunscrito entre os anos de 2007 e 2011, ou mesmo como sentiam as participações de seus pais. Igualmente, não se objetivou compreender se houve repercussões diretas do Grupo de Orientação de Pais nas vidas dos filhos. Contudo, ao se ponderar sobre esta questão, analisa-se que investigar a “perspectiva dos filhos” desses participantes pode se configurar como proposta para a realização de um terceiro estudo, visando ao enriquecimento da compreensão dos fenômenos investigados e dos temas abordados.

Ao se refletir sobre propostas para investigações na área da Orientação Profissional e de Carreira, retoma-se o que os próprios participantes, na situação da entrevista, explicitaram como sugestões que poderiam estruturar intervenções e embasar novas pesquisas. A participante Raquel, como exemplo, apontou a necessidade de se reconhecer que a fase da aposentadoria é uma situação que precisa ser melhor compreendida. De fato, admitindo-se a centralidade do trabalho na vida das pessoas, e diante do crescimento significativo da população que se encontra em situação de pré-aposentadoria ou já aposentadas, indubitavelmente a sociedade se depara com questionamentos que remetem à sobrevivência digna da população com idade mais avançada. Frente ao aumento da expectativa de vida, os idosos, cada vez mais, sentem a necessidade de se manterem ocupados ou mesmo empregados, sobretudo, se há carência de recursos econômicos. A participante Cássia, por sua vez, explicitou que deveriam existir “grupos de orientação aos pais” para cada fase da vida de seus filhos.

Valorizando os apontamentos dos participantes, porém ampliando o foco de análise da questão, ao se compreender que a carreira envolve a articulação de papéis ocupados pela pessoa durante todo o seu desenvolvimento (da infância à velhice), considera-se a necessidade de se realizarem intervenções mais complexas, visando à construção da carreira ao longo da vida (Savickas et al., 2009), isto é, da fase escolar ao pós-aposentadoria. Esta abordagem implica no reconhecimento de que o indivíduo pode ser auxiliado não apenas em momentos específicos de transição ou crise, mas ao longo da formação de sua identidade, processo que nunca se encerra.

Nesse sentido, cabe à área da Orientação Profissional e de Carreira, a partir dos achados de suas pesquisas científicas, também atuar no incentivo ao desenvolvimento de políticas públicas junto ao sistema educacional brasileiro e à organização do trabalho, sem perder de vista a importância e a inclusão da família. Investimentos na articulação desses domínios - escola, trabalho e família - podem auxiliar os indivíduos na construção de uma trajetória biográfica coerente, que preserve o sentido de continuidade entre o passado, o presente e o futuro, nas diferentes fases de suas vidas.

*Referências*²⁹

²⁹ De acordo com o estilo APA – American Psychological Association.

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981/1992). *Adolescência normal* (S. M. G. Ballve, trad., 10ª ed.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Almeida, F. H. (2003). *Avaliação da intervenção em orientação profissional em uma clínica-escola na visão dos ex-clientes*. Monografia de Iniciação Científica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Almeida, F. H. (2009). *Orientação de pais com filhos em processo de escolha profissional: uma intervenção em grupo operativo*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Almeida, F. H. & Melo-Silva, L. L. (2006). Avaliação de um serviço de orientação profissional: a perspectiva de ex-usuários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 81-98.
- Almeida, F. H. & Melo-Silva, L. L. (2007). Grupo de pais: relato de experiência em grupo operativo. In Resumos do *I Congresso Latino-americano de Orientação Profissional da ABOP e VIII Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional & Ocupacional* (pp. 147), Bento Gonçalves, RS. São Paulo: Vetor.
- Almeida, F. H. & Melo-Silva, L. L. (2011). Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: uma revisão da literatura. *Psico-USF*, 16(1), 75-85.
- Almeida, L. S. (2007). Transição, adaptação acadêmica e êxito escolar no ensino superior. *Revista Galego-Portuguesa de Psicología e Educación*, 15(2), 203-215.
- Almeida, L. S., Soares, A. P. C., & Ferreira, J. A. G. (2001). Adaptação, rendimento e desenvolvimento dos estudantes no ensino superior: construção do questionário de vivências acadêmicas. *Methodus*, 3-20.
- Alonso, W. C. (2010). *Avaliação da intervenção em um serviço de orientação profissional: perspectiva dos ex-estagiários*. Monografia de Conclusão de Curso, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Andrade, C. (2010). Transição para a idade adulta: das condições sociais às implicações psicológicas. *Análise Psicológica*, 2(XXVIII), 255-267.

- Andrade, T. D. (2004). A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. In R. S. Levenfus (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional* (2ª. reimpr., pp. 123-134). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1997).
- Antunes, R. (2005). *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho* (7ª. reimpr.). São Paulo: Boitempo. (Trabalho original publicado em 1999).
- Antunes, R. (2005). *O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho*. São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. (2006). A era da informatização e a época da informatização: riqueza e miséria do trabalho no Brasil. In R. Antunes (Org.). *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil* (pp. 15-25). São Paulo: Boitempo.
- Antunes, R. & Alves, G. (2004). As mutações no mundo do trabalho na era da mundialização do capital. *Educação & Sociedade*, 25(87), 335-351.
- Arendt, H. (2007). *A condição Humana* (R. Raposo, trad., 11ª. ed.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Trabalho original publicado em 1958).
- Ariés, P. (1981). *História social da família e da criança*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Arnett, J. J. (1999). Adolescent storm and stress, reconsidered. *American Psychologist*, 54(5), 317-326.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: what is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73.
- Arruda, M. N. (2009). *Inputs, processo e resultados: avaliação de um serviço de orientação profissional sob a perspectiva de ex-clientes*. Monografia de Iniciação Científica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Aylmer, R. C. (2008). O lançamento do jovem adulto solteiro. In B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad., 2ª. ed., pp. 169-183). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1995).

- Barbieri, V. (2008). Por uma ciência-profissão: o psicodiagnóstico interventivo como método de investigação científica. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 575-584.
- Bardagi, M. P. (2002). *Os estilos parentais e sua relação com a indecisão profissional, ansiedade e depressão dos filhos adolescentes*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Bardagi, M. P. & Hutz, C. S. (2006). Indecisão profissional, ansiedade e depressão na adolescência: a influência dos estilos parentais. *Psico-USF*, 11(1), 65-73.
- Bardagi, M. P. & Hutz, C. S. (2008). Apoio parental percebido no contexto da escolha inicial e da evasão de curso universitário. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 9(2), 31-44.
- Bardagi, M. P. & Hutz, C. S. (2009). “Não havia outra saída”: percepções de alunos evadidos sobre o abandono do curso Superior. *Psico-USF*, 14(1), 95-105.
- Barreto, M. A. M. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2010). O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*, 16(2), 310-329.
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade* (M. Gama & D. M. Gama, trads.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida* (P. Dentzien, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar
- Beyers, W., & Goossens, L. (2003). Psychological separation and adjustment to university: Moderating effects of gender, age, and perceived parenting style. *Journal of Adolescent Research*, 18, 363-382.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 233-239.
- Birman (2008). Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-edipiano. In M. R. Cardoso & F. Marty (Orgs.). *Destinos da Adolescência* (pp. 81-105). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Bleger (2007). Prólogo. In R. Bohoslavsky. *Orientação vocacional: a estratégia clínica* (J. M. V. Bojart, trad., 12ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1977).

- Blustein, D. L., Walbridge, M. M., Friedlander, M. L., & Palladino, D. E. (1991). Career development: contributions of psychological separation and parental attachment to the career development process. *Journal of Counseling Psychology*, 38(1), 39-40.
- Bock, A. M. B., Furtado, O., & Teixeira, M. L. T (1994). *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia* (6ª. ed.). São Paulo: Saraiva.
- Bogdan, R. C. & Biklen, S. K. (1997). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Portugal: Porto Editora.
- Bohoslavsky, R. (2007). *Orientação vocacional: a estratégia clínica* (J. M. V. Bojart, trad., 12ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1977).
- Bohoslavsky, R. (1983a). Entre a encruzilhada e os caminhos. In R. Bohoslavsky (Org.). *Vocacional: teoria, técnica e ideologia* (C. França, trad., pp. 7-18). São Paulo: Cortez.
- Bohoslavsky, R. (1983b). Vocaçao e alienação profissional. In R. Bohoslavsky (Org.). *Vocacional: teoria, técnica e ideologia* (C. França, trad., pp. 45-79). São Paulo: Cortez.
- Borges, C. C. & Magalhães, A. S. (2009). Transição para a vida adulta: autonomia e dependência na família. *Psico*, 40(1), 42-49.
- Bourdieu, P. (1974). *Economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: parente-child attachment and healthy human development*. New York: Basic Books.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313.
- Brasil, Conselho Resolução Nacional de Saúde (2013). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Diário Oficial da União.
- Brasil, Presidência da República (2004). *Lei nº 11.096, de 9 de julho de 2004. Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei no 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras providências*. Recuperado em 15 de março de 2014, de <http://www2.planalto.gov.br>.

- Brasil, Presidência da República (2012). *Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências*. Recuperado em 21 de maio de 2014, de <http://www2.planalto.gov.br>.
- Brown, F. H. (2008). A família pós-divórcio. In B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad., 2ª. ed., pp. 321-343). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1995).
- Caldana R. H. L. (1998). A criança e sua educação no início do século: autoridade, limites e cotidiano. *Temas em Psicologia*, 6(2), 87-103.
- Calligaris, C. (2000). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Camarano, A. A., Mello, J. L., Pasinato, M. T., & Kanso, S. (2004). Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última Década*, 21, 11-50
- Carbone, A. & Coelho, M. R. M. (2009). A família em fase madura. In C. M. O. Cerveny & C. M. E. Berthoud. *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (2ª. ed., pp. 99-117). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 1997).
- Carreteiro, T. C. (2009). Pais e filhos adolescentes construindo sentidos, ideais de trabalho e projetos profissionais. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 253-272). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (2008). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad., 2ª. ed.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1995).
- Carvalho, M. & Taveira, M. C. (2009). Influência de pais nas escolhas de carreira dos filhos: visão de diferentes atores. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 33-41.
- Carvalho, M. & Taveira, M. C. (2010). O papel dos pais na execução de planos de carreira no ensino secundário: Perspectivas de pais e de estudantes. *Análise Psicológica* 2(XXVIII), 333-341.
- Cerveny, C. M. O. & Berthoud, C. M. E. (2009). Ciclo vital da família brasileira. In L. C. Osório & M. E. O. Valle. *Manual de terapia familiar* (reimpr., pp. 25-37). Porto Alegre: Artmed.

- Cervený C. M. O. & Rabinovich, E. P. (2010). Família e genealogia. In C. M. O. Cervený (Org.). *Família e ...: narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica e rede social* (2ª. ed., pp. 97-114). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 2006).
- Cervinski, L. F. & Enricone, J. R. B. (2012). Percepção de calouros universitários sobre o processo de adaptação ao sair da casa dos pais. *Perspectiva*, 36(136), 101-110.
- Chaves, U. H. (2010). Família e parentalidade. In C. M. O. Cervený & C. M. E. Berthoud. *Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa* (2ª. ed., pp. 47-62). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 2006).
- Clandinin, J. & Connelly, M. (2000). *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Corrêa, O. B. R. (2003). Transmissão psíquica entre as gerações. *Psicologia USP*, 14(3), 35-45.
- Costa, A. B. & Soares, D. H. P. S. (2009). Orientação psicológica para a aposentadoria. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 9(2), 97-108.
- Coutinho, M. C. (2009). Sentidos do trabalho contemporâneo: as trajetórias identitárias como estratégia de investigação. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 189-202.
- Coutinho, M. C., Krawulski, E., & Soares, D. H. P. (2007). Identidade e trabalho na contemporaneidade: repensando articulações possíveis. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 29-37.
- Couto, D. R. F. (2011). *A transição para a adultez: a qualidade da relação parental, exploração vocacional e perspectivas trabalho e família em jovens com diferentes trajetórias escolares*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- Cozby, P. C. (2009). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento* (P. I. C. Gomide, trad.). São Paulo: Editora Atlas S.A.
- Dejours, C. (1992). *A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho* (A. I. Paraguay & L. L. Ferreira, trans.). São Paulo: Cortez.

- Dejours, C. (1994). A carga psíquica do trabalho (I. Domingues, trad.). In C. Dejours, E. Abdoucheli, & C. Jayet (Orgs.). *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (pp. 21-32). São Paulo: Atlas.
- Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14(3), 27-34.
- Dejours, C. (2007). Psicodinâmica do trabalho na pós-modernidade. In A. M. Mendes, S. C. C. Lima, & E. P. Facas (Orgs.). *Diálogos psicodinâmicos do trabalho* (pp. 13-26). Brasília: Paralelo 15.
- Dejours, C. & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho (D. M. R. Glina, trad.). In C. Dejours, E. Abdoucheli, & C. Jayet (Orgs.). *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho* (pp. 119-145). São Paulo: Atlas.
- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (1994). *Handbook of qualitative research*. London: Sage Publications.
- Dessen, M. A. (2010). Estudando a família em desenvolvimento: desafios conceituais e teóricos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30(num. esp.), 202-219.
- Destri, F. S. (1996). *Relações entre pais e filhos adolescentes e o processo de escolha profissional*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Dias, M. L. (1995). Família e escolha profissional. In A. M. B. Bock et al. (Org.) *A escolha profissional em questão* (pp. 71-92). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dias, G. F. & Fontaine, A. M. (1996). Tarefas desenvolvimentais e bem-estar de jovens: Algumas implicações para o Aconselhamento Psicológico. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 103-114.
- Donas-Botto, S. F. V. (2012). *Vinculação em jovens adultos: processo de individuação em contexto universitário*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

- Duarte, M. E. (2009). Um século depois de Frank Parsons: escolher uma profissão ou aposta na Psicologia da Construção da Vida? *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(2), 5-14.
- Duarte, V. D., Melo-Silva, L. L., Santos, M. A., & Bonfim, T. A. (2005). A influência familiar na escolha profissional dos filhos, na perspectiva de mães de clientes em processo de orientação profissional. In C. P. Simon, L. L. Melo-Silva, & M. A. Santos (Orgs.). *Formação em psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática* (pp. 285-306). São Paulo: Vetor.
- Dubar, C. (1998). Trajetórias sociais e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos. *Educação & Sociedade*, 19(62), 13-30.
- Dubar, C. (2005). *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais* (A. S. M. Silva, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Dubar, C. (2011). Entre crise global e crises ordinárias: a crise das identidades. *Plural*, 18(1), 175-184.
- Eigen, C. A., Hartman, B.W., & Hartman, P. T. (1987). Relations between family interaction patterns and career indecision. *Psychological Reports*, 60, 87-94.
- Erikson, E. E. (1998). *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1950).
- Fantino, A. M. C. (1983). Um aspecto social da Orientação Vocacional: prestígio e escolha de cursos. In R. Bohoslavsky (Org.). *Vocacional: teoria, técnica e ideologia* (C. França, trad., pp. 19-27). São Paulo: Cortez.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T., Ponciano, E. L. T., & Magalhães, A. S. (2007). Família e casal: da tradição à modernidade. In C. M. O. Cerveny (Org.). *Família em movimento* (pp. 23-36). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Féres-Carneiro, T. & Ziviani, C. (2009). Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 83-107). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- Fiamengue, E. C. & Whitaker, D. C. A. (2003). As mães dos vestibulandos VUNESP e suas influências sobre as escolhas dos filhos (anos 80 x anos 90). *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 117-139.
- Figueira, S. A. (1987). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In S. A. Figueira (Org.). *Uma nova família* (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- Fiorin, P.C., Patias, N. D., & Dias, A. C. G. (2011). Reflexões sobre a mulher contemporânea e a educação dos filhos. *Sociais e Humanas*, 24(2), 121-132.
- Fleck, A. C. & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8(número especial), 31-38.
- Fraga, L. B. (2003). *Avaliação da intervenção em orientação profissional numa clínica-escola sob a perspectiva do ex-estagiário*. Monografia de Iniciação Científica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Freud, S. (1996). Psicologia de Grupo e A Análise do Ego (E. A. M. de Souza, trad.). In J. Salomão (Org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XVIII, pp. 79-159). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização (J. O. A. Abreu, trad.). In J. Salomão (Org.). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XXI, pp. 67-150). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930).
- Galano, M. H. (2010). Família e história: a história da família. In C. M. O. Cerneny (Org.). *Família e ...: narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos nos divórcios, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica e rede social* (2ª. ed., pp. 115-147). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Trabalho original publicado em 2006).
- Goldani, A. M. (2002). Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 19(1), 2002.
- Gonçalves, C. M. (1998). A influência da família no desenvolvimento vocacional de adolescentes e jovens. In *Anais da 5ª. Conferência Bienal da EARA*. Budapeste, Hungria.

- Gonçalves, C. M. & Coimbra, J. L. (2007). O papel dos pais na construção de trajetórias vocacionais dos seus Filhos. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 8(1), 1-17.
- Gounet, T. (1999). *Fordismo e toyotismo: na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo editorial.
- Grzybowski, L. S. & Wagner, A. (2007). O envolvimento parental após a separação/divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 289-298.
- Grzybowski, L. S. & Wagner, A. (2010). Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 77-87.
- Guerra, A. L. & Braungart-Rieker, J. M. (1999). Predicting career indecision in college students: The roles of identity formation and parental relationship factors. *The Career Development Quarterly*, 47, 255-266.
- Guichard, J. (2005). Life-long self-construction. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 5(2), 111-124.
- Guichard, J. & Huteau, M. (2001). *Psicologia da Orientação* (A. P. da Silva, trad.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Hargrove, B. K., Creagh, M. G., & Burgess, B. L. (2002). Family interaction patterns as predictors of vocational identity and career decision-making self-efficacy. *Journal of Vocational Behavior*, 61(2), 185-201.
- Hartung, P. J., Porfeli, E. J., & Vondracek, F. W. (2005). Child vocational development. *Journal of Vocational Behavior*, 66, 385-419.
- Harvey, D. (2001). *Condição pós-moderna* (10ª. ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Henriques, C. R., Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2006). Trabalho e família: o prolongamento da convivência familiar em questão. *Paidéia*, 16(35), 327-336.
- Henriques, C. R., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2004). A “Geração Canguru”: algumas questões sobre o prolongamento da convivência familiar. *Psico*, 35(2), 195-205.

- Hintz, H. C. (2007). Espaço relacional na família atual. In C. M. O. Cervený (Org.). *Família em movimento* (pp. 155-172). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In L. Solis-Ponton (Org.). *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio* (pp. 47-52). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2013). *Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira*. Rio de Janeiro: Estudos & Pesquisas: informação demográfica e socioeconômicas.
- Kamers, M. (2006). As novas configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais. *Estilos da Clínica*, XI(21), 108-125.
- Kehl, M. R. (1998, 20 de setembro). A teenagização da cultura. *Folha de São Paulo*. Caderno Mais.
- Kracke, B. (1997). Parental behaviors and adolescents' career exploration. *The Career Development Quarterly*, 45, 341-350.
- Larose, S. & Boivin, M. (1998). Attachment to parents, social support expectations, and socioemotional adjustment during high school-college transition. *Journal of Research on Adolescence*, 8(1), 1-27.
- Lasch, C. (1983). *A Cultura do Narcisismo: a vida americana numa era de espaço em declínio* (E. Pavaneli, trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Lehman, Y. P. (1988). *Aquisição de identidade vocacional em uma sociedade em crise: dois momentos na profissão liberal*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Leitão, C. F. (1996). *O prolongamento da adolescência: impasses na separação subjetiva entre pais e filhos*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.
- Lemgruber, H. P. (2011). *Adolescência: subversão e trânsito na vida adulta*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia.

- Levenfus, R. S. (2004). A escolha profissional diante da dessimbiotização. In R. S. Levenfus (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional* (2ª. reimpr., pp. 97-107). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1997).
- Levenfus, R. S. & Nunes, M. L. T. (2010a). O temor da escolha errada em filhos de pais separados. In R. S. Levenfus, D. H. P. Soares, & cols. *Orientação vocacional ocupacional* (2ª. ed., pp. 135-145). Porto Alegre: Artmed.
- Levenfus, R. S. & Nunes, M. L. T. (2010b). Jovens com perda parental lidando com o luto e com a escolha profissional. In R. S. Levenfus, D. H. P. Soares, & cols. *Orientação vocacional ocupacional* (2ª. ed., pp. 146-157). Porto Alegre: Artmed.
- Levenfus, R. S. & Nunes, M. L. T. (2010c). A não-escolha profissional em jovens simbiotizados. In R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Org.). *Orientação vocacional ocupacional* (2ª. ed., pp. 158-169). Porto Alegre: Artmed.
- Lima, E. R. & Ramos, S. G. A. (2002). A presença dos pais na orientação profissional. In R. S. Levenfus & D. H. P. Soares (Org.). *Orientação vocacional ocupacional: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa* (pp. 91-99). Porto Alegre: Artmed.
- Lisboa, A. V., Féres-Carneiro, T., & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 51-59.
- Loosli, L. (2003). *Orientação profissional: avaliação do atendimento na visão dos familiares de ex-clientes*. Monografia de Iniciação Científica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Lopez, G. F. (1989). Current family dynamics, trait anxiety, and academic adjustment: test of a family-based model of vocational identity. *Journal of Vocational Behavior*, 35, 76-87.
- Lopez, G. F. & Andrews, S. (1987). Career indecision: A family systems perspective. *Journal of Counseling and Development*, 65, 304-307.
- Lüdke, M. & André, M. E. D. A. (2012). *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* (reimpr.). São Paulo: E.P.U.
- Machado, T. S. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescentes e jovens adultos e adaptação à universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(2), 5-28.

- Magalhães, A. S. (2009). Conjugalidade de parentalidade na clínica com famílias. In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 205-217). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Magalhães, M. O., Alvarenga, P., & Teixeira, M. A. P. (2012). Relação entre estilos parentais, instabilidade de metas e indecisão vocacional em adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(1), 15-25.
- Magalhães, A. S. & Féres-Carneiro, T. (2004). *Transmissão psíquico-geracional na contemporaneidade. Psicologia em Revista*, 10(16), 243-255.
- Marx, K. (1985). *O Capital: Crítica da Economia Política* (Vol. I, Livro 1). Rio De Janeiro: Bertrand Brasil. (Trabalho original publicado em 1961).
- McCullough, P. & Rutenberg, S. (2008). Lançando os filhos e seguindo em frente. In B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad., 2ª. ed., pp. 248-268). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1995).
- McGoldrick, M. (2008). As mulheres e o ciclo de vida familiar. In B. Carter & M. McGoldrick. *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar* (M. A. V. Veronese, trad., 2ª. ed., pp. 30-64). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1995).
- Melo-Silva, L. L., Almeida, F. H., Loosli, L., & Fraga, L. B. (2004). Orientación vocacional en Brasil: siete años de evaluación de un servicio. In *Conferencia internacional: orientación, inclusión social y desarrollo de la carrera* (pp. 1223-1226). A Coruña: Asociación Española de Orientación y Psicopedagogía.
- Melo-Silva, L. L. & Jacquemin, A. (2001). *Intervenção em orientação vocacional/profissional: avaliando resultados e processos*. São Paulo: Vetor.
- Melo-Silva, L. L., Silva, L. M., & Venturini, P. F. (2005). Cartas que dizem muito: pais e filhos na orientação profissional. In C. P. Simon, L. L. Melo-Silva, & M. A. Santos (Orgs). *Formação em psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática* (pp. 285-320). São Paulo: Vetor.
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a idade adulta e adultez emergente: adaptação do questionário de marcadores da adultez junto de jovens portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168.

- Milmaniene, J. E. (2003). A propósito da família na atualidade. *Revista de Psicanálise*, 10(2), 223-234.
- Minayo, M. C. S. (1994). *Pesquisa social: Teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Minayo, M. C. S. (2006). *Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.
- Minayo, M. C. S. (2008). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde* (11ª. ed.). São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec.
- Mondrzak, V. S. (2007). Adolescentes “pseudo-pseudomaduros”: um estudo da clínica psicanalítica na atualidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 41(2), 63-70.
- Monteiro, A. M. (2001). Avanços no estudo da conjugalidade: os casais de dupla carreira. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 21(3), 10-19.
- Monteiro, S., Tavares, J., & Pereira, A. (2009). Adulterez emergente: na fronteira entre a adolescência e a adulterez. *Revista @mbienteeducação*, 2(1), 129-137.
- Munhoz, I. M. S. (2010). *Educação para a carreira e representações sociais de professores: limites e possibilidades na educação básica*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Nascimento, I. M. G. (2007). *Investimento no trabalho e na parentalidade e relação interpapéis: uma análise da transmissão intergeracional*. Tese de Doutorado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto.
- Nascimento, I. M. G. & Coimbra, J. L. (2001/2002). As lições da experiência: a relação pais-filhos e a transmissão intergeracional do significado do trabalho e da parentalidade. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17-18, 95-107.
- Neder, G. (2002). Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias brasileiras. In S. M. Kaloustian (Org.). *Família brasileira a base de tudo* (pp. 26-46). Brasília: Cortez.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1985). Mas estar na família: descontinuidade e conflito entre sistemas simbólicos. In S. A. Figueira (Org.). *Cultura da Psicanálise* (pp. 147-168). São Paulo: Brasiliense.

- Niles, S. G. & Harris-Bowlsbey, J. (2005). *Career development interventions in the 21st century*. Ohio: Pearson.
- Nosek, L. (2005). Destruição da cultura, destruição de significados e representações. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 12(1), 29-42.
- O'Brien, K. (1996). The influence of psychological separation and parental attachment on the career development of adolescent women. *Journal of Vocational Behavior*, 48, 257-274.
- O'Brien, K. M., Friedman, S. M., Tipton, L. C., & Linn, S. G. (2000). Attachment, separation, and women's vocational development: A longitudinal analysis. *Journal of Counseling Psychology*, 47, 301-315.
- OIT (2009). *Trabalho decente e juventude no Brasil*. Brasília: Organização Internacional do Trabalho.
- Oliveira, I. M. D. A. (2005). De quem é o vestibular? Articulações entre a família e a escolha profissional. In Z. B. Vasconcelos (Org.). *Orientação vocacional: alguns aspectos teóricos, técnicos e práticos* (pp. 61-77). São Paulo: Vetor.
- Oliveira, A. (2007). Adolescência prolongada: um olhar sobre a nova geração. *Colloquium Humanarum*, 4(1), 31-45.
- Oliveira, I. M. D. A. & Dias, C. M. S. B. (2001). Família pós-moderna, construção de subjetividade e escolha profissional. In *Anais do IV Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional e I Encontro de Orientadores Profissionais do Mercosul*. São Paulo: Vetor.
- Oliveira, D. M. & Fulgêncio, L. P. (2010). Contribuições para o estudo da adolescência sob a ótica de Winnicott para a Educação. *Psicologia em Revista*, 16(1), 64-80.
- Oliveira, M. C., Melo-Silva, L. L., & Coleta, M. F. D. (2012). Pressupostos teóricos de Super: datados ou aplicáveis à Psicologia Vocacional contemporânea? *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 13(2), 223-234.
- Oliven, A. C. & Baranzeli, C. (2013). Expansão da inclusão no ensino superior brasileiro: uma análise da Lei no. 12.711/2012 a partir de políticas de Ball e Bowe. *Textura*, 28, 17-32.

- Otto, L. B. (2000). Youth Perspectives on Parental Career Influence. *Journal of Career Development*, 27(2), 111-118.
- Palmer, S. & Cochran, L. (1988). Parents as agents of career development. *Journal of Counseling Psychology*, 35, 71-76.
- Pappámikail, L. (2004). Relações intergeracionais, apoio familiar e transições juvenis para a vida adulta em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, 91-116.
- Passos, M. C. (2005). Homoparentalidade: uma entre outras formas de ser família. *Psicologia Clínica*, 17(2), 31-40.
- Paulin, L. F. S. (2004). Método qualitativo no campo social-histórico: definições e aplicação a propósito de estudo de uma instituição de saúde. In S. Grubits & J. A. V. Noriega (Orgs). *Método qualitativo: epistemologia, complementariedades e campos de aplicação* (pp. 133-171). São Paulo: Vetor.
- Pichon-Rivière, E. (1998a). *O processo grupal* (6ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pichon-Rivière, E. (1998b). *Teoria do vínculo* (6ª. ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pinto, H. R. & Soares, M. C. (2001). Influência parental na carreira: evolução de perspectivas na teoria, na investigação e na prática. *Psychologica*, 26, 135-149.
- Pinto, H. R. & Soares, M. C. (2002). Influência parental no desenvolvimento vocacional dos adolescentes. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 111-137.
- Pochmann, M. (2004). Educação e trabalho: como desenvolver uma relação virtuosa? *Educação e Sociedade*, 25(87), 383-399.
- Pochmann, M. (2006). Rumos da política no Brasil. In M. O. S. Silva & M. C. Yazbek (Orgs.). *Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo* (pp. 23-40). São Paulo: Cortez; São Luís, MA: FAPEMA.
- Pocinho, M. D., Correia, A., Carvalho, R. G., & Silva, C. (2010). Influência do gênero, da família e dos serviços de psicologia e orientação na tomada de decisão de carreira. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 11(2), 201-212.

- Pompermayer, C. (1999). *O processo de luto do adolescente em relação às imagens parentais relacionado com a escolha de uma profissão*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Poster, M. (1979). *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Pratta, E. M. M. & Santos, M. S (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 12(2), 247-256.
- Reis, J. R. T. (1985). Família, emoção e ideologia. In S. Lane & W. Codo (Eds.). *Psicologia Social: O Homem em movimento* (3ª. ed., pp. 99-124). São Paulo: Brasiliense.
- Resolução do CFP No. 016 (2000, 20 dezembro). Dispõe sobre a realização de pesquisa em Psicologia com seres humanos. In CRP-SP (Org.). *Psicologia: legislação, resoluções e recomendações para a prática profissional*. São Paulo: CRP-SP.
- Ribeiro, M. A. (2003). Demandas em Orientação Profissional: um estudo exploratório em escolas públicas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 4(1/2), 141-151.
- Ribeiro, M. A. (2005). O projeto profissional familiar como determinante da evasão universitária – um estudo preliminar. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 55-70.
- Ribeiro, M. A. (2006). Sexta demanda-chave para a Orientação Profissional: como ajudar o indivíduo a construir dinamicamente sua carreira em um mundo em transição? Enfoques contemporâneos. In M. A. Ribeiro & L. L. Melo-Silva (Orgs). *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira: enfoques teóricos e modelos de intervenção* (pp. 15-51). São Paulo: Vetor.
- Ribeiro, M. A. (2009). A trajetória da carreira como construção teórico-prática e a proposta dialética da carreira psicossocial. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 203-216.
- Ribeiro, M. A. (2010). A influência psicossocial da família e da escola no projeto de vida no trabalho dos jovens. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 5(1), 120-130.
- Ribeiro, M. A. (2011). Juventude e trabalho: construindo a carreira em situação de vulnerabilidade. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(no. esp.), 58-70.

- Ribeiro, M. A. & Lehman, Y. P. (2006). Algumas contribuições brasileiras para a Orientação Profissional. In M. A. Ribeiro & L. L. Melo-Silva (Orgs). *Compêndio de Orientação Profissional e de Carreira: enfoques teóricos e modelos de intervenção* (pp. 53-97). São Paulo: Vetor.
- Richardson, R. J. (2011). *Pesquisa social: métodos e técnicas* (3ª.ed., 13ª. reimpr.). São Paulo: Atlas. (Trabalho original publicado em 1985).
- Ribeiro, M. A. & Uvaldo, M. C. C. (2011). Possibilidades identitárias contemporâneas em um mundo flexibilizado. *Polis e Psique*, 1(1), 55-79).
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006). A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. *Estudos de Psicologia*, 11(1), 65-69.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2009). De volta ao lar: mulheres que se afastam de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. Retrocesso ou um “novo” modelo de família? In T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 219-235). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha, L. E. & Nunes, E. D. (1994). Os primórdios da industrialização e a reação dos trabalhadores: pré-30. In L. E., Rocha, R. M. Rigotto, & J. T. P. Buschinelli (Orgs.). *Isto é trabalho de gente? Vida, doença e trabalho no Brasil* (pp. 83-95). São Paulo: Vozes.
- Roe, A. (1957). Early determinants of vocational choice. *Journal of Counseling Psychology*, 4, 212-217.
- Romanelli, G. (1991). Mudança e transição em família de camadas médias. *Travessia, jan-abr*, 32-43.
- Romanelli, G. (1995). Autoridade e poder na família. In M. de C. B. de Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate* (pp.73-88). São Paulo: EDUC.
- Romanelli, G. (2003). Questões teóricas e metodológicas nas pesquisas sobre família e escola. In N. Zago, M. P. Carvalho & R. A. T. Vilela. *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação* (pp. 245-264). Rio de Janeiro: DP&A.
- Romanelli, G. (2004). Paternidade em famílias de camadas médias. *Estudos e Pesquisa em Psicologia*, 2, 79-95.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise* (V. Ribeiro & L. Magalhães, trads.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

- Salem, T. (1989). O casal igualitário: princípios e impasses. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 3(9), 24-36.
- Salles, L. M. F. (2005). Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos. *Estudos de Psicologia*, 22(1), 33-41.
- Santos, M. C.; Caldana, R. H. L. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (2001). O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: transformações no ideário. *Paidéia*, 11(20), 57-68.
- Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: an integrative construct for life-span, life-space theory. *The Career Development Quarterly*, 45, 247-259.
- Savickas, M. L. (2005). The theory and practice of career construction. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.). *Career Development and Counselling: putting theory and research to work* (pp. 42-70). Hoboken, New Jersey: Wiley.
- Savickas, M. L., Nota, L., Rossier, J., Dauwalder, J-P., Duarte, M. E., Guichard, J., Soresi, S., Esbroeck, R. V., & Van Vianen, A. E. M. (2009). Life-design: a paradigm for career construction in the 21st century. *Journal of Vocational Behavior*, 75, 239-250.
- Schmidt, M. L. S. (2004). Clínica psicológica, trabalho e desemprego: considerações teóricas. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 7, 1-10.
- Schmitt-Rodermund, E. & Vondracek, F. W. (1999). Breadth of interests, exploration and identity development in adolescence. *Journal of Vocational Behavior*, 55, 298-317.
- Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2011). Laços de família: a conjugalidade como dimensão de análise do desenvolvimento. *Polêmica*, 10(2), 288-298.
- Scott, D. J. & Church, C. (2001). Separation/attachment theory and career decidedness and commitment: effects of parental divorce. *Journal of Vocational Behavior*, 58, 328-347.
- Sennett, R. (2006). *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo* (M. Santarrita, trad., 11ª. ed.). Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1999).
- Silva, L. B. C. (1996). *A escolha da profissão: uma abordagem psicossocial*. São Paulo: Unimarco Editora.

- Silva, A. D., Taveira, M. C. & Ribeiro, E. (2011). Self de carreira: estudo longitudinal com estudantes universitários. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(3), 163-272.
- Silveira, P. G. & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23(4), 441-453, dez. 2006.
- Simionato-Tozo, S. M. P. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1998). O cotidiano e as relações familiares em duas gerações. *Paidéia*, 8(14/15), 137-150.
- Siqueira, F. S. (2009). *O caráter frente às metamorfoses do mundo do trabalho*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Soares-Lucchiari, D. H. (2004a). O ideal de Ego e o projeto de futuro profissional dos adolescentes. In R. S. Levenfus (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional* (2ª. reimpr., pp. 79-95). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1997).
- Soares-Lucchiari, D. H. (2004b). Uma abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do Teste dos Três Personagens. In R. S. Levenfus (Org.). *Psicodinâmica da escolha profissional* (2ª. reimpr., pp. 135-160). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1997).
- Soares, M. C. & Pinto, H. R. (2004). Envolver os pais nas práticas de orientação vocacional. In M. C. Soares & H. R. Pinto. *Desenvolvimento vocacional ao longo da vida: fundamentos, princípios e orientações* (pp. 252-257). Coimbra: Almedina.
- Sobral, J. M., Gonçalves, C. M., & Coimbra, J. L. (2009). A influência da situação profissional parental no desenvolvimento vocacional dos adolescentes. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 10(1), 11-22.
- Sparta, M. & Gomes, W. B. (2005). Importância atribuída ao ingresso da educação superior por alunos de ensino médio. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 6(2), 45-53.
- Super, D. E. (1953). A theory of vocational development. *American Psychologist*, 8, 185-190.
- Super, D. E. (1957). *The psychology of careers*. New York: Haper & Row.
- Super, D. E. (1990). The life span, life space approach to career development. In D. Brown & L. Brooks (Orgs.). *Career choice and development* (2nd ed., pp. 197-261). San Francisco: Jossey-Bass.

- Super, D. E., Savickas, M. L. & Super, C. M. (1996). The life span, life space approach to careers. In D. Brown & L. Brooks (Orgs.). *Career choice and development* (3rd ed., pp. 121-178). San Francisco: Jossey- Bass
- Tain, L. (2005). Um filho quando eu quiser?: O caso da França contemporânea. *Estudos Feministas*, 13(1), 53-67.
- Teixeira, M. A. P. (2002). *A experiência de transição entre a universidade e o mercado de trabalho na adultez jovem*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Teixeira, M. A. P., Dias, A. C. G., Wottrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 12(1), 185-202.
- Teixeira, M. A. R. & Hashimoto, F. (2005). Família e escolha profissional: a questão espacial, temporal e o significado dos nomes. *Pulsional - Revista de Psicanálise*, XVIII(182), 63-73
- Ungar, V. (2004). O trabalho psicanalítico com adolescentes hoje. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 39(3), 735-749.
- Uvaldo, M. C. C. (2010). *Tecendo a trama identitária: um estudo sobre mudanças de carreira*. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Velasco, E. G. (2006). Juventudes e políticas públicas de trabalho no Brasil: a qualificação profissional e a tensão entre preferência e individualização. In M. O. S. Silva & M. C. Yazbek (Orgs.). *Políticas públicas de trabalho e renda no Brasil contemporâneo* (pp. 187-201). São Paulo: Cortez; São Luís, MA: FAPEMA
- Veronese, M. V. (2006). Subjetividade, trabalho e solidariedade. *Aletheia*, 24, 105-113.
- Vidigal, M. M. B. A. & Tafuri, M. I. (2010). Parentalização: uma questão psicológica. *Latin American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, 7(2), 65-74.
- Vieira, A. C. S. & Rava, P. G. S. (2010). Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? *Barbaroi*, 33, 118-134.

- Vieira, A. C. S. & Rava, P. G. S. (2012). Ninho cheio: perspectivas de pais e filhos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 14(1), 84-96.
- Vignoli, E., Croit-Belz, S., Chapeland, V., Fillipis, A., & Garcia, M. (2005). Career exploration in adolescents: the role of anxiety, attachment and parenting stile. *Journal of Vocational Behavior*, 67(2), 153-168.
- Vilhena, J., Bittencourt, M. I. G. F., Novaes, & Zamora, M. H. (2013). Cuidado, maternidade e temporalidade: repensando os valores contemporâneos da eficiência. *Cadernos de Psicanálise*, 35(28), 111-127.
- Vondracek, F. W. (2004). Avaliação das relações pessoa-contexto. In L. M. Leitão. *Avaliação psicológica em orientação escolar e profissional* (pp. 429-451). Coimbra: Quarteto.
- Vondracek, F. W., Schulenberg, J. E. & Crouter A. C. (1984). The influence of the family on Vocational Development. *Journal of Marriage and the Family*, 46(1), 129-143.
- Yokoyama, L. M. (2009). *Orientação profissional em um serviço-escola na perspectiva dos familiares dos ex-clientes: avaliação do período 2001-2006*. Monografia de Iniciação Científica, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Young, R. A. (2001/2002). The joint projects of parents and adolescents in health and career: conceptual, methodological and practical applications. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 17(18), 5-15.
- Young, R. A., Friesen, J. D., & Borycki, B. (1994). Narrative structure and parental influence in career development. *Journal of Adolescence*, 17, 173-191.
- Young, R. A., Marshall S., Domene J. F., Arato-Bolivar, J., Hayoun R., Marshall E., Zaidman-Zait A., & Valach L. (2005). Relationship, communication, and career in the parent-adolescent projects of families with and without challenges. *Journal of Vocational Behavior*, 68(1), 1-23.
- Young, R. A., Valach, L., Ball, J., Paseluikho, M. A., Wong, Y. S., Devries, R. J., Mclean, H., & Turkel, H. (2001). Career development in adolescence as a family project. *Journal of Counseling Psychology*, 48(2), 190-202.
- Young, R. A. & Valach, L. (2008). Action Theory: an integrative paradigm for research and evaluation in career. In J. A. Athanasou & R. V. Esbroeck. *International Handbook of Career Guidance* (pp. 643-657). New York: Springer.

- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 181-186.
- Watarai, F. (2010). *Filhos, pais, padrastos: relações domésticas em famílias recompostas das camadas populares*. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Wedling, M. I. & Wagner, A. (2005). Saindo da casa dos pais: a construção de uma nova identidade familiar. In A. Wagner (Coord.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp. 123-134). Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Wei, M., Russell, D. W., & Zakalik, R. A. (2005). Adult attachment, social self-efficacy, self-disclosure, loneliness, and subsequent depression for freshmen college students: A longitudinal study. *Journal of Counseling Psychology*, 52, 602-614.
- Whiston, S. C. & Keller, B. K. (2004). The influences of the family of origin on career development: a review and analysis. *The Counseling Psychologist*, 32(4), 493-568.
- Whitaker, D. C. (1997). *Escolha da carreira e globalização* (11ª. ed.). São Paulo: Moderna.
- Wickert, L. F. (2006). Desemprego e juventude: jovens em busca do primeiro emprego. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 26(2), 258-269.
- Winnicott, D. W. (1975a). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, trads., pp. 13-44). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Winnicott, D. W. (1975b). A localização da experiência cultural. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, trads., pp. 133-143). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Winnicott, D. W. (1975c). O brincar: a atividade criativa e a busca do eu (self) localização da experiência cultural. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, trads., pp. 79-93). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Winnicott, D. W. (1975d). A criatividade e suas origens. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, trads., pp. 95-120). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.

- Winnicott, D. W. (1975e). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, trans., pp. 187-202). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Winnicott, D. W. (1975f). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade* (J. O. de Aguiar Abreu & V. Nobre, trans., pp. 153-162). Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.
- Winnicott, D. W. (2000a). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (D. Bogomoletz, trad., pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Winnicott, D. W. (2000b). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas* (D. Bogomoletz, trad., pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Winnicott, D. W. (2008a). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, trad., reimpr., pp. 79-87). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1983).
- Winnicott, D. W. (2008b). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, trad., reimpr., pp. 38-54). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1983).
- Winnicott, D. W. (2008c). A capacidade para estar só. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, trad., reimpr., pp. 31-37). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1983).
- Winnicott, D. W. (2008d). O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. In D. W. Winnicott. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, trad., reimpr., pp. 70-78). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1983).
- Winnicott, D. W. (2005a). Família e maturidade emocional. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, trad., 3ª. ed., pp. 129-138). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993).
- Winnicott, D. W. (2005b). Adolescência: transpondo a zonas das calmarias. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, trad., 3ª. ed., pp. 115-127). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993).

- Winnicott, D. W. (2005c). Consequências da psicose parental. In D. W. Winnicott. *A família e o desenvolvimento individual* (M. B. Cipolla, trad., 3ª. ed., pp. 101-114). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1993).
- Zornig, S. M. A. (2009). Transmissão psíquica: uma via de mão dupla? In T. Féres-Carneiro (Org). *Casal e família: permanências e rupturas* (pp. 25-39). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, 42(2), 453-470.

Apêndices

APÊNDICE A - “Carta aos Pais”

Fabiana Hilário de Almeida, psicóloga e doutoranda em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP), convida você _____, que participou em 2007 do Grupo de Orientação de Pais, a colaborar com esse novo estudo, em nível de Doutorado. Esta nova pesquisa intitula-se “**Os pais e o desenvolvimento vocacional dos filhos: um estudo longitudinal**”. Para você poder decidir se participará ou não, seguem-se os esclarecimentos.

- ***O porquê deste novo estudo***

O Grupo de Orientação de Pais, realizado no ano de 2007, foi muito bem avaliado por vocês, participantes, que na época mencionaram a importância de outros pais também terem acesso a este tipo de ajuda. Assim, vocês revelaram como os pais realmente precisam de um espaço de reflexão sobre o processo da escolha profissional dos filhos adolescentes, afinal muitas expectativas estão envolvidas nesse momento.

Como foi constatado no Grupo de Orientação de Pais, os pais influenciam o desenvolvimento vocacional dos filhos de diversas maneiras. O papel dos pais, no entanto, não encerra quando o jovem realiza sua primeira escolha profissional; ao contrário, surgem outras necessidades e novos sentimentos na relação entre pais e filhos. Desse modo, este **novo estudo** pretende compreender o seu relacionamento com seu filho no que se refere à carreira profissional dele, após esse intervalo de tempo desde que você participou do Grupo de Orientação de Pais.

- ***Como será a colaboração de quem aceitar participar***

A pesquisadora (a mesma que coordenou o Grupo de Orientação de Pais) ligará em seu telefone de contato para saber se você deseja ou não participar desse novo estudo e, também, para esclarecer suas possíveis dúvidas. Caso você aceite colaborar, é necessário que você **assine** o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que segue em anexo.

A colaboração prevê a realização de uma **entrevista individual** a qual será realizada apenas com a presença da pesquisadora, agendada em data, horário e local combinados por telefone, em acordo com suas possibilidades. Disponibiliza-se uma sala do Serviço de Orientação Profissional, na Clínica de Psicologia Aplicada, caso seja de sua preferência um local mais reservado e livre de interferências. Caso contrário, a entrevista poderá se realizar em sua residência, se assim desejar. Durante a entrevista, utilizar-se-á um **gravador**; entretanto, se você quiser contar algo que não gostaria que fosse gravado, basta pedir que o gravador será desligado momentaneamente. O mais importante é você se sentir livre para falar o que sentir necessidade.

Informa-se que a entrevista será realizada com base em um roteiro. Porém, será oferecida a possibilidade de você contar tudo o que lhe ocorrer sobre suas atitudes, pensamentos e sentimentos em relação à trajetória profissional de seu filho.

- ***Sobre seus direitos***

É muito importante que você saiba que o fato de ter participado do Grupo de Orientação de Pais, **NÃO** implica em sua colaboração obrigatória nesse momento. Você é

LIVRE para escolher participar ou não. Assim, para você decidir com segurança, é necessário estar ciente que:

- a) O estudo possui finalidade de pesquisa, sendo que os dados poderão ser divulgados e utilizados em dissertações/teses, congressos e publicações.
- b) O **sigilo** quando à identificação dos participantes será totalmente **garantido**. Para isto, poderão ser utilizados nomes fictícios a fim de proteger sua identidade ou a de outras pessoas que você mencionar.
- c) Não serão cobrados honorários de qualquer espécie, nem haverá pagamento por sua participação nesta pesquisa, sendo tudo gratuito e voluntário.
- d) Este estudo não oferece nenhum risco à sua integridade física. Se, por acaso, você sentir desconforto decorrente dos temas abordados pela entrevista e necessite de algum tipo de acompanhamento psicológico, a pesquisadora está habilitada a lhe oferecer encaminhamento ao CPA da FFCLRP-USP para atendimento gratuito.
- e) O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem duas vias, sendo que uma ficará em seu poder, e outra será arquivada pela pesquisadora.
- f) Você pode interromper sua participação a qualquer momento, se assim desejar.
- g) Caso não concorde em participar deste estudo, sua possibilidade de atendimentos na Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), assim como a de seus filhos, não será de modo algum prejudicada.
- h) Se optar por não participar, não ocorrerá qualquer tipo de constrangimento ou pressão. Basta ignorar o Termo, em anexo, e comunicar à pesquisadora no momento em que esta ligar em sua residência. Caso você deseje não receber a ligação, você poderá telefonar para o telefone da Casa 34 (3602-3641) e informar a secretária do SOP sobre sua não possibilidade de participar do estudo.

Agradecemos imensamente, desde já, a sua atenção.

Ribeirão Preto, ____ de ____ de 201__.

Fabiana Hilário de Almeida – Pesquisadora responsável
Fone: (16) 8149-9373 - *psicofabi@usp.br*

Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva – Orientadora responsável
Telefones: (16) 3602-3789; (16) 3602-3641 - *lucileal@ffclrp.usp.br*

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto - FFCLRP - USP
Endereço: Av: Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901.

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Aceito participar voluntariamente da pesquisa de Doutorado, intitulada “*Os pais e o desenvolvimento vocacional dos filhos: um estudo longitudinal*”, que tem como pesquisadora responsável Fabiana Hilário de Almeida, sob a orientação da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva. Este estudo será realizado com os pais que participaram do Grupo de Orientação de Pais, realizado em 2007, no Serviço de Orientação Profissional (SOP) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP).

Conforme a “Carta aos Pais”, estou ciente de que minha colaboração consistirá em participar de uma entrevista individual, a qual será gravada.

Declaro ainda que estou ciente de que:

- a) O fato de eu ter participado do Grupo de Orientação de Pais, não implica em minha colaboração obrigatória nesse momento.
- b) O estudo possui finalidade de pesquisa, sendo que os dados poderão ser divulgados e utilizados em dissertação/tese, congressos e publicações referentes a este estudo.
- c) O sigilo quanto a minha identificação será totalmente garantido. Para isto, poderão ser utilizados nomes fictícios a fim de proteger minha identidade ou a de outras pessoas que eu mencionar.
- d) Não serão cobrados honorários de qualquer espécie, nem haverá pagamento por minha participação nesta pesquisa, sendo tudo gratuito e voluntário.
- e) O estudo não oferece nenhum risco a minha integridade física. Porém se, por acaso, eu sentir desconforto decorrente dos temas abordados pela entrevista e necessitar de acompanhamento psicológico, a pesquisadora está habilitada a me oferecer encaminhamento ao Serviço de Orientação Profissional (SOP), da Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP) para atendimento gratuito.
- f) O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido tem duas vias, sendo que uma ficará em meu poder, e outra será arquivada pela pesquisadora.
- g) Eu posso interromper minha participação a qualquer momento, se assim eu desejar.
- h) Caso eu não concorde em participar do estudo, minha possibilidade de atendimentos na Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), assim como a de meus filhos, não será de modo algum prejudicada.

- i) Se eu optar por não participar, não ocorrerá qualquer tipo de constrangimento ou pressão. Basta eu ignorar este Termo e comunicar à pesquisadora no momento em que ela ligar em minha residência. Caso eu deseje não receber a ligação, poderei telefonar para a Casa 34 (3602-3641) e informar a secretária do SOP sobre minha não possibilidade de participar do estudo.

Ribeirão Preto, ____ de ____ de 201__.

De acordo:

Nome do participante

Assinatura do participante

Fabiana Hilário de Almeida

Pesquisadora responsável - *psicofabi@usp.br*

Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva

Orientadora responsável - *lucileal@ffclrp.usp.br*

Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP).

Av: Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901 - Telefones: (16) 3602-3789; (16) 3602-3641.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Banco de Dados

Fui suficientemente esclarecido a respeito de como será minha participação no estudo “*Os pais e o desenvolvimento vocacional dos filhos: um estudo longitudinal*”; assim como informado de meus direitos assegurados pelo primeiro Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. A partir disso, autorizo que as informações por mim oferecidas, no referido estudo, sejam arquivadas para compor um **banco de dados** do Serviço de Orientação Profissional (SOP), da Clínica de Psicologia Aplicada (CPA) da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), sob a responsabilidade da Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva. Banco de dados este que poderá ser utilizado a fim de fomentar futuras pesquisas pela mesma faculdade.

Estou ciente ainda de que posso participar do estudo, porém, sou livre para não assinar o presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que se apresenta em duas vias, ficando uma em meu poder, e outra que será arquivada pela pesquisadora.

Ribeirão Preto, ____ de ____ de 201____.

De acordo:

Nome do participante

Assinatura do participante

Fabiana Hilário de Almeida

Pesquisadora responsável - *psicofabi@usp.br*

Profa. Dra. Lucy Leal Melo-Silva

Orientadora responsável - *lucileal@ffclrp.usp.br*

Departamento de Psicologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo (FFCLRP-USP). Av: Bandeirantes, 3900 - CEP 14040-901 - Telefones: (16) 3602-3789; (16) 3602-3641.

APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Introdução aos pais-participantes

Este roteiro guiará nossa conversa. Ele possui temas que gostaria de abordar com você. No entanto, sinta-se livre para contar, sem pressa, tudo o que lhe ocorrer sobre esses temas. Existe uma ordem, mas isso é flexível. Podemos retornar aos temas anteriores sempre que desejar, mesmo porque eles estão muito entrelaçados. Não há respostas que sejam certas ou erradas; é importante apenas que seja sincero ao contar sobre o que pensa e o que está sentindo. Como previsto no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, peço sua autorização para gravar esta entrevista.

Identificação

Nome:

Idade:

Profissão/Ocupação:

1- A situação **atual** do **filho** em relação à carreira profissional

- a) A escolha profissional
- b) A ocupação: cursinho, graduação (qual), trabalho/estágio, outros
- c) Onde e com quem mora

2- O entrevistado (**pai** ou **mãe**) em relação à situação atual do filho

- a) O que pensa sobre a escolha profissional e a trajetória de carreira do filho
- b) Como essas escolhas afetam o entrevistado
- c) Como essas escolhas afetam o ambiente familiar como um todo
- d) Perspectivas que possui para o futuro do filho

3- Como se posiciona junto ao filho em termos de **diálogos** e **ações** no que se refere à carreira profissional dele; como o entrevistado compara esse posicionamento com o modo como se posicionava junto ao filho quando participou do Grupo de Orientação de Pais.

4- Como tem vivenciado o processo da progressiva independência do filho em relação aos pais.

Anexo

ANEXO - Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto

"Campus" de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/094/-jsl

Ribeirão Preto, 25 de julho de 2011.

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado **"OS PAIS E O DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL DOS FILHOS"** foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº 581/2011 - 2011.1.1452.59.5.

Atenciosamente,

Prof.^a Dr.^a ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

À Senhora

Fabiana Hilário de Almeida

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP

Com cópia para a orientadora:

Prof.^a Dr.^a Lucy Leal Melo-Silva

Docente do Departamento de Psicologia da FFCLRP - USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP

Fone: (16) 3602-4681

Fax: (16) 3633-2680 (direto) ou 3633-5015

Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 1 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil

Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa

Campus de Ribeirão Preto

Of.CETP/FFCLRP-USP/041/-vjmc

Ribeirão Preto, 28 de abril de 2014

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos a V. Sa. que a emenda referente ao projeto de pesquisa intitulado "OS PAIS E O DESENVOLVIMENTO VOCACIONAL DOS FILHOS" solicitando a alteração do título para "A VIVÊNCIA DOS PAIS FRENTE ÀS TRAJETÓRIAS DE CARREIRA DOS FILHOS: QUATRO ANOS APÓS O GRUPO DE ORIENTAÇÃO DE PAIS" foi analisada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, em sua 131ª Reunião Ordinária, realizada em 24.04.2014, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (Processo CEP-FFCLRP nº 581/2011 - 2011.1.1452.59.5).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil.

Atenciosamente,

Prof.ª Dr.ª ANDRÉIA SCHMIDT
Coordenadora

À Senhora
Fabiana Hilário de Almeida
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP - USP

c/c:
Prof.ª Dr.ª Lucy Leal Melo-Silva
Departamento de Psicologia da FFCLRP – USP

CEP - Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP USP
Fone: (16) 3602-4811
Fax: (16) 3633-2660 (direto) ou 3633-5015
Avenida Bandeirantes, 3900 - bloco 3 - sala 16 - 14040-901 - Ribeirão Preto - SP - Brasil
Homepage: <http://www.ffclrp.usp.br> - e-mail: coetp@ffclrp.usp.br